

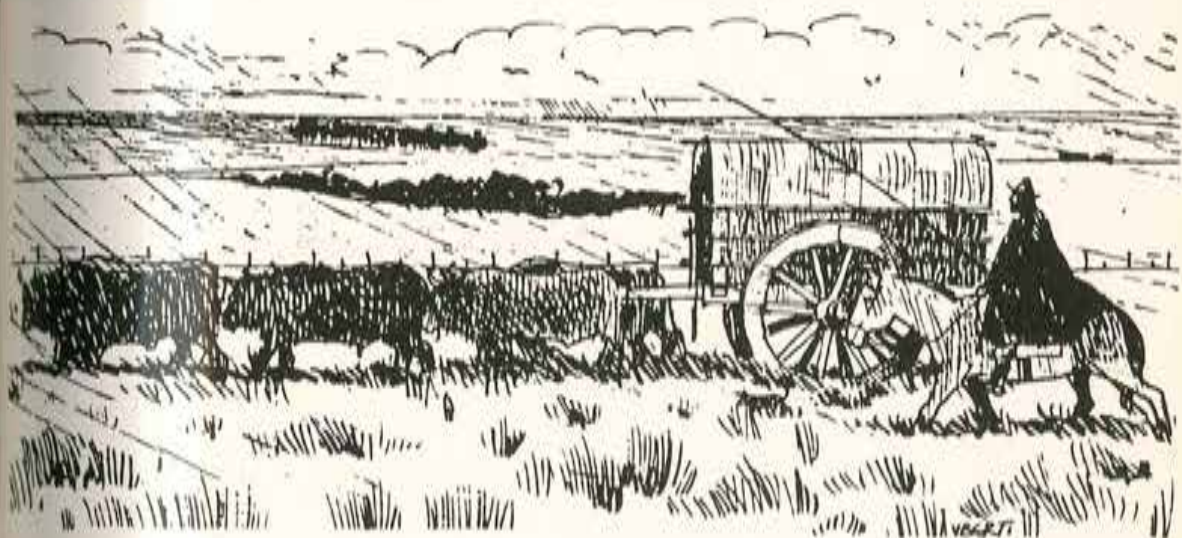
ENCICLOPÉDIA

Sul - Rio - Grandense Ilustrada

ANTONIO CARLOS MACHADO

VOL. III

FASC.1º



GRÁFICA EDITORA BERTHIER
PASSO FUNDO—RS
1989

ENCICLOPÉDIA
Sul - Rio - Grandense
Ilustrada

ANTONIO CARLOS MACHADO

ENCICLOPÉDIA
Sul - Rio - Grandense
Ilustrada

PASSO FUNDO—RS

Capa: carreta (desenho de Fernando Jorge Uberti)

Ilustrações especiais:

Maria Goretti Bettencourt

Mariane Loch

Ficha Catalográfica

M149

MACHADO, Antonio Carlos

Enciclopédia Sul-Rio-Grandense

Ilustrada. Passo Fundo, Edição do

Autor, 1989.

v. III

Fasc. 1ª

CDU: 03(816.5)

1. Enciclopédia Sul-Rio-Grandense

Responsável: SUZELI DEMIN FUMAGALLI
CRB 10/482

A

ACAMPAMENTO NOVA PALMEIRA, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Palmeira das Missões).

ACAMPEIRADO, Adj. Tornado campeiro ou semelhante à gente da campanha; que tem maneiras, aparência, aspecto ou ares de indivíduo afeito às lides pastoris. "É alto, moreno, bigode preto, tipo assim *acampeirado*." (Remo R. Farina, Tato Gomez, Herói de Palha, p.6).

ACERTAR A MÃO, Loc. verb. Preparar o arremesso da tava.

ACHICADA, S.f. Ação ou efeito de achicar-se, acobardamento; demonstração de pusilanimidade ou medo.

ACISAN – Sigla da Associação dos corretores de Imóveis de Santiago, fundada em 16.02.1989.

ACUDE³, Geogr. Povoado na Depressão Central (M. de Cachoeira do Sul).

AFANDANGADO (De *a* + *fandango* + *ado*), Adj. Semelhante ao fandango.

ADCPRO – Sigla da Associação de Desenvolvimento Comunitário de Progresso, fundada em 13.04.1989 sob a presidência de Sardi Vogt.



AFABAN – Sigla da Associação dos Funcionários Aposentados do Banco do Estado do Rio Grande do Sul S/A, fundada na capital em 20.04.1989.

AFROUXAR OS TAMPOS, Loc. verb. Defecar repetidamente por efeito de súbito desarranjo intestinal. "O desinfeliz *afrouxou os tampos* em plena cancha." (Remo R. Farina, Tato Gomez, Herói de Palha, p. 29).



AFUCS – Sigla da Associação dos Funcionários da Unimed Centro Sul, fundada em 18.04.1989 na cidade de Guaíba.

ÁGUA AZUL, Geogr. Povoação no Alto Uruguai (M. de Palmitinhos).

ÁGUA BOA, Geogr. Lugar no 5º distrito (M. de Santa Maria).

ÁGUA-BOENSE, Adj. 2 gêns. De Água Boa; s. 2 gêns. O natural ou habitante dessa localidade. Pl.: água-boenses.

ÁGUA COMPRIDA, Geogr. Povoação na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Montenegro).

AJUDANTE DO CONTRAMESTRE, Expr: (V. Terno de Reis).

AJUDANTE DO MESTRE, Expr. (V. Terno de Reis).

ALAMBIQUEIRO (De *alambique* + *eiro*), S.m. Aquele que trabalha em alambique ou tem esse tipo de estabelecimento. // Forma aferética: lambiqueiro.

ALCANTARA, Clarissa, Biogr. Fotógrafa e escritora pelotense, nascida em 1965.

ALEMOAZINHA (Flexão dim. de *alemoa*), S.f. Alemoa que ainda está na idade juvenil. "Há uns tempos atrás ele andava de retouço com uma *alemoazinha*, linda como laranja de amostra..." (Jaime Brum Carlos, A Seca da Restinga, p. 81).

ALESSANDRINI, Olinda, Biogr. Pianista. Várias vezes solista da OSPA. Virtuose autêntica na opinião do maestro Arlindo Teixeira.

ALTA PICADA SERRA, Geogr. Lugar no distrito de Fão (M. de Lajeado).

ALTO BONITO, Geogr. Localidade na região do Alto Uruguai (M. de Alecrim). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Padre Adolfo Galas.

ALTO CALISTRO, Geogr. Lugar no distrito de Derrubadas (M. de Tenente Portela).

ALTO CHAPADA, Geogr. Povoação na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha).

ALTO DA PEDREIRA, Geogr. Localidade na Serra do Sudeste (M. de Canguçu).

ALTO FORMOSA, Geogr. Localidade no 10º distrito (M. de Santa Cruz do Sul). // Sociedade de Damas Águia Branca, fundada em 01.03.1989, sob a presidência de Inês Geiger.

ALTO JACAREZINHO, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Nova Brésia).

ALTO PINHEIRAL, Geogr. Lugar na Depressão Central (M. de Bom Retiro do Sul).

ALTO POUSO NOVO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Arroio do Meio).

ALTO ROLANTINHO, Geogr. Lugar no 4º distrito (M. de Rolante).

ALTO SÃO RAFAEL, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Cruzeiro do Sul).

AMADO DE ARAÚJO, Marli, Biogr. Escultora em pedra e argila, já consagrada pela crítica porto-alegrense e de outros grandes centros artísticos do país.



Marli

AMASSADOR (ô) (De *amassar* + *dor*, grego *máza* através do lat. *massa*). Aparelho provido de pá e motor que para amassar o barro (nas olarias).

AMFOSCA – Sigla da Associação dos Músicos e Funcionários da Orquestra Sinfônica Caxias do Sul, fundada em 19.11.1988.



AMONARCADO (De *a* + *monarca* + *ad*). Adj. Semelhante ao monarca; que em modos, qualidades ou aspecto de monarca (no trato, no falar, no vestuário etc.). "Dizem que tem o lombo todo matado porque o lombilho do antigo senhor mui pisava nas basteiras. E a rapaziada meio *amonarcada*, não usa de enxergão." (Maneco Russo, Cartas ao Primo Chico Reforma, P. Alegre, 06.04.1873).





Manicípio de Viamão: casa rural com atafona anexa — PORTO ALEGRE: HISTÓRIA E CULTURA, organizada por Hilda Agnes Hübner Flores, P. Alegre, Martins Livreiro Editor, 1987

AMONARCAR-SE, V. pr. Tornar-se monarca.

APAGA-FOGO, S.f. Bot. Erva daninha que infesta as lavouras, especialmente as de soja, Pl.: apaga-fogos.

ARAME CORTADO, Geogr. Lugar no 1º distrito (M. de Palmeira das Missões).

ARBITANA, S.f. (V. Rede de tresmalho). "A arbitana serve para pescar peixes grandes..." (Paula Simon Ribeiro e Rogerio Fossari Sanhotene, Viamão-Tradição & Identidade, p. 189).

AREIA-BRANQUENSE, Adj. 2 gên. De Areia Branca; s. 2 gên. O natural ou habitante dessa localidade do município de Parobé, Pl.: areia-branquenses.

ARROIO DA LAJE, Geogr. Povoação na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Nova Bréscia).

ARROIO DAS PEDRAS, Geogr. Localidade na Serra do Sudeste (M. de Encruzilhada do Sul).

ARROIO DO CARVALHO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha).

ARROIO LINDO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Candelária).

ARROIO LOBATO, Geogr. Lugar no 3º distrito (M. de Santa Maria).

ARTEFAN — Sigla da Associação dos Artesãos da Feira de Artesanato da praça da Alfândega, fundada na cidade de Porto

Alegre, sob a presidência de Rejane Beatriz Verardo, em 16.03.1989.



ATAFONEIRO (De + a + atafona + eiro), S.m. Aquele que trabalha em atafona ou possui esse tipo de estabelecimento. // Forma aferética: tafoneiro.

ATIRADEIRA (Flexão fem. de atirador), S.f. (V. Funda). "Calhaus lançados de longe, por atiradeira, arrancavam as armas das mãos..." (Remo R. Farina, Tato Gomez, Herói de Palha, p.105).

B

BAIO-AMARELO (Do lat. *badiu* e do baixo lat. hispânico *amarellu*), S.m. Baio cujo pêlo lembra a parte globular do ovo, porém mais acentuada; o mesmo que balo-gema e balo-gemada; adj. que tem a cor do.

Quanto aos baios, tenho quatro:
Baio-amarelo, encerado,
Cabos-negros e tobiano
Qualquer dos quatro afamados!

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2a. ed., p. 148

E um potro *baio-amarelo*
Que não pelava o lombilho
Com cada um coromilho
De assustar um domador
Ali estava no piquete!

Balbino, A Estância de Dom Sarmento, 2a. ed., p.40
pl.: baios-amarelos.

BAIO-BRAGADO (Do lat. *badiu* e *bracatu*), S.m. Baio com a região das virilhas ou a barriga branca; adj. que tem a pelagem do. Pl.: baios-bragados.

BAIO-BRANCO (Do lat. *badiu* e do germ. *blank*, luzente), S.m. Baio com pêlo branco ligeiramente amarelado; adj. que tem a cor do.

Onde anda o meu gateado,
O malacara, o lobuno,
O *baio-branco*, o tordilho
O alazão-pampa, o rosado,
O mouro e o colorado?

Barros, Versos Crioulos, p.123

Ronda mansa...Noite linda/
Bem *baio-branco* está o luar...

Aureliano, Romances de Estância e Querência, p. 22
Pl.: baios-brancos.

BAIO-CABOS-BRANCOS, S.m. Baio com a crina, a cauda e as patas brancas; adj. que tem a pelagem do. Pl.: baios-cabos-brancos.

BAIO-CABOS-NEGROS, S.m. Baio com a crina, a cauda e os membros locomotores

pretos; o mesmo que baio-patas-negras, que tem a cor do. "Que potranco parar! Mas pra se chegar ao meu orendado ou ao *baio-cabos-negros*..." (Maya, Alma Bárbara, p.24). "Tocou pa inglês um pingaço *baio-cabos-negros*" (Reverbel, Saudações Aftosas, p. "Quando o encontrei pela primeira montava um flete *baio-cabos-negros*" (Gomes, Caminho Santiago, p.7). Pl.: baios-cabos-negros.

BAIO-CAFÉ-COM-LEITE, S.m. Baio cuja tende para o castanho claro; adj. que tem a pelagem do. Pl.: baios-café-com-leite.

BAIO-CAMURÇA, S.m. Baio cujo pêlo apresenta tons pardo-avermelhados; adj. que tem a cor do. Pl.: baios-camurça, baios-camurças.

BAIO-CEGONHA (Do lat. *badiu* e *cegonha*), S.m. Baio cuja cor lembra a cor dessa ave; adj. que tem a pelagem do. "Olha o baio *baio-cegonha*..." (Márcio Dias, Bruma Minha Saudade, 2ª ed., p. 47). Pl.: baios-cegonha ou baios-cegonhas.

BAIO-CLARO (Do lat. *badiu* e *claru*), S.m. Baio de cor amarela descorada, pálida; adj. que tem a pelagem do. Pl.: baios-claros.

BAIO-COLEIRA (Do lat. *badiu* e *colla*), S.m. Canino baio com pêlos de outra cor cingindo o pescoço; adj. que tem a cor do.

O perro *Baio-coleira*
faz que cochila...

Aureliano, Romances de Estância e Querência, p.18
Pl.: baios-coleira ou baios-coleiras.

BAIO-COLORADO, S.m. Baio em cuja pelagem concorrem matizes mais ou menos rubros; adj. que tem a cor do. "Uma mestição meio peludo, *baio-colorado*, com uma mancha branca..." (Echenique, Lhas do meu Isqueiro, p. 12). Pl.: baios-colorados.

BAIO DE PALMO, Expr. (V. Baio²).

BAIO-ENCERADO, S.m. Baio cujo pêlo apresenta cor de cera escura uniforme; adj.

tem a pelagem do. "Foi em quatro quadras, com o *baio-encerado* do coronel Marques, cavaleiro de lei..." (Fontoura, Umbu, 2ª Série, p. 72). "Nicacio terminou de encilhar o *baio-encerado*." (Brasil Dubal, Fronteira Inclemente, p. 160). "Dito e feito, o Avellino ao escurecer encilhou um *baio-encerado* e se tocou." (Dornelles, Causos da Quarência, p. 33).

Correu um picaço da Tuna
Com um bagual colorado
Um zeino, um *baio-encerado*...

Dino Dezidério, A Volta de Antonio
Chimango, p. 9

Era o negro do Inocência
Cruzando chelo de antono.
Parecia um rei no trono
Num chimbo *baio-encerado*!

Braun, Pátrias, Fogões, Legendas, Vocabu-
lário Pampeano, p. 107. Pl.: baios-
encerados.

BAIO-ESCURO (Do lat. *badu* e *obscuru*, com
mudança de prefixo), S.m. Baio cor de
ensaíre pouco claro; adj. que tem a
pelagem do. "Nesse dia o Conde D'Eu
comprou um cavalo *baio-escuro*..." (Osório
Bastana Figueiredo, São Gabriel desde o
Princípio, p. 114). Pl.: baios-escuros.

BAIO-FUMAÇA, S.m. Baio com pêlo amarelo-
acinzentado; adj. que tem a cor do. Pl.:
baios-fumaça ou baios-fumaças.

BAIO-GATEADO, S.m. Baio cujo pêlo apre-
senta cor amarela viva, tendendo para o tom
vermelho; adj. que tem a pelagem do. Pl.:
baios-gateados.

BAIO-GEMA, S.m. e adj. (V. Baio-amarelo).
"Cavaldo Aranha montava um cavalo de
pelagem clara: *baio-gema* ou tordilho-
branco..." (Fagundes, Novos Causos de
Galpão, p. 90). Pl.: baios-gemas e baios-
gema.

BAIO-GEMADA, S.m. e adj. (V. Baio-
amarelo). Pl.: baios-gemadas e baios-
gemada.

BAIO-GEORGINO, S.m. (V. Georgino), Pl.:
baios-georginos.

BAIO-LOBUNO, S.m. Baio com cabelos ne-
gros e, em geral, listas-de-mula; adj. que tem
essa cor do. Pl.: baios-lobunos.

BAIO-MALACARA, S.m. Baio com pêlos
brancos na parte anterior da cabeça; adj.

que tem a pelagem do; o mesmo que
baio-pampa. Pl.: baios-malacaras.

BAIO-MARMELO, (Do lat. *badu* e do gr.
melimelon através do lat. *melimelu*), S.m.
Baio cujo pêlo lembra o fruto do *Pyrus*
cydonia; adj. que tem a cor do.

E um potro *baio-marmelo*
Que não pelava o lombilho
Com cada um coromilho
De assustar um domador
Ali estava no piquete
Esperando algum ginete.

Balbino, A Estância de Dom Sarmento, 2ª.
ed., p. 40. Pl.: baios-marmelos.

BAIO-MELADO, S.m. Baio do tipo albino;
adj. que tem a pelagem do. Pl.: baios-
melados.

BAIO-MOURO, S.m. Baio em que a pelagem
moura concorre irregularmente; adj. que
tem a cor do. Pl.: baios-mouros.

BAIO-NEGRO, S.m. Baio com pêlos escuros
em alguma parte do corpo; adj. que tem a
cor do.

Quando o estancieiro caudilho,
de cima de um *baio-negro*,
sacudiu seu pala branco...

Aparício, Viola de Canto Largo, 3ª ed., p.
9. Pl.: baios-negros.

BAIO-OVEIRO, S.m. Bovino baio com man-
chas brancas e amarelas fortemente pigmen-
tadas; adj. que tem a pelagem do. "Aparta-
ram logo depois uma novilha *baio-oveira*,
muito aniquilada, entecada..." (Freitas,
Gauchadas, p. 59). "A tropa gordaça e
parelha vinha se arrimando às casas, pon-
teada por um sinuelo de dez tambeiros
azebuados — grandotes e *baios-oveiros*..."
(Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p.
138). Pl.: baios-oveiros.

BAIO-OVO-DE-PATO, S.m. Baio semelhante
ao *baio-encerado*. "É mesmo trivial con-
fundir douradilho com colorado, *baio-
encerado* com sebruno, gateado com *baio-
amarelo*, melado com *baio-ovo-de-pato*..."
(Echenique, C. do Povo. Supl. Rural,
P. Alegre, 22.05.1970). Pl.: baios-ovos-
de-pato.

BAIO-PAMPA, Adj. e S.m. (V. Baio-malacara).

Baio-pampa! Douradilho/
O gateado e o tordilho!

Ribeiro, Tronqueira de Guajuvira, p. 30.

O pai do boi-barroso
Era um touro *baio-pampa*
Com braço e meia de altura
Do casco à ponta da guampa/
Pl.: baios-pampas.

BAIO-PANGARÉ, S.m. Baio com tonalidades vermelho-amareladas em várias partes do corpo, inclusive nas virilhas; adj. que tem a cor do.

O tatu subiu a serra
No seu *baio-pangaré*
Com laço e bolas nos tentos
Repontando um jaguané/
Pl.: baios-pangarés.

BAIO-PATAS-NEGRAS, S.m. Baio com os membros locomotores pretos; adj. que tem a pelagem do. "Soltem o *baio-patas-negras* no potreiro." (Lessa, O Boi das Aspas de Ouro, p. 52). Pl.: baios-patas-negras.

BAIO-PELANCA, S.m. e adj. (V. Baio-ruivo). Pl.: baios-pelancas e baios-pelanca.

BAIO-PERNEIRA, S.m. Baio com as patas dianteiras brancas ou calçadas; adj. que tem a pelagem do. "Boleei a perna do *baio-perneira*, mandei puxar o primeiro..." (Aparfício, Viagem ao Tempo do Pai, p. 84). Pl.: baios-perneiras.

BAIO-QUEIMADO, S.m. Baio com tons enegrecidos; adj. que tem a pelagem do. Pl.: baios-queimados.

BAIO-RAPADURA, S.m. Baio de cor amarela escura; adj. que tem a pelagem do. Pl.: baios-rapadura ou baios-rapaduras.

BAIO-ROSILHO, S.m. Baio em que a cor básica e a rosilha se mesclam de forma mais ou menos homogênea; adj. que tem a pelagem do. Pl.: baios-rosilhos.

BAIO-RUANO, S.m. Baio com a cauda e a crina amarela-claras ou brancas; adj. que tem a pelagem do. "Desafeito à roseta, o cavalo, um *baio-ruano* facreiro e gordo, priscou..." (A. Maya, Tapera, p. 7). "Certo dia apareceu pelo pago um sujeito montando um *baio-ruano* gordacho..." (V. Pires, Querência, p. 87). "Quando Joãosinho varou a porteira da frente do Paraíso, nome da fazenda do Tadeu, o proprietário estava apeando do seu *baio-ruano* embaixo da ramada." (Cyro, Gaúchos no Obelisco, p. 11). Pl.: baios-ruanos.

Já velhito, não perdia
Uma tropeada comprida.
Com seus seis *baios-ruanos*
Bem tosados, cola curta...

Aureliano, Romances de Estância e Querência, p. 25. *Meu baio-ruano*: poema de Lauro Rodrigues, Minuano, 3ª ed., p. 19.



Baio-ruano

BAIO-RUIVO, S.m. Baio louro-avermelhado também chamado baio-pelanca; adj. que tem as características do. Pl.: baios-ruivos.

BAIO-SEBRUNO, S.m. Baio semelhante ao baio-encerado, mas com tons pardos especialmente nos membros, no pescoço e na cabeça; adj. que tem a cor do. "Se não duvidassem encostava o *baio-sebruno* na luz, laço curto..." (Callage, Terra Gaúcha, 2ª ed., p. 46). "Solano atou um *baio-sebruno* na ramada e voltou a amargurar (Severo, Visão do Pampa, p. 170). "O *baio-sebruno*, suspenso das rédeas, olhando te, quis desferir a carreira..." (Ramiro, Rincão, p. 56). Pl.: baios-sebrunos.

Baiquaras: charge de Corvo



BAIO-SUJO-ISABELINO, S.m. Baio de pelagem cor de pérola, entre a branca e a ovelho-rosada; adj. que tem as características do. Pl.: baios-sujos-isabelinos.

BAIO-TOBIANO, S.m. Baio em que a pelagem tobiana aparece secundariamente; adj. que tem a cor do. Pl.: baios-tobianos.

BAIQUARA (Do guar. *mbaebê*, nada, *cuad*, saber e *ara* (sufixo). Adj. Matuto; simplório; labrusco; fácil de enganar; labrego; aldeão; rústico; camponês sem instrução; o mesmo que bacudo; s.m. indivíduo baiquara. "Os baiquaras marchavam, pilherian-do..." (Jacques, Os Provisórios, p. 98).

Se alguém se desconhecia
Pelava a macia-clara
Se botando no baiquara!

Ramirez, Gauchescas, p. 88.

BAIQUARADA (De *baiquara* + *ada*), S.f. Bando ou ajuntamento de baiquaras.

BAIQUARÃO (Flexão aum. de *baiquara*), S.m. Muito baiquara. // Flexão fem.: baiquarona.

BAIQUARICE (De *baiquara* + *ice*), S.f. Modos ou ação de baiquara; papalvice; coisa

feita ou dita ao gosto e costume dos baiquaras; bertoldice; toleima; calinada; jequice.

BAIRARI, S.f. Ornitol. (V. Avoante).

BAITACA¹ (Do guar. *mbae* + *taka*, coisa ruidosa), S.f. Ornitol. Ave da família dos psitacídeos. Coloração geral verde. Crisso vermelho. Cabeça e garganta totalmente azuis. (P. *maximiliani* Kuhl.). "Inacreditável a abundância de aves, pássaros e passarinhos, sobressaindo os bandos de papagaios serranos, *baítacas*, maracanãs..." (Battistella, A História de Tapera, p. 32). // Var.: *maitaca*. "Entre as trepadoras: a maracanã, a *maitaca*, o tucano, o araçari..." (A. G. Lima, Rio Grande do Sul, 40º milheiro, p. 91). Comp.: Faceira como *baitaca* em milharal.





Baixa Feliz: foto de 1950.

Maitaca linguaruda
 Não fale no meu jardim/
 O jardim é para as moças,
 As moças são para mim!

Papagaio come milho,
 Periquito leva a fama;
 coitadinha da *baitaca*
 não come senão banana!

BAITACA², Hidrogr. Arroio afluente do rio da Várzea, pela margem direita.

BAITACA³, Adj. 2 gêns. Grande; crescido; vasto; de dimensões extensas.

Um cheiro forte de inverno
 — Desses invernos *baitacas*!
 Vinha das várzeas, das matas
 Se transfundindo pra os ranchos!

Lauro, *Senzala Branca*, p. 19.

Se queres paro o rodeio
 dos versos de minha marca,
 Porém aviso — meu verso
 é verso xucro, *baitaca*...

Saraiva, *Do Sentimento Gaudério*, p. 89.

BAITACA⁴, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Nonoi). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Carlos Gomes.

BAIXADA (De *bas*, coisa inferior, radical céltico ou de *phat*, pé, radical egípcio), S.f. Várzea; depressão; vale; terreno cavado

entre duas elevações. "Movimentaram pingos, pegando uma *baixada*..." (Severina, *Visão do Pampa*, p. 41). "Já não chove mais dali do alto da coxilha via ainda a chuva correndo nas *baixadas*..." (Fattori, *Revista Pampeana*, p. 27). "Tocou o pangaré na *baixada*, mas logo bancou nas rédeas" (Delfino, *Conceito*, p. 19).

As ovelhas são bolas de estopa.
 Quanto alecrim roxeia a *baixada*!
 O potrilho zaino relincha...

Meyer, *Poesias*, p. 79.

És o mais forte alazão
 Entre toda a bagualada
 Que povoa este rincão
 Desde a coxilha à *baixada*!

Lola, *Saudades do Pampa*, p. 65.

BAIXADA DA SERRA, Geogr. Localidade do 1º distrito (M. de Sant'Ana do Livramento).

BAIXADA DO ALTO RECREIO, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Santa Rita Alta).

BAIXADA DO RODEIO, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (subdistrito (M. de Canguçu).

BAIXADÃO (Flexão aum. de *baixada*).
 Baixada muito extensa.

BAIXADINHA (Flexão dim. de *baixada*).

Baixada pequena. "No meio do caminho havia uma leve depressão no terreno, uma baixadinha..." (Cyrro, Rodeio, p. 20).

BAIXA FELIZ, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Feliz).

BAIXA GRANDE, Geogr. Povoação na Encosta Inferior do Nordeste. Nome anterior: São José da Baixa Grande (M. de Riozinho). // Escola Municipal de 1ª Grau Inc. Menino Deus.



BAIXA LINHA NOVA, Geogr. Povoado na Encosta Inferior do Nordeste, à margem esquerda do Cadeia (M. de São José do Hortêncio).

BAIXAR¹ (Do lat. vulgar *bassiare*), V.t.d. Navegar no sentido da correnteza (em rio, arroio ou lagoa).

BAIXAR², V.t.d. Descer (o operário) ao local de trabalho (nas minas de carvão).

BAIXAR A GRIMPA, Loc. verb. (V. Grimpa).

BAIXAR AS GARRAS, Loc. verb. (V. Garra).

BAIXAR DE DEZOITO, Loc. verb. Percorrer (o cavalo) duas quadras em menos de dezoito segundos. "O matunguinho é regular e baixa de dezoito." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 58).

BAIXAR DE QUINZE, Loc. verb. Percorrer (o cavalo) duas quadras em menos de quinze segundos.

Têm garrão duro os chirus
Baixam de quinze no freio.

E são, na lança de um verso,
Mais firmes que Tiaraju!

Zeca Blau, Ronda dos Poetas Crioulos, p. 12.

BAIXARIA (De *baixo* + *a* + *ria*), S.f. Conjunto de baixos ou vozes de som graves (nos acordeons).

BAIXAR O RABO-DE-TATU, Loc. verb. (V. Rabo-de-tatu).

BAIXAR O REBENQUE, Loc. verb. (V. Rebenque).

BAIXAR O RELHO, Loc. verb. (V. Relho).

BAIXAR OS CINCO E LEVANTAR OS SEIS, Loc. verb. Escamotear; surripiar; furtar.

BAIXAR O TOSO, Loc. verb. (V. Toso).

BAIXA SANTA CLARA, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste, à margem esquerda do arroio Santa Clara (M. de Montenegro).

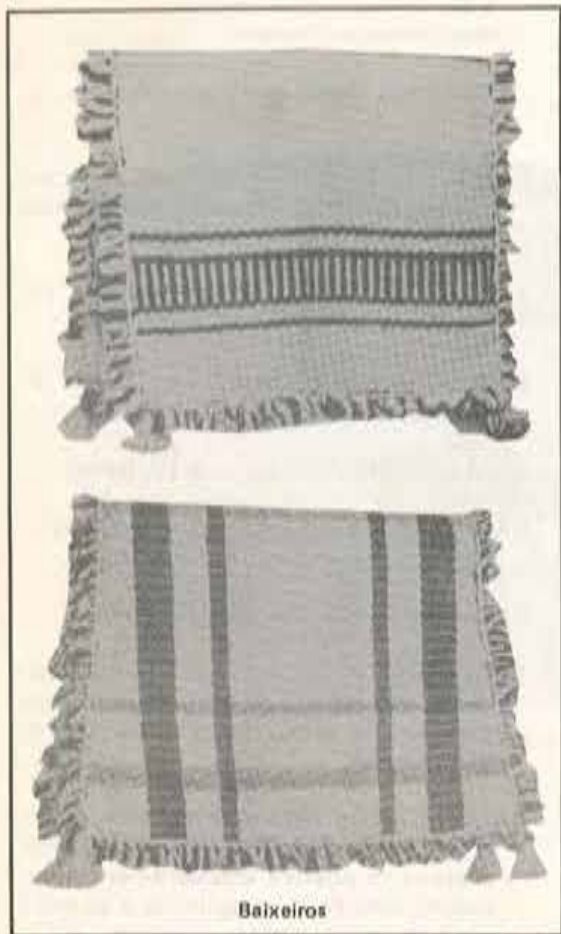
BAIXEIRO (Do lat. *bas*, curto e largo, corrompido em *baix*. Ou do celta *bach*, pequeno de estatura, através do esp. amer. *bajero*), S.m. Peça retangular de lã ou outro pano de textura grossa, compacta, que se coloca sob a carona; o mesmo que enxergão, suador e xergão. "Faz da carona, do *baixeiro* e dos pelegos a sua cama..." (Múcio, Os Gaúchos, p. 34). "Em frente, no chão, junto à outra parede, caronas, pelegos, lombilhos, *baixeiros*..." (Canto e Mello, Relíquias da Memória, 2ª ed., p. 53). "Quinote foi arrumar os arreios com muita meticulosidade, esticando bem o *baixeiro*, puxando a carona, ajeitando o serigote..." (V. Pires, Querência, p. 45). "Guarda o pelego, que eu ando precisando de *baixeiro*." (Martins, Casas Acolheradas, 2ª ed., p. 154).

↳ Sobre uma grande caixa retovada
Capaz de acomodar uma baleia
A carona, o *baixeiro* e os pelegos!

Múcio, Poesias, 1ª Vol., p. 328.

Quem havia de dizer
Que um bicho tão caborteiro
Que nunca levou *baixeiro*
Nem de cuera mais pavena
(Se com mango ou com chilena
Nunca foi acomodado)
Hoje viva palanqueado...

Braun, De Fogão em Fogão, p. 168.



Baixeiros

Adag. Quem nasce para baixeiro nunca chega a coxonilho. *Comp.* Seco e duro como baixeiro salitrado.

BAIXIAL (De *baixo* + *ial*, cf. o céltico *bas*), S.m. Trecho de rio ou outro curso d'água raso ou sem profundidade.

BAIXO¹, S.m. Várzea; campo baixo e plano. "Um tropel surdo e crescente fê-lo estacar. Vinha subindo dum *baixo*." (Cyro, Estrada Nova, p. 117) "O sol como que se decidira a romper triunfante por *baixos* e canhadas..." (Severo, Visão do Pampa, p. 136).

Fui costeando campo e internada
Por entre canhadas e *baixos*,
De chapéu sem barbicho,
Mas bem montado num tordilho...

Edgar Motta, Versos de Minha Terra, p. 34.

BAIXO², S.m. Dito importuno; gafe; rata.

BAIXO CANUDOS, Geogr. Povoado no distrito de Canudos (M. de Lajeado). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Jacob Richter.

BAIXO CORDEIRO DE FARIAS, Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de Tenente Portela). // Escolas Municipais de 1º Grau Inc. 1º de Maio e São Brás.

BAIXO DA LINHA NOVA, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste, à margem esquerda do arroio Cadeia (M. de São Sebastião do Caf).

BAIXO DAS CRUZES, Expr. Diz-se do equino que tem as cruzes mais baixas do que as ancas; o mesmo que gacho das cruzes.

BAIXO DE DIANTE, Expr. Diz-se do animal mais baixo na parte anterior; o mesmo que baixo de frente, cruz-alta e gacho de frente.

O pampa é de meu andar
Corcunda e *baixo de diante*.
Aperto as garras atrás
Mas correm no mesmo instante!

Plá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2ª ed., p. 152.



BAIXO DAS CRUZES: desenho de Tadeu Martins para o livro *O Cavalo Gaúcho* de Carlos Castilho. Porto Alegre, Grafosul, 1983

BAIXO DE FRENTE, Expr. (V. Baixo de diante).

Se diz um cavalo GACHO de diante-*baixo de frente*-floxa a cincha facilmente, tem o cômodo soqueado e anda meio afocinhado...

Braun, Vocabulário Pampeano, p. 168.

BAIXO DE TRÁS, Expr. Diz-se do equino que tem mais baixa a parte posterior.



Zona da Área Colonial Antiga, da qual faz parte a microrregião denominada colonial do Baixo Taquari

BAIXO ERVAL NOVO, Geogr. Localidade no 19 distrito (M. de Três Passos). // Associação Atlética Baixo Erval Novo, fundada em 04.03.1982.

BAIXO PARIS, Geogr. Lugar no distrito de Sério (M. de Lajeado). // Escola Municipal de 19 Grau Inc. Onofre Pires.

BAIXO RIO BRANCO, Geogr. Lugar no distrito de Centenário (M. de Gaurama).

BAIXO TAQUARI, Geogr. Vale inferior do rio Taquari.

BAJACU, S.m. Ictiol. Peixe marinho, comum no Litoral Setentrional.

BALA-BALÔ, S.m. Pregão usado em Porto Alegre no século XIX e musicado pelo maestro Domingos Pereira Porto, o popular Mingotão.

BALACA, S.f. Fanfarronice; patranha; embuste; parlapaticice; invencionice; mentira; balaquice. "Bobagem, Cecília! Até o Grambi é balaca do Chico... (Vergara, A Lua nos Espera Sempre, p. 84).

BALAÇO (De bala + aço, cf. o gr. ballein,

lançar), S.m. Bebedeira; careaspana; pifão.



BALAIO¹ (Do fr. *balai*), S.m. Dança acompanhada de canto, cuja origem remonta ao ciclo dos fandangos. Inspirada em grande parte pela quadrilha, da qual recolheu inúmeras figuras, inclusive a denominada *dames au millieu, chevaliers au tour*, representa musicalmente interessante adaptação regional do lundu que, de origem africana, se popularizou em todo o Brasil no século XIX. O movimento furta-par assemelha-se ao do anu. Bibliogr. Augusto Meyer, *Cancioneiro Gaúcho*, P. Alegre, Globo, 1952; Luiz Cosme, *Folclore do Rio Grande do Sul*, Revista do Livro, Rio, 1956; João Carlos D'Ávila Paixão Cortes e Luiz Carlos Barbosa Lessa, *Manual de Danças Gaúchas* (com suplemento musical e ilustrativo), 2ª ed., São Paulo, Irmãos Vitale, 1961). "Dois velhos indiáticos, empregados da estância, e suas mulheres dançaram, a pedido de todos, a chula, o caranguejo, o *balai*..." (Coutinho, *A Estância e as Cartas*, p. 77). "Lá estaria o chinaredo vizinho, muchachas experimentadas nos *balaios*..." (Callage, *Rincão*, 2ª ed. p. 80). "O fandango entrou pela noite adentro, com toadas da galinha-morta, do *balai*, do quero-mana, da meia-canha..." (Piá do Sul, *Farrapo*, 2ª ed., p. 61).

BALAIO², S.m. Canto popular tradicional

ligado à dança do mesmo nome e por sugerido.

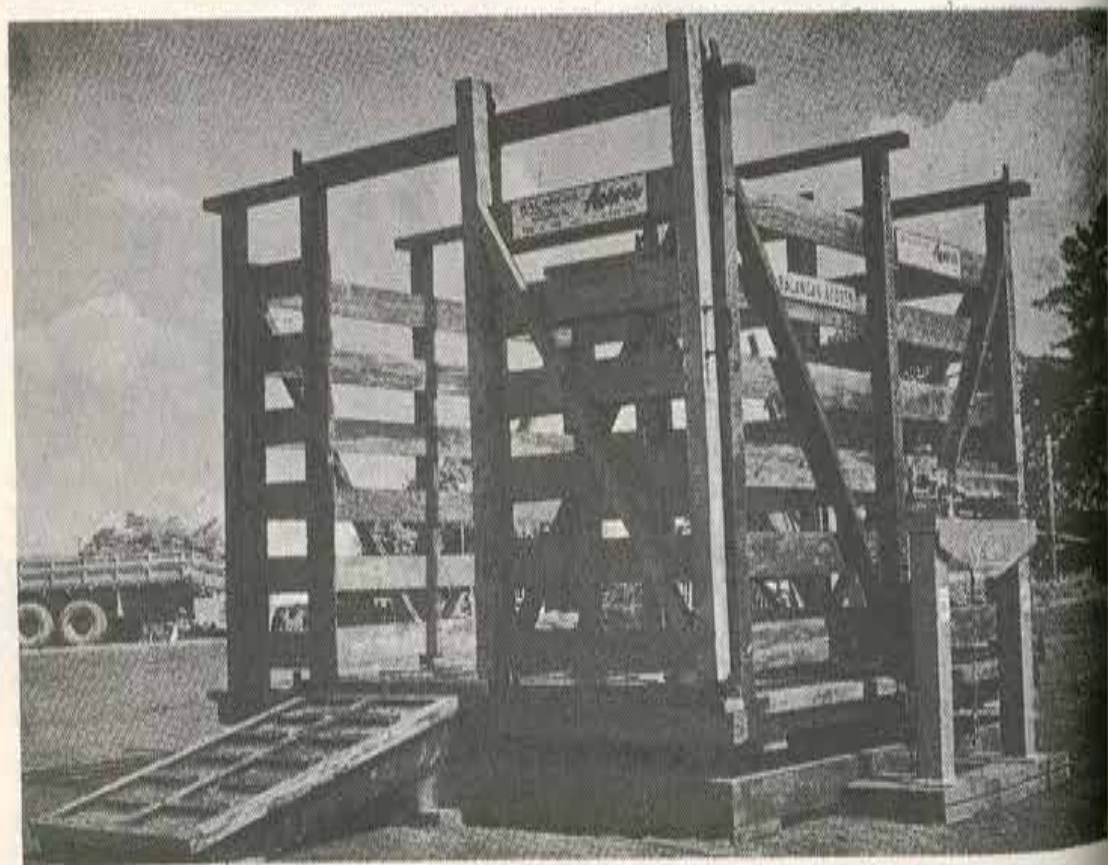
Corta, meu bem, recorta
Recorta teu bordadinho/
Depois de bem recortado
Guarda no teu balainho/

Mandei fazer um balai
Pra guardar meu algodão.
O balai saiu pequeno
Não quero o balai, não/

BALAIO GRANDE, Expr. Medida de capacidade para secos, equivalente a 60 ou quilos.

BALANÇA¹ (Do fr. *bilanx*, dois pratos, também do esp. *balanza* e do it. *bilancia*) S.f. Conjunto de madeira e metal que serve para determinar nas fazendas o peso dos bovinos gordos. Tem cercas laterais em forma de brete e portões especiais. Funciona mecanicamente e apresenta grande diversidade na estrutura, tamanho etc.

BALANÇADA (De *balança* + *ada*), S.f. Peça de couros (nas charqueadas). "Um apontador anotava na livreta as *balançadas* para no fim conferir..." (Wayne, *Charqueada*, p. 138).



BALANCE (Do fr. *balancée*), S.m. Movimento que os pares, unidos pela mão direita, executam no caranguejo, completando uma volta em torno de si mesmos, compassos de marcha.

BALANCEADO (Part. de *balancear*), Adj. Ligeiramente bêbedo.

BALANCEADO-DOS-CASCOS, Adj. Débil mental; desajuizado; leviano; imprudente; que procede irrefletidamente. "Desconfio que o Neco é meio *balanceado-dos-cascos*..." (Echenique, *Fagulhas do meu laqueiro*, p. 111). "Pois olhem — disse o Larico, um chiruzinho meio *balanceado-dos-cascos*..." (Anita, *As Andanças do Zeca Pedro*, p. 124), Pl.: *balanceados-dos-cascos*.

BALANCEAR (De *balanço + ear*, cf. o it. antigo *balancio*), V.t. d. Atuar nas rédeas, fazendo com que a montaria se apronte para a impulsão. "Logrou o tio Felício. Este já de sobranceiras de pé *balanceou* o belo zaino-rabicano..." (Laci, *O Sol Acende o Pampa*, p. 11).

BALANCEAR A RÉDEA, Loc. verb. Incitar (a montaria) com o simples movimento da brida. "Bem montado, chapéu quebrado, barbicacho, pala fino no braço, só *balanceava a rédea*..." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 14).

BALANCEAR O CORPO, Loc. verb. Dançar. "As cordeonas puxaram com vontade e *balanceamos o corpo* até o romper do sol..." (Simões Pires, *Gado de Osso*, p. 35).

BALANCEIO¹ (Contr. de *balancear + o*), S.m. Passo que na rancheira os dançantes executam parados, movendo apenas os pés.

BALANCEIO², S.m. Ato de balancear (a montaria).

BALANCEIRA (De *balanço + eira*), S.f. Vara que, nas carroças de terno, se acorrenta ao cabeçalho.

BALANCEIRO (De *balança + eiro*), S.m. O encarregado das pesagens (nas antigas charqueadas).

BALANCETE (ð) (De *balanço + ete*), S.m. Porteira rústica com travessas verticais, presas por fios de arame; o mesmo que *balancim¹*. "Tapume seguro, a quatro fios, madeiras de cerne, moirões bem fíncados, *balancetes* de angico..." (A. Maya, *Alma Bárbara*, p. 98). "Cheguei já noite escura.

Apeei e abri o *balancete*." (Reinert, *Um Velho Gaúcho*, p. 56).

BALANCIM¹ (De *balanço + im*), S.m. (V. *Balancete*).

BALANCIM², S.m. (V. *Trama*) "Muda um mestre-esqueneiro aqui; troca um moirão podrido; sacode fora alguns *balancins*..." (Aureliano, *Memórias do Coronel Falcão*, p. 199).

BALANCIM³, S.m. Peça de madeira, de aproximadamente sessenta centímetros, com a qual se liga os tirantes. "O meio de transporte: uma aranha puxada por dois cavalos, um entre os varões, o outro no *balancim*..." (Barcelos, *Estância Assombrada*, p. 82). "Conseqüências: *balancim* quebrado, correames arrebentados..." (Timm, *50 Anos de Viagem*, p. 63).

BALANDRAU (Do lat. medieval *balandrana* através do it. *palandrano*), S.m. Poncho ordinário. "Na cruzada nos tocamos todos na aba do sombreiro; uns quantos vinham de *balandrau* enfiado..." (S. Lopes, *Contos Gauchescos*, p. 17). "Bom dia — disse entrando e recolhendo o *balandrau* sobre os ombros..." (Piá do Sul, *Farrapo*, 2ª ed., p. 88).

O tatu é homem pobre
Que apenas tem de seu
Um *balandrau* muito velho
Que o defunto pai lhe deu!

BALANDRONADA (Do esp. amer. *balandronada*), S.f. Bravata; gabolice; pavonada; demonstração exagerada; ameaça arrogante; fanfarrice; quixotice. "*Balandronadas*. Proezas de guerra. Casos de amor." (Alencastre, *Fantásias e Quadros Pampeanos*, p. 23). "De todos os lados só se ouvia o tilintar das moedas e a alegre explosão das *balandronadas*..." (Laf. *Recordações Gaúchas*, 2ª ed., p. 66-67). "O certo é que vivia de picão às costas, contando *balandronadas*..." (Odilon, *Causos do João Maria*, p. 17). *Balandronada*: poema de João Erico Hoffmann, Rio Grande Pago Nativo, p. 6.

BALÃO (Do fr. *ballon*), S.m. Invencionice; petate engenhosa; balela; impostura; léria; mentira; desculpa astuciosa.

BALAUQUEAÇÃO (De *balaquear + ação*) S.f. Ato de balaquear.

BALAUQUEAR (De *balaca + ear*), V. int. Jactar-se; blasonar; alardear falsas qualidades; intrujar; fanfarrar; mantir.

BALAUQUEIRO (De *balaquear* + *eiro*), Adj. Blasonador; que faz ostentação dos próprios atos; bazoflador; fantasiador; que gosta de propalar inverdades; s.m. indivíduo balaqueiro. "A outra gêmea, Nini, casou igualmente, com um gaúcho mui *balaqueiro*..." (Gomes, Caminho Santiago, p. 25). "Até que o *balaqueiro* se irritou com aquilo." (Fagundes, Novos Causos de Galpão, p. 103).

E o Patrão Velho do céu
— ante o bicho *balaqueiro*
tapeou de pronto o chapéu
e, no banco, se quadrou...

Oliveira, Rastro de um Charrua, p. 69.

BALAUQICE, S.f. (V. Balaca).

BALASTRACA, S.f. Moeda antiga de prata boliviana, equivalente a quatrocentos réis; patacão uruguaio ou argentino. "Se aceita umas *balastras*, banco também!" (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 82). "Que panela! Um tacho! Uma graxeira socada de *balastras*!" (Odilon, Causos do João Maria, p. 20). "Logo mais le restituo as *balastras* que desembolsar." (Gomes, Caminho Santiago, p.5).

Ele aí foi se aperando
e ajuntando *balastras*...
Foi criando algumas vacas
e também linda majada...

Roberto Osório Junior, Horizontes do Pago, p. 96.

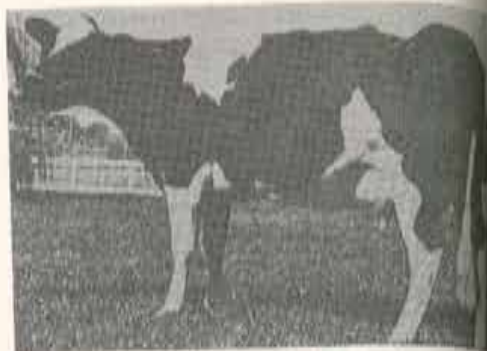
BALDA (Contr. de *baldar* + *a*, cf. o vasconso *bald*, calvo, que deu *baldo*), S.f. Sestro; manha ou tendência habitual (do animal); defeito ou costume prejudicial; excentricidade; vício; capricho; cisma; impertinência; disposição psicológica, ainda que pouco freqüente; senão moral. "Pelo que vejo, depois de velho, está agarrando a *balda* de empacar..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 41). "Não adianta, Cecília. Nem rebenque, nem nada. É *balda*..." (Vergara, A Lua nos Espera Sempre, p. 113). "Que *baldas* tem esse cavalo, Matias?" (Simões Pires, Gado de Osso, p. 23). "As doenças parece que eram mesmo *balda*." (Severo, Visão do Pampa, p. 127).

Toda camisa tem fralda,
todo ladrão mente e furta.
Égua que tem muita *balda*
carece de rédea curta.

Ramírez, Disparo de Tropa, p. 123.

Adag. Cambicho e balda dificilmente se escondem.

BALDE DE OURO (Do ár. *bátala* ou *batil*, balde e do lat. *aurus*), Expr. Prêmio que o EXPOINTER confere anualmente ao melhor espécime leiteiro exposto.



BALDOSO (ð) (De *balda* + *oso*), Adj. Que tem balda; sestroso; esquivo ou remisso (animal). "Nenhuma arrogância, nenhum praga de amante crioulo, de china *baldo* se..." (A. Maya, Tapera, p. 116). "O potro velhaco, *baldo*, sentiu a força do homem Boleou-se." (Laci, O Sol Acende o Pampa, p. 21). "Era um touro *baldo* que não atendia mais a rodeio." (Severo, Visão do Pampa, p. 13). "Até os guaxos se mostram *baldosos*." (Cristaldo, C. do Pampa, Caderno de Folclore, P. Alegre, 14.12.1976). "Onde havia um bagual *baldo* ou duro de boca, lá chamavam Quinca." (Cyro, Gaúchos no Obelisco, p. 178).

Você me chamou de feio
Ainda mais de *baldo*.
Eu sou feio na verdade
Mas, porém, sou mimoso

Adag. Cavalo torto antes morto que *baldo*.
Comp. Baldoso como petição de guru.

BALDRAME, S.m. Madeiramento que, colocado sobre os alicerces, serve de apoio às vigas do assoalho. "Fechava os olhos via...Os *baldrames* da antiga moradia...árvores..." (Jacques, Os Provisórios, p. 177). "Toma o rumo do galpão, tropeça *baldrame*..." (Paulo Fernandes, A Laranja das Almas, p. 43). "O *baldrame* fixa-se diretamente sobre os cepos." (Pedro, Formação do Gaúcho, p. 179).

BALEADO (Part. de *balear*), Adj. Embarcado.

BALEEIRA, S.f. Pequena embarcação de remo na popa, empregada em serviços de pesca e transporte.



Rio Jacuí: balsa do passo do Cerro Chato, na rodovia Santa Maria - Candelária.

BALÉM, João Maria Bento, Biogr. Sacerdote, jornalista e escritor natural de Caxias do Sul, nascido em 1887. Arcediago do Cabido de Porto Alegre. Assinatura literária: João Maria Balém. Pseudônimos: Capitão Buazza e Menego dal Mánego. Integra o IHG/RS, em cuja revista colabora regularmente. Obras principais: *A Primeira Paróquia de Porto Alegre*, P. Alegre, Tip. do Centro S/A, 1941; *A Paróquia de São José do Taquari - No Centenário da Colonização Açoriana no Rio Grande do Sul*, ib., 1952 e *A Catedral de Porto Alegre*, P. Alegre, Tip. da Pia Sociedade das Filhas de São Paulo, 1956.

BALHEIRO, S.m. Ictiol. Qualificativo de um cação encontrado nas águas marítimas do estado.

BALIM (Flexão dim. irregular de *bala*), S.m. (V. Chico⁵).

BALIN, S.m. Chumbo de caça (na Região Colonial Italiana).

BALIZA¹ (Do lat. *palitia*, através do esp. *baliza*), S.f. Estaca, marco ou outro sinal que assinala, nas canchas, o partidor. "Dezessete dá este matunguinho que aqui vê - dezessete de tronco, arrancando em cima da *baliza*." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 54).

Se voto... o meu parceiro
Sai perdendo da *baliza*
E ainda que leve uma pisa
De pua e relho e vergões
Como toicinho de chancha
Se me derrem na cancha
Quadrilhas de patações!

Aurellano, Romances de Estância e Quêrência, p. 52.

Ao chegar na *baliza*,
Já com o potro torneado,
Seu coração mal domado
Corcoveava diferente...

Pantaleão, Coletânea Gauchesca, p. 99.
Parar na baliza: permanecer inativo. // Usa-se também a expressão *baliza de saída*.

BALIZA², Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data da criação: 30.10.1957. Área territorial: 107 km² (M. de Gaurama). População: 1980.....1.463

BALIZA³, Geogr. Vila nas imediações do arroio Caçador, servida pela ferrovia Santa Maria - Marcelino Ramos, sede do distrito de Baliza.

BALIZA DE CHEGADA, Expr. (V. Laço³).

BALIZA DE SAÍDA, Expr. (V. Laço³).

BALNEÁRIO ATLÂNTICO, Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de Arroio do Sal).

BALNEÁRIO JARDIM DA SERRA, Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de Santa Maria).

BALNEÁRIO JARDIM DO ÉDEN, Geogr. Localidade na região do Litoral (M. de Tramandaí).

BALNEÁRIO LERMEN, Geogr. Localidade no distrito de Itaara (M. de Santa Maria).

BALNEÁRIO PASSO DA CAPELA, Geogr. Lugar junto ao rio Camaquã, a 4 km da cidade (M. de Santana da Boa Vista).



BALNEÁRIO PASSO DAS CANOAS, Geogr. Localidade na Depressão Central (M. de Gravata). // Associação Comunitária dos Moradores do Balneário Passo das Canoas, fundada em 06.04.1982.

BALNEÁRIO PASSO DO VIDAL, Geogr. Lugar no 2º distrito, a 12 km da cidade (M. de São Vicente do Sul).

BALNEÁRIO REBELLO, Geogr. Lugar no 1º distrito, a 2 km da cidade, às margens da lagoa dos Patos (M. de Tapes).

BALNEÁRIO SANTA TEREZA, Geogr. Localidade no distrito de Santa Tereza (M. de Catuípe).

BALNEÁRIO SANTO ANTONIO, Geogr. Povoado no distrito de Monte Bonito (M. de Pelotas).

BALNEÁRIO SÃO FLORIANO, Geogr. Lugar com instalações completas de camping, a 10 km da cidade (M. de Erechim).

BALNEÁRIO VILA RICA, Geogr. Praia fluvial a mil metros da cidade de Harmonia.



Balneário Vila Rica

BALSA¹ (Do vasconso *balsa*, montão), S. Embarcação de paus movida por lanças por meio de varas. "Tiveram de pôr corrente para a subida, logo que deixaram *balsa*." (Dyonélio, O Louco do Cati, p. 249). "A *balsa* balançava num remanso." (Martins, Caminhos do Sul, p. 70).

As correntezas do rio
Torcem os paus da *balsa*
Tu também és inconstante
E como as águas és falsa!



Rio das Antas:
balsa no Passo Novo



BALSA², S.f. Reunião de troncos ou tábuas, convenientemente amarrados, que, fluindo, desce por gravidade o Uruguai, na época das cheias. "Quatro ou cinco quartéis faziam uma *balsa*." (Dalcin, Campo dos Bugres, p. 83).

BALSA³, S.f. Pipa pequena, provida de alça, usada nos alambiques.

BALSA⁴, S.f. Porção de carne já salgada e pronta para o preparo do charque.

BALSÂMICA-DE-PURGA, S.f. Bot. Trepadeira subspontânea, ornamental, da família das cucurbitáceas. Folhas pecioladas. Flores amarelas ou alaranjadas. Fruto ovóide, tuberculado, carnoso. (*Momordica balsami-*

ca L.). Pl.: balsâmicas-de-purga.

BALSEIRO (De *balsa* + *eiro*), S.m. Aquele que dirige uma *balsa*.

BALTAZAR BRUM, Geogr. Lugarejo nas nascentes da sanga dos Cachorros, servido pela ferrovia Alegrete-Quaraí (M. de Quaraí).

BAMBÁ (Do quimbundo *mbamba*, jogo com acutilação, S.m. Passatempo por meio de quatro metades de caroço de pêssego, moedas ou rodela de casca de laranja. Bibliogr. Luiz Gonzaga Gomes de Freitas, Antigos jogos desportivos da Campanha, Revista do Museu — Júlio de Castilhos, P. Alegre, Nº VII, 1954.

C

CABOCLA (Flexão fem. de *caboclo*, cf. o guar. *kari* + *boka*), S.f. Bot. Erva da família das cardúceas. Caule piloso. Flores amarelas ou vermelhas. Folhas sésseis. O fruto reveste a forma de aquênio. (*Zinnia multiflora* L.).

CABO-DE-RELHO, S.m. Arroz e feijão sobrados do jantar, misturados e servidos na manhã seguinte juntamente com o desjejum. "Depois do café da manhã, que naquele dia veio acompanhado de um *cabo-de-relho*..." (Jaime Brum Carlos, A Saca da Restinga, p. 61). Pl.: cabos-de-relho.

CABOCLINHO-DO-PEITO-BRANCO, S.m. Ictiol. Ave passeriforme da família dos fringílídeos. Garganta alva. Ventre marron. Cauda escura. Bico preto. Vive em bandos, principalmente nas fraldas da serra Geral. Pl.: caboclinhos-do-peito-branco.

CABOCLINHO-DO-PEITO-MARRON, S.m. Ornitol. Ave passeriforme da família dos fringílídeos. Mede 10 cm de comprimento. Marcações escuras ou amarronadas na porção superior do corpo. Coroa da cabeça de cor cinza levemente azulada. Muito apreciada pelos ornitólogos. Pl.: caboclinhos-do-peito-marron.

CABORÉ¹ (Do guar. *kabu* + *ré*), S.m. Ornitol. Ave noturna da família dos bubonídeos, também chamada gavião-mateiro, cujas penas afugentam o mal e atraem a boa sorte, segundo a superstição popular. Lado

dorsal escuro. Grande caçadora, principalmente de andorinhas. (*Micrastur rufficollis* Vieil). "Que esperança! Não acredito em *caboré*..." (Bello, Os Farrapos, p. 29). "Quando o *caboré* canta à meia-noite é desgraça..." (Fontoura, Umbu, 2ª Série, p. 90). // Var.: *caburé*. "Uma vez eu paguei um dinheiral por uma pena de *caburé*..." (Ramirez, Rio dos Pássaros, p. 73).

E como guasca sincero
Sempre tive muita fé
Em pena de *caburé*
E ferrão de quero-quero!

Braun, De Fogão em Fogão, p. 29.

CABORÉ², Hidrogr. Arroio afluente do Caracol, pela margem esquerda.

CABORTEADA (De *cabortear* + *ada*), S.f. Ação própria de caborteiro; o mesmo que caborteirice.



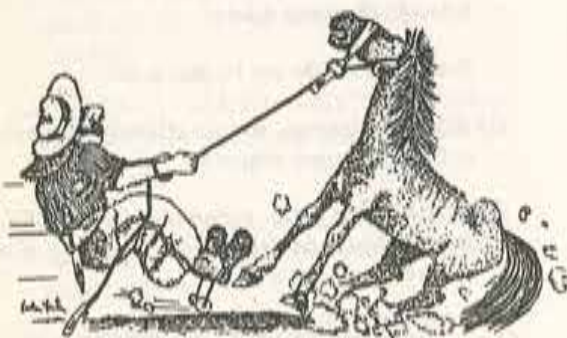
CABORTEAR, V. int. Manheirar, tentar fugir, esquivar-se à monta (o cavalo). "O animal, *cabortando*, furtou o corpo e empinou-se, bufando." (Acauan, Ronda Charrua, p. 157). "O alazão não cedeu de pronto: *cabortou* e chegou a velhaquear..." (Severo, Visão do Pampa, p. 50); (fig) desobedecer; não se submeter; revoltar-se; insubordinar-se; tornar-se rebelde. *Adag.* Cavalo que não caborteia em potro pega manha depois de matungo velho.

CABORTEIRÃO (Flexão aum. de *caborteiro*), Adj. Extremamente caborteiro.

O gaúcho quando apela,
Se o pingo é *caborteirão*,
Passa nas mãos a manêia
E o cabresto no moirão...

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 35.

CABORTEIRO (De *cabortear* + *eiro*), Adj. Arisco, desinquieto, espantadico, pouco submisso, indócil (o animal cavalar). "Para montar, isso sim!... fosse potro cru ou qualquer aporreado, *caborteiro* ou velha-co..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 106). "Matungo *caborteiro* que se achica sem razão, olho com ele!" (Martins, Caminhos do Sul, p. 115). "Um dia, na estância do Coronel Pinto Borba, encurralaram a potrada e entre eles um baio *caborteiro*..." (Fontoura, Umbu, 2ª Série, p. 97); (fig) travesso; manhoso; indisciplinado; que tem gênio mau. "Lhe pegava cada trote, na maciota, *caborteiro* que só vendo!" (Lessa, História do Chimarrão, p. 187).



CABORTEIRO: desenho de Tadeu Martins para o livro *O Cavalo Gaúcho* de Carlos Castilho (P. Alegre, Grafosul, 1983).

Andava eu lá na cidade
Num matungo *caborteiro*,
Ao tranquilo no mais,
Monarquendo muí folheiro.

Juca, Resposta ao seu amigo Maduca, Brado do Sul, Pelotas, 02.08.1860.

Quem teve bexiga preta
Não foge de cara feia.
Noite de sogá e manêia
Abranda até *caborteiro!*

José Nelson Corrêa, Décima do João Guimarães Rosa, p. 55.

CABORTEIRICE (De *caborteiro* + *ice*) (f. Caborteada). "Olhos acanhados, escondidos, de uma certa *caborteirice*." (Cyro, Gaúcho no Obelisco, p. 14)

CABOS-BRANCOS, S.m.pl. Animal cavalar que tem a crina, a cauda e as patas totalmente alvas. "Durante a revolução de 1933, foram surpreendidos pelo caboclo João Amâncio que, tiradas as varas da potrada, entrou ao tranco de um malacara *cabos-brancos*..." (Fontoura, Rancho Grande, 2ª Série, p. 31). "Olha o pingo preto *cabos-brancos!* (Darcy, Coxilhas, p. 82).

CABOS-NEGROS, S.m.pl. Eqüino que tem apêndices locomotores, a crina e a cauda inteiramente escuros; o mesmo que *cabos-pretos*. "Esse potro *cabos-negros* quero para o meu andar." (Lessa, Rodeio dos Ventos, p. 96). "Que seja um cavalo forte e talvez o *cabos-negros*..." (Gomes, Caminhos do Sul, p. 30).

O bagual era gateado,
cabos-negros, bem zebrado,
machinho alto e cabano...

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 38.

CABOS-PRETOS, S.m.pl. (V. Cabos-negros)

CABRA-ANGORÁ, S.f. Animal caprino, espécie de bode, com pêlo comprido e fofo. Pl.: cabras-angorás.

Fortunato, interrogado,
respondeu que não sabia:
que ali não vira ninguém,
além da cusca e Maria
e umas *cabras-angorás*
e um velho gato brasino
que negaceava preás.

Guido Machado Moraes, Canto Pampa, p. 48.

CABRAL¹, Hidrogr. Arroio afluente do Arroio Pelotas pela margem esquerda.

CABRAL², Geogr. Lugar na Depressão Camargo (M. de Cachoeira do Sul) // Escola Estadual de 1ª Grau Inc. Ruy Barbosa.



Ruy Barbosa

CABRAL, Cid Pinheiro, Biogr. (1915-1983) — Jornalista e escritor, natural de São Luiz Gonzaga. Autor de *O Senador de Ferro*, biografia P. Alegre, Liv. Sulina, 1969.

CABRAL DE MELLO, Américo, Biogr. Advogado e político. Presidente interino do Rio Grande em várias oportunidades no período de 1830 a 1837. Deputado à 1ª Assembléia Provincial instalada em 20.04.1835.

CABRAL, Domingos A. Delandes, Biogr. Escritor vitoriense, nascido em 1908. Autor de *O Dois de Ouro*, versos do 2º Esquadrão do Regimento Osório na Revolução de 1932, Jaguarão, Liv. A Miscelânea, 1935.

CABRAL, Domingos Guedes, Biogr. (1811-1871) — Professor, jornalista e escritor natural de Pelotas. Redator do *O Guicuru* de Salvador (Ba).

CABRAL, Ney da Costa, Biogr. (1895-1963) — Médico, jornalista e escritor pelotense. Publicou *Física Médica*, P. Alegre, Globo, 1935 e *Ruy e a Medicina*, conferência, ib., 1949.

CABRAL, Ulisses José da Costa, Biogr. (1855-1914) — Escritor, jornalista e professor porto-alegrense. No Rio de Janeiro fundou o Ateneu Brasileiro e foi vice-diretor do Colégio Menezes Vieira. Vice-reitor do Colégio Júlio de Castilhos de Porto Alegre, onde lecionou em diversos estabelecimentos de ensino. *Escola Estadual do 1º e 2º Graus Professor Ulisses Cabral*; educandário na cidade de Antonio Prado, subordinado à 4ª D.E.

CABRESTEADOR (ô) (Do esp. plat. *cabresteador*). Adj. Diz-se do equino que se submete facilmente ao cabresteio; (fig) fácil de levar; obediente; condescendente; acomodaticio.

CABRESTEAR¹ (Do esp. plat. *cabrestear*), v.t.d. Conduzir (o equino) pelo cabresto. "E apeado, *cabresteando* o cavalo, seguia..." (Fontoura, Umbu, 2ª Série, p. 79).

Agüento sem me queixar
As mágoas que *cabresteio*...

Braun, Galpão de Estância, p. 63.

CABRESTEAR², V. int. Deixar-se conduzir docilmente pelo cabresto (o animal cavalari). "O tostado, bem encapado, as orelhas abertas, os olhos arregalados, trotava *cabresteando*..." (Martins, Caminhos do Sul, p. 46); (fig) transigir sem relutância; obedecer; contemporizar; acomodar-se às circunstâncias; deixar-se dominar.

Ninguém me toca por diante
Tampouco não *cabresteio*.
Eu me empaco e me boleio,
Não salo nem com sinuelo.
E tourito de outro pêlo
Não berra no meu rodeio.

João da Cunha Vargas, Deixando o Pago, p. 17.

CABRESTEIO (Contr. de *cabrestear*² + o), S.m. Ato ou efeito de *cabrestear*².

CABRESTILHO¹ (De *cabresto* + *ilho*), S.m. Peça de couro ou metal com a qual se prende a esporo ao calçado. "Dona Tica trouxe umas toalhinhas de crochê, Luizinha umas esporas de *cabrestilho*..." (Lessa, Os Guaxos, p. 227).

Formava um jogo de cor
sob os reflexos da aurora
co'os *cabrestilhos* da esporo
e os flecos do tirador.

Schultz Filho, Galponeiras, p. 16.

Me vi de pala e chilena
com *cabrestilhos* de prata,
tirador de borda alta
com flecos em desalinho...

Saraiva, Do Sentimento Gaudério, p. 76.

CABRESTILHO², S.m. Cabrestó pequeno.

CABRESTO¹ (Do lat. *capistrum*), S.m. Cabeçada sem freio, dividida em duas partes ligadas por argolas. "Mas enxergando o patrãozinho debaixo da galhuda cabriúva, largou para lá com o cavalo a *cabresto*..." (V. Pires, Querência, p. 137). "Um negro beicudo, de nariz chato, truncado, chegou trazendo um cavalo vermelho, a *cabresto*..." (Rodrigues, Os Degolados, p. 89). (fig) aquilo que reprime, modera, contém; jugo; domínio. "Pra estas éguas da cidade não hay *cabresto* nem palanque..." (A. Maya, Tapera, p. 116). *Andar de cabresto curto e*



pouco pasto: andar em circunstâncias desfavoráveis. *Andar pelo cabresto*: estar sob a autoridade de; estar sujeito (a uma pessoa, a uma influência). *Botar cabresto na língua*: conter nos limites justos ou convenientes (a maneira de falar). "Cuidado, bruaca velha! Bota cabresto na língua!" (Darcy, Coxilhas, p. 90). *Cabresto curto*: disciplina rigorosa; regime de ordem severo.

A regra é cabresto curto
Pra ter tudo nos seus eixos
Sofreção pelos queixos...

Amaro Juvenal, Antonio Chimango, p. 57.

De a cabresto: pelo cabresto. "E mais os viajantes escoteiros, com um cavalo *de a cabresto* ou repontando uma parelha de muda." (Cyro, Rodeio, p. 21). *Sentar no cabresto* não ceder; teimar; oferecer resistência; fazer face a; rebelar-se; pôr obstáculo. "Uns *sentavam no cabresto* e não faziam nada mesmo; outros remanchavam..." (Darcy, Coxilhas, p. 13). *Adag*, Burro comedor, cabresto curto. **Comp.** Grosso como cabresto de redomão.

CABRESTO², S.m. (V. Guia²).

CABRIÃO, S.m. Zool. (V. Caramujo-cascudo).

CABRINHA-DE-CHIFRE, S.f. Ictiol. Designativo de uma espécie de peixe teleosteo marinho da família dos triglídeos. Pl.: cabrinhas-de-chifre.

CABRION¹ (O), Imp. Semanário ilustrado pelotense fundado em janeiro de 1879 por Eduardo Antonio de Araújo Guerra e

Eduardo Chapon, litógrafo francês. Formato de 32 X 22. Oito páginas. Circulou até setembro de 1881.

CABRION² (O), Impr. Semanário ilustrado porto-alegrense surgido em 18.04.1886, sob a responsabilidade da empresa Palmeiro Cia. Trabalhos litográficos de Inácio Weggartner e Faustino Ladeira.

REMO DE VOGA



CABRITA, S.f. Canoa a remo de voga utilizada pelos pescadores do Litoral, principalmente na região de Cassino.

CABRITILHA (De *cabrito* + *ilha*, cf. o tardio *capritu*), S.f. Couro curtido de cabrito, próprio para a confecção de sapatos finos.

CABRITINHO (Flexão dim. de *cabrito*), S.m. Indivíduo que tem a cor um pouco escura ou descendente de pai branco e mãe preta ou vice-versa; homem trigueiro.

CABRITO¹, Adj. Diz-se do animal vacum que tem os chifres curtos e levantados; um bovino cabrito. "Voltaram ao meio do galpão com vários gaúchos e Marcial foi dizendo: apartem esse brasino, o barroco fumaça, o osco guampa-torta, esse cabrito..." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 20).

CABRITO², S.m. Variedade de pão. "Para a mualda serviu o café e o marido trouxe com certo orgulho um prato com fatias de pão *cabrito*..." (Érico, O Retrato, 2ª ed., p. 111).

CABRIÚVA (Do guar. *kabu* + *ré* + *iva*, árvore do caboré), S.f. Bot. Árvore da família das papilionáceas. Tronco de madeira avantajado, retilíneo, redondo. Flores compostas. Galhos muito verticais, pinnatifidos. Casca rugosa, medianamente suculenta. Fruto oblongo, indeiscente, com forte cheiro terebentináceo, antidiarréico. Cor clara, em forma de vagem alada. Remo de propriedades balsâmicas, constituindo excelente tônico nervino. Madeira um pouco dura, compacta, não elástica, mas resistente à serra, de superfície irregular e grande peso específico, lustrosa. As flores brancas, melíferas e aromáticas desabrocham em setembro a outubro (*Myrcarpus frondosus* Allee). "Não bolia um galho da *cabriúva* calma abafava..." (V. Pires, Querência, p. 138). "Está vendo aquela *cabriúva* no topo da caxilha?" (Érico, O Retrato, 2ª ed., p. 427). "Durante a noite inteira, os torres..."



cabriúva ou guajuvira fagulhavam..." (Manoelito, Terra Xucra, p. 127). A *cabriúva*, tanto a preta como a amarela, dá bons palanques, muito duráveis..." (Pedro Ari, Formação do Gaúcho, p. 177).

Para amansar água-benta
A *cabriúva* dá a casca
E expondo ao sol e à borrasca

O tarumã é um parapeito/
Coronilha impõe respeito
E guajuvira não lasca!

José Nelson Corrêa, Décima do João Guará,
p. 59.

Rente ao cerno da *cabriúva*
rezava a prenda e a viúva,
uma ao seu gaudério alçado,
outra a um posteiro finado
e algum peño pedía chuva!

Ramirez, Disparo de Tropa, p. 103.

Leve o Rio Grande no peito.



CABRIÚVA-AMARELA, S.f. Bot. Árvore da família das papilionáceas. Folíolos finos, acuminados. Flores actinomorfas, dispostas em racimos. Cerne amarelo. Pl.: cabriúvas-amarelas.

CABRIÚVA-PRETA, S.f. Bot. Árvore da família das papilionáceas. Folhas compostas. Flores alvas. Madeira resistente. Pl.: cabriúvas-pretas.

D

DALCIN BARBOSA, Fidelis, Biogr. Escritor, jornalista e professor montenegrino, ex-capuchinho, nascido em 1915. Obras principais: *Semblantes de Pioneiros*, vultos e fatos da colonização italiana no Rio Grande do Sul, Juiz de Fora, Editora Lar Católico, 1961; *O Primeiro Beijo*, contos, ib., 1961; *O Prisioneiro da Montanha*, romance, São Paulo, Liv. Flamboyant, 1961; *O Rapaz que não Fumava*, contos, Juiz de Fora, Editora Lar Católico, 1962; *Prisioneiro do Abismo*, romance, P. Alegre, Edições Pauli-

DAE - Sigla do Departamento Aeroviário do Estado.



nas, 1962; *São Paulo*, biografia, ib., 1962; *Prisioneiro dos Bugres*, narrativa, Juiz de Fora, Editora Lar Católico, 1966; *Prisioneiro do Campo - A Epopéia dos Trigais de Passo Fundo*, novela, Caxias do Sul, Editora São Miguel, 1969; *A Colômbia*, id., ib., 1969; *Uma estrela no Céu*, narrativa, Lagoa Vermelha, Imprensa Planalto Ltda., 1969; *Campo dos Bugres*, romance, P. Alegre, Edição da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975; *História do Rio Grande do Sul*, ib., 1976; *Luiz Bugre*, narrativa, ib., 1977 e *Antonio Prado e sua História*, ib., 1980.

DALGRIN, Biogr. (V. Santos, João Adolfo dos).

D. ALPHA, Biogr. (V. Totta, Raul Ribeiro).

DALTRO FILHO¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data da criação: 16.11.1963 (M. de Tenente Portela). População:

1980.....1.934

O topônimo homenageia o General Manoel de Cerqueira Daltro Filho (1882-1938), militar baiano, que governou o estado como interventor no biênio 1937-1938.

DALTRO FILHO², Geogr. Vila, sede do distrito de Daltro Filho¹. // Posto de Saúde.

DALVA, Hidrogr. Arroio afluente do Segredo¹, pela margem direita (M. de Sobradinho).

DALVA MARIA, Biogr. (V. Souza, Waldomiro de Almeida).

DAMASCENO FERREIRA, Athos, Biogr. (1902-1975) - Jornalista e escritor porto-alegrense. Pseudônimos: Ferreira Jor, Peregrino Barbatana e Pierrot Blasé. Ativo colaborador de jornais e revistas, entre os quais *A Federação*, *a Ilustração Pelotense*, *A Máscara*, *a Kodak* e *o Correio do Povo*. Obras principais: *Poemas do Sonho e da Desesperança*, P. Alegre, Globo, 1927; *Poemas da Minha Cidade*, ib., 1936; *Moleque*, novelinha de arrabalde, ib., 1938; *Imagens Sentimentais da Cidade Roteiro de Porto Alegre*, crônicas, ib., 1940; *Jornais Críticos e Humorísticos de Porto Alegre no Século XIX*, ib., 1944; *Palco, Salão e Picadeiro em Porto Alegre no Século XIX*, ib., 1956; *A Imprensa Caricada do Rio Grande do Sul no Século XIX*, ib., 1962; *Persianas Verdes*, contos, P. Alegre, Globo, 1967; *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*, ensaio, ib., 1971 e *Sociedades Literárias em Porto Alegre no Século XIX*, id., Fundamentos da Cultura Rio-Grandense, P. Alegre, Fac. de Filosofia da UFRGS, 5ª Série.



Athos Damasceno Ferreira

Bibliogr. Zeferino Brasil, *Portas Rio-Grandenses*, Anuário-Indicador do Rio Grande do Sul, 7ª série, P. Alegre, 1926; Carlos Dante de Moraes, *O Poeta e Novelta de Porto Alegre*, Lanterna Verde, Rio, B, julho de 1944. *Praça Athos Damasceno Ferreira*: logradouro da capital, no bairro Floresta, conforme a lei nº 4.233 de 21.12.1976. O poemeto abaixo revela as boas qualidades líricas do autor:
Levo meus passos,
meus gestos lassos,
pelo caminho,
magro, sozinho...
E a noite dorme
Na sombra enorme...

DAMASCENO FERREIRA, Catão, Biogr. Jornalista e escritor porto-alegrense, falecido em 1869. Casou, em 27.07.1864, com Florinda da Fontoura Menna Barreto. Na capital, escreveu e fez representar inúmeras peças teatrais, foi colaborador dos periódicos *O Gualba* e *O Diógenes* e fundador do semanário *A Época* em 31.05.1863.

DAMASCENO FERREIRA, João, Biogr. (1849-1929) - Médico, político e escritor porto-alegrense. Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre em várias legislaturas. Obras principais: *Águas Passadas*, crônicas, Niterói, Tip. de Jerônimo Siqueira, 1920; *Teresópolis - Impressões de Viagem*, Rio, Empresa Gráfica Revista dos Trabalhadores, 1922 e *Revivências*, Rio, Tip. Leuzinger & Cia., 1928.



Publicamos aqui um soneto inédito do jovem e brilhante «novo» Athos Damasceno Ferreira. Foi destacado especialmente para «Kosmos» do livro «Kyries», a aparecer

T R I G A L E M F L O R

(Do poema «Kyries»...)

*Na manhã clara, sob a luz gloriosa,
O campo é loiro porque é loiro o trigo...
Florindo em vênus, na manhã radiosa,
Como eu quizera me sentir contigo!..*

*Ancia de alguma coisa velludosa,
Como as caricias do teu beijo antigo...
Porque foges, eterna milagrosa,
Se quanto mais me foges mais te sigo?*

*Estou fulgindo em sonhos obscuros
E, olhando o campo que se alonga, eu sinto
A loira orgia dos trigões maduros...*

*E olha que o trigo freme, qual si desse
Pão - para a bocca lubrica do Instincto,
Pão - para os labios mysticos da prece...*

A T H O S D A M A S C E N O F E R R E I R A

DAMASCENO VIEIRA, Arnaldo, Biogr. (1876-1949) — Militar e escritor porto-alegrense. Filho de João Damasceno Vieira Fernandes. Como poeta publicou os seguintes trabalhos: *Constelações*, Rio, Liv. J. Ribeiro Santos, 1903; *Baladas e Poemas*, Salvador, Tip. Baiana, 1911; *Poemas do Sonho e da Ironia*, Rio, Tip. da Revista dos Tribunais, 1919 e *Lendas da Princesa Loura*, São Paulo, Gráfica Editora Monteiro Lobato, 1925.

DAMASCENO VIEIRA FERNANDES, João, Biogr. (1850-1910) — Jornalista e escritor porto-alegrense. Assinatura usual: João Damasceno Vieira. Pseudônimos: Luciano de Aguiar e Renato. Pertenceu aos quadros da *Sociedade Partenon Literário*, desempenhando importante papel na vida da entidade. Escreveu crônicas, contos, dramas, comédias e trabalhos diversos, interessando-se principalmente pelo gênero poético, em que deu a lume os seguintes volumes: *Ensaio Tímido*, obra de estréia, P. Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1872; *Auroras do Sul*, Rio Grande, Tip. do O Artista, 1879; *A Musa Moderna* P. Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1885; *Esquínios*, P. Alegre, Liv. Americana, 1892; *Poemas e Quadros*, São Paulo, Papelaria Guarani, 1895; *A Castro Alves*, Salvador, Tip. do Diário da Bahia, 1898; *A Flor do Manacá*, Salvador, Tip. da Empresa Editora, 1900 e *Albatrozes*, Salvador, Lito-Tip. e Encadernação Reis & Cia., 1908. Como teatrólogo, escreveu *Adelina*, drama em 3 atos e 2 quadros, Pelotas, Liv. Americana, 1880 e outros trabalhos, todos encenados com êxito.



João Damasceno Vieira

Merecem citação ainda os seguintes livros de sua autoria: *Esboços Literários*, estudos críticos e poesia, P. Alegre, Tip. do Deutsche Zeitung, 1883; *Ecos de Paris*,

folhetins de crítica, P. Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1887; *Noites de Verão*, contos, P. Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1888; *Através do Rio da Prata*, impressões de viagem, ib., 1890 e *Memórias Históricas Brasileiras — 1500-1837*, Salvador, Oficina dos Dois Mundos, 1902. Bibliogr. Aquiles Porto Alegre, *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Tip. do Centro, 1916; João Pinto da Silva, *História Literária do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Globo, 1924 e Guilhermino César, *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Globo, 1956.

DAMIÃO, Hidrogr. Arroio afluente do Torquato pela margem direita (M. de Tupanciretã).

DANÇA, S.f. Briga; confusão; tumulto; sordem.

DANÇA-DA-AGACHADA, S.f. Antigo entretenimento ou folguedo popular, principalmente na celebração de São João e São Pedro. Pl.: danças-da-agachada.

DANÇA-DA-LARANJA, S.f. Antigo baile próprio dos festejos juninos. Pl.: danças-da-laranja.

DANÇA-DAS-CADEIRAS, S.f. Dança popular gaúcha, especialmente nos Campos de Cima da Serra. Pl.: danças-das-cadeiras.

DANÇA-DA-VELA-NO-COPO, S.f. Diversão muito em voga, outrora, durante as comemorações populares de São João. Pl.: danças-da-vela-no-copo.

DANÇA-DE-JARDINEIRAS, S.f. (V. Jardineira²). Pl.: danças-de-jardineiras.

Bailes, missas cantadas,
Muito boas brincadeiras
E, depois das cavalhadas,
Danças-de-jardineiras!

Alberto Herculano Menna Barreto, *Simpatia*, p. 41.

DANÇA-DE-RATO, S.f. Grande bulício; sordem; tumulto; enleio; agitação. Pl.: danças-de-rato.

DANÇA-DOS-FACÕES, S.f. Dança só de homens, que a executam fazendo evoluir e batendo umas nas outras as mãos, geralmente duas para cada participante. Pl.: danças-dos-fações.

DANÇATA, S.f. Reunião popular em que se toca e dança; bailarico.

DANCI, S.f. Variedade de bergamota, colhida em julho e agosto.

DANDÃO, S.m. Dança popular ligada ao ciclo dos fandangos. "Eram estas danças variadas e tomando as denominações de tirana, tatu, cará, feliz-amor, *dandão*..." (Cezimbra Jacques, *Ensaio Sobre os Costumes do Rio Grande do Sul*, p. 92).

E no meio do salão
com a gaita "conversando"
os pares vão se ajuntando
para dançar o *dandão*...

Fagundes, *Com a Lua na Garupa*, p. 8.

DANILO, Biogr. (V. Maia, João Cândido).

DANINHAR (De *daninho* + *ar*, cf. a raiz lat. *damnu*, dano), V.t.d. Traquirar; fazer diabruras (a criança).

DANISCO (Corr. de *danado* com o sufixo dim. *isco*), Adj. Mau; desagradável; incômodo aos sentidos.

DANTAS DE GUSMÃO, Aracy, Biogr. Escritora e *diseuse* porto-alegrense, nascida em 1896. Filha de Stella Dantas de Gusmão. Em 1919, no Rio, freqüentou o curso de declamação da professora Ângela Vargas. No ano seguinte realizou várias récitas em Porto Alegre, principalmente no Clube Caixeiral, onde foi apresentada ao público por Oldemar Roehring no grupo da revista *Iris*. Publicou *Êxtase*, versos, P. Alegre, Liv. Brasil, 1921. **Bibliogr.** João Pinto da Silva, *Fisionomia de Novos*, São Paulo, Gráfica Editora Monteiro Lobato, 1922 e Zeferino Brasil, Aracy Dantas de Gusmão, Anuário-Indicador do Rio Grande do Sul, 4ª série, P. Alegre, 1923.

DANTAS DE GUSMÃO, Stella, Biogr. (1878-1950) — Professora, declamadora e escritora porto-alegrense. Em 1895 casou com o Dr. Antonio Soares Amaya de Gusmão. Autora de *Pequena História do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Liv. Americana, 1911.

DANTE DE MORAES, Carlos, Biogr. Advogado e escritor santa-mariense, nascido em 1902. Autor de vasta e expressiva obra no campo literário, em que se iniciou com *Viagens Interiores*, Rio, Schmidt Editor, 1931, obra de análise e interpretação crítica à qual se seguiram dois estudos de idêntico conteúdo: *Tristão de Athayde e Outros Ensaios*, P. Alegre, Globo, 1937 e *A Inquietação e o Fim Trágico de Antero de Quental*, ib., 1939. O seu livro *Figuras e Ciclos da História Rio-Grandense*, 1959, constitui excelente contribuição à sociologia regional.

DAR A CASCA, Loc. verb. (V. Dar o timbó).

DAR A LONCA, Loc. verb. (V. Lonca).

DAR A MÃO, Loc. verb. Deixar-se facilmente pegar (o cavalo).

DAR CANCHA, Loc. verb. (V. Cancha).

DAR CARNIÇA AOS CORVOS, Loc. verb. (V. Corvo).

DAR CHÁ DE GARFO, Loc. verb. Dar indiretas; fazer insinuações.

DAR CHANGUI, Loc. verb. (V. Changui).

DAR COICE NA MAÇAROCA, Loc. verb. Tornar-se colérico; exasperar-se; exaltar-se.

DAR COLA AO VENTO, Loc. verb. (V. Cola).

DAR CORDA, Loc. verb. (V. Corda¹).

DAR CRUZO, Loc. verb. (V. Cruzo).

DAR DE ESPORAS, Loc. verb. Esporear. "Artêmio, vaqueanaço em ruídos perigosos, dá de esporas disparando campo fora..." (Jader, C. do Povo, Caderno de Sábado, 01.02.1975).

DAR DE RÉDEA, Loc. verb. Fazer (a montaria) rodopiar sobre as patas traseiras, tomando direção oposta; o mesmo que dar de rédeas. "O negro — era ginetaço — deu de rédea..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 29). "E deu de rédeas rumo à fronteira..." (Fontoura, Umbu, 2ª Série, 14). "Deu de rédea e foi descambando o cerro com o peão..." (Antero, Mensagem a Poucos, p. 60).

Chimarrita quando nova

Uma noute me atentou.

Quando foi de madrugada

Deu de rédea e me deixou!

DAR DEZESSETE EM TERRA LAVRADA, Loc. verb. Evadir-se desabaladamente; sem levar em conta os obstáculos da fuga.

DAR ENTRADA, Loc. verb. Deixar-se requestrar (a mulher); dar confiança; permitir intimidade; admitir a corte de. "A diaba era casada e séria como tamanco. Nunca me deu entrada." (Piá do Sul, Amores do Capitão Paulo Centeno, p. 74). "China bonita que lhe desse entrada, era dele na certa..." (Delfino, Conceito, p. 23).

DARIO LASSANCE¹, Geogr. Distrito na região da Campanha (M. de Bagé).

DARIO LASSANCE², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

DAR LETRÃO, Loc. verb. Brilhar; distinguir-se; salientar-se; sobressair; notabilizar-se; aventajar-se; dar mostra do pano.

DAR MOSTRA DO PANO, Loc. verb. (V. Dar letrão).

DAR O COURO, Loc. verb. (V. Dar o timbó).

DAR O COURO À ADAGA, Loc. verb. (V. Adaga).

DAR O ESTALO, Loc. verb. Deitar (a cebola) o talo foliar.

DAR O Ó DE CASA EM TAPERA, loc. verb. Perder tempo com questões de solução impossível; reivindicar ou pleitear em vão, sem possibilidade de êxito.

DAR NOS PREGOS, loc. verb. Enfurecer-se; enraivecer; irar-se até ficar violento ou sumamente aborrecido.

DAR O CANO, Loc. verb. Mostrar-se adverso; não atender a pretensão de; recusar (pedido, solicitação, etc.).

DAR O TIMBÓ, Loc. verb. Morrer; dar o couro; dar a casca.

DAR O TOMBO, Loc. verb. Causar prejuízo ou transtorno financeiro a.

DAR PANCAS, Loc. verb. Causar admiração ou sucesso.

DAR PONTO, Loc. verb. Lograr êxito ou resultado favorável (aquilo que se emprende, que se realiza). "Eu tenho até um processo velho, que sempre *deu ponto*..." (Ruschel, O Gaúcho a Pé, p. 107).

DAR SEDEIRA, loc. verb. (V. Sedeira).

DAR SOTA E BASTO, Loc. verb. (V. Sota).

DAR TIRO NO ESCURO, Loc. verb. Cometer tolices; portar-se como bobo ou erradamente; perder a cabeça; praticar desatinos.

DAR TRENA, Loc. verb. Deixar que o adversário escolha a distância da carreira.

DAR TUDO, Loc. verb. Correr o animal até o máximo de suas forças (nos hipódromos). *O tordilho deu tudo na reta dos fundos*.

DAR UM PALO, Loc. verb. Infligir severa revés ao competidor; vencer com nítida superioridade.

Daf pra frente o rosilho
volta e meia *dava um palo*.

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 23.

DAR VAU, Loc. verb. (V. Vau).

E

EICHENBERG, Carlos Júlio Edmundo, Biogr. (1884-1963) — Comerciante, natural de Santa Cruz do Sul. Rubrica usual: Edmundo Eichenberg. Filho do imigrante Georg Julius Eichenberg que, procedente do Grão Ducado de Esse, veio para o Rio Grande do



Edmundo Eichenberg

Sul em meados do século XIX. Com apenas 14 anos de idade, trasladou-se para Porto Alegre, ingressando como empregado subalterno na firma Germano Wahrlich & Cia. Posteriormente prestou serviços a outras importantes organizações. Diretor da Companhia União de Seguros Marítimos e Terrestres, fundada em 24.08.1891. Sócio da firma Secco & Cia., surgida em 1899. Diretor da Companhia de Seguros de Vida e Previdência do Sul. Cônsul honorário do Chile por 28 anos consecutivos.

EIGAZ, Interj. Exprime alegria, incitamento, também admiração. "*Eiga los bichos mortos!*" (V. Pires, Querência, p. 110).

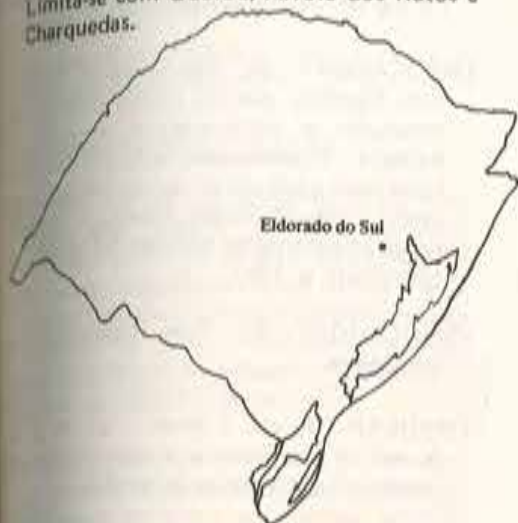
EIRA (Do lat. *area*), S.f. Clareira para a sapecagem da erva-mate.

EITO (Do lat. *ictu*), S.m. Pedaco de terra. "*Temos um eito para vencer.*" (Manoel Terra Xucra, p. 86).

ELBERTA, S.f. Variedade de pêssego.

ELDORADO DO SUL¹, Geogr. Município da Depressão Central. Data da criação: 08.06.1988. Área territorial: 634 km². População: 1988.....15.000

Limita-se com Guafba, Arroio dos Ratos e Charquedas.



Eldorado do Sul: localização geográfica

ELDORADO DO SUL², Geogr. Cidade, sede do município de Eldorado do Sul. Nome anterior: Eldorado. // Instituto de Desenvolvimento Comunitário, fundado em 20.05.1988 sob a presidência de Neuza Maria da Costa Borges.

EL LEAL, Biogr. (V. Pellanda, Ernesto).

ELEMENTAR (De *elemento* + *ar*, cf. o lat. *elementu*), S.m. Antigo curso primário até a 3ª Seleta. "Não vais convidar nenhuma das tuas amigas de *elementar*?" (Érico, *Música ao Longe*, 3ª ed., p. 166).



ELSBÃO, Orogr. Morro no distrito de Costa da Cadeia (M. de Triunfo).

ELSBÃO, O FURÃO, Biogr. (V. Porto, Aurelio Afonso).

ELETRA¹ (Flexão fem. de *eletro*, cf. o lat. *electru*), Geogr. Distrito nos Campos de Cima da Serra. Data de criação: 31.12.1932 (M. de São Francisco de Paula). População: 1980.....877

ELETRA², Geogr. Vila à margem esquerda do Santa Cruz, sede do distrito de Eletra. Nome anterior: Salto.

ELETROCAR – Sigla das Centrais Elétricas de Carazinho S.A.



Barragem da Eletrocar

ELIANA, Biogr. (V. Laudares, Elisabete Lopes).

ELMANO SADINO, Biogr. (V. Cardim, Pedro Augusto Gomes).

ELSNER, Artur, Biogr. Compositor e musicista porto-alegrense, nascido em 1899. Perdendo a visão pouco depois de nascer, freqüentou o Instituto Benjamin Constant do Rio, onde aprendeu vários instrumentos de percussão e sopro, notabilizando-se principalmente como pianista, acordeonista e baterista. Regressando a Porto Alegre em 1913, organizou excelente conjunto de música popular, passando a integrar em 1948 a Banda Municipal. Compôs grande número de partituras, entre as quais *Rapsódia 1835*, poema sinfônico e *Minuano*, canção de gênero ligeiro, inicialmente escrita para acordeão, com letra de Ney Messias.

ELY, Hesse, Biogr. (V. Ferreira de Souza, Lamartine).

ELZEVIR, Biogr. (V. Carmo, Manoel do).

EMALOCAR (De *em* + *maloca* + *ar*), V.t.d. Reunir em malocas.

EMANGUEIRAR (De *em* + *mangueira* + *ar*), V.t.d. Meter na mangueira; encurralar; encerrar.

EMARTILHAR, V.t.d. (V. Amartilhar). "Mas, deitado mesmo, *emartilhou* a pistola..." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 140). "Sentia-se uma garrucha *emartilhada* para o tiro..." (Apparício, Finado Trançado, p. 118).

EMASSILHAR (Da raiz amassilho), V.t.d. Colocar a massa nos vidros das janelas.

EMATER — Sigla da Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural, fundada na capital em 14.03.1977 por iniciativa da FARSUL, Secretaria da Agricultura e outros órgãos privados e públicos.

EMBALSAR¹ (De *em* + *balsa* + *ar*), V.t.d. Reunir madeiras, em forma de balsa², para transportá-las através do rio Uruguai em época de enchentes.

EMBALSAR², V.t.d. Colocar o peixe na salga (no Litoral).

EMBARCADOURO (De *embarcar* + *douro*), S.m. (V. Mangueira¹).

✕ EMBARRIGAR (De *em* + *barriga* + *ar*), V. int. Principiar a engordar (o animal), por efeito do bom trato ou do bom estado agrostológico do campo. "Quando a primavera chegava, o gado pelechava, *embarri-gando*." (Manoelito, Terra Xucra, p. 121).

EMBELECO (ê) (Contr. de *embelecar* + *o*, cf. o ár. *baliq*, vulgarmente *beleq*), S.m. Presente; mimo; regalo; dádiva; objeto cedido gratuitamente. "Traz então uns *embelecos* pra Rosinha." (Anita, As Andanças do Zeca Pedro, p. 97).

EMBIARA (Do guar. *mbi'ara*), Hidrogr. Ribeirão que desemboca no Tupanci, pela margem direita (M. de São Sepé).

EMBIRA-BRANCA, S.f. Bot. Arbusto da família das timeleáceas. Folhas lanceoladas e acuminadas. Flores miúdas. Casca fibrosa. Fruto tóxico. Pl.: embiras-brancas.

EMBIRA-VERMELHA, S.f. Bot. (V. Ariticum-folha-de-salgueiro). Pl.: embiras-vermelhas.

EMBIRUÇU, S.m. Bot. Árvore da família das bombacáceas. Flores grandes. Folhas compostas, digitadas. Fruto em forma de cápsula, repleto de pêlos longos. (Guazuma ulmifolia Lann.).

EMBOABA, Geogr. Localidade no distrito de Vasconcellos (M. de Tapes). // Escola Municipal de 1ª Grau Inc. São João Batista. Fundação Educacional Agrícola Ruy Ramos.

EMBOABAS, Geogr. Povoação na região Litoral (M. de Tramandá).

EMBOCADOR¹ (ô) (De *embocar* + *o*), S.m. Operário que nas olarias introduz o amassador a matéria-prima extraída do barro. "O *embocador* coloca o barro no tonel com a pá, antes ligando um pequeno motor." (Paula Simon Ribeiro e Rogério Fossari Sanhotene, Viamão — Tradição e Identidade, p. 185).

EMBOCADOR² (ô), S.m. Dispositivo de trilhadreira.

EMBOCAR (De *em* + *boca* + *ar*, cf. o ár. *bucca*), V.t.d. Preparar a abertura de uma nova galeria (nas minas de carvão).

EMBODOCAR (De *em* + *bodoque* + *ar*), V.t.d. Entortar uma galeria, quanto ao alinhamento (nas minas de carvão).

EMBODOCAR-SE, V. pr. Arquear o lombo do cavalo para corcovear.

EMBOLSADOR (ô) (De *embolsar* + *o*), S.m. Aquele que cuida do serviço denominado embolsamento; o mesmo que embolsador. "Feito o embrulho, atira-o a um canto onde se vão amontoando até que os homens para o *embolsador*..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 320). "O arranchamento era feito por cima de setenta homens, entre tocadores, agarradores, curadores, *embolsadores*." (Heraclides, Onze Braças de Caminho, Algumas Sobras, pp. 65-66).

EMBOLSAMENTO (De *embolsar* + *o*), S.m. Ato ou efeito de embolsar.

EMBOLSAR (De *em* + *bolsa* + *ar*), V. t. Meter em bolsa; ensacar; enfiar (palmente a lá).

EMBOMBACHADO, Adj. Vestido com bombacha. "A peonada lá da estância lindíssima *embombachada*..." (Florence, Quem é Quem — Memória de uma Pequena Cidade, p. 302). "Indivíduos trajados à moda *embigodados, embombachados*..." (R. Farina, Tato Gomez, Herói de Pádua, p. 22).

EMBONECAMENTO (De *embonecar* + *o*), S.m. Ato ou efeito de embonecar.

EMBONECAR (De *em* + *boneca* + *ar*), V. int. Criar espiga (o milho). "Recém estava *embonecando* a lavoura do meio..." (Antonio Damião, *Apenas o Verde Silêncio*, p. 15). "Tempo bom, chuvas medidas, o milharal, que era uma beleza, penduou bem, *embonecou* melhor ainda..." (Luiz Odilom, *Entrevero de Causos*, p. 213).

Ela vem sempre lindaça
Como planta *embonecando!*

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 24.

EMBOQUE (Contr. de *embocar* + *e*), S.m. Antigo jogo infantil. Consistia em atirar moedas, fragmentos de telha ou pedacinhos de louça, fazendo-os entrar numa fenda previamente aberta na terra. "Hoje ninguém vê mais nas ruas a gurizada garrulante jogando a sapata, o *emboque*..." (Aquiles, *À Sombra das Árvores*, p. 15).

EMBORNAL (De *em* + *bornal*, cf. o baixo lat. *bornellu*, tubo), S.m. Espécie de saco, geralmente de couro, com milho debulhado, que se coloca no focinho do cavalo para arraçoa-lo. // Forma aferética: bernal.

EMBORQUILHAMENTO (De *emborquilhar* + *mento*), S.m. Ato ou efeito de emborquilhar.

EMBORQUILHAR (De *em* + *borquilha* + *ar*), V.t.d. Pôr de boca para baixo; emborcar; virar de borco; (por ext.) morrer.

EMBORRACHAMENTO, S.m. Fase de formação dos grãos do pólen nas lavouras de arroz.

EMBRABAR (De *em* + *brabo* + *ar*, cf. o lat. *barbaru*, bravo), V. int. Arrufar-se; amuar-se; irritar-se; encolerizar-se. "Mas não valia a pena *embrabar* pra modo tias levianas..." (V. Pires, *Querência*, p. 129).

Manduca velho, o que é isso?
Você está de marca quente!
Quem cantou com tanta graça
Não *embraba* de repente!

M. Pereira Fortes, *Cantares da Minha Terra*, p. 107.

EMBRETADA (Flexão fem. substantivada do adj. *embretado*), S.f. Ação ou efeito de embretar; o mesmo que embretamento; (por ext.) obstáculo de que é difícil sair; negócio intrincado; contingência adversa; situação embaraçosa; entalção. "Na guerra gente às vezes se vê nestas *embretadas*..." (Lopes, *Contos Gauchescos*, p. 108).
Logo se veria a *embretada* do turco!"

(Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 47).

EMBRETADO (Part. de *embretar*), Adj. Metido em brete (o animal); (por ext.) encurralado; metido em lugar estreito e sem saída; encantado. "Apertado ali no canto como novilho *embretado*, o moço, que era um tropeiro buenaço, se defendeu dos pontações..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 14). "O passo tomado; o inimigo *embretado* na mataria..." (Darcy, *Contos Rio-Grandenses*, p. 14).

EMBRETADOR (ô) (De *embretar* + *dor*), S.m. Aquele que embreta.

EMBRETAMENTO (De *embretar* + *mento*), S.m. (V. *Embretada*).

EMBRETAR (De *em* + *brete* + *ar*), V.t.d. Meter (animais) no brete. "Vinham das mangueiras os ruídos dos chocalhos e das vozes dos encerradores que *embretavam* o primeiro lote." (V. Pires, *Querência*, p. 82); (por ext.) pôr em clausura; prender; encurralar. "Não havia esses corredores que fazem a desgraça da campanha, *embretando* a gauchada..." (Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 116).

Eu *embretei* no meu peito
Sestroso e corcoveador
Um coração rafoneiro
Pra as rédeas do teu amor!

Vargas Neto, *Tropilha Crioula*, p. 72.

Burlequiando pela vida,
banquel na rédea, ao te ver.
Tu me *embretaste*, em seguida,
no curral do bem querer...

Ramirez, *Disparo de Tropa*, p. 122.

EMBROMA (Contr. de *embromar* + *a*), S.f. Ato ou efeito de embromar; delonga; adiamento; retardação; demora; dilação desnecessária; protraimento calculado; tergiversação; o mesmo que embromação. "Que culpasse o caalo da *embroma*, estava maceta das duas patas." (Callage, *Rincão*, 2ª ed., p. 81).

Sofreu o golpe seguro
E deu troco, sem *embroma*.
O paraguaio macota
De espada robo-de-galo
Emborcou, bateu a bota,
Perdeu pilchas e o caalo!

M. Faria Corrêa, *Rumo aos Pagos*, p. 101.

EMBROMAÇÃO (De *embromar* + *ação*), S.f. (V. Embroma). "Que *embromação* alpe-do..." (Ramirez, Rio dos Pássaros, p. 255).

EMBROMADOR (δ) (De *embromar* + *dor*), Adj. Que faz esperar; retardador; moroso; de movimentos lentos e tardios; o mesmo que embromeiro. "Como é, seu Claudionor, dizem por aí que tu, para campear rês perdida, anda muito *embromador*..." (Fernando, Na Querência da Palma, p. 20).

EMBROMAR (Do esp. plat. *embromar*), V.t.d. Retardar; demorar na execução de um trabalho; proteiar; mover-se com lentidão; espaçar; prolongar; delongar a solução de um negócio, a tomada de uma decisão. "Eu fui *embromando*, recalçado..." (V. Pires, Querência, p. 123). "Atropelassem: não convinha *embromar*. O dia estava esquentando..." (Callage, Quero-Quero, p. 47). "E discutiam só pra *embromar* no mais..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 80).

EMBROMEIRO (De *embromar* + *eiro*), Adj. (V. Embromador). "Quando conduzia a tropa ia sempre devagar, não por ser *embromeiro*..." (Fattori, Campo Solitário, p. 69).

EMBRULHÃO (Do esp. plat. *embrollón*), Adj. Trapaceiro; imbaidor: que por hábito burla a confiança alheia; s.m. homem trapalhão, de má-fé.

EMBRULHO (Contr. de *embrulhar* + *o*, cf. o it. *imbrogliare*), S.m. Agrupamento, mistura desordenada de pessoas ou animais; baralhada; estado dos parceiros que, na cancha, correm confundidos. "Foi aquele *embrulho* de saída, *embrulho* nas duas quadras..." (Severo, Visão do Pampa, p. 26).

EMBUÇADELA (De *embuçalar* + *ela*), S.f. (V. Embuçamento).

EMBUÇALADO (Part. de *embuçalar*), Adj. Metido no buçal (o animal); (fig) enganado; iludido; seduzido com promessas falazes. "Mas o *embuçalado* já tocava a trote largo..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 86). "Cuepuxa, paisano! O Nico *embuçalado* e contraponteado..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 38).

EMBUÇALAMENTO (De *embuçalar* + *mento*), S.m. Ato ou efeito de embuçalar; embuçadela; (fig.) engodo; ludibrio; embuste.

EMBUÇALADOR (δ) (De *embuçalar* + *dor*),

S.m. Aquele que embuçala; (fig) trapaceiro, enganizador.

EMBUÇALAR (Do esp. plat. *embuzalar*), V.t.d. Pôr o buçal em. "Embuçalou o animal e puxou-o de a cabresto..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 208). "Laçada, bagualada era *embuçalada*, enfiada, encilhada..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 156); (fig) iludir; tapear; cativar por meios ardilosos; enganar; seduzir com aparências vãs. "Mas, puxa-barbaridade, o Lula deixou *embuçalar* por aquele carcamano!" (Freitas, Gauchadas, p. 48). "Dizer que fomos todos *embuçalados* pelo petição..." (Martins, Caminhos do Sul, p. 268).

Hoje mesmo no fandango
Aplico o tangelomango
E ao som de gaita e violão
Aos pais da prenda *embuçalo*
No tiro e queda do pião!

Ramirez, Gauchescas, p. 48.

EMBUCHAR (De *em* + *bucha* + *ar*), V.t.d. Enganar; iludir. "Descobri um dia desta por acaso, que o Pereirinha nos *embuchou*..." (Cyro, Mensagem Errante, p. 67).

EMBURRO (Contr. de *emburrar* + *o*), S.m. Amuo; mau humor; agastamento; teimosia; capricho.

EM CIMA DA TÁBUA, Loc. adv. Já no fim da raia.

EM CIMA DO LAÇO, Loc. adv. (V. Laço³).

EM DUAS PALETADAS, Loc. adv. (V. Paletada).

EMENDA (Contr. de *emendar* + *a*, cf. o it. *emendare*), S.f. Lugar onde se ligam os nódulos da cana-de-açúcar.

EMPACAR COMO TOURO EM SANTA-FÉ, Loc. verb. (V. Santa-fé).

EMPACHADO, Adj. Diz-se do equino que, embora manso, costuma enraivecer e corcovear antes de caminhar; o mesmo que empalhado. "Saf lombeando-me, *empachado* no mais..." (Piá do Sul, Farrapo, p. 82).

EMPALHADO (Part. de *empalhar*), adj. (V. Empachado).

EMPACHE (Corrupt. de *empacho*), S.m. Empanzinamento; enfartamento. "De *empache* de carne de marreca na multão..." (Herlein, A Volta do Gaúcho, p. 21).

Aguirre, p. 16). "Além destes, sangrias para a hipertensão e massagens com sabugo, cinza e alho para o *empache*..." (Dornelles, *Causos da Querência*, p. 84).

EMPACHOLADO, Adj. Com ares, jeito ou maneira de pachola.

EMPALHADOR (ô) (De *empalhar* + *dor*), Adj. Que retarda a conclusão de (trabalho ou negócio); s.m. indivíduo molenga, indolente.

EMPANDILHAR (De *em* + *pandilha* + *ar*), V.t.d. Reunir em pandilha (animais cavalares).

EMPANDILHAR-SE, V. pr. (V. *Apandilhar-se*). "Gente de topete *se empandilhava* com as maltas de bandidos..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 59).

EMPAQUETADO (Part. de *empacotar-se*), Adj. Bem-posto; elegante; vistoso.

EMPAQUETAMENTO (De *empacotar-se* + *mento*), S.m. Ação ou efeito de empacotar-se; garridice; ostentação; louçania; ataviamento; catitice; apresentação pomposa.

EMPAQUETAR-SE (Do esp. *empaquetarse*), V. pr. Vestir-se com extremado apuro;

ataviar-se; trajar-se com requintes de elegância; alindar-se.

EMPARDAR¹ (Do esp. plat. *empardar*), V.t.d. Igualar; nivelar; equiparar; tornar semelhante. "A moça, puro entono crioulo, com boniteza de tourear topetudos, outra não lhe *empardava* pelas ceranias..." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 66).

EMPARDAR², V.t.d. Fazer idêntico número de pontos (no truco).

EMPARELHAR (De *em* + *parelho* + *ar*), V.t.d.e pr. Pôr-se ao lado de. "E a trotezito bateram na marca, também ao som metálico dos freios que mastigavam os fletes, *emparelhados*..." (Osório, *Fogo Morto*, p. 264). "Quando o branco fronteou, ele quis *emparelhar* e *emparelhou*..." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 229). "Um pulo, mais um tranco e *se emparelhou* com o viajero." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 18).

EMPARELHAR O COCURUTO, Loc. verb. Desferir pancadas na cabeça de. "Aquilo Major *emparelhou o cocuruto dum!*" (Severo, *Visão do Pampa*, p. 65).

EMPARVADO (Part. de *emparvar*), Adj. Diz-se do vegetal (forragem ou cereal) armazenado em parva.

F

FAGUNDES, Hidrogr. Arroio tributário do Boici, pela margem esquerda (M. de Pinheiro Machado).

FAGUNDES, Antonio Augusto da Silva, Biogr. Advogado, jornalista e escritor alagoense, nascido em 1934, afetivamente conhecido como Níco nos meios tradicionais. Rubrica usual: Antonio Augusto Fagundes. Pseudônimos: Candinho Bichardo, Chico Santos, Jarau Santos e Juca Ramos. Além de outros trabalhos, escreveu *Destino de Tal*, novela regional, P. Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1964; *Com a Lua na Garupa*, poesia crioula, P. Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1981; *Causos de Cópia*, contos, ib. 1984 e *Novos Causos de Cópia*, id., ib., 1985.

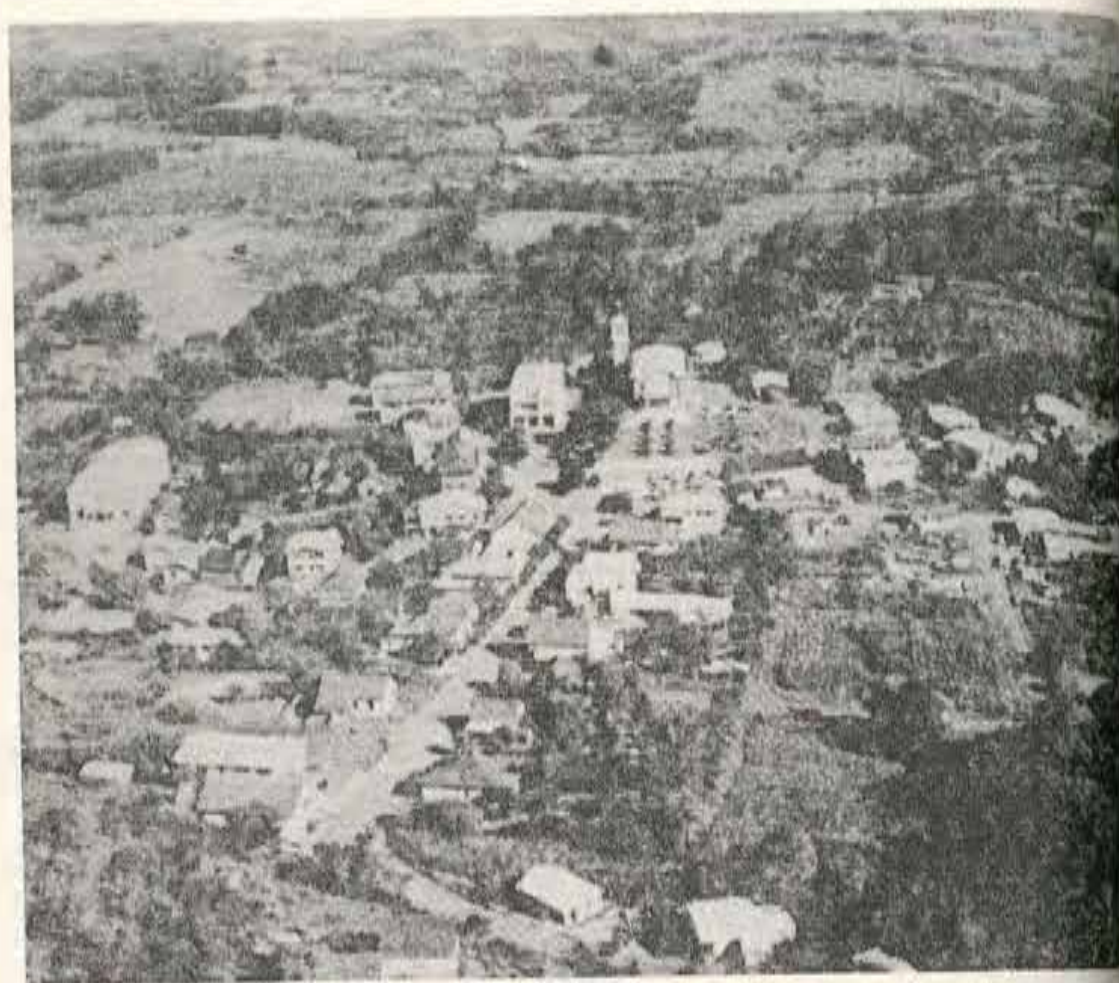
FAGUNDES, Leonel Muniz, Biogr. (1880-1924), Jornalista e escritor, natural de Grande. Neto paterno de Pedro Canga. Colaborador de vários periódicos,

entre os quais *O Jornal* e *O Affinete* de Jaguarão. Redator da *A Imprensa* na cidade natal.

FAGUNDES, Pedro Muniz, Biogr. Poeta popular hervalense, conhecido como Pedro Canga. Compôs idílios de caráter pastoril, odes, descantes, quadras e poematos de sabor bucólico. Legalista extremado em 35. Bibliogr. Guilhermino César, *O Embuçado de Herval*, Mito e poesia de Pedro Canga, P. Alegre, Gráfica Editora A Nação, 1968.

FAGUNDES VARELA¹, Geogr. Município na Encosta Superior do Nordeste. Data de criação: 08.12.1987. Área territorial: 133 km². População estimada: 1988.....3.500

Limita-se com Veranópolis, Cotiporã, Guaporé e Nova Prata. Locais de interesse turístico: Grutas do rio Carreiro e de N. Sra. de Lourdes, Morro da Testa e Visão Panorâmica.



Cidade de Fagundes Varela



JOÃO FAHRION:
"Interior com figuras" (óleo)





Trecho da RS/7 – moderna rodovia entre as
cidade de Passo Fundo e Getúlio Vargas

FAILLACE, Tânia Jamardo, Biogr. Escritora
porto-alegrense, nascida em 1939. Assina-
tura literária: Tânia Faillace. Obras princi-
pais: *A Descoberta*, *Um Navio*, contos na
antologia *Nove do Sul*, P. Alegre, Editora
Difusão da Cultura, 1962; *Fuga*, novela, P.
Alegre, Globo, 1964; *Adão e Eva*, id. ib.,
1965; *O 35º Ano de Inês*, novelas, P.
Alegre, Editora Movimento, 1971.



Tânia Jamardo Faillace

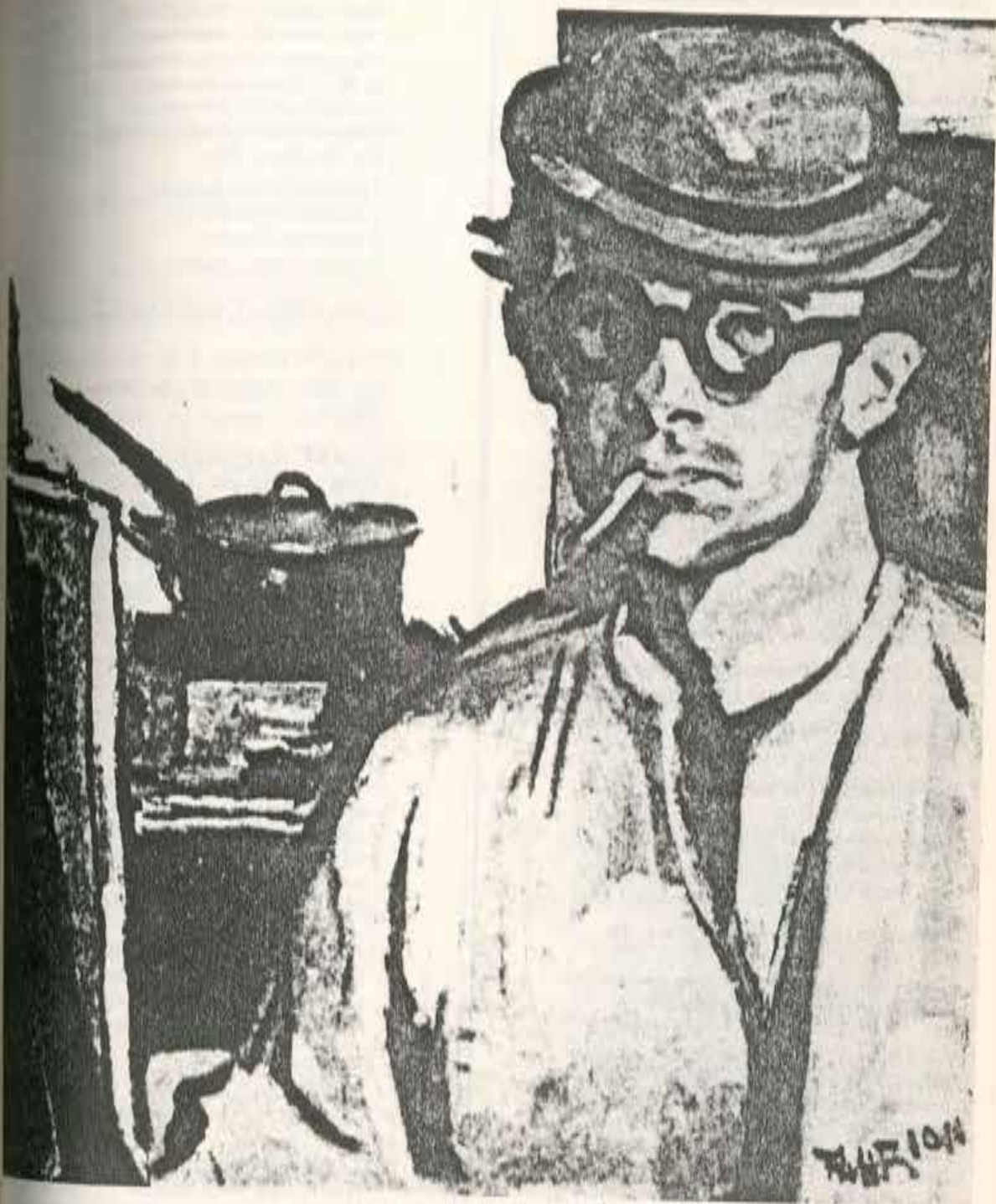
Tânia Faillace na coletânea *Nove do Sul* (1962)



Tânia Faillace numa foto de 1987

FAIR – Sigla das Faculdades Integradas
Instituto Ritter dos Reis de Canoas, fun-
das em 18.10.1971.

FAIXA¹ (Do lat. *fascia*, através do *cartão*
faxa), S.f. Tira de tecido que, envolvendo
cintura, sob a guaiaca, ajuda a segurar
chiripá ou a bombacha. "O Alemão em



João Fahrion — Autocaricatura

REVISTA DO GLOBO

Autocaricatura de João Fahrion para a capa da
Revista do Globo Nº 5 (fevereiro de 1931)

de alpargata, bombacha remangada, *faixa* na cintura..." (Fagundes, Novos Causos de Galpão, p. 12).

Onde nasceu o gaúcho?
De onde vieram bota e *faixa*?
Da mesma terra do laço
Do chimarrão, da bombacha!

Ramirez, Cancioneiro das Noites do Sul, p. 55.

FAIXA², S.f. Estrada encascalhada, ensabreada ou pavimentada. "Mexeram-se de mansinho as ervas nos lados da *faixa*..." (Jacques, Brigadianos, p. 8). "O auto desliza em grande velocidade pela *faixa* de cimento." (Érico, Olhai os Lrios do Campo, 4ª ed., p. 6). "E prossegue pela *faixa* de cimento. A *faixa* de cimento se alonga." (Vergara, Histórias do Irmão Sol, p. 203). "Como sou esperto, não pego o Assunção, que me deixa na *faixa*..." (Zahyra Petry, O Menino do Lado de Lá, p. 48).

FAIXA-BRANCA, S.f. Certa raça suína. Pl.: faixas-brancas.

FAIXINHA, S.f. Denominação popular da RS/239 entre Sapiranga e Novo Hamburgo.

FAJUTO, Adj. (V. Falhuto).

São muitos anos de espera
e de promessa *fajuta*
e quem não saiu da luta
deixou a vida na geada,
no frio, na milicada...

Roberto Mara, Pampa e Coxilha, p. 19

FALACA, S. 2 gên. Montaria de boa qualidade, principalmente ligeira e vivaz.

FALAÇADA (De *fala* + *ç* + *ada*, cf. o lat. *fabulare*, conversar), S.f. Ruído de muitas pessoas falando ao mesmo tempo; o mesmo que falaraz. "Foi logo, dentro do vagão uma *falaçada*..." (Dyonélio, O Louco do Catí, p. 257).

FALADOR (O), Impr. Semanário dominical porto-alegrense, fundado em 24.10.1869. Formato de 29 X 21. Quatro páginas. Composto e impresso nas oficinas do *Jornal do Comércio*.

FALARAZ, S.m. (V. Falaçada).

FALCÃO DA FROTA, Júlio Anacleto, Biogr. (1836-1909) - Militar catarinense. Marechal de campo em 1890 - ano em que governou o Rio Grande do Sul, de 11 de fevereiro a 6 de maio.

FALHADA (Part. de *falhar*), Adj. Que não ficou prenhe no tempo próprio (a fêmea). "Era uma vaca brasina xucra, guampuda, já meio velha, *falhada*..." (Freitas, Gauchadas, p. 59). "Gostava de arreglar a lida no cede e, logo que desterneirava, apartava no rodeio mesmo as vacas *falhadas*..." (Anita, Meu Rincão, p. 60).

Terneira sem mãe é guaxa;
Vaca sem cria é *falhada*;
Arroio fora da caixa
É várzea cheia, alagada...

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 65.

FALHAR¹ (De *falha* + *ar*, cf. o lat. *fallia*), V. int. Não empreenhar no tempo próprio (a fêmea).

FALHAR², V.t.d. Interromper ou suspender (uma viagem) por motivo de força maior. "Não podíamos *falhar* por tempo indefinido." (Hemetério, As Missões Orientais e seus Antigos Domínios, p. 290).

FALHUTA¹ (De *falha* + *uta*), Adj. Diz-se da fêmea que, embora servida oportunamente, falha na procriação.

FALHUTA², Adj. Diz-se da planta cujos flósculos não produzem sementes.

FALHUTO (De *falha* + *uto*), Adj. Que não teve efeito; frustâneo; sem proveito; malogrado; que não deu fruto; baldio; fajuto. "Com o reboliço da caçada *falhuta*, o tubão no trocou orelha." (Cyro, Campo Fechado, p. 68). "Nada! Jóquei *falhuto*, jóquei grande!" (Vergara, Estrada Perdida, p. 199).

FALSA-ERVA-MATE, S.f. Bot. Arbusto da família das mirsináceas. Flores com pétalas e sépalas lobadas (*Rapanea matensis* Mez). Pl.: falsas-ervas-mates e falsas-ervas-mate.

FALSA-FLECHILHA, S.f. Bot. Planta da família das gramíneas. Caule com entrenós salientes. Pl.: falsas-flechilhas.

FALSO-PARATUDO, S.m. Bot. Planta da família das apocináceas. Flores amarelas pendunculadas. Fruto em forma de folículo linear com sementes coroadas de pilosidade compridos. Pl.: falsos-paratudos.

* **FALTA** (Do lat. *fallita*, flexão fem. de *fallitu*), S.f. Passamento; óbito.

FALTA ENVIDO, Expr. (V. Truco).

Quem joga mostrando as cartas
não ganha uma *falta envido*.

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 22.

FALTAR (De *falta* + *ar*), V. int. Expirar; morrer. "Um dia *faltou* o padrinho; tinha o piá seus dezoito anos..." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 255).

FAMECOS — Sigla da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC/RS, fundada em 1952.

FAMÍLIA (Do lat *familia*), S.f. A prole; os filhos.

FAMURS — Sigla da Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul, fundada em 24.05.1976 na cidade de Porto Alegre.

FANDANGO¹ (Do esp. *fandango*), S.m. Baile; reunião festiva entremeada de danças. "Pauteando e verdeando, a noite caiu. Depois arranjamos um *fandango*." (Apollinário, *Paisagens*, p. 17). "Viera com ele para o rancho após as quentes horas do *fandango*..." (A. Maya, *Tapera*, p. 70). "Velhos fazendeiros, lá pra dentro, mateando, orlhavam as cartas no truco e no solo, tranquilos e alheios ao *fandango*." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 162). "Vivia pelas canchas, bolichos e *fandangos*." (Darcy, *Coxilhas*, p. 135). "No tumulto dos *fandangos*, em um rancho à beira da estrada, ninguém lhe levava a palma, dançando a tirana ou a chimarrita..." (Afonso Moraes, *Torres Malditas*, 3ª ed., p.75). "Em rapaz, empinava as suas canhas, trançava com as chinas, fazia figura nos *fandangos*..." (Cyro, *Sombras na Correnteza*, p. 43).

Nos *fandangos*, à noite, a china mais bonita
Olhava para mim cantando a chimarrita...

Múcio, *Poesias*, 1ª Vol., p. 339.

Nos *fandangos*, satisfeito,
Bapateando a chimarrita,
Entrego logo meu peito
À morecha mais bonita!

M. Faria Corrêa, *Rumo aos Pagos*, p. 31.

Te evoco, chilena amiga,
Amadrinhando um *fandango*,
Mordendo a tala do mango...

Braun, *Galpão de Estância*, p. 42.

Os tunanco não se assanha,
Até o mais caborteiro
Se chega pro entreveiro

em um *fandango* de campanha.
Antonio Machado Leal, *Herança e Terra*, p. 39.

Encilhei meu pingó baio,
Fui saindo sem destino,
Que nem peão meio teatino,
À procura de um *fandango*...

João Batista de Oliveira Gomes, *Ao Pé do Fogo*, p. 55.

Minha tirana de gosto,
Rosto mimoso, bem feito,
Quem teu *fandango* não baila
Não é gaúcho direito!

Fandango: crônica de Roque Callage, focalizando cenas gaúchas da época, *Feira Literária*, Rio, março de 1928. // No *fandango* clássico, de caráter rural, que persistiu mais ou menos íntegro até os fins do século XIX, as danças dividiam-se em dois tipos: as de pares soltos e as de pares unidos. Havia também duas músicas: uma para o baile e outra para o canto. O advento da polca, do chote e de outras danças alienígenas ofuscou, pouco a pouco, o prestígio das reuniões tradicionais com violas, meias-violas e às vezes rabeca, despojando-as afinal do rude colorido primitivo.

FANDANGO², S.m. Briga; luta; combate; desavença séria; rixa; dissensão acalorada. "Ó! O *fandango* está animado — disse o campeiro..." (Bello, *Os Farrapos*, p. 169).

Sabia que aquele frango
Esporas mesmo não tinha
Não agüentava uma rinha
Nem sustentava um *fandango*!

Amaro Juvenal, *Antonio Chimango*, p. 81.

Mas se houvesse algum chimango
Pra dançar sob teu mango
Não te rogavas jamais:
A coisa era ali, no mais,
Que estava armado o *fandango*!

Ramirez, *Gauchescas*, p. 149.

Adag. Quem se mete em *fandango*, não tem remédio senão dançar.

FANDANGUEADA (De *fandanguear* + *ada*), S.f. Ação ou efeito de *fandanguear*.

FANDANGUEAR (De *fandango* + *ear*), V. int. Dançar em *fandango*. (Pres. ind.: *fandangueio*, *fandangueias*, *fandangueia* etc.) "Matava gado alheio e *fandangueava* com os companheiros." (Fontoura, *Rancho Grande*, 3ª Série, p. 32). "Durante uma semana ficou a maior parte daquela multidão por ali mesmo, burlequeando, jogando

por desquitar o perdido, *fandangueando...*" (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 84). "Puxa, amigo velho, que chinocas que sabem *fandanguear...*" (Lothar Hessel, Brava Gente, p. 8).

Marrequinha da lagoa
Bate asa e não avoa.
A moçada está dizendo
— *Fandanguear é coisa boa!*



Fandangueiros: desenho de Otelo Ribeiro

FANDANGUEIRO (De *fandango* + *eiro*), S.m. O que aprecia fandangos; freqüentador de bailes; o mesmo que fandanguiста. "Alto a viola-gritou um dos *fandangueiros*, valentão..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 60).

Nunca fui um bochinheiro
Eu gosto de trabalhar;
Também não sou *fandangueiro*
Que vive só a dançar!

Lola, Saudades do Pampa, p. 95.

Vou chegando *fandangueiro*,
bem sovado e rebatido...

Moisés Menezes, Tapera da Ilusão, p. 51.

GALHO (Do lat. vulgar *galleu*), S.m. Nome comumente dado à cauda do animal cavalariço.

É lindo uma comitiva
quando se vai fazer tropa:
poncho e laço, *galho* atado,
chapéu batido na copa!

Aureliano, Romances de Estância e Quêrência, p. 22.

FANDANGUISTA (De *fandango* + *ista*) S.m. (V. *Fandangueiro*).

FÂNEGA (Do esp. *fanega*), S.f. Medida para sacos, equivalente a cem quilos.

FANFA¹, Geogr. Povoado no distrito de Porto Batista, servido pela ferrovia Porto Alegre-Santa Maria (M. de Triunfo).

FANFA², Geogr. Ilha no Jacuí, entre a foz desse rio e a cidade de Triunfo, constituída principalmente de baixios e cascalhais. *Batalha da Ilha do Fanfa*: batalha em 02.10.1839 entre forças legalistas e revolucionárias. Inferiorizados em números e recursos, os farrapos sofreram pesado revés, perdendo 120 homens e 15 canhões. Bento Gonçalves foi aprisionado com mais 800 camaradas de armas.



Bento Gonçalves da Silva

G

GALHOTA (Alt. de *galeota*, cf. o it. *galera*) S.f. Veículo de duas rodas, puxado por um ou dois cavalos, para o transporte de pequenas cargas. "Aqui até a manha de falar era diferente. Chouto-facção, *galhota*, *carroça...*" (Jacques, Brigadianos, p. 10). "Pois a terraplenagem era feita à picaço e o transporte de *galhota*." (Anita, p. 38).



Galhota

GALHOTADA (De *galhota* + *ada*), S.f. Carga de uma galhota; aquilo que esse veículo pode transportar.

GALHOTEIRO (De *galhota* + *eiro*), S.m. Condutor ou dono de galhota.

GALHOTINHA (Flexão dim. de *galhota*), S.f. Galhota de pouca capacidade de carga.

GALINHA (Do lat. *gallina*), Adj. e s.m. Diz-se do, ou indivíduo pusilânime, tífio, falto de energia ou coragem. "Isso aqui é terra de macho; não tem lugar para *galinha*..." (Martins, Caminhos do Sul, p. 273). "Vai, covarde! Vai, *galinha!*" (Érico, O Arquipélago, 3ª ed., p. 681).

GALINHA-CHOCA, S.f. Bot. Arbusto da família das citroxiláceas. Casca suberosa. Flores pequenas, alvas, dispostas em fascículos axilares. Fruto vermelho, ovóide, em forma de drupa. Madeira própria para marcenaria. Pl.: galinhas-chocas.

GALINHA-DO-MATO, S.f. Ornitol. Ave passeriforme da família dos formicariídeos. Plumagem cinzenta, mais escura no dorso. Nidifica no chão. Ovos esverdeados de 3,6 por 3 cm. Mede cerca de 23 cm de comprimento. (Grallaria varia imperator Lafresnaye). Pl.: galinhas-do-mato.

GALINHA-ENCILHADA, S.f. Preparação culinária de galinha ensopada ou com arroz. Pl.: galinhas-encilhadas.

GALINHA-GORDA, S.m. Alcinha dada outrora aos alunos do Colégio Gonzaga de Pelotas. Pl.: galinhas-gordas.

GALINHA-MORTA¹, S.f. Antiga dança rural rio-grandense, ligada ao ciclo dos fandangos. "Entre as danças gaúchas de outrora havia a tirana, o cará, o tatu, a *galinha-morta*..." (João Maia, História do Rio Grande do Sul, 5ª ed., p. 53). "Antigamente os gaúchos dançavam a tirana, o tatu, a *galinha-morta*, a chimarrita..." (Guimarães, O Rio Grande do Sul para as Escolas, 2ª ed., p.84). "Depois o tatu, a tirana-do-lenço, a *galinha-morta*, o quero-mana..." (Lothar Hessel, Brava Gente, p. 11). Pl.: galinhas-mortas.



GALINHA-MORTA², S.f. Cantiga, geralmente com acompanhamento de viola, inspirada pela dança do mesmo nome. "O fandango entrou pela noite adentro, com toadas da *galinha-morta*, do balaio, do quero-mana..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 61).

Eu vi a galinha-morta,
A mesa já estava posta.
Chega, chega, minha gente,
Galinha é pra quem gosta!

Minha galinha pintada
Bicho do mato comeu.
Fui ao mato ver as penas
Dobradas penas me deu!

A galinha e a mulher
Não se deixam passar.
A galinha o bicho come
A mulher dá que falar!

Minha galinha pintada
Ai! meu galo carijó!
Morreu a minha galinha
Ficou o meu galo só!

GALINHEIRO, S.m. Lugar onde a caça de pena ocorre com invulgar abundância.

GALINHOLA, S.f. Ornitol. Ave gruiforme da família dos ralídeos, maior que as narcejas comuns. Cabeça e garganta negras. Bico

curto, vermelho na base. Tarsos-metatarsos verdes com faixa vermelha na tibia. Ventre cinzento e branco. Vive em lugares úmidos, especialmente na região lagunar do estado, onde se nutre de vermes, crustáceos, larvas e insetos. Carne muito saborosa. (Galinha galeata Licht). "O rapazinho, ao ver as galinhas, sorriu..." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 127). "Socós, joões-grandes, maçaricos, frangos-d'água, galinhas, narcejas, marrecas e marrecões voejam sobre as ilhotas flutuantes..." (Lilian Argentina B. Marques, O Pescador Artesanal do Sul, p. 10).

GALIQUEIRA, S.f. Doença venérea, especialmente a gonorréia.

GALISTA¹ (De *galo* + *ista*, cf. o lat. *gallu* e este da voz céltica imitativa), S. 2 gên. Pessoa que aprecia rinhas; o que freqüente rinhedeiro. "Fizera-se galista por costume." (Jacques, Brigadianos, p. 28).



GALISTA², S.m. Indivíduo que se ocupa em criar e preparar galos de combate.

GALO¹ (Do lat. *gallu*), S.m. Nome dado à peça maior do chamado jogo-de-pedras.

GALO² S.m. Indivíduo de grande fibra ou muito hábil em qualquer mister. "Upa, é o nosso galof - exclamou o coronel..." (Cyro, Mensagem Errante, p. 68). "Comigo não adianta bancar o machão, o galo aqui sou eu." (Ary Portella Lopes, Causos de Milico, p. 23).

GALOPE¹ (Do al. *galopp*, que deu também o it. *galoppo*, o fr. *galop*, o esp. *galope* e o ingl. *gallop*), S.m. Andadura de três tempos ou batidas, a segunda mais aproximada da última e que o gaúcho classifica em três tipos diferentes: curto, médio e rápido. *Desmanchar o galope*: cessar (o animal) de galopar ritmicamente. *Galope-agachado*: galope estendido, ligeiro, mas sem chegar à carreira. *Galope desmanchado*: galope com movimentos desencontrados e passos mais curtos. "Ah! bueno! Então andam de galope-desmanchado..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 202).

GALOPE², S.m. Exercício a que o treinador

submete o cavalo de corrida para adelgacá-lo e adestrá-lo; galopeação; galopada. "Observou que o fazendeiro gostava de carreiras e, em pouco tempo, passou a ajudar o compositor do parheiro, não só no tratamento como nos galopes..." (Frestas, Gauchadas, p.124). "O Benedito negrinho cria da casa era o encarregado dos galopes..." (Lessa, O Boi das Aspas de Ouro, p. 161).

GALOPE³, S.m. Corrida do parheiro antes da carreira, para aquecer-se e exercitar-se fisicamente.

GALOPE⁴, S.m. Cada uma das vezes em que nos serviços de doma, o potro é montado, galopeado; galopeadura. "Comigo é três galopes e já ficam de rédeas no chão." (Mozart, Pastoral Missioneira, p. 149).

Depois de quatro galopes
Amoleceu a galheta,
Com quatro toadas de mango
Já dava para ir a um fandango...

Aureliano, Romance de Estância e Quercia, p. 41.



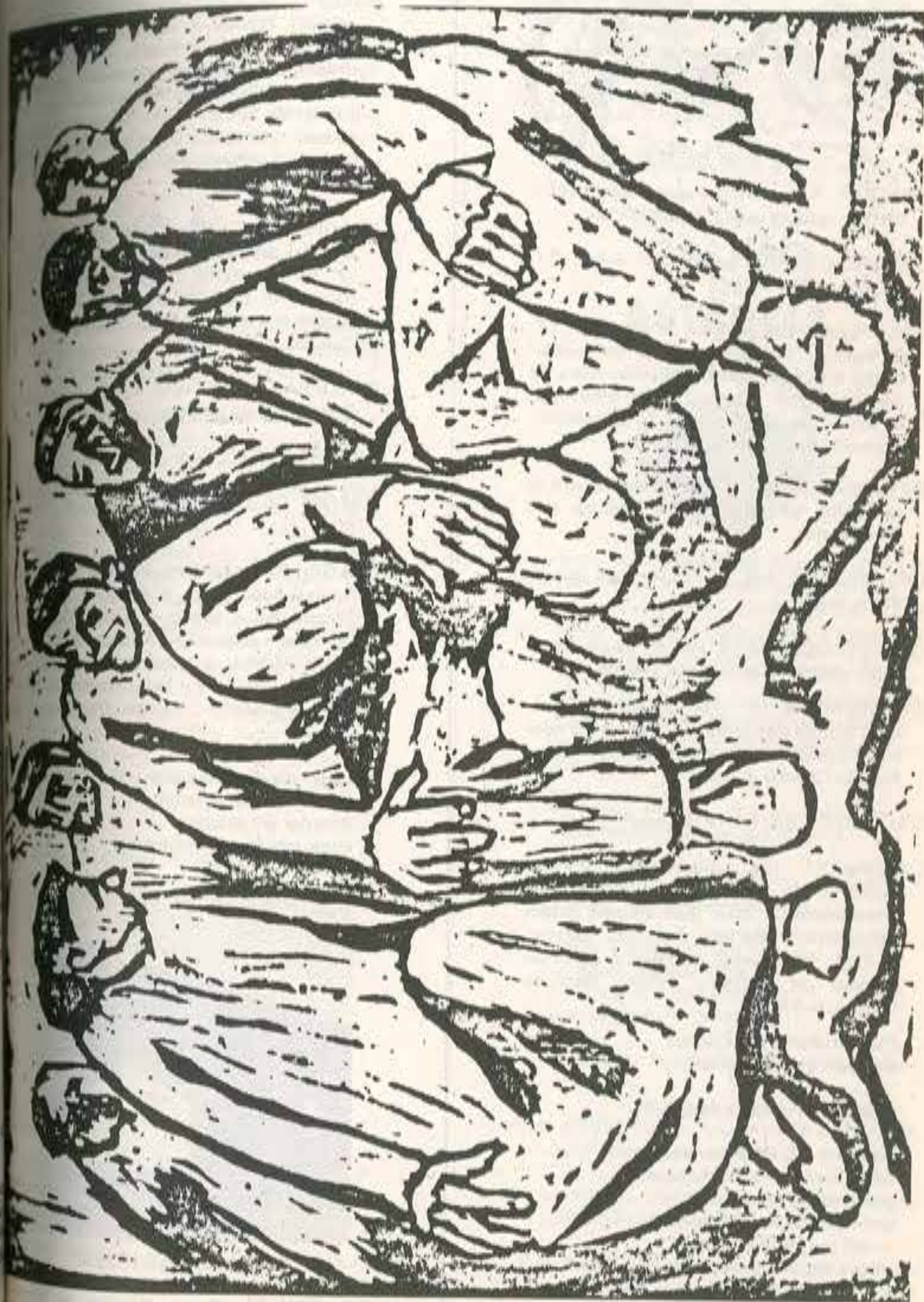
Primeiro galope: primeiro exercício amansamento a que é submetido o equino xucro. "Eu me apotrei com ele e com três rebencações ele saiu tonto que nem baço depois do primeiro galope..." (Márcio Dias Brumas da minha Saudade, 2ª ed., p. 46).

Foi o primeiro galope,
solito, no redomão,
depois de rédeas no chão
ficou manso o meu picaço...

Roberto Osório Junior, Horizontes Pago, p. 72.

Segundo galope: galope imediatamente posterior ao primeiro. "No segundo galope o redomão tinha um começo de obedência..." (Sá Britto, Trabalhos e Costumes dos Gaúchos, p. 119).

CONVERSA NO GALPAO:
xilogravura de Joel Amaral





GALOPE⁵, S.m. Admoestação; esgarmento; castigo; censura severa; recriminação.

GALOPEAÇÃO (De *galoppear* + *ação*), S.f. (V. Galope⁴).

GALOPEADA (De *galoppear* + *ada*), S.f. (V. Galope⁴). "Como se foi de *galopeada*? Como andam as éguas?" (Freire, Alma de Gaúcho, p. 53). "Deixa-o agora, filho; logo à tarde lhe daremos outra *galopeada*." (Peixoto, Alma Gaúcha, p. 114).

GALOPEADO¹, Adj. Andar do equino que se assemelha ao galope pela rapidez dos movimentos.

GALOPEADO², Adj. Que se acha em fase de doma (o potro).

GALOPEADO³, Adj. Diz-se do parreheiro já submetido ao exercício dos galopes.

GALOPEADOR (ô) (De *galoppear* + *dor*), S.m. Aquele que galopeia. "Poucas partidas e o *galoppeador* levou o parreheiro..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 11).

GALOPEADURA, S.f. (V. Galope⁴).

GALOPEAR¹ (De *galope* + *ear*), V.t.d. Submeter (o potro) aos exercícios de amansamento. "Mais dois animais foram *galopeados*." (Martins, Fronteira Agreste, p. 215). "O emprego do rabicho é útil no *galoppear* ou ginetejar..." (Raul, Mala de Poncho, p. 53).

Fiz derrubadas nuns passos
Galopeei quatro baguais...

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 23.

Senhores que estão cantando
dêem licença pra um changueiro,
pois é costume campeiro
pedir bolada pra um outro
— seja pra *galoppear* potro
ou pra esquilar uma ovelha!

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 15.

Amanhã vou *galoppear*
O meu velho redomão
Para passar gauchando
Onde está meu coração!

GALOPEAR², V.t.d. Exercitar (o cavalo em corrida) fazendo-o percorrer, em grande velocidade, certa extensão. "Todas as madrugadas, o Negrinho *galopeava* o parreheiro baio..." (S. Lopes, Contos Gauchescos Lendas do Sul, p. 329). "De madrugada andava racionando e *galopeando* os parreheiros..." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 101).

GALOPEAR³, V.t.d. Fazer (o cavalo em corrida) galopar na cancha, antes da carreira, para exercitar-lhe os músculos. "Os parreheiros que iam chegando eram *galopeados* nos trilhos velhos..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 9).

GALOPEAR O PETIÇO BAILO, Loc. verb. Praticar o jogo do osso.

GALOPE CURTO, Expr. (V. Galope¹).

GALOPE DE CARREIRA, Expr. (V. Carreira).

GALOPITO (Flexão dim. irregular de *galope*). S.m. Galope entre o médio e o rápido. "Montaram a cavalo e Joaquim à frente partiram a *galopito*." (Aquino, Gaúchos, p. 27). "Abanou o relho no ar. E isto foi bastante para que o baio, assustado, andasse a *galopito*." (Lessa, Os Guaxos, p. 213).

Quem me dera ter agora
Um cavalinho de vento
Para dar um *galopito*
Onde está meu pensamento!



Galópolis: Escola Estadual

GALÓPOLIS¹, Geogr. Distrito na En

Superior do Nordeste. Data da criação: 07.10.1925. Área territorial: 145,86 km². Padroeira: Nossa Senhora do Rosário (M. de Casias do Sul). População: 1960.....6.723 1970.....6.732



Galópolis², Geogr. Vila entre galhos do arroio Cundaí, sede do distrito de Galópolis. // Escola Estadual de 1º Grau Ismael Chaves Barcellos. Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem. Cooperativas de Consumo São Pedro Ltda.

As primícias da localidade prendem-se ao lanifício organizado por tecelões de Schio, aos quais se associou Ercole Galló.

GALPÃO¹ (Do dialeto nahuatl *calpulli* ou do vocábulo azteca *halpón*. Ou mais provavelmente da raiz lat. *gal*, originária do baixo gr., cf. *gal-ai-a*, que deu galera, galeão etc.), S.m. Meia-água de três paredes, ordinariamente coberta de zinco, junto à casa principal da propriedade rural, às vezes com divisões ou compartimentos rústicos para abrigo de serviços, guarda de materiais etc. "Apeei-me no galpão, arrumei as garras e soltei o pingo..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 23). "As cuias de mate doce e de chimarrão corriam de mão em mão na varanda e no galpão..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 134). "Esta noite vamos ter viola e cantoria no galpão." (Lessa, Os Guaxos, p. 37). "Fiquei solito embaixo do galpão aberto." (Cyro, A Dama do Saladeiro, p. 99).

Chimarrão de mate amargo que tem no gosto do trago a essência das tradições...
Água verde das coxilhas, das liturgias caudilhas na catedral dos galpões...

Saraiva, Do Sentimento Gaudério, p. 45.

É o cheiro que vem do chão molhado pela neblina.
É o apoio da brasina que se toma no galpão.

Veterlo Camejo, Cinzas do meu Fogão, p. 17.

Comp. Aberto como galpão de estância. A **galpão**: sistema em que o animal (bovino ou equino) come e dorme em recinto fechado especial.

Galpão: poema de Augusto Meyer, Poesias, p. 71; **Galpão de Estância**: versos de Jayme Caetano Braun, São Luís Gonzaga, Empresa Gráfica Porto Seguro, 1954); CTG na cidade de Sobradinho; poema de Roberto Mara, Pampa e Coxilhas, p. 37; **Meio Galpão**: regime de semi-estabulação, em que o animal come no galpão, mas dorme no campo. "Nada de poteiros, nem de bretes, nem de cruzas finas, nem de meios galpões..." (A. Maya, Tapera, p. 150). **No Galpão**: contos de Darcy Azambuja, obra dedicada à memória de João Simões Lopes

Jayme Caetano Braun

GALPÃO DE ESTÂNCIA



Neto, com pequeno vocabulário (207 verbetes) *infini*. Contém, entre outros, os seguintes títulos: Andarengos, Charla, Fazendo Aramado, Passo Brabo e Querência, P. Alegre, Globo, 1925. **Ronda no Galpão**: óleo de Francis Pelicheck. **Toada de Galpão**: versos de Hercília Kemp Ubatuba de Faria, P. Alegre, Empresa Gráfica Metrôpole S/A, 1985. **Touro à galpão**: touro estabulado.

GALPÃO², Hidrogr. Arroio tributário da lagoa Mirim, pela margem oriental.

GALPÃOZITO (Flexão dim. irregular de *galpão*), S.m. Galpão pequeno.

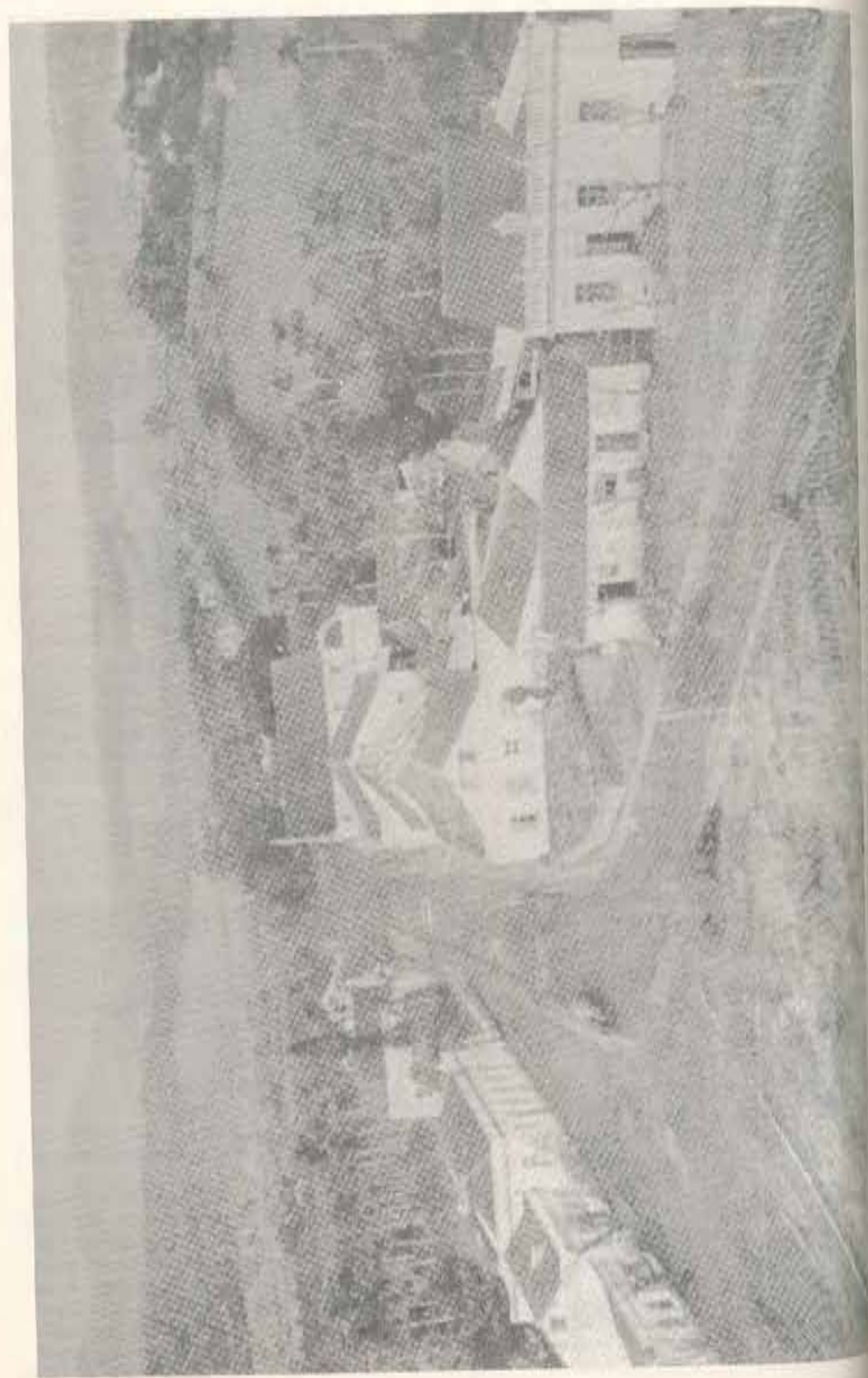
Junto do foguito mixe do galpãozito aventado,
a outra vida, a do passado,
vem surgindo na distância!

Aureliano, Romances de Estância e Querência, p.8.

GALPÕES¹, Geogr. Lugar no 4º distrito (M. de Camaquã).

GALPÕES², Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Coronel Bicaco).

GALPÕES³, Geogr. Localidade ao norte da coxilha de Santa Catarina (M. de Santa Maria).



SEXTILHAS DE GALPÃO

Antonio Carlos Machado

O pardo velho grisalho
Pelo bolichos vivia,
A gaita na cantoria,
Lembrando velhas histórias,
Algumas cheias de glórias,
Quando a saudade queria!

Que vida dura vivera,
Seguindo penosa sina,
Cantando de relancina
E para ter melhor lucro
Domando potrilho xucro,
O lenço preso na crinal!

Brigara nos entreveros
Dos bravos federalistas
Combatendo os castilhistas,
Nas lutas de vinte e três,
Com lances de intrepidez
Nas horas mais imprevistas!

Se o pardo velho era bom!
Veterano nas hileiras,
Passava horas inteiras
Cantando pro vizindário
O destemor legendário
Das nossas hostes pampeiras!



Errante, porém, sem rancho,
Sem pouso certo, sozinho,
Topava o fado mesquinho,
A vaguear pelos pagos
Igual aos índios vagos
Que via no seu caminho/

Mas duma feita sumiu,
Buscando rumos ao léu.
Quieto, sem escarcéu,
O pardo velho grisalho
Foi campear agasalho
Nas invernadas do Céu!

Pardo velho já grisalho,
Da viril era centauro,
Que hoje nada restaura,
Aqui na terra gaúcha,
Usando gaita e garrucha,
Deixaste fama de taura!

Levado pelo destino
Irei contigo morar
E juntos, formando par,
Cantaremos num só rito
O grande pampa bonito
Também dos guascas sem lar!

GALPÕES⁴, Hidrogr. Arroio tributário do rio Ijuí, pela margem direita.

GALPONEAR, V. int. Estar no galpão (trabalhando ou descansando).

Cor de flanco de chaleira que envelheceu *galponeando* no costado de um tição...

Apparício, Viola de Canto Largo, 3ª ed., p.18.

GALPONEIRO¹ (De *galpão* + *eira*), S.m. Peão cujo serviço é cuidar animais de estribaria ou semi-estabulados.

GALPONEIRO², Adj. Relativo ou pertencente ao galpão; conforme os costumes de galpão; que é da natureza do galpão. "Mas haveremos de cargosear, buscando empear de novo estas charlas *galponeiras*." (Echenique, C. do Povo, Supl. Rural, P. Alegre, 11.04.1969).

Gosto de ti, gaíta amiga,
Pelos pousos, nas ramadas,
Nos fandangos, nas porfiadas,
E nas horas *galponeiras!*

Palma, Rancho Crioulo, p. 53.

Então, disse o capataz:
— Por aqui vamos ficar,
Botar o gado em potreiro,
Para a indiada descansar,
Dar um alce à cavalhada,
Tomar mate *galponeiro*.

Fernandes Bicca, Os Bombachudos e as Lutas do Gaúcho, p. 62.

GALPONETE (ê), S.m. Galpão de pequenas

dimensões. "Pois pegaram o Joco de milho de um monte de milho, num *galponete*." (Mário Simon, Lindeiro, p. 19).

GALPONISMO (De *galpão* + *ismo*), S.m. Qualidade, modos ou hábitos de *galponeiro*; sistema de vida baseado no galpão.

GALVÃO, Argymiro Cícero, Biogr. (1863-1888) — Advogado, jornalista e escritor rio-grandino. Pseudônimo: Ataliba Valle. Rubrica usual: Argymiro Galvão. Genro de Joaquim Gonçalves Chaves. Bacharelou-se em São Paulo, onde escreveu em diversos jornais e periódicos acadêmicos. Homem de notável erudição, exerceu grande influência no cenário intelectual gaúcho da época, principalmente através de conferências, artigos e discursos. Obras principais: *Filha do Estancieiro — O Anel e a Coroa*, romances, P. Alegre, Tip. do Jornal de Comércio, 1876 e *Dissertações Apresentadas à Congregação da Escola Normal do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Tip. Gundlach & Cia., 1887. **Bibliogr.** O Diabrete, Rio Grande, 25.01.1880; Toledo Junior, Lauro da Costa e Argymiro Galvão, Folha da Tarde, P. Alegre, 05.09.1888; J.F. Valle Sobrinho, Dicionário Bio-Bliográfico Brasileiro, 1ª Vol., Rio, 1937.

GALVÃO, Enéias, Biogr. (1863-1917) — Advogado, jurista, magistrado e escritor natural de São José do Norte. Publicou, entre outros, os seguintes trabalhos: *Allegens*, versos, Rio, 1885; *Organização Judiciária*, estudo de legislação comparada, Rio, Tip. do Jornal do Brasil, 1896 e *Júris e Tribunais do Período Colonial*, Anais do 1º Congresso de História Nacional, Tomo Especial, 3ª parte, Rio, 1916.

H

HAMBURGO VELHO¹, Geogr. Distrito na Encosta Inferior do Nordeste. Data de criação: 09.04.1927. Padroeira: Nossa Senhora da Piedade. (M. de Novo Hamburgo).

HAMBURGO VELHO², Geogr. Vila entre os arroios Peri e Pampa, sede do distrito de Hamburgo Velho. Paróquia em 08.05.1875. Nomes anteriores: Hamburger Berg, Coronel Genuíno Sampaio e Genuíno Sampaio. // Ordem Auxiliadora das Senhoras da Comunidade Evangélica.

HAMBURGUENSE, Adj. e s. 2 gên. (V. Novo-hamburguense).

HARAS (Do fr. *haras*), S.m. Estabelecimento rural para a criação de cavalos de raça.

HARMONIA¹ (Do lat. *harmonia*, que também o esp. e o it. *armonia*), Geogr. Município na Encosta Inferior do Nordeste, no vale do rio Caí, com contrafortes da serra Geral. Data de criação: 13.04.1911. Área territorial: 47 km². Padroeira: São João Nepomuceno. População estimada em 1988.....5.000

Limita-se com Montenegro, Tupanciretã, Sebastião do Caí e Salvador do Sul. Produção de cítricos. Balneários.



Cidade de Harmonia

HARMONIA BAIXA, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Imigrante).

HARMÔNICA (Flexão fem. substantivada do adj. *harmônico*, cf. o gr. *harmonikós* e o lat. *harmonicu*), S.f. Designação dada a certo tipo antigo de acordeão.

HAROLDO, Hidrogr. Córrego que deságua no Amandaú, pela margem direita.

HART, Hidrogr. Arroio afluente do Pimenta, pela margem direita (M. de Pelotas).



Germano Hasslocher

HASSLOCHER, Germano, Biogr. (1863-1911) — Advogado, jornalista, político, professor e escritor natural de Santa Cruz do Sul. Propagandista da República. Abolicionista. Estudou na capital paulista, onde teve como companheiro de Faculdade, Pedro de Toledo, Godofredo Cunha, Gastão da Cunha e Sebastião Lacerda. Após iniciar o curso acadêmico fez-se colaborador assíduo da *República*, em cujas colunas também escreviam, entre outros, Borges de Medeiros, Alberto Torres e Vicente de Carvalho. Transferindo-se para a Faculdade de Direito de Recife, ali bacharelou-se em 1888, juntamente com João Barros Cassal. Diplomado com distinção, regressou a Porto Alegre, onde se filiou ao Partido Liberal e tornou vibrante comentarista nas colunas da *A Federação*. Deputado estadual eleito em 1897 e federal em 1900. Em Porto Alegre foi ainda colaborador do *Jornal do Comércio*, diretor da *Gazeta da Tarde* e membro influente da sociedade manumissora *A Libertadora*. Dotado de rara cultura, orador fluente, Gólias no físico e no talento, segundo uma expressão da época, esgrimia o sarcasmo com notável desembaraço, leveza e graça. Traduziu obras de George Ohnet e J. F. Eislander. Publicou: *A Espelunca*, romance naturalista, Porto Alegre, Tip. da Folha da Tarde, 1888; *Verdade sobre a Revolução*, P. Alegre, Mazon, 1894 e *Desmascarando um Homicida*, P. Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1907. Bibliogr. Plutarco, Perfis Históricas — Germano Hasslocher, *Jornal do Comércio*, P. Alegre, 08.01.1909; O Independente, P. Alegre, 19.02.1911; Anuário de Porto Alegre, Homens Ilustres do Grande do Sul, P. Alegre, Liv. Selbach, 1916; Américo Palha, Germano Hasslocher, *Diário Carioca*, Rio, 27.08.1944.

HASSLOCHER, Paulo Germano, Biogr. Advogado, político, jornalista e diplomata porto-alegrense. Filho de Germano Hasslocher. Pseudônimo: Fernando Borla. No Rio, em 1915, fundou o periódico *ABC*, de caráter panfletário. Deputado estadual. Bibliogr. C. C. Carriconde, *O Rio Grande do Sul em Revista*, P. Alegre, 1930.

HASTE (Do lat. *hasta*), S.f. Bot. Planta da família das mirtáceas. Folhas com gândulas translúcidas. Flores actinomorfas. Fruto capsular. (*Myrciaria chartacea* Berg.).

HAVANEIRA-DE-DAMAS, S.f. (V. Melancana-serrana). PL.: havaneiras-de-damas.

HECHOR (ô) (Do esp. plat. *hechor*), S.m. O muar inteiro; o burro-chorro.



Paulo Hecker

HECKER, Paulo, Biogr. Farmacêutico, advogado e jornalista natural de Bagé, nascido em 1888. Na capital, em 1933, fundou o *Jornal Espírita*.

HECKER FILHO, Paulo, Biogr. Advogado, jornalista e escritor porto-alegrense, nascido em 1928. Obras principais: *Diário*, crítica literária, P. Alegre, Globo, 1949; *Ah! Terra*, poemas, P. Alegre, Edições Fronteira, 1950; *Na Paz da Lua*, contos, ib., 1951; *Internato*, novela, ib., 1951; *Triângulo*, teatro, novela e poesia, P. Alegre, Globo, 1952; *A Vida nos Braços*, novela, P. Alegre, Ed. Hiperion, 1954; *Patética*, ib., 1965; *O Provocador*, teatro, P. Alegre, Ed. Teatro Universitário, 1957 e *A Noite Não se Importa*, poemas, P. Alegre, Ed. Tchê!, 1987. Bibliogr. Luiz Carlos Maciel, *O Provocador*, Notícia sobre o teatro de Paulo

Hecker Filho, *Tribuna da Imprensa*, Rio, 03.08.1957.



Paulo Hecker Filho

HEIT, Antonio, Biogr. Jornalista. Na capital, em 01.05.1916, com Henrique Vieira Braga, fundou o semanário *O Imparcial*.

HÉLIO, Geogr. Povoado no Planalto Médio (M. de Cruz Alta).

HÉLIO CAMPOS, Biogr. (V. Borba, Fernando).

HÉLIO DE QUEIROZ, Biogr. (V. Oliveira Ramos, Oscar de).

HÉLIO JONVIR, Biogr. (V. Bittencourt Junior, Aurélio Veríssimo de).

HELIUS MARCUS, Biogr. (V. Moraes, Heitor).

HELOISA SUL, Geogr. Lugar na região das Missões (M. de Santo Antonio das Missões).

HELWIG, Ruben, Biogr. Jornalista e escritor gabrielsense, nascido em 1927, Autor de *O Tropeiro José da Rosa*, romance regional, P. Alegre, Globo, 1957.

HENIS, Tadeo Xavier, Biogr. (1711-1769) — Notável catequista, teólogo e pregador jesuíta, cujo nome se acha intimamente ligado às Missões rio-grandenses. Autor de valiosos relatórios e comunicados sobre o trabalho inaciano nos Sete Povos. Deixou ainda o precioso depoimento pessoal intitulado *Diário Histórico de la Rebellón y Guerra de los Pueblos Guaranis...*, Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1836.

HENNIG, Geogr. Povoado à margem direita do Pardo (M. de Santa Cruz do Sul).

HENRICH, Orog. Morro nas nascentes de tributários do arroio Cadeia.

HENRIQUE D'AVILA, Hidrogr. Arroio afluente do rio Pardo, pela margem esquerda.

HENRIQUES, S.m. pl. Denominação popular da força de linha composta exclusivamente de pardos livros, também cognominados rapaduras, que existiu em Porto Alegre no começo do século XIX.

HENZ, João Carlos, Biogr. Artista plástico porto-alegrense. Trabalhos de óleo sobre tela e pastéis. Curso de estudos em Paris. Participa dos principais salões do país.

HERÁCLITO, Biogr. (V. Mendes da Silva, João).

HERCULANO DE FREITAS, Geogr. Localidade no distrito de Santa Isabel do Sul, servida pela ferrovia Basílio - Jaguarão (M. de Arroio Grande).

HERD BOOK COLLARES - Associação de registro genealógico organizada em 1906, na cidade de Bagé, pelo pecuarista Leonardo Brasil Collares. Foi a primeira no gênero fundada no Brasil.

HEREFORDISTA (De *Hereford + ista*), S. 2 gên. Pessoa entusiasta ou apreciadora do Hereford, raça bovina inglesa largamente difundida no Estado.

HERLEIN, Natalio, Biogr, Jornalista e escritor natural de Uruguaiana, nascido em 1926. Pseudônimos: Chiru Velho, David Klein, Fronteirista, Índio Fronteirista, Gauchinho,



O Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca numa caricatura de 1912

Gaúcho Velho² e João Povo. Obras de outros países: *Os Causos do Seu Fausto*, contos, com vocabulário, P. Alegre, 1958; *A Volta do Gaúcho Fausto Aguirre*, id., P. Alegre, Comissão Gaúcha de Folclore, 1963; *Fronteira Gaúcha*, id. com registros folclóricos, ilustrações e vocabulário, P. Alegre, Liv. Sulina, 1967; *As Três Marias*, com Edição da Universidade de Caxias do Sul, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980; *Rodeio de Causos*, id., P. Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1983; *de Mascate*, narrativa, ib., 1985; *Cochichada da Noite Velha*, id., ib. e *Pecueiros*, adjectivos e expressões gauchescas, com ilustrações de Amândio Bicca, ib., 1986.



HERMENEGILDO, Geogr. Balneário no litoral. Dista de Porto Alegre 504 km por asfalto e 16 por terra. Acessos rodovias BR/116, BR/471 e rodovia estadual (M. Santa Vitória do Palmar). // Posto Saúde. Serviços da CRT.

CRT

HERMISMO (De *Hermes + ismo*), S.m. tema político, opinião, facção dos hermetistas.

HERMISTA (De *Hermes + ista*), Adj. Relativo ou pertencente ao hermismo. gên. pessoa entusiasta ou sectária do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.

HERRMANN, Hidrogr. Riacho que deságua no Fão, pela margem esquerda.

HERRMANN, Hugo, Biogr. Comerciante nascido em 1924. Fundou na capital em 15.11.1920, importante firma de importações e importação.

HERR-SCHMIDT, S.m. Dança do kerb.

HERVAL¹ (De *herva + al*, cf. o lat. *herba*). Geogr. Município da Serra do Sudeste, região da lagoa Mirim. Limita-se parcialmente, ao Oeste, com a República do Uruguai. Data de criação: 04.05.1988.



Locutado no Dep. Estadual de Estatística por João C. Campaner Jun. Des. Cartógrafo Porto Alegre-RS, 1941

Herval: localização geográfica



Hugo Herrmann

Área territorial: 2.841 km². Padroeiro: São Batista. População: 1980.....7.283 4.433 eleitores em 1986. Solo de relevo

Irregular, principalmente nos contrafortes da coxilha Grande, onde ocorrem depósitos de granito, grés, xisto pirobetuminoso e morros de porfiro eruptivo. Lavouras de sorgo, milho, trigo e soja. Criação de bovinos e ovinos. Artefatos de metalurgia. // Escreve-se, às vezes, o locativo sem o *h*, mas é preferível conservar a grafia tradicional. Bibliogr. Manoel da Costa Madeiros, A Vila de Herval, Almanaque Popular Brasileiro, P. Alegre, 1904; Ernesto Antonio Lassance Cunha, O Rio Grande do Sul, Rio, Imprensa Nacional, 1908; Alfredo R. da Costa, O Rio Grande do Sul, 2ª Vol., P. Alegre, Globo, 1922.

HERVAL², Geogr. Cidade a 300 metros de altitude, sede do município de Herval. Curato em 05.09.1818. Paróquia em 18.01.1825. Nome anterior: São João Batista do Herval. População: 1980.....6.703

Comarca de 1ª entrância. Escola Estadual de 1ª Grau Minervina Rodrigues da Silva. Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus São João Batista. Escola Estadual de 1ª Grau Inc. Dr. Walter Jobim. Hospital Nossa Senhora da Glória. Cooperativas de Lãs Mauá Ltda. Sindicato Rural. Sindicato dos Trabalhadores Rurais. "Fora numa corrida de parelheiros na estrada do Herval." (Canto e Mello, Relíquias da Memória, 2ª ed., p. 80). *Marquês do Herval*: (V. Osório, Manoel Luiz). *Herval - Piratini*: rodovia estadual RS/68 com 132 km, passando por Pedras Altas e Pinheiro Machado.

HERVALENSE, Adj. 2 gên. De Herval; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município.

HERVÊ, Egídio, Biogr. (1887-1967) — Engenheiro civil, jornalista e escritor natural de São Francisco de Assis. Obras principais: *Democracia Liberal entre Dois Extremos: Integralismo e Comunismo*, P. Alegre,

Globo, 1935 e *Um Vulto Insigne da Engenharia Brasileira (José da Costa Gama)*, discurso, P. Alegre, Imprensa Universitária, 1956.

HESSEL, Lothar Francisco, Biogr. Professor e escritor estrelense, nascido em 1915. Pseudônimos: Sérgio Palhares e Vinícius². Assinatura literária: Lothar Hessel. Obras Principais: *O Tipo Social do Gaúcho*, ensaio, Organon, revista da UFRGS, P. Alegre, 1958, Nº 2; *Antenor Moraes - Escritor Regionalista*, P. Alegre, Comissão Gaúcha de Folclore, 1958; *Os Glossários de João Mendes da Silva*, compilação e notas, P. Alegre, Centro de Estudos Filológicos da UFRGS, 1959; *Brava Gente*, romance histórico, São Paulo, Saraiva & Cia., 1959; *Viagens em Tom Menor*, Niterói, Oficinas Gráficas da Escola Industrial Dom Bosco, 1962; *Aspectos Sociais e Literários do Gaúcho*, conferência, Coimbra, Gráfica Coimbra, 1966 e *O Município de Estrela - História e Crônica*, P. Alegre, Ed. UFRGS, 1983.

H.G., Biogr. (V. Gonzales, Henrique de Azevedo).

HICKEL, Vera Regina, Biogr. Pintora, musi-

cista e escritora natural de Estrela, nascida em 1950. Publicou *Apoteose dos Misticismos*, versos, P. Alegre, Liv. Sulina Editora, 1969.

HIDRÁULICA¹, Geogr. Distrito na Encosta do Sudeste (M. de Capão do Leão).

HIDRÁULICA², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

HIGH-LIFE (O), Impr. Revista porto-alegrense surgida em 26.08.1916 sob a direção de Alfredo Guimarães.

HILÁRIO, Hidrogr. Arroio contribuinte do Camaquã, pela margem direita. Nome anterior: Camaquã do Hilário (M. de Lawas do Sul).

HILÁRIO HONÓRIO, Biogr. (V. Borges Fernandes da Silva, Adail).

HILEIRA (Do esp. *hílera*, fileira), S.f. Série de botões (nos acordeões sem teclado). "Às nove horas da noite já nas cordeanas as duas *hileiras* esfolavam-se os primeiros acordes..." (Ramiro, Meu Rincão, p. 86).

IBICUI¹ (Do guar. *ibiku* + *y*, o rio das areias), Potam. Rio na faixa centro-ocidental do estado. Nasce na serra de São Martinho. Corre a princípio na direção NE.-SO. e volta-se depois para SE.-NO. até desaguar no Uruguai, pela margem esquerda. Curso: cerca de 470 km. Navegável, parcialmente, nas planícies do Sudoeste. Bacia muito ampla, arenosa, permeável, inconsistente, suavemente inclinada para o Oeste, particularmente sujeita a grandes transvazamentos, sobretudo nos trechos onde o grés não aflora. Principais afluentes: Água Negra, Areal da Limeira, arroio dos Corvos, Caraguatá, Carvoraci, Cuxá, Ibicuzinho, Ibirapuitã, Ibirocaí, Inhacundá, Inhacurutum, Itapevi, Itapororó, Jacaquá, Jaguarí, Joanico, Miracatu, Pau Fincado, Sanga do Filipinho, Toropi e Umbu. Irriga grandes lavouras de arroz nos municípios de Alegrete, Cacequi, São Vicente do Sul, Itaquí, Santa Maria, São Francisco de Assis e Uruguaiana. **Bibliogr.** José Arthur Montenegro, Notas para a Carta Geográfica do Rio Grande do Sul, Rio Grande, Liv. Rio-Grandense, 1895; Alfredo Varela, Rio Grande do Sul, 1ª Vol., P. Alegre, Liv. Universal, 1897; Henrique Martins, Geogra-

fia do Estado do Rio Grande do Sul, Alegre, Liv. Franco & Irmão, 1898); Cedido José de Godoy, Bacias Hidrográficas do Rio Grande, Revista da Sociedade Geografia, Rio, Tomos XXV, XXVI, XXVIII. // A interligação Ibicuí-Jacuí preconizada desde o século XIX, dar-lhe-ia estado - quando efetivada - uma imensa hidrovia contínua de mais de 1.300 km desde o rio Uruguai até o porto de Rio Grande. Segundo os estudos traçados e levantamentos técnicos já realizados, a diferença de nível a ser vencida é de 100 metros na vertente do Jacuí e de 20 metros apenas na vertente do Ibicuí, o que totaliza 120 metros de desnível.

O ponto mais alto da ligação será o barragem de Santa Catarina, nas proximidades de Cacequi e Santa Maria.

Essa conexão aquaviária terá 213 km de extensão. "Meu pai era filho do índio Jacuí cru das costas do Ibicuí..." (A. Maya, *Barbara*, 81). "Mas onde esse pingente deixou cativo foi na travessia do Ibicuí (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 100). "Calculo que seja dos Azevedos do lado do Ibicuí..." (Cyro, Paz nos Caminhos, p. 69). "Tinha quase um metro de água



Ponte rodoviária sobre o Ibicuí entre Alegrete e São Francisco de Assis, construída em 1946. Vão de 478 metros.

Ibicuí, sobre o leito da estrada." (Ruschel, *O Gaúcho a Pé*, p. 73). "Coronel, o *Ibicuí* está cheio..." (Josué Guimarães, *O Cavalo Cego*, p. 20).

O *Ibicuí* é um extraviado
que desgarrou da tropilha
Na fralda duma coxilha
sobre as pontas dum banhado...

Schultz Filho, Galponeiras, p. 112.

Menino de pedra é
Chamado Itacolomi
Rio das areias-*Ibicuí*
Jacuí é o rio dos jacus!

Goulart, Sinuelo do Pampa, p. 33.

O *Ibicuí* tem mil voltas
Mil voltas ele tem,
Mil penas também sofre
Quem se aparta do seu bem!

Barão de Ibicuí (V. Paula e Silva, *Francisco de Assis: Canto ao Ibicuí*; poema de José Otávio Nogueira Leiria, *Rincões Perdidos*, 56.

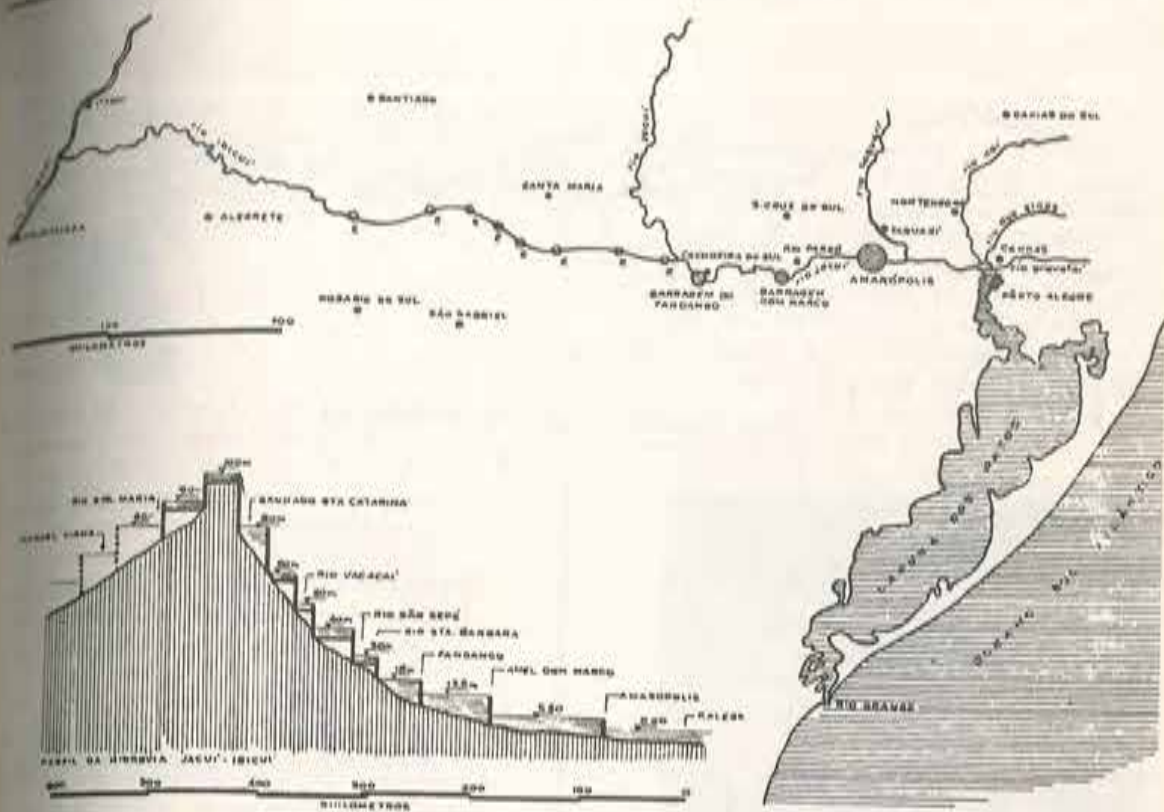
IBICUI², Geogr. Localidade no 39 subdistrito (M. de Sant'Ana do Livramento).

IBICUI³, Geogr. Localidade no Litoral, balneário (M. de Terra de Areia).

IBICUI DA ARMADA, Potam. Rio na parte sul-ocidental do estado, formado na junção do Upamaroti e do Upacaraí. Compreende cerca de 100 km. Deságua no Santa Maria pela margem esquerda. Alimenta grandes lavouras de arroz no município de Santa Maria do Livramento, assegurando-lhes de modo permanente o grau de umidade necessário. "É, cabo velho, no combate do *Ibicuí da Armada* vocês passaram." (Fagundes, *Novos Causos de Galpão*, p. 111). "Não poderia ser diferente: ficamos ilhados numa estância na costa do *Ibicuí da Armada*." (Revista...



Outra vista da ponte sobre o Ibicuí



O croqui acima mostra o estudo da ligação das bacias dos rios Jacuí e Ibicuí, desde o rio Uruguai até o porto do Rio Grande.

Saudações Aftosas, p. 40). "Já era quase dia claro quando chegamos à mataria do rio *Ibicuí da Armada*, no fundo da invernada." (Haul, Mala de Poncho, p. 22). // Var. *Ibicuí d'Armada*. "Estaria perto de Lavras, nas barrancas brutas do Camaquã, no *Ibicuí d'Armada*..." (Martins, Caminhos do Sul, p. 82).

IBICUI DA CRUZ, Hidrogr. Arroio afluyente do *Ibicuí da Armada*, pela margem esquerda.

IBICUI DA FAXINA, Hidrogr. Arroio formador do *Ibicuí da Cruz* (M. de Sant'Ana do Livramento).

IBICUI-MIRIM, Potam. Rio caudatário do Toropi, pela margem esquerda.

IBICUIRETÃ, Hidrogr. Primitivo nome do Passo da Areia, em Porto Alegre, formado, segundo a lenda, pelas lágrimas de Obirici, formosa Índia tape vencida por sua rival numa aposta de flechas. (V. José Antonio Valle Caldre e Fião, *Ibicuiretã*, Revista da Sociedade Partenon Literário, P. Alegre, março de 1875).

IBICUIZINHO, Hidrogr. Arroio tributário do *Ibicuí*, pela margem esquerda. Nasce na coxilha do Pau Fincado. (M. de São Vicente do Sul).

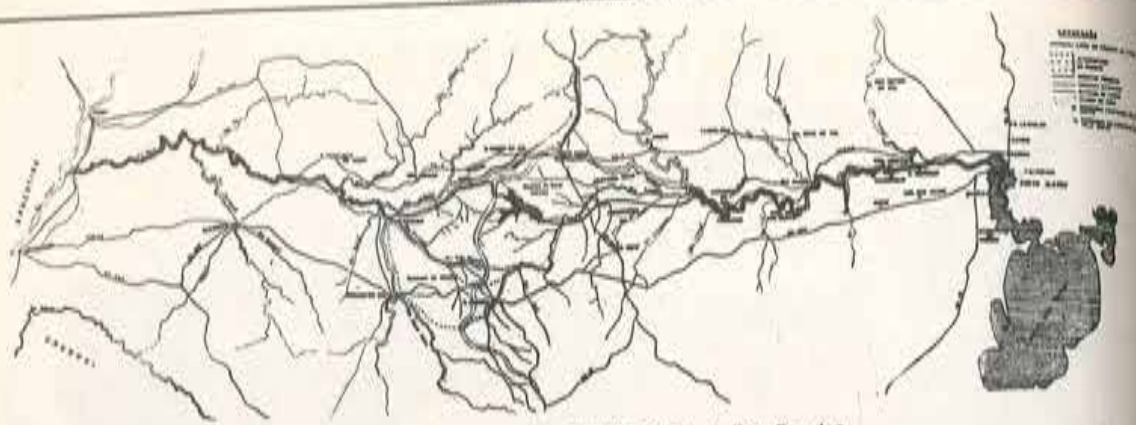
IBIJAÇÃ, Hidrogr. Riacho que desemboca no Jaguarão-Chico, pela margem direita (M. de Herval).

Atirei um limão verde
Por cima do tarumã,
Meu pago não é aqui
É lá no *Ibijaçã*...

IBIPITA. Mitol. Espírito maligno que, segundo os *ibiraíaras*, habitava em furnas e se comprazia em persegui-los, tornando-os até possessos.

IBIPUITÃ, Hidrogr. Arroio afluyente do Itu, onde se lança, pela margem esquerda, abaixo do passo do Goulart. Nasce na serra ou coxilha de Santiago.

IBIRAIARA, S. 2 gên. Etnol. Indivíduo da tribo dos *ibiraíaras*; adj. 2 gên. relativo ou pertencente a essa tribo de provável origem *tapuia-gê* ou *guaianá* que, nos começos do século XVII, habitava a região denominada



Outro interessante croqui sobre a ligação das bacias Jacuí-Ibicuí



Ibia e se subdividia em numerosos subgrupos, entre os quais se destacavam os ibiaguaras (do Ibia propriamente dito), os caamoguaras (do Caamo) e os caatiguaras (do Caati).



Falavam os ibirairaras dialeto próprio, recolhido e estudado em parte pelos Jesuítas. Chamavam a alma *weikupri* (coisa branca), Deus *Topen* e o demônio *detkori* (coisa

ruim). Possuíam grande número de feiticeiros — os *apicairés*.

IBIRAIARAS¹, Geogr. Município da Encosta Superior do Nordeste, na região Taquari Antas. Data de criação: 09.07.1965. População:

1980.....7.615

4.890 eleitores em 1986. Lavouras de milho, trigo-sarraceno, batata-inglesa e soja.



Ibirairaras: localização geográfica

IBIRAIARAS², Geogr. Cidade entre afluentes do arroio Mormaço, a 795 metros de altitude, sede do município de Ibirairaras. Nome anterior: São José. // Cooperativa Agrícola Mista Ibirairaras Ltda.



Hospital Beneficente São José. Escolas Estaduais de 1º Grau Antonio Stella e Padre Aleixo. Clube de Mães São Sebastião. Associação dos Professores Municipais (APMU), fundada em 24.09.1985. Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Parque de Modelos Vicente Pomatti. CTG Carreiro dos Imigrantes. Eventos significativos: Festa de São José (19 de março); Semana Farroupilha (setembro).

IBIRAIARENSE, Adj. 2 gêns. De Ibiraiaras; s. 2º gên. o natural ou habitante desse município.

IBIRÁ-MIRIM, Hidrogr. Córrego tributário do Camaquã-Chico, pela margem esquerda. Nasce na Coxilha de Santa Tecla (M. de Bagé). "Campos lindos os do seu Nardo e ruenos. Pegam as costas do *Ibirá-Mirim*..." (Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 126). *Barão de Ibirá-Mirim*: (V. Salles Filho, José Luiz Cardoso de).

IBIRAPUITÃ¹ (Do guar. *ibira* + *y* + *pitã*, o rio do pau vermelho), Potam. Rio na faixa centro-ocidental do estado. Nasce na coxilha de Sant'Ana. Tem barrancas íngremes, reflexões pronunciadas, margens alagadiças e cerca de 250 km de curso até desaguar no Ibicuí, pela margem esquerda. Irriga grandes lavouras de arroz no município de Alegrete. Principalmente afluentes: Caiboaçu, Catimbau, Caverá, Inhanduí, Jacaraí, Jararaca, Ibirapuitã-Chico, Mata Olho, Paissão e Salso. "O seu cavalo era muito bom, um douradilho-estrela, marca de Otávio Borba, criado nos bons campos do *Ibirapuitã*" (Alencastre, *A Vida Militar em um Romance*, p. 58). "Atravessei o *Ibirapuitã* no passo do Martim Mendonça, desencilhei

o cavalo..." (Flores, *A Campanha de 23*, p. 183). "Em 1923 os maragatos tomaram a cidade. Porém, com a aproximação dos chimangos, recuaram para a outra margem do *Ibirapuitã*..." (Luiz Odilom, *Entrevero de Causos*, p. 98-99). "A enchente era grande. As águas do *Ibirapuitã* tomavam grande extensão do campo..." (Raul, *Mala de Poncho*, p. 30). *Barão de Ibirapuitã*: (V. Pereira, Antonio Caetano). *Combate do Ibirapuitã*: combate, em 14.12.1819, entre as forças brasileiras de José de Abreu e as uruguaias de Andrés Latorre. *Combate do Ibirapuitã*: combate, em 18.06.1923 entre forças rebeldes de Honório Lemes e as legalistas de Flores da Cunha.

IBIRAPUITÃ², Geogr. Município no Planalto Médio. Data da criação: 15.12.1987. Área territorial: 373 km². Padroeira: Nossa Senhora Aparecida. População estimada: 1988.....8.000

Limita-se com Marau, Soledade e Victor Graeff. Extração de ágatas e cristais. Produção de erva-mate em folha. Pecuária de corte e leiteira. Cascata do Carrascal.

IBIRAPUITÃ³, Geogr. Cidade na serra do Botucaraí, a mais de 700 metros de altitude, sede do município de Ibirapuitã. // Grupo Nativista Changueiros da Cultura, fundado em 14.07.1988. Escola Estadual de 1º e 2º Graus Saldanha Marinho. Centro de Tradições Gaúchas Seiva Pampeana, fundado em 14.01.1989.

IBIRAPUITÃ-CHICO, Hidrogr. Arroio afluente do Ibirapuitã, pela margem direita. Nasce no município de Sant'Ana do Livramento, seguindo para o norte. "Do acampamento do *Ibirapuitã-Chico*, o general Curado mandou descobrir para a frente..." (Varela, *Rio Grande do Sul*, 1º Vol., p. 71).

IBIRATOBÁ, Hidrogr. Riacho que deságua no arroio Grande, pela margem direita (M. de Herval).

IBIROCAÍ¹ (Do guar. *ybirá* + *oca* + *y*, o arroio da casa de madeira), Hidrogr. Arroio afluente do Ibicuí, pela margem esquerda. Tem 98 km de curso e três galhos formadores: o Guaçuboi, o Guabiju e o Pasto. "Ah! se pudéssemos repetir os puaços do *Ibirocaí* e do *Carumbé!*" (Piá do Sul, *Farrapo*, 2ª ed., p. 45). "Certa feita, quando eu estava alabrando na Santa Virgem, fui pescar com o finado Candoca na barra do *Ibirocaí*..." (Villèle, *Gauchadas do Candinho Bicharedo*, p. 53). *Barão do Ibirocaí*: (V. Freitas Valle, Luiz de). *Combate do Ibirocaí*: combate em 19.10.1816 entre as forças brasileiras de João de Deus Menna Barreto e as uruguaias de José Antonio Verdun.



Cascata do Carrascal



Guilherme Flores da Cunha,
morto no combate de Ibirapuitã
(18-06-1923).



Ibirocaí²: Localização geográfica

IBIROCAÍ², Geogr. Povoado no 1º distrito, à margem esquerda do arroio Guabiju, servido pela ferrovia Santa Maria-Uruguaiana (M. de Uruguaiana). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. São Pedro. "Vamos arrancar

os trilhos no Ibirocaí..." (Fagundes, Destino de Tal, p. 89).

IBIROCAIZINHO, Hidrogr. Arroio afluente do Ibirocaí, pela margem direita (M. de Alegrete).

JAC BARBOSA, Biogr. (V. Fernandes Barbosa, Jacinto).

JACINTO, Geogr. Povoado na região da Campanha (M. de Sant'Ana do Livramento).

JACINTO PENA, Biogr. (V. Brittes, José Paím).

JACIRENDI, Hidrogr. Pequeno curso d'água que desemboca no Potiburu, pela margem esquerda.

JACOBI, S.f. Variedade de batatinha importada da Alemanha.

JACOÇA, Hidrogr. Arroio afluente do São Lourenço, pela margem direita.

Tenho meu cavalo baio
Chouliito do Jacoca,
Para dar um galopito
No rancho da chinoca!

JACOME DE ABREU E SOUZA, Luiz, Biogr.

(1828-1902) — Célebre hipólogo que, nascido no Rio de Janeiro, veio para o Rio Grande do Sul por volta de 1869, radicando-se em Porto Alegre, onde fundou em 1871 uma escola de equitação, preconizando ao mesmo tempo a criação de clubes de corridas e processos brandos de doma. "Dizes que ele foi caroneado no palanque por um mocito, discípulo de Jacome..." (Maneco Russo, A Reforma, P. Alegre, 06.04.1873).

JACOMISMO (De *Jacome* + *ismo*, cf. o hebraico *lakob*, Jacob e o lat. *iacobus*, que deu também o it. *Giacomo*), S.m. Conjunto de idéias e opiniões sobre amansamento de animais cavaleares, sem métodos violentos, difundidas por Luiz Jacome de Abreu e Souza no Rio Grande do Sul (1869-1874).

JACOMISTA (De *Jacome* + *ista*), Adj. 2 gên. Relativo ou pertencente a Luiz Jacome de Abreu e Souza ou próprio dele; s. 2 gên. pessoa admiradora ou seguidora do jacomismo.

JACÓ PIM-PIM, Biogr. (V. Barros Cassal, Alcides Falcão de).

JACÓ PUM-PUM, Biogr. (V. Bopp, Raul).

JACQUES D'AVRAY, Biogr. (V. Freitas Valle, José de).

JACQUES, Alfredo Gomes, Biogr. Militar e escritor natural de Santa Vitória do Palmar, nascido em 1905. Rubrica usual: Alfredo Jacques. Publicou os seguintes livros de contos: *Brigadianos*, P. Alegre, Globo, 1937; *Provisórios*, ib., 1937; *Mar Perdido e Outras Histórias*, ib., 1959 e *O Grande Jogo e Outras Invariantes*, P. Alegre, Edição A. Nação, 1973.

JACQUES, Paulino Inácio, Biogr. Advogado, professor, jurista, jornalista e escritor alagoense, nascido em 1909. Assinatura habitual: Paulino Jacques. Iniciais: P. J. Bacharelou-se em 1936 no Rio de Janeiro, onde, de 1931 a 1937, militou ativamente na imprensa, como redator ou colaborador de inúmeros cotidianos, entre os quais o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Comércio* e o *Jornal do Brasil*. Obras principais: *Viagem em Torno de Mim Mesmo*, Rio, Tip. Batista de Souza, 1932; *O Direito Novo no Supremo Tribunal Federal (Lei nº 620)*, comentários e apostilas, Rio, Tip. do Jornal do Comércio, 1940; *Gaspar Silveira Martins - O Condestável da Democracia Brasileira*, Rio, Zélio Valverde, 1943; *Da Igualdade Perante a Lei*, tese, Rio, A. Coelho Branco Filho Editor, 1947; *O Mandato Político na Constituição de 1946*, Rio, Tip. do Jornal do Comércio, 1950; *Síntese da Vida e Ação de Dinarte Dorneles*, Rio, 1951; *Esboço do Perfil Político de Getúlio Vargas*, Rio, Tip. do Jornal do Comércio, 1951; *Anatomia do Direito do Trabalho*, Rio, A. Coelho Branco Filho Editor, 1953; *Curso de Direito Constitucional*, Rio, Revista Forense Editora, 1956; *A Constituição Federal Explicada* ib., 1958 e *A Guerra dos Farrapos*, Rio, Reper Editora, 1969.

JACQUES SEIXAS, Danton, Biogr. Jornalista. Em Porto Alegre, com Dinarte Ribeiro, fundou *O Sul Rural*.

JACU¹ (Do guar. *ya + ku*), S.m. Ornitol. Designação comum a várias aves do gênero *Penélope* Mer. existentes no estado. "O canto melancólico do *jacu* cortava o espaço e repercutia longe." (Acauan, Ronda Charua, p. 127). "Mais além um bando de pombas-carijós ou *jacus* esquivos." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 155). "O caçador regressava à casa com o alforje cheio de *jacus*." (Paulino Jacques, Gaspar Silveira Martins, p. 215).

Surgem das zonas escuras,
Entre vãos e pousadas,
Os *jacus* e as saracuras
Atravessando as picadas!

Fabio Silva Conceição, Última Estância, p. 28.

Adag. Onde passa gavião, jacu não pia.

JACU², Hidrogr. Riacho tributário do Tanhas, pela margem direita.

JACUAÇU, S.m. Ornitol. Ave galiniforme da família dos cracídeos, também chamada jacu-vermelho. Pescoço encarnado desgrenhado de penas. Barriga e uropígio encarnado-escuros. Sobrancelha preta com estria branca. Reverberações verde-metálicas no dorso e nas asas. Canto típico em forma de silvos agudos, ao amanhecer e ao anoitecer (Penelope jacquacu Spix.).

JACUBA DE LEITE, Expr. Bebida preparada com farinha de mandioca, leite, açúcar e mel, usada como desjejum. "Estavam os mestres naquele piquete que a família, da manhãzita, depois da *jacuba de leite*, pegava a aprontar-se..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 76). Pl.: *jacubas-de-leite*.

JACUCACA, Hidrogr. Arroio afluente do Campinas, pela margem esquerda.

JACUÍ (Do guar. *ya + ku + y*, o rio das jacus), Potam. Rio nas faixas central e centro-oriental do estado, justamente denominado o Mississipi do Rio Grande, também chamado Jacuí Grande. Magnífica via de transporte fluvial, por ela se escoam anualmente mais de dois milhões de toneladas. Lança-se no Guiba, do qual constitui o mais importante elemento formador. Nasce com o nome de Jacuizinho no município de Passo Fundo e tem aproximadamente 100 km de extensão. A sua imensa bacia representa 1/4 de toda a área hidrográfica do Estado e constitui o escoadouro natural das águas que vertem das rampas graníticas da serra Geral e da Serra do Sudeste. Apresenta a princípio a direção Norte-Sul, tomando depois o rumo Oeste-Leste, através de curvas e inflexões acentuadas. A sua contribuição de dezenas de afluentes, entre os quais os chamados Aquiquei, Arroio do Couto, Bexiga, Boriembó, Bori-caraf, Butiazinho, Cabral, Caemborá, Capiné, Capivari, Corupá, Dom Narcos, Ferrão, Francisquinho, Gil, Guardinha, Iruí, Ivaf, João Rodrigues, Marquês, Passo Raso, Pequiri, Petim, Rio Preto, Soturno, Tabuão e Tabatingá. // Representando a linha de menor esforço...

navegação regular durante as estiagens. Atualmente, o Jacuí apresenta boas condições de navegabilidade ao longo de pelo menos 300 km a partir da foz, graças às barragens eclusadas de Amarapólis (a 74 km de Porto Alegre), Anel de Dom Marcos (Rio Pardo) e Fandango (Cachoeira do Sul), complementadas por serviços de derrocamento, dragagem, balisamento e sinalização. Entre General Câmara e São Jerônimo admite calados de até 2,60 m e, após receber o Taquari, que lhe acresce consideravelmente o nível, comporta o trânsito fácil de embarcações maiores.

Nas obras de Amarapólis foi utilizado o sistema de alças Aubert, com o emprego de 43 peças em cada vão. Bibliogr. Emílio Fernandes de Souza Docca, O Jacuí e suas nascentes, Revista do IHG/RS, P. Alegre, 4º Trim., 1927. "As forças de Crescêncio acamparam na margem oposta do Jacuí..." (Reichardt, Bento Gonçalves, p. 221). "E assim do Jacuí ao Guaíba fomos-nos rio abaixo..." (Aureliano, Memórias do Coronel Falção, p. 50). "Já imaginaram uma enchente agora, com o Jacuí transbordando?" (Josué Guimarães, Depois do Último Trem, p. 95).

O tatu foi encontrado
No passo do Jacuí
Levando muitos offcios
para o General David!

Barão do Jacuí: (V. Abreu, Francisco Pedro de). Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus Rio Jacuí: educandário na cidade de Cachoeira do Sul, subordinado à 24ª D.E.

JACUÍ², Geogr. Distrito na Depressão Central (M. de Restinga Seca).

JACUÍ³, Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

JACUÍ-MIRIM, Potam. Volumoso curso d'água que constitui propriamente o braço ocidental, secundário, do Jacuí. Nasce na coxilha das Quínas, nas imediações de Pinheiro Marcado. "As coisas na margem esquerda do Jacuí-Mirim se passaram de maneira muito diferente." (Pedro Ari, Formação do Gaúcho, p. 84).

JACUIZINHO¹, Potam. Rio afluente do Jacuí, pela margem esquerda.

JACUIZINHO², Geogr. Distrito no Planalto Médio. Data de criação: 03.12.1955. Povoador principal: Invernadinha (M. de Arroio do Tigre). População: 1980.....1.283

JACUIZINHO³, Geogr. Vila entre o Jacuizi-



Jacuizinho²: localização geográfica

inho e o arroio Moinho, sede do distrito Jacuizinho. Nome anterior: Costa do Jacuí // Escola Municipal de 1ª Grau Inc. Par. Fíúza. Juizado de Paz. Ofício Distrital.

JACUNDÁ-VERDE, S.m. Ictiol. Peixe teleosteo, percomorfo, da família dos ciclídeos. Mácula negra na base da nadadeira caudal. Corpo com manchas escuras transversais. (Crenicichla lepidota Heckf.). Pl.: jacundá- verdes.

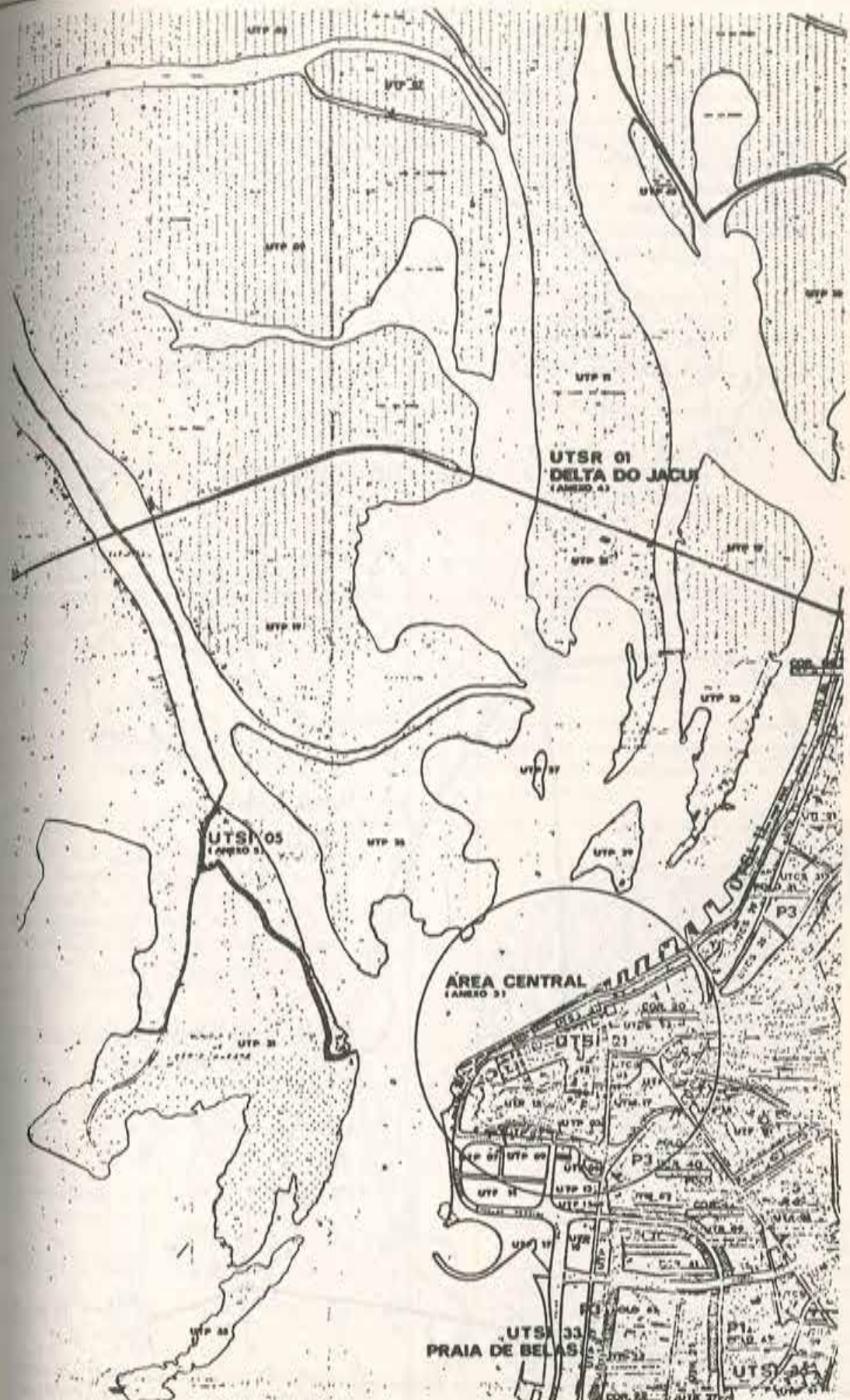
JACUPEMBA, S.m. Ornitol. Ave galiforme da família dos cracídeos, também chamada jacu-velho. Dorso bruno-avermelhado. Manchas cinza-claras no peito e no pescoço. (Penelope supercilialis Temm.).

JACUTINGA¹ (Do guar. *ya + ku + tinga*). S.f. Ornitol. Ave galiforme da família dos cracídeos, gênero Pipile Bon. Plumagem negra-azulada com tonalidades claras. Cabeça preta. Penacho branco no alto da cabeça. Arborícola, alimenta-se principalmente de grãos e pequenos frutos. Espécie de perito. (Pipile jacutinga Spix.). "De vez em quando, Rodrigo safa com os novos amigos a caçar veados ou jacutingas..." (Érico do Continente, 3ª ed., p. 213).

Meu relógio é a estrela d'alva
E o grito da jacutinga!

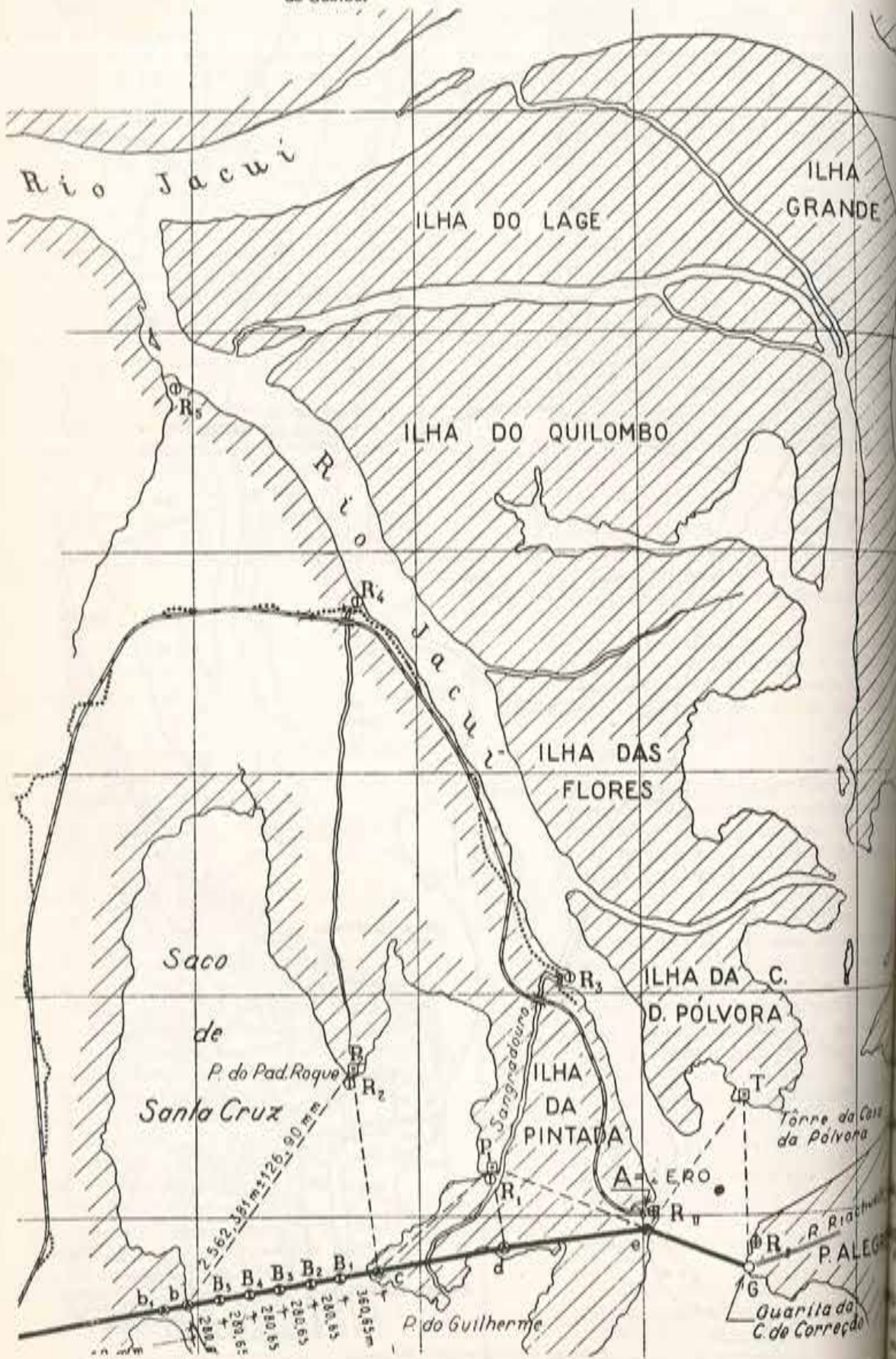
Braun, De Fogão em Fogão, p. 29.

Eu mandei fazer um laço
De couro de jacutinga,
Pra laçar meu boi-barroso
Lá no passo da restinga!



Delta do Jacuí no estuário do Guaíba

Rio Jacuí, um dos grandes formadores de estuário do Guaíba.



JACUTINGA², Hidrogr. Arroio afluente do Santa Rosa, pela margem esquerda.

JACUTINGA³, Hidrogr. Córrego que deságua no Uruguai, pela margem esquerda.

JACUTINGA⁴, Geogr. Município do Alto Uruguai. Data de criação: 01.06.1964. Área territorial: 352 km². Padroeiro: Santo Antônio. População:
1960.....6.463
1980.....6.535

3.784 eleitores em 1986. Produção de trigo, soja e milho. Suinocultura. Criação de bovinos. 60% do território apresenta relevo acidentado. Suinocultura do tipo carne. Gado de corte e leiteiro. Lavouras de trigo, feijão-soja e milho.

JACUTINGA⁵, Geogr. Cidade a 665 metros de altitude, sede do município de Jacutinga. Paróquia em 14.09.1937. População:
1980.....4.374

Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com gabinete odontológico. Escola Estadual de 1º Grau São José. Conselho Comunitário Pfo Segurança Pública (CONSEPRO), fundado em 15.04.1985. Cooperativa Trifócula Getúlio Vargas Ltda.



Associação Jacutinguense de Estudantes do Ensino Superior, fundada em 26.08.1987. Clube Esportivo e Recreativo Cruzeiro. Sociedade hospitalar São Judas Tadeu Ltda. Inspetoria Veterinária. CTG Rincão Amigo. Associação dos Funcionários e Servidores Públicos Municipais, fundada em 27.02.1989. Festa de Santo Antonio (13 de junho).

JACUTINGUENSE, Adj. 2 gên. De Jacutinga; s. 2 gên. O natural ou habitante desse município.

JACU-VELHO, S.m. Ornitol. (V. Jacupemba). Pl.: jacus-velhos.

JACU-VERMELHO, S.m. Ornitol. (V. Jacupemba). Pl.: jacus-vermelhos.

JACUACACA, S.f. Zool. (V. Ariranha).

JACU-REGER, Clarice, Biogr. Artista plástica. Professora de xilogravura.

JACU-VAIRÃ, Potam. Volumoso curso d'água afluente do rio Pelotas, pela margem esquerda (M. de Vacaria).

JAGUANÉ, S. 2 gên. Animal vacum que tem a cernelha e a barriga de cor branca, variando, entretanto, a tonalidade dos flancos; adj. 2 gên. que tem a pelagem do. "Osco, bicho/Ôta, bragado/ Força, jaguané!" (Acauan, Ronda Charrua, p. 127). "O touro jaguané começa a ceder. Está vencido!" (Alencastre, Fantasias... e Quadros Pampeanos, p. 28). "Alguns mouros-prateados e uns poucos jaguanés e barrocos." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 114).

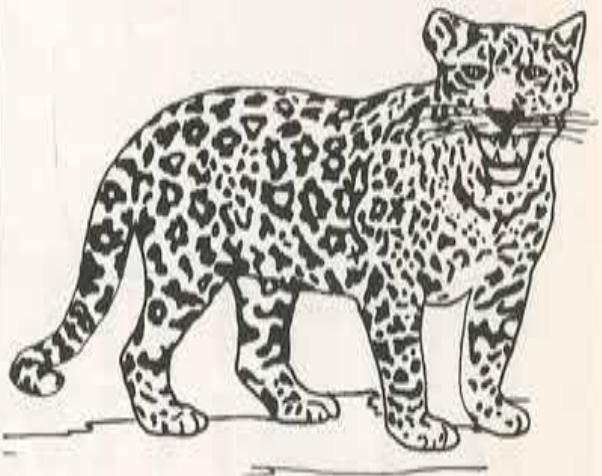
Cola-branca, Jaguané,
Bordado, Pampa, Pitanga...
E a boiada vai andando
Curvada ao peso da canga.

Heitor Saldanha, Casebre, p. 75.

O tatu foi encontrado
Lá nos cerros de Bagé,
De laço e bolas nos tentos,
Atrás dum boi jaguané!

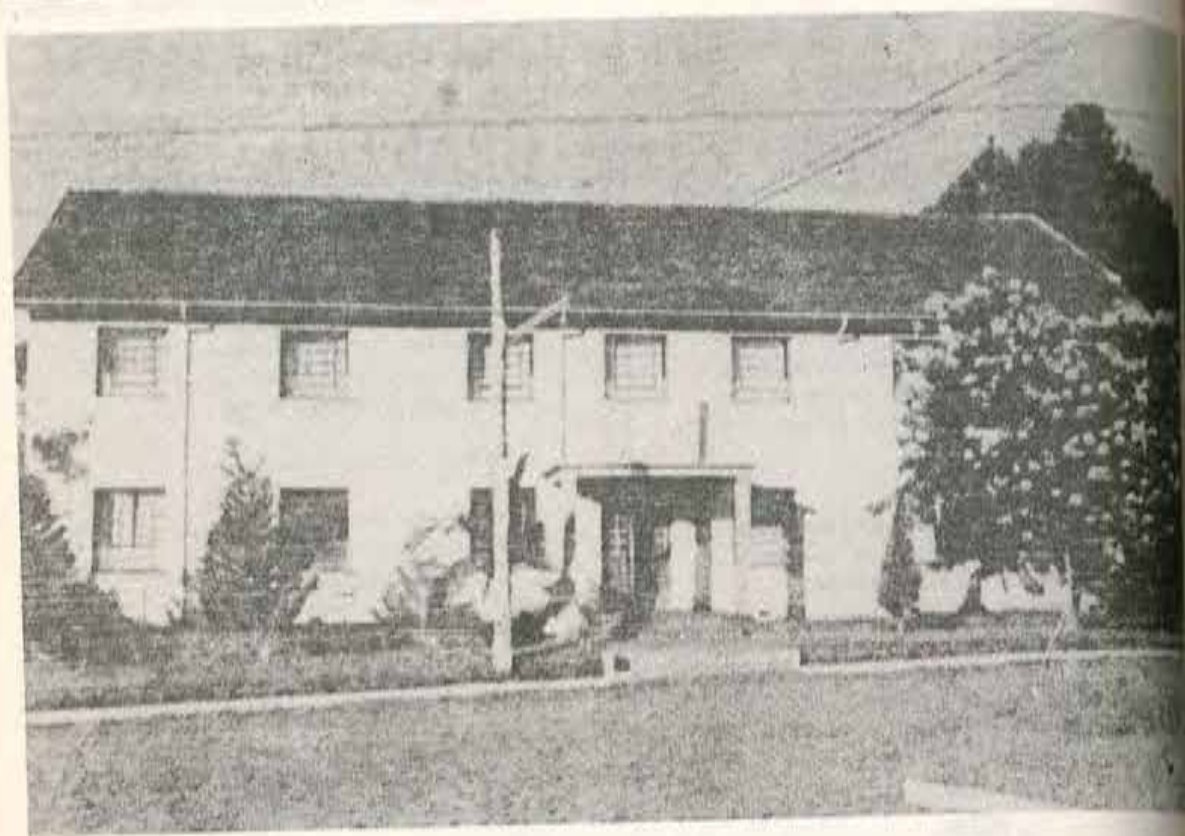
JAGUANÉ-PRETO, S.m. Animal vacum jaguané, cujos flancos são totalmente negros; adj. que tem a cor do. "O outro, jaguané-preto, grande e robusto, respondia ameaçador..." (Alencastre, Fantasias e Quadros Pampeanos, p. 28). Pl.: jaguanés-pretos.

JAGUANÉ-VERMELHO, S.m. Animal vacum jaguané, cujos flancos são vermelhos; adj. que tem a pelagem do. Pl.: jaguanés-vermelhos.



JAGUAR¹ (Do guar. *ya + wara*, denominação genética dos animais do gênero *Felis*), S.m. Carnívoro da família dos felídeos, também chamado jaguetê, canguçu e onça-pintada, comum outrora nas matas do Rio Grande do Sul. Coloração amarela-avermelhada com manchas pretas em todo o corpo. Tem hábitos noturnos. Vive isoladamente ou aos pares. Alimenta-se de roedores, aves e peixes (*Felis onca* L.).

Cidade de Jaboticaba



Colégio das Irmãs Filhas de Maria



Igreja Matriz Nossa Senhora Medianeira

JAGUAR², S.m. (V. Jaguará).

JAGUAR³, Hidrogr. Arroio afluente do Ferromeco, pela margem esquerda (M. de São Sebastião do Cai).



JAGUARA, S. 2 gên. Canino ordinário, vulgar, comum, de qualidade inferior. "Alto, delgado, boca negra, esse jaguara bernento em tudo se assemelhava ao dono." (Barnasque, No Pago, p. 75). "Já para fora, jaguara sem-vergonha!" (Mozart, Pastoral Missioneira, p. 49); (fig) pessoa tímida, medrosa ou de baixa condição; desprezível; guape-

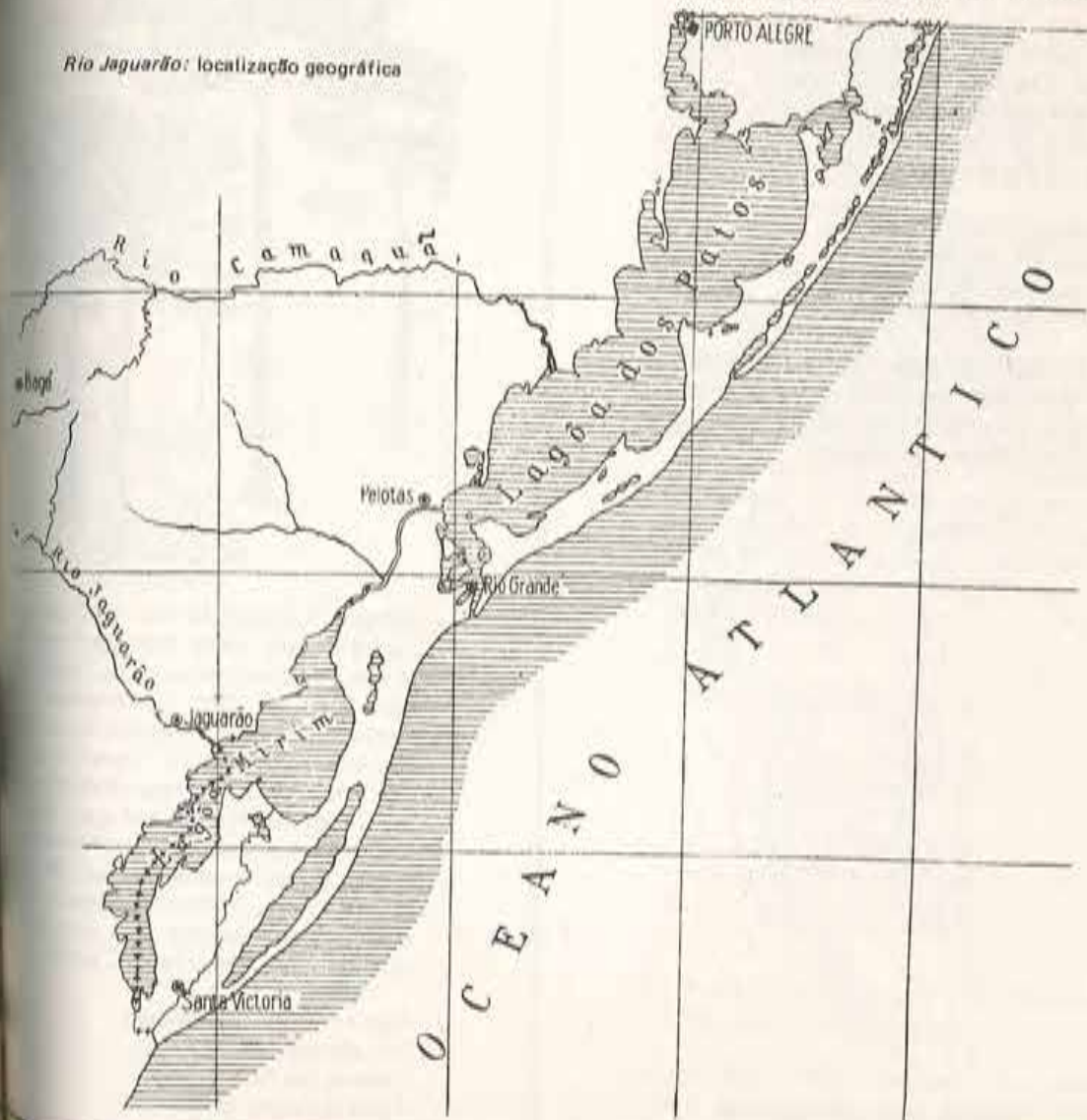
ca. "João Candombe é o mais ordinário de todos os ruins capatazes; é o mais jaguara de todos." (Chicolomã, A Reforma, P. Alegre, 09.08.1874). "Não há perigo. Esse castelhano é um jaguara!" (Ferreira Filho, Revoluções e Caudilhos, p. 51). // Usa-se também a forma aferética jaguar.

JAGUARADA (Do jaguara + ada), s.f. Grupo ou bando de jaguaras.

O tatu saiu do mato
Procurando mantimento,
Saiu-lhe uma jaguarada
Que farejava alimento!

JAGUARÃO (Do guar. *yaguá* + *nharô*, onça braba), Potam. Rio na faixa meridional do estado. Corre na direção N.-S. até atingir as alturas de Aceguá, voltando-se depois para NO.-SE. Deságua na lagoa Mirim, pela margem oriental. Nasce na coxilha do Arbolito e serve de limite entre o Brasil e o

Rio Jaguarão: localização geográfica





Ponte internacional sobre o rio Jaguarão

Uruguai. Leito de arenito. Navegável até a cidade de Jaguarão, num percurso de 33 km. Acima da cachoeira, possui inúmeros pontos franqueáveis, entre os quais o passo das Pedras e o passo do Centurião, este já no município de Herval, próximo à cidade uruguaia de Mello. Bacia hidrográfica de aproximadamente 450.000 km². Curso: cerca de 270 km. Principais afluentes: Bote, Candiota, Jaguarão-Chico, Guabiju, Guirapica, Quartel Mestre, Salsinho e Telho. "Pertito: oito léguas e pico. É logo ali no descer pra o *Jaguarão*." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 111). "Dois ou três dias depois subimos a costa do *Jaguarão*, direito às suas pontas..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p.133). "O boliche estava cravado logo ali do outro lado do rio *Jaguarão*..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 93). "Parte das tropas permanecerá na fronteira natural do rio *Jaguarão*..." (Josué Guimarães, A Ferro e Fogo, p. 85).

Abaixai-vos cerros verdes
Secai, oh! rio *Jaguarão*
Quero alcançar num galope
Quem levou meu coração!

A barragem do Centurião, já definitivamente projetada, permitirá a transmissão de energia e a irrigação agrícola em vasta região do Rio Grande e do Uruguai.



Jaguarão: localização geográfica

JAGUARÃO², Geogr. Município da Encosta do Sudeste, na região da lagoa Mirim na fronteira brasileiro-uruguaia. Data de criação: 06.07.1832. Área territorial: 2.100 km². Padroeiro: Divino Espírito Santo. População:

1960.....	18.376
1970.....	22.377
1980.....	23.270
1985.....	24.021

15.098 eleitores em 1986. Criação bovina de corte e leite. Ovinocultura. Lavoura de arroz. Horto Florestal, com viveiro de mudas.



Bibliogr. Cândido Batista de Oliveira, conhecimento Topográfico da Fronteira Império na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Rio, Tip. Nacional, 1832; Henrique Martins, Geografia do Estado do Rio Grande do Sul, P. Alegre, Liv. Franco & Irmão, 1898; Ernesto Antonio Lacerda Cunha, O Rio Grande do Sul, Imprensa Nacional, 1908; Alfredo Costa, O Rio Grande do Sul, 2ª ed., P. Alegre, Globo, 1922. "Acabavam de vender uma eguada, vendida a tropeiros de Jaguarão..." (A. Maya, Tapera, p.20).

Agora me estou lembrando
Dos pagos de *Jaguarão*!
Amores que foram meus,
Agora de quem serão?



Ponte Mauá ligando a cidade de Jaguarão à uruguaia de Rio Branco

Eu não sou filho daqui,
Sou crioulo de *Jaguarão!*
Encilho cavalo gordo
E tomo mate-chimarrão!

JAGUARÃO³, Geogr. Cidade em frente à congênere uruguaia de Rio Branco, sede do município de Jaguarão. Curato em 15.02.1801. Paróquia em 31.01.1812. Nomes anteriores: Guarda da Lagoa, Divino Espírito Santo do Cerrito e Cerrito. População:

1980.....15.959



Comarca de 1ª entrância. Cooperativa Urizícola do Sul Ltda. Santa Casa de Caridade. Núcleo de Voluntariado da LBA. Cooperativa de Lãs Mauá Ltda. Associação Beneficente Coronel Augusto César de Leivas. Círculo Operário. Cooperativa de Carnes e Derivados da Zona Sul Ltda. Clube União Caixeiral. Teatro Esperança, construído em 1846, nos moldes do Sete de Abril de Pelotas. Escola Estadual de 1ª Grau Joaquim Caetano da Silva. CTG Pincão da Fronteira, fundado em 23.04.1954. Subseção da OAB/RS.



Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Sindicato Rural. Fundação Dr. Carlos Barbosa Gonçalves. Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Sociedade Harmonia Jaguarão. Inspetoria Veterinária. Sociedade Caritativa São Francisco de Assis. Associação dos Funcionários Municipais, fundada em 30.09.1981. Liga Jaguareense de Futebol de Mesa, fundada em 02.04.1987. Eventos significativos: Semana do Município (20 a 27 de janeiro); Festa de N. Sra. dos Navegantes (2 de fevereiro) e Semana Farroupilha (setembro). "Uma tarde parti de *Jaguarão*, em busca da estância do Ruvira..." (Canto e Mello, *Relíquia da Memória*, 2ª ed., p.98). *Barão de Jaguarão*: (V. Guimarães, José Auto da Silva). *Combate de Jaguarão*: combate, em 21.06.1844, entre as forças revolucionárias de Antonio Manoel do Amaral e a guarnição legalista da cidade.



JAGUARÃO⁴, Geogr. Lugar no distrito de Hulha Negra (M. de Bagé).

JAGUARÃO-CHICO¹, Hidrogr. Arroio afluente do Jaguarão, pela margem direita.



Cidade de Jaguarão: prédio da época farroupilha

Caudaloso no inverno. Nasce no município de Bagé. Tem 30 km de extensão e aspectos singulares no trecho denominado Rincão das Cabras, onde as águas correm entre escarpas alterosas. Nome anterior: Concórdia. "Todas as tardinhas, solito, se dirigia ao lagoão que o *Jaguarão-Chico* formava no fundo do piquete..." (Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 155). "E procurava me distrair com uns casos do Cerro Largo, do *Jaguarão-Chico*, da Serra das Asperezas..." (Aureliano, *Memórias do Coronel Falcão*, p. 113).

JAGUARÃO-CHICO², Geogr. Localidade no distrito de Colônia Nova, também chamada Chirca (M. de Bagé).

JAGUAREMIU, Hidrogr. Riacho tributário do

KEMP LARBECK FILHO, Emílio, Biogr. (1873 - 1955) - Jornalista e escritor carioca. Residiu desde moço em Porto Alegre, onde foi diretor do Museu Júlio de Castilhos. Pseudônimos: Acúrcio Benigno e Bainave. Obras principais: *Gente Alegre*, comédia, P. Alegre, Liv. Americana, 1918; *Contribuição ao Estudo do Clima Antropológico do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Liv. Selbach, 1933 e *Luz Suprema*, versos, P. Alegre, Globo, 1938.

Guaporé, pela margem esquerda (M. de Guaporé).

JAGUARENSE, Adj. 2 gên. De Jaguarão; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município, também chamado fronteirista e fronteiriço.

JAGUARETÊ¹ (Do guar. *jaguar + etê*, onça verdadeira), Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data de criação: 14.10.1968 (M. de Erechim). População:
1980.....1.491

JAGUARETÊ², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome. // Companhia Riograndense de Telecomunicações.

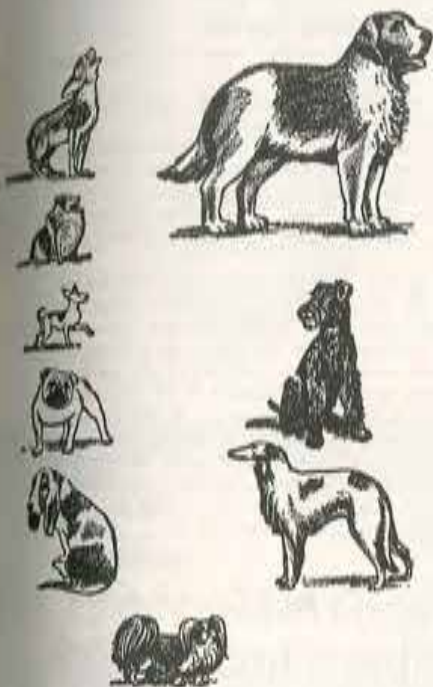


JAGUARETÊ³, S.m. (V. Jaguar¹).

K

KENNEL CLUBE DO RIO GRANDE DO SUL
- Entidade cinófila fundada na capital em 21.03.1945.

KERST, Samuel Gottfried, Biogr. (1818 - 1875) - Engenheiro militar germânico natural de Neubeide bei Elbing. Veio para Rio Grande do Sul em 1826, engajando-se imediatamente no exército brasileiro em operações contra as Províncias Unidas do Rio da Prata. Bom observador e homem



cultura, ao regressar à Alemanha, escreveu o livro *Die brasilische Provinz Rio Grande do Sul. Ein Eitrag sur Landerkunde*, Berlim, 1832. A obra contém valiosas observações sobre a vida gaúcha, rural e urbana, que o autor conheceu.

KLINGER, Bertoldo, Biogr. (1883-1969) — Militar, professor e escritor rio-grandino. Publicou: *É Porque É*, Rio, Papelaria Bandeirantes, 1928; *Nós e a Ditadura*, depoimentos do autor, de Argemiro Assis Brasil e outros, Rio, 1933, *Narrativas Autobiográficas — Como Fui Tenente*, Rio, Editora O Cruzeiro, 1944 e *Narrativas Autobiográficas — Em Continência à Lei*, Rio, 1953.

KODAK, Impr. Revista porto-alegrense lançada em 21.09.1912 por Lourival Cunha e Wedemar Ferreira. Publicação semanal impressa nas oficinas da Livraria do Globo, sempre com capas em cores. Principais colaboradores: Aurélio Veríssimo de Bit-

tencourt, Fernando Antunes, Hedefonso Gomes, Jacinto Barbosa, João Cezimbra Jacques, João Maia, João Pinto da Silva e Zeferino Brasil.

KOENIGSBALL, S.m. Baile do Rei na Região Colonial Alemã.

KOETZ, Hidrogr. Arroio na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Igrejinha).



Emílio Kemp

KOETZ, Edgar, Biogr. (1913-1969) — Pintor e gravador porto-alegrense. Na capital gaúcha estudou com Ernest Zenner, trabalhou na seção de arte da Livraria do Globo e ajudou a fundar a Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa.

KOINÉ, S.f. Mescla de dialetos vênets, hoje predominante nas regiões rio-grandenses de colonização italiana.

Semolina
Phosphatada
—
ALIMENTA CRIANÇAS
—
Keal, Santos & C.

KODAK

Fernet Branca
UNICO VERDADEIRO
Concerta o estomago
—
Indispensavel em
todas as viagens

Redacção e Officinas: RUA DOS ANDRADAS N. 161 — Rio Grande do Sul - Porto Alegre

ASSINATURAS
Anno . . . 208000 — Semestre . . . 128000

NUMERO AVULSO
Capital . . . 400 rs. Interior . . . 100 rs.

Director de redacção: LOURIVAL CUNHA — Director Artistico: EMBILIO GUINARÊS

TYPOS E MEDALHÕES



Este é o dr. Barcellos Filho, o dr. Barcelinhos, como é conhecido no vasto círculo de suas amizades... Aborrecendo a trabalhosa vida clinica, S. S. abandonou a cabeceira de seus enfermos, e foi buscar, na paz bucolica de um arrabalde, descanso e compensações ás longas noites mal-dormidas, e arduos dias atravessados...

Alopatha dos mais distinctos, convenceu-se um dia da inutilidade dos *ferros* carneiros, abraçando a mansuetude homeopathica, na convicção de que a santa agulha, si não faz bem, pelo menos, mal não faz...

Vivendo de gordas rendas, solitariamente vivendo o seu espirito atilado, o Dr. Barcelinhos já não traz á rua dos Andradas o lustre

impecavel de sua cartola alta, ou o fino tulle do *croisé* preto...

Ha muito os nossos olhos mortaes não pousam na sua sympathica figura, mas, nos parece que lá, na saudavel companhia dos frescos vegetaes, S. S. ha-de usar grossa camisa de ribendo, patriarchaes tannicos portuguezas...

Estamos a ver sua fidalga cotia tostada pelos sóes, e as finas mãos ja calosas pelo uso constante do machado e da enxada, que nos dizem, elle trabalha no amanho da terra, re-confortando-nos nos golpes salutares da picareta, já que aborreceu o *histuri* e as *dynamisadas* gottas hanemannianas... Eahi ficam largos traços a personalidade do dr. Barcellos F., faltando, apenas, dizer que, si ao seu gordo corpanzil o ar dos campos augmentou o volume, o retiro dea ao seu bello espirito *injeçoes* de novo e explosivo saber...

Machivel.

Sobre o luar

Como é tão lindo amor!..

Como adormece encantadoramente a lua..

E a guitarra, como geme amorosa.

Não ouves como a linda canção, num halo suavissimo de poesia, se transmonta ao perfume estrelado?..

Amor!..

As serenatas...

Como é linda a voz do trovador.

Quanta poesia, meu Deus...

Não vês a noite como desce envolvendo-se num capus de trevas?..

Não vês como o luar desmaia placidamente?..

E as estrellas, querida, como vão de novo se escondendo no céu.

Ves?..

Vejo sim!..

Lá vão desaparecendo entre as nuvens, lá vão ellas, umas após outras, abandonando as nossas juras...

E agora como é triste o luar que decalma e a escuridão que vem de envolver tudo.

Não entristeças amor, os teus olhos brillam maravilhosamente, recordemo-nos... recordemo-nos antes as juras...

Como é lindo o luar dos teus olhos!..

Mucio Dantas



Edgar Koetz



Linoleogravura de Edgar Koetz (1940)

KOSERITZ, Carlos Júlio Cristiano Adalberto Henrique Fernando von, Biogr. (1834-1890) — Jornalista, escritor e político nascido em Dessau. Veio no grupo dos *brummers*, naturalizando-se brasileiro e fixando-se inicialmente na cidade de Rio Grande a fim de exercer o magistério. Pseudônimos: Philocrates e Philcretos. Rubrica usual: Carlos von Koseritz. Em

Pelotas, foi um dos fundadores da *Sociedade Harmonia Pelotense* e na mesma cidade, em 28.12.1856, um dos organizadores da *Sociedade Literária*. Na capital fundou a



Lanterna em 03.06.1877, o jornal *Koseritz Deutsche Zeitung*, o almanaque *Koseritz Deitsche Kalender* e foi colaborador de diversos outros órgãos da imprensa local, entre os quais *O Rio-Grandense*, *A Reforma*, o *Mercantil*, *A Sentinela do Sul*, a *Gazeta de Porto Alegre* e o *Jornal do Comércio*. Obras principais: *Resumo de História Universal*, Pelotas, Tip. de Luiz José Campos, 1856; *Inês e Clara*, dramas, Pelotas, Tip. Comercial, 1859; *Resumo de Economia Nacional*, P. Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1870; *Bosquejos Etnológicos*, ib., 1884; *A Terra e o Homem à Luz da Moderna Ciência*, P. Alegre, Tip. Gundlach, 1884 e *Impressões da Itália*, ib., 1887.



Carlos von Koseritz

INQUERITO LITERARIO

1. Quando se manifestou a sua vocação literaria? — 2. Quando e onde se estreou nas letras? — 3. Sob que impressão publicou o seu primeiro trabalho? — 4. Dos seus trabalhos, qual prefere? — 5. Está satisfeito com a sua carreira literaria ou desejaria ter abraçado outra profissão? — 6. Quaes as influencias decisivas na formação do seu espirito? — 7. Quaes, hoje, os seus autores predilectos?

A' 1ª. — Chi lo sa? Talvez — a 24 de abril de 1870, quando nasci.

A' 2ª. — Quando comecei a aprender as 26 letras do alphabeto. (1870.)

A' 3ª. — De que la metter uma lança na Africa... (1883).

predilectos, Higâmos, antes de 1870. Tenho dois sempre sobre a minha mesa de trabalho: A Biblia e o D. Quixote.

Zeferino Brazil

Ao 1º: Desde muito cedo por-

anos e já anclava pelos 20. Hoje, que já prefiz quasi tres volumes aquella idade, me espanto do desejo insensato e do sonetto reflectido.

Ao 3º: Com a timidez augmentada, mas voluptuosa, de quem fuma um primeiro cigarro, da es-



O glorioso poeta Zeferino Brazil



O eminente professor Fabio de Barros

A' 4ª. — Visão do Opio. Aneto de belleza inaffligida.

A' 5ª. Burocrata, não fiz a litteratura profissão. Quando moço, era empregado publico nas horas vagas; hoje, não tenho horas vagas para as letras.

A' 6ª. Para um temperamento como o meu, não ha influencias decisivas. As minhas impressões são rapidas, voadoras, fugitivas como o vento. Romantico, um olhar, um sorriso, um perfume que passa — e'a na fonte do meu verso.

A' 7ª. — Enveg de auctores

que a memoria me era infiel, especulando em se tratando de datos. Mas as datas não são facil pensaveis para a historia. Visões litterarias ignoro se já me a senti, ou se nel, mesmo, se ella se manifesta por alguns espezacos. Por ex. Informo-a que, certa vez, encontrando-me com a penna na mão para fazer um thema e co'ar, em voz do thema crevi alguma coisa que, na minha lingua'da, intenção, deveria ser verso. E continuei a escrever vida em fóra. Foi uma questão de habito.

Ao 2º: No "Correio do Povo",

andadas, certo de estar tendo um neto prohibido.

Creio que até senti as primeiras tentativas. Poderia ser o primeiro verso. E, de onde a minha, de certo a uma certa creatura. Mas não guardo memoria.

Ao 4ª. Ou que ainda não crevi, nem, de certo, já me creverei. O que me parece um exemplo superior no do meu caro Eduardo Guimarães.

Ao 5ª. Já disse que crevi no habito (v. resp. no 1º questionario). Talvez fosse mais certo responder que crevi por crevi, ou que crevi por crevi, ou que crevi por crevi.



Carolina von Koseritz

KOSERITZ, Carolina von, Biogr. (1865-1922)
 – Escritora, jornalista e tradutora porto-alegrense. Filha de Carlos von Koseritz. Sócia atuante da Sociedade Partenon Literário. Pseudônimos: Cerstony, Consuelo e Valquíria. Produção esparsa. Verteu para o português o poema *Herman e Dorotéia* de Goethe, P. Alegre, Tip. Gundlach, 1884. **Bibliogr.** Hilda Agnes Hübner Flores, Carolina Von Koseritz, Porto Alegre – História e Cultura, coletânea organizada pela autora, P. Alegre, Martins Livreiro – Editor, 1987.

KOSMOS, Impr. Revista porto-alegrense fundada em 06.02.1926 por Lourival Cunha e De Souza Junior. Colaboradores, entre outros: Alcides Barros Cassal, Dario de Bittencourt, Ernani Fornari, João Maia e Luiz Vergara.

KRAEMER¹, Geogr. Distrito na região das Missões (M. de São Francisco de Assis).

KRAEMER², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome. // CTG Tropeiro das Missões.

KRAEMER, Christiano, Biogr. (1852-1923) – Professor, jornalista, tradutor juramentado e escritor porto-alegrense. Aluno do Colégio do Padre Carlos Hoffer e do Liceu Dom Afonso, onde foi aluno de Miguel Spencer e outros grandes mestres. Estudioso e propagador do esperanto. **Bibliogr.** O Independente, P. Alegre, 03.09.1911; Aquiles Porto Alegre, Palavras ao Vento, P. Alegre, Liv. Selbach, 1925.

KRAEMER DA LUZ, Nicanor, Biogr. (1913-1983) – Advogado, político e ruralista vacariense. Deputado estadual. Prefeito de Vacaria (1956-1960). Secretário da Fazenda no governo Walter Peracchi Barcellos. Conselheiro do Tribunal de Contas. Presidente da FARSUL. Vice-presidente da Confederação Nacional da Agricultura.

KRAEMER HAESBAERT NETO, Nelson, Biogr. Jornalista e escritor porto-alegrense, nascido em 1918. Assinatura literária usual: Kraemer Neto. Obras principais: *Flores Exóticas*, versos, P. Alegre, Liv. Andradas, 1952 e *No Tempo da Velha Escola*, reminiscências, P. Alegre, Liv. Sulina Editora, 1970. O poema *Carreta, Velha Carreta*, abaixo transcrito, revela as boas qualidades líricas do autor:

Velha carreta que chias,
 nas noites de ventanias,
 como um lamento aflitivo
 enclausurado na encerra,
 de tudo, te resta, agora,
 como um vínculo nativo,
 um pobre naco de terra!

Já foste dona e rainha
 das estradas da querência,
 dublando a rude paciência
 de quatro juntas de bois...

Depois,
 veio o fastígio, o progresso,
 e no rodeio do sucesso
 ficaste
 como que um traste
 sinônimo de retrocesso.

Porém garanto que às noites,
 no teu andar de anclã,
 vais rodando por aí,
 das barras do Inhanduí
 às bandas do Saicã;
 repassas todo o Rio Pardo
 no teu andar de boi tardo;
 garanto que vais, até,
 rodar pelo Caiboaté,
 por Jesus-Maria-José,
 o Forte da Fundação...

E como um fantasma, tristonho,
vai te guiando o carreteiro
— que contigo já se foi... —
com a agulhada do sonho
entoando o
— "Eeeeeeeee, boi..."

KRAITZ-POLK, S.f. Dança do kerb, chamada polca em cruz, calcada no velho folclore trazido pelos imigrantes alemães.

KREBS, Carlos Galvão, Biogr. Advogado, jornalista, professor e escritor santamariense, nascido em 1914. Colaborador da revista *Província de São Pedro*, em cujas páginas inseriu estudos, artigos e ensaios. Autor ainda de *Tesouros e Subterrâneos Jesuíticos*, P. Alegre, Globo, 1949. Agradecido com a comenda Negrinho do Pastoreiro.



O governador Pedro Simon faz a entrega da comenda Negrinho do Pastoreiro a Carlos Galvão Krebs

KRISCHKE, Egmont Machado, Biogr. (1909-1971) — Pastor e prelado da Igreja Episcopal Brasileira, natural de São Leopoldo. Obras principais: *Vozes do Calvário*, Rio, Centro Brasileiro de Publicidade, 1938; *Nos Dias da Tua Mocidade ou O Sexo Sob Uma Nova Luz*, P. Alegre, Globo, 1941; *Perspectivas da Juventude*, São Paulo, Liv. Independente, 1949 e *Crise e Renovação*, São Paulo, Publicadora Eclésia, 1967.

KRISCHKE, Geogr. Upton, Biogr. (1881-1958) — Pastor da Igreja Episcopal Brasileira e professor natural da cidade de Rio Grande. Publicou, entre outros trabalhos, os seguintes: *Religiões do Mundo*, P.

LAÇO DE DOZE BRAÇAS, Expr. (V. Laço¹).

LAÇO DE QUINZE BRAÇAS, Expr. (V. Laço¹).

LAÇO DO PARTILOR, Expr. (V. Laço³).

Alegre, Globo, 1934; *Do Reto Uso da Preposição em Língua Portuguesa*, P. Alegre, Tip. Gundlach, 1939 e *História da Igreja Episcopal Brasileira*, Rio, Gráfica Tupi, 1949.

KROEFF, Mário, Biogr. Médico e escritor porto-alegrense, nascido em 1893. Autor de *Imagens do meu Rio Grande*, memórias, Rio, 1971.

KRUEL RIBEIRO, Lígia, Biogr. (1913-1957) — Escritora santa-mariense. Autora de *Distância e Lágrima*, versos, obra póstuma, Rio, Gráfica Milone, 1957.

KRUG BRINCKMANN, Guilhermina, Biogr. (1906-1954) — Professora e escritora natural de São Jerônimo. Com Nely R. Carvalho organizou a antologia intitulada *Letras Rio-Grandenses*, P. Alegre, Globo, 1935.

KUNZ, Edmundo Luiz, Biogr. Prelado católico, natural de Venâncio Aires, nascido em 1919. cursou Humanidades, Filosofia e Teologia em São Leopoldo, ordenando-se em 1944. Eleito bispo auxiliar de Porto Alegre em 1955.



Dom Edmundo Luiz Kunz

K. ZECA, Biogr. (V. Rodrigues da Rosa Arthur).

LACOMBE, Carlos Alberto, Biogr. Advogado, professor, jornalista e escritor natural de Jaguarão, nascido em 1915. Autor de *Considerações sobre a Economia Brasileira*, São Paulo, 1955.

LACOMBE, Ernesto, Biogr. Jornalista. Na cidade de São Gabriel, com Mário Sá e Roque Callage, fundou, em 01.03.1909, a folha semanal *O Comércio*.

LÃ COM SEMENTE, Expr. Tipo de lã inferior, defeituosa. // De 1978 a 1982, a produção de lã evoluiu da seguinte forma:

	1978	1979	1980	1981	1982
Lã veto/kg/ cabeça	2,6	3,2	3,3	3,0	3,2
Média total/ kg/cab.	3,1	3,0	3,8	3,4	3,5

LAÇO REPUBLICANO, Expr. (V. Nó republicano).

LACRAINHA (a-i), S.f. Entomol. Inseto terrestre, noturno, inofensivo, da ordem dos dermápteros. Corpo alongado, cor de pinhão escuro, com um jogo de pinças no ápice abdominal.

LACRANADO (Part. de *lacrancar*), Adj. Que tem um ou mais ferimentos; que sofreu pisadura violenta ou escoriação grave. "Chegados à estância foi preciso banhar com salmoura as paletas do baio *lacradas*..." (Aristides, Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 66).

LACRANAR (Do esp. plat. *alacrancar*), V.t.d. Causar laceração a; escalavrar; esfolar; arranhar.

LA CUNA, Interj. (V. Aícuna). "Dançamos e dançamos a noite toda, *la cuna!*" (Gomes, Caminho Santiago, p. 10).

LADear-SE (De *lado + ear + se*, cf. o lat. vulgar *latu*), V. p. Manifestar predileção por alguém. "O doutor anda *se ladear* pra patroninha..." (Severo, Visão do Pampa, p. 130).

LÃ DE BORREGO, Expr. (V. Borrego).

LÃ DE CACHORRO, Expr. Certo tipo de lã.

Também ali se encontrava
A ovelha pata-pelada,
Que dava *lã de cachorro*,
Bom pelego pra sesteada!

Fernandes Bicca, Os Bombachudos e as Lutas do Gaúcho, p. 10.

LÃ DE FORA, Loc. adv. Do interior; do campo; das áreas rurais.

É patrício, tomo rumo
Desta feita vou-me embora,

Meus peçuelos arrumo
Sou guasca de *lã de fora!*

M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 45.

Eu não sou filho daqui
Sou filho de *lã de fora*.
Ando cumprindo meu fado,
Acabando vou-me embora!

LÃ DE GARRA, Expr. (V. Garra). "Na terra pelada ficaram uns manojos de *lãs de garra*..." (Heraclides, Onze Braças de Campo e Algumas Sobras, p. 39).

LADREAR (De *lado + arrear*), V.t.d. Acompanhar indo ao lado; flanquear. "No dia seguinte cedo começamos a subir por um trilho de mula, *ladreando* os cerros..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 97).

LÃ DE PLANTEL, Expr. Lã de qualidade superior, fina, selecionada.

LÃ DE PONTA, Expr. Lã de fios compridos, grossos e lisos. "Essas ovelhas eram crioulas, brancas ou pretas, de *lã de ponta*..." (Aristides, Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 211).

LÃ DE PRIMA, Expr. Lã de tipo inferior.

LÃ DE RETOSA, Expr. (V. Retosa).

LÃ DETRÁS DAQUELE CERRO, Folc. Tema folclórico que começa invariavelmente com esse verso, mas admite um número ilimitado de variações.

Lã detrás daquele cerro
Tem sino sem badalo;
Já sinto dor de cabeça
De ensinar este cavalo!

Lã detrás daquele cerro
tem um velho gaioleiro;
quando vê moça bonita
faz gaiola sem poleiro.

Lã detrás daquele cerro
passa boi, passa boiada;
também passa moreninha
de trancinha cacheada.

LADO BRABO, Expr. (V. Lado de laçar).

LADO CHOVEDOR, Expr. Ponto cardeal de onde habitualmente provém as precipitações pluviométricas. "Relampeava para o *lado chovedor*, o dos castelhanos..." (Cyro, Estrada Nova, p. 116). "Uma tormenta se formalizou no *lado chovedor* e atropelou, rumando pras nossas bandas." (Echenique,

Fagulhas do meu Isqueiro, p. 179). // Usa-se igualmente o modismo lado do chovedor. "Faiscou no lado do chovedor..." (Mário Simon, Lindeiro, p. 47).

LADO DE CHEGAR, Expr. Qualidade da pessoa (e por analogia do animal), que facilita a aproximação, o trato. "Mas a diaba era meio caborteira. Tinha o seu lado de chegar." (Cyro, Gaúchos no Obelisco, p. 205).

LADO DE LAÇAR, Expr. Lado oposto ao montar, onde se unem as argolas da cincha; lado direito; lado brabo. "Quando ia entrar na venda, saiu-lhe o castelhano pelo lado de laçar..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 70). "Foi quando o negro agarrou o doutor pela cintura e, escorregando pelo lado de laçar, esganchou-se no lombilho..." (Darcy, Contos Rio-Grandenses, p. 110).

Virou logo um pata solta,
Mondongo ruim de pelar,
Que, do lado de laçar,
Ninguém lhe ganhava a volta...

José Nelson Corrêa, Décima do João Guará,
p. 21.

LADO DE MONTAR, Expr. Lado oposto ao de laçar; lado esquerdo; lado manso. "Pelo lado de montar vinha o Brigadeiro Pinto Barreto..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 46). "Já lhe negara muitas vezes o estribo, era sentador no palanque, precisava chegar com jeito, pelo lado de montar..." (A. Maya, Ruínas Vivas, p. 211). "Tomás agarrou com a mão esquerda a orelha do cavalo e com o antebraço lhe tapou o olho do lado de montar..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 213).

LADO DO CHOVEDOR, Expr. (V. Lado chovedor).

LADO MANSO, Expr. (V. Lado de montar).

LADRÃO¹ (Do lat. *latrone*), S.m. Dispositivo de descarga, em certas pontes, por onde se escoam automaticamente as águas pluviais.



LADRÃO², S.m. Vaso com haste, em geral cilíndrico, com o qual se retira da barrica determinada porção de aguardente para degustação (nos alambiques).

LADRONAÇO (De *ladrão* + *aço*), S.m. Grande ladrão; ladravaz.

LAF, Biogr. (V. Araújo Filho, Luiz de).

LÁ FORA, Loc. adv. Em outro lugar que não os núcleos urbanos; nas áreas rurais, campos ou mato adentro.

Lá fora, já bem cedinho,
canta o galo no poleiro;
se ouve a voz do canarinho
quase sempre o dia inteiro.

Edoardo Granata, Trovas e Trovoadas,
125.

LA FRESCA, Interj. (V. A la fresca). "La fresca! Carreira braba, seus!" (Herlein, Fronteira Gaúcha, p. 63).

Era um resto de dia respingando
A anca douradilha do poente.
La fresca, tarde lindança!

Lauro, Senzala Branca, p. 61.

La fresca, barbaridade
se parou feio o bochincho,
Mas nunca perco o corincho
quando se quebra o sossego...

Apparício, Viola de Canto Largo, 3ª ed.,
33.

LA FRINFONETA, Interj. (V. A la frinfoneta).

LA FUSCA, Interj. (V. A la fusca). "Se sou ligeiro! *La fusca!*" (Lessa, O Boi Aspas de Ouro, p. 128).

LAGAMAR (De *lago* + *mar*), S.m. Litoral entre bancos de areias (no Litoral).

LAGARTA-BROCA, S.f. Entomol. Praga que acomete as lavouras de arroz. Voraz mastigadora. Pl.: lagartas-brocas, lagarta broca.

LAGARTA-DAS-ESPIGAS, S.f. Entomol. Díptero de cabeça marrom. No período larvar mede 40 mm e sua coloração variável. A espécie mais comum aparece nas lavouras de milho. Pl.: lagartas-das-espigas.

LAGARTA-DAS-FOLHAS¹, S.f. Entomol. Polípede de corpo alongado, praga dos arrozais. Pl.: lagartas-das-folhas.

LAGARTA-DAS-FOLHAS², S.f. Entomol. Larva cruciforme de certo inseto lepidóptero que ataca especificamente a *Ilex paraguayensis*. (Thelpsia Camina Schaus, 1920). Pl.: lagartas-das-folhas.

LAGARTA-DOS-CAPINZAIS, S.f. Entomol. Praga polípode, vermicular, alongada, que se instala nas lavouras de feijão-soja, danificando-as. Pl.: lagartas-dos-capinzais.

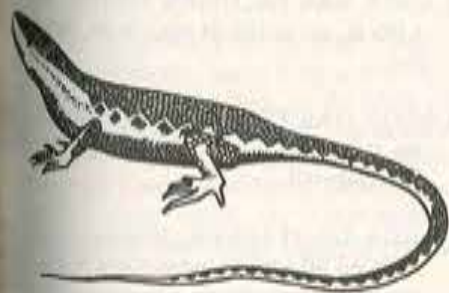
LAGARTA-MILITAR, S.f. Entomol. Inseto lepidóptero da família dos eucleídeos que ataca as lavouras de arroz, causando-lhes consideráveis danos. Pl.: lagartas-militares.

LAGARTA-ROSCA, S.f. Entomol. Praga da família dos noctuídeos, noturna, altamente infestadora. Enterra-se no solo durante o dia. Ataca de preferência as plantações de milho e feijão, destruindo-lhes os coletores. Pl.: lagartas-roscas e lagartas-roscas.

LAGARTEAÇÃO (De *lagartear* + *ação*), S.f. Ação ou efeito da lagartear.

LAGARTEADOR (ô) (De *lagar* + *tear* + *ador*), S.m. Aquele que lagarteia.

LAGARTEAR (De *lagarto* + *ear*, cf. o radical lat. *lac*, que reveste a forma *larg* em *lag-arto*), V. int. Aquecer-se ou deixar-se estar ao sol (no inverno). "De noite parecia um tigre bombeando; lagarteava o dia inteiro, pitando..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 82). "Churrasquearam depois embaixo dum capão de salso e foram se estirar nos pelogos, lagartear..." (Freire, Alma de Guêcho, p. 107). "Sentado num banco de cortiça, perto da porta, estava um homem lagarteando..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 205). "Havia corpos que se estiravam à luz, lagarteando, em distensões sonolentas..." (Antero, Mensagem a Pórcos, p. 239).



Lagartixa-das-dunas

LAGARTIXA-DAS-DUNAS, S.f. Zool. Réptil da família dos guanídeos, comum no Litoral. Cauda curta e coloração cinzento-ombriçada. (*Liolaemus occipitalis* Mart.). Pl.: lagartixas-das-dunas.

LAGARTIXA-VERDE, S.f. Pequeno sáurio da família dos geonídeos. Pl.: lagartixas-verdes.

LAGARTO (Do lat. *lacartu*), S.m. Zool. Lacertílo da família dos tesídeos, freqüente em todo o estado. Língua bífida, protraível. "Lagartos corriam por entre macegas e caraguatás." (Érico, Incidente em Antares, 13ª ed. p. 228). *Levar vida de lagarto*: levar vida calma, tranqüila.

LAGES, Waldemar Ramos, Biogr. (1895-1977) — Agrônomo e professor rio-grandino. Em pelotas dirigiu a Escola de Agronomia Eliseu Maciel. Autor de importantes trabalhos técnicos.

LAGOA BONITA¹, Geogr. Distrito na Encosta Inferior do Nordeste. Data de criação: 11.10.1972 (M. de Sobradinho). População:

1960.....	2.616
1980.....	2.625

LAGOA BONITA², Geogr. Vila, sede do distrito de Lagoa Bonita. // Escola Municipal de 1ª Grau Inc. José Luchese.

LAGOA BONITA³, Geogr. Lugar no distrito de Pontão (M. de Passo Fundo). // Piquete de Laçadores Rincão Campeiro.

Lagoa Bonita³: localização geográfica

LAGOA BONITA⁴, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Tenente Portela). // Sociedade Atlético Clube Vibrante, fundado em 07.10.1976.

LAGOA CRISPIM, Hidrogr. Lagoa tributária do rio Taquari. Tem 7 km de extensão, 120 m de largura e leito de cascalho (M. de Cruzeiro do Sul).

LAGOA DA BOA VISTA, Hidrogr. Lagoa no Litoral (M. de Osório).

LAGOA DA CAIEIRA, Hidrogr. Grande lagoa que constitui, a rigor, simples prolongamento da lagoa do Sangradouro (M. de Osório). // Usa-se também a forma simplificada Caieira.

LAGOA DA CUSTÓDIA, Hidrogr. Lagoa na região do Litoral (M. de Tramandaí).

LAGOA DA EMBIRA, Hidrogr. Grande extensão de água doce que se liga à lagoa Mirim pelo arroio d'El-Rei.

LAGOA DA MANGUEIRA, Hidrogr. Lagoa entre o Atlântico e a lagoa Mirim, na faixa sul-oriental do estado. Tem cerca de 120 km de comprimento e 10 de largura em média. Navegável por lanchões e outras embarcações de pequeno porte. Bastante piscosa. Integra o 7º grupo do sistema lacustre costeiro do Rio Grande do Sul.



LAGOA DA MARIA CAETANA, Hidrogr. (V. Lagoa do Cacondé).



LAGOA DA MÚSICA, Hidrogr. Lagoa no distrito de Barra do Quaraí (M. de Uru-

guaiana). *Lagoa da Música*: livro de evocações de Pedro Wayne, P. Alegre, Glub, 1955.

LAGOA DA PEDRA, Geogr. Localidade na região das Missões (M. de Itaqui).

LAGOA DA PINGUELA, Hidrogr. Lagoa no Oeste da Palmital, em região essencialmente canaveira (M. de Osório). *Lenda da lagoa da Pinguela*: Segundo a lenda, ligada ao ciclo da escravidão, quando tentavam atravessar a lagoa, para esconder dinheiro de seus amos, dois negros ali naufragaram, perecendo em seguida, mas reaparecendo às vezes, em pleno dia, remando. // À margem dessa lagoa, em 1778, o madeirense Domingos Fernandes instalou o primeiro engenho de cana que existiu no Rio Grande do Sul. Em 1929, no mesmo local, por coincidência, surgiu a Usina Santa Maria Ltda., primeira grande fábrica gaúcha de açúcar.

LAGOA DA RESERVA, Hidrogr. Lagoa no Litoral (M. de São José do Norte). "A lagoa da *Reserva*, dos Gateados, do Sangradouro, das Mostardas, de São Simão e do Rincão comunicam-se com a dos Patos dos sangradores." (Lilian Argentina B. Marques, *O Pescador Artesanal do Sul*, p. 10).

LAGOA DAS CRENÇAS, Hidrogr. Lagoa na margem direita do Jacuí (M. de São Jerônimo).

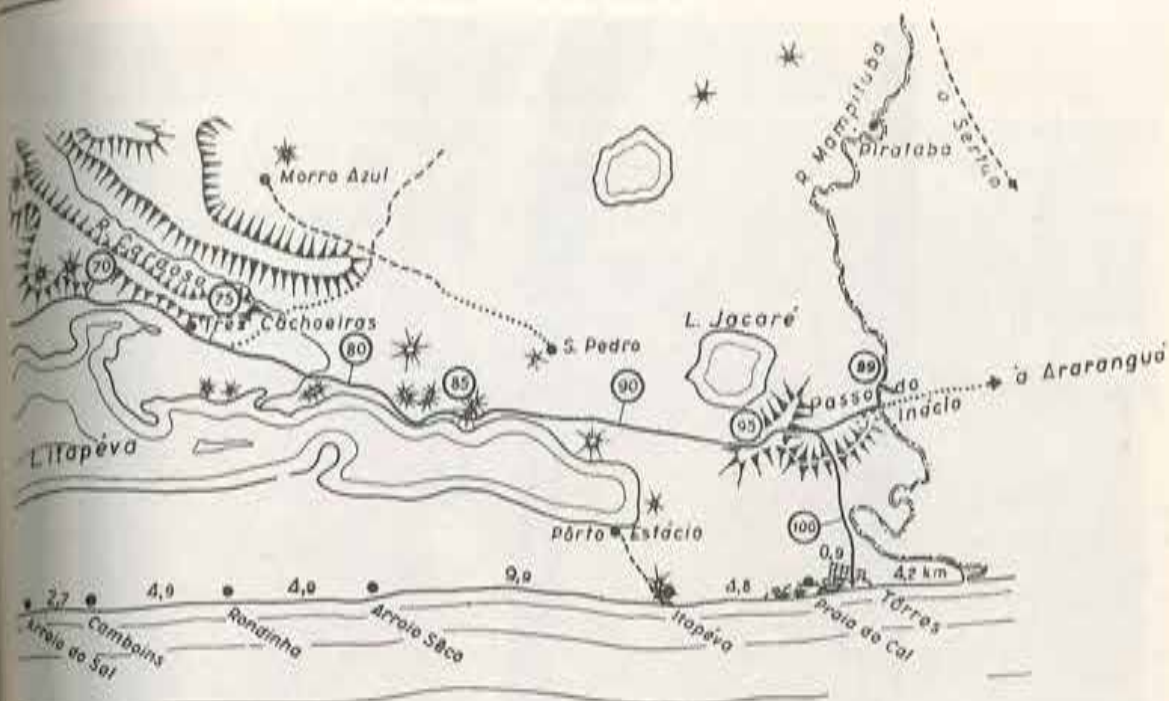
LAGOA DAS GARÇAS, Geogr. Lugar no distrito (M. de Alegrete).

LAGOA DAS MALVAS, Hidrogr. Lagoa ligada à lagoa dos Quadros, com a qual forma extenso lençol d'água, em parte navegável (M. de Terra de Areia).

LAGOA DAS PALOMAS, Hidrogr. Lagoa no Litoral, ao norte da cidade de Palmar do Sul.

LAGOA DAS TRÊS ÁGUAS, Hidrogr. Lagoa no subdistrito de Santa Margarida (M. de São Gabriel).

LAGOA DA ITAPEVA, Hidrogr. Lagoa com mais de 30 km de extensão e quase seis metros de largura, francamente navegável por embarcações de pequeno calado. Recolhe as águas do Três Forquilhas, do Maquiné e de outros rios. Margens com paus em diversos pontos. Comunica-se com a lagoa dos Quadros por belo canal natural e deságua no Jacuí através do Tramandaí (M. de Terra de Areia).



Lagoa do Jacaré: localização geográfica

LAGOA DO ARMAZÉM, Hidrogr. Lagoa na região do Litoral (M. de Tramandaí).

LAGOA DO BOJURU, Hidrogr. Lagoa a sudeste da localidade de Bojuru (M. de São José do Norte).

LAGOA DO CACONDE, Hidrogr. Lagoa de pequena superfície a sudoeste da lagoa das Freiras, também conhecida por lagoa da Maria Caetana.

LAGOA DO CAIUBÁ, Hidrogr. Lagoa do Litoral (M. de Rio Grande). // O nome lembra a Estância do Caiubá, fundada em 1739 por Miguel Moreira.

LAGOA DO CAPÃO ALTO, Hidrogr. Lagoa no Litoral (M. de Tramandaí).

LAGOA DO CASAMENTO, Hidrogr. Lagoa a sudeste de Viamão, ligada à lagoa dos Patos (M. de Palmares do Sul). // Existem nas imediações importantes jazidas de calcário. "De Porto Alegre seguiriam nos mesmos barcos para a lagoa dos Patos, passando por Itapuã e pela lagoa do Casamento..." (Carlos Bento Hofmeister Filho, O Pote de Geléia, p. 13).

LAGOA DO FORNO, Hidrogr. Lagoa no extremo norte do estado, em que se juntam os rios das Pacas e do Forno (M. de Torres).

LAGOA DO GENTIO, Hidrogr. Lagoa na região do Litoral (M. de Tramandaí).

LAGOA DO HORACIO, Hidrogr. Lagoa no 1º distrito, também chamada lagoa Xavier (M. de Osório).

LAGOA DO JACARÉ, Hidrogr. Lagoa na região do Litoral, ligada ao rio Monteiro (M. de Torres). "Os protestantes foram para Três Forquilhas... e os católicos para a colônia São Pedro, ocupando os terrenos devolutos entre a lagoa do Morro do Forno e a lagoa do Jacaré..." (Carlos Bento Hofmeister Filho, O Pote de Geléia, p. 15).

LAGOA DO JARDIM, Geogr. Localidade na região do Litoral (M. de Arroio do Sal).

LAGOA DO JUNCO, Geogr. Localidade no 1º subdistrito (M. de Canguçu).

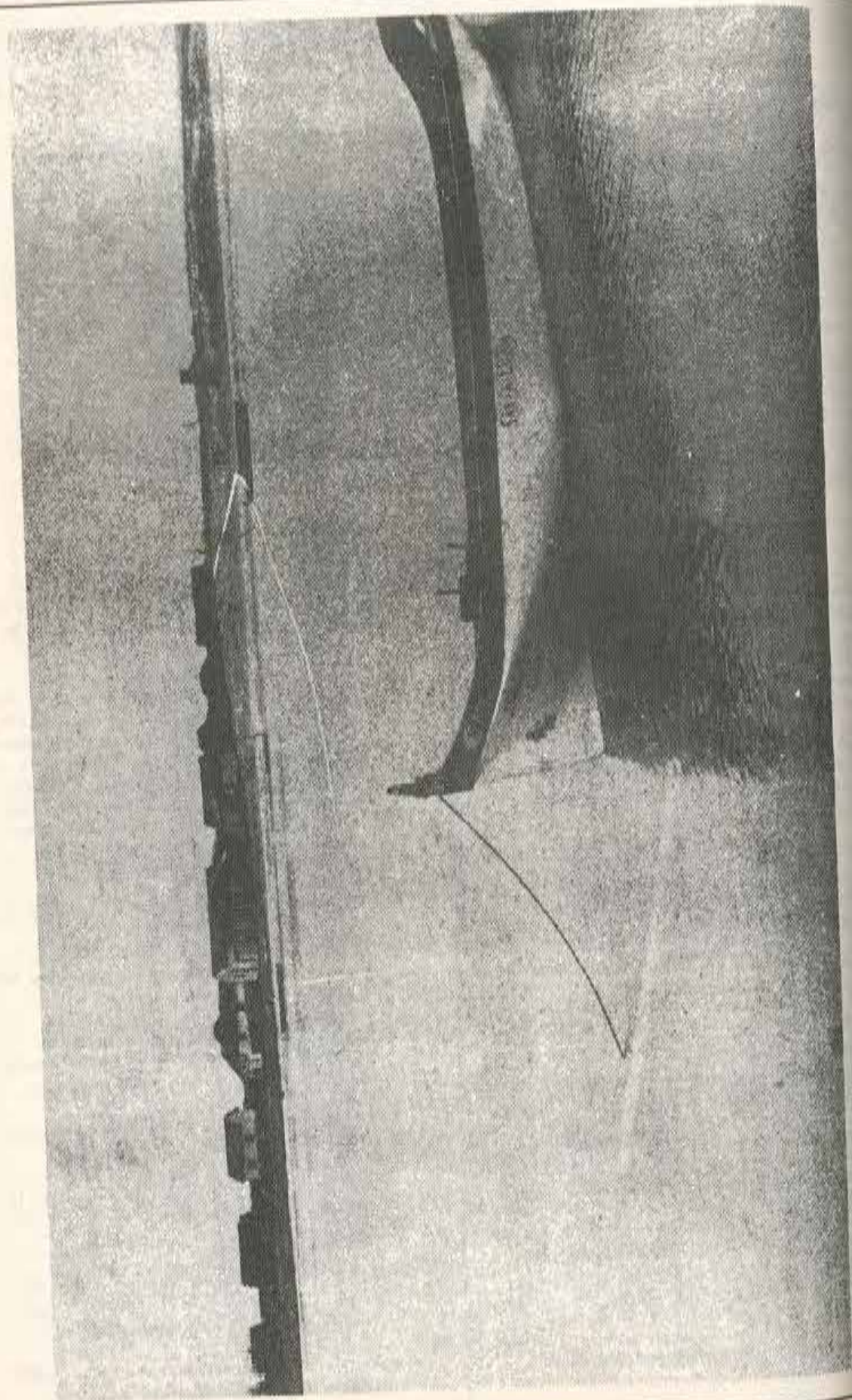
LAGOA DO LEÃO, Geogr. Localidade no Litoral (M. de Palmares do Sul). // Escola Municipal Francisco Brochado da Rocha.

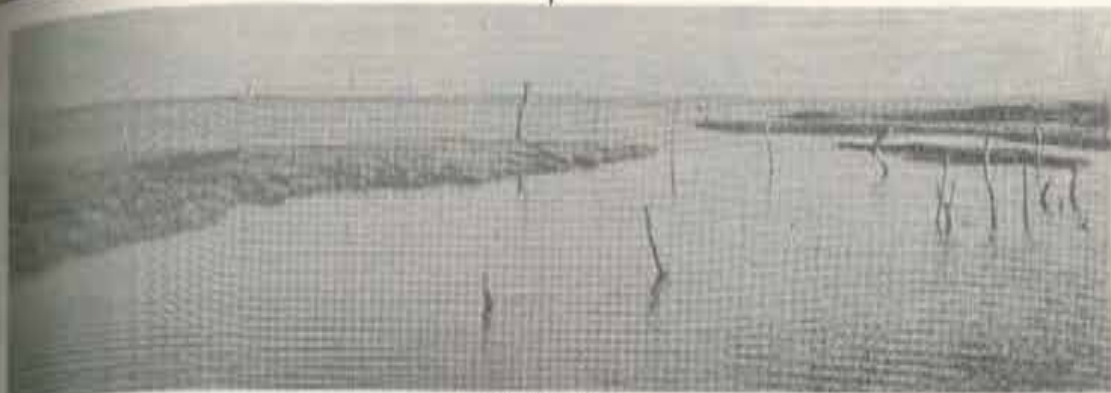
LAGOA DO MORRO DO FORNO, Hidrogr. Lagoa no 1º distrito (M. de Torres).

LAGOA DO OURO, Hidrogr. Lagoa no 1º distrito, a 3 km da cidade (M. de São José do Ouro).

LAGOA DO PACHECO, Hidrogr. Lagoa afluente do arroio d'El-Rei, pela margem esquerda (M. de Santa Vitória do Palmar).

LAGOA DO PALMITAR, Hidrogr. Lagoa ligada à das Malvas (M. de Osório).





Lagoa do Peixe



Lagoa do Peixe: localização geográfica

LAGOA DO PAROBÉ, Hidrogr. Lagoa com mil metros de comprimento e trezentos de largura, situada sobre o planalto da serra do Caverá. (M. de Alegrete). *Lenda da lagoa do Parobé*: Segundo a lenda, recolhida por Apolinário Porto Alegre, dois jovens mi- nuanos, Jaguareté-Pirá e Inhaca-Guará, amavam a índia Poty-porã (flor bela) ou Nhuvoti (campo das flores), filha do cacique de outra tribo.

Uma tarde, quando caminhava para a lagoa, onde se banhava, Jaguareté-Pirá avistou um lindo cavalo escuro de pêlo reluzente. Logo pensou: "Com esse cabaiú, Nhuvoti desprezará o outro, meu toco- eia..." Devagarzinho, aproximou-se do estranho animal, laçou-o, meteu-lhe o freio, um cocar de plumas e um caipi de couro de tigre, montando-o. Foi quando o misterioso equídeo, cabeça erguida, correu para as

águas da lagoa, nela mergulhando e desaparecendo. **Bibliogr.** Roque Callage, *No Fogão Gaúcho*, P. Alegre, Globo, 1929; Augusto Meyer, *Guia do Folclore Gaúcho*, Rio, Gráfica Aurora Editora Ltda., 1951; Walter Spalding, *Ponaim (Lenda da Lagoa Parobé)*, P. Alegre, Pervigil Edições, 1954; Luiz Carlos Barbosa Lessa, *Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul*, São Paulo, Liv. Literat, 1960.

LAGOA DO PEIXE, Hidrogr. Lagoa estreita e longa, notável pela abundância de juncos, corvinas, tainhas e miraguaias. Tem mais de 26 km de extensão e deságua no mar. (M. de Tavares). // Parque Nacional com 34 mil hectares, para a proteção da fauna e flora locais, criado em 06.11.1986.

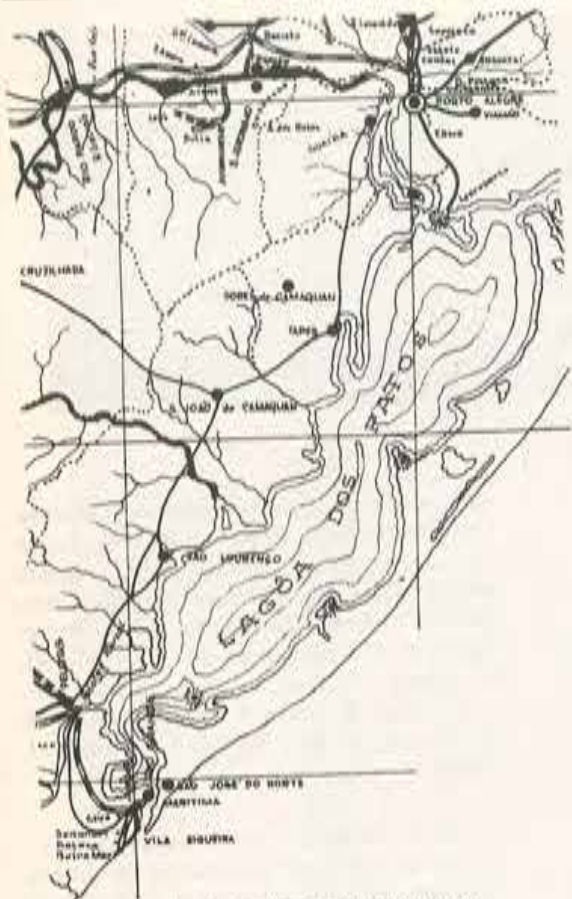
LAGOA DO PEIXOTO, Hidrogr. Lagoa no 1º distrito (M. de Osório).

LAGOA DO PINHEIRO, Hidrogr. Lagoa no Litoral (M. de Tramandaí).

LAGOA DOS BARROS, Hidrogr. Grande lagoa no Litoral, também chamada lagoa do Barros. Tem um perímetro de 40 km e moderno Posto de Piscicultura para a produção de alevinos. Nomes anteriores: lagoa Formosa e lagoa do Defunto Barros. "E eram histórias de ninfas e corcéis bravios como a da *lagoa dos Barros...*" (Osório, *Fogo Morto*, p. 97). "As margens da *lagoa dos Barros* eram riquíssimas em banhos..." (José Maciel Junior, *Reminiscência da Minha Terra*, p. 74).

LAGOA DOS BATISTAS, Geogr. Lugar no 1º distrito (M. de Nonoai). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Santa Vitória.

LAGOA DOS ÍNDIOS, Hidrogr. Lagoa na faixa centro-oriental do estado, próximo à lagoa Dona Custódia (M. de Osório).



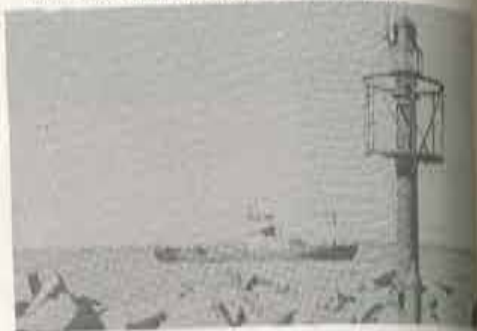
Lagoa dos Patos: localização geográfica (croqui antigo)

LAGOA DOS PATOS, Hidrogr. Imensa superfície líquida nas faixas sul-oriental e centro-oriental do estado. Tem 279 km de extensão e uma largura que varia entre 35 e 57 km. Comunica-se com o Atlântico pelo canal de Rio Grande e com a lagoa Mirim pelo canal de São Gonçalo. É a maior do país. Por intermédio do Guaíba recebe considerável fluxo de água doce, num montante superior a 50% das disponibilidades fluviais rio-grandenses. Tem belas enseadas como as de Cristóvão Pereira, Bojuru e São Simão. Apresenta ainda grande número de ilhas, promontórios e praias na margem ocidental, desde o município de Barra do Ribeira até o de São Lourenço do Sul.

A vegetação marginal predominante é o campo de origem sedimentar, com materiais de aluvião, que formam paisagens botânicas peculiares, seguido de palmeiras e outros espécimes arbóreos característicos. Entre os recantos pitorescos sobressaem o Saco do Mendanha, a Ponta do Anastácio, o delta do rio Camaquã, a barra do Contagem e a Ilha da Feiroria. Os balneários de Arambaré e Laranjal aparecem em primeiro plano, com locais de *camping*, intensamente utilizados no verão. Ocupam também posições de destaque as praias de Tapes. Bibliogr.

Walter Spalding, O Guaíba, a lagoa dos Patos e a barra do Rio Grande, Boletim Geográfico do Estado, P. Alegre, Ano VI, nº 11, janeiro/junho de 1961. "Acendia o baio, punha os olhos melancólicos na direção da lagoa dos Patos..." (Gomes, Caminho Santiago, p. 22).

LAGOA DOS PEREIRAS, Geogr. Localidade no 1º subdistrito (M. de Canguçu).



Lagoa dos Patos: a maior do Brasil, com 279 km de comprimento e 57 de largura em alguns trechos



M

MAÇARICO-DE-COLEIRA, S.m. Ornitol. Ave da família dos charadriídeos. Fronte branca. Dorso pardo-acinzentado-claro. Faixa preta no peito. Lista avermelhada no vértice da cabeça e nas partes laterais do pescoço. Freqüente nas lagoas do Litoral. (*Charadrius collaris* Vieil). Pl.: maçaricos-de-coleira.

MAÇARICO-PRETO, S.m. Ornitol. (V. Corócoró). Pl.: maçaricos-pretos.

MAÇARICO-REAL, S.m. Ornitol. Ave ciconiforme da família dos tresquiornitídeos. Coloração geral plúmbea. Bico preto. Pernas cor de salmão. Crista desenvolvida. Abundante na zona lagunar do estado. (*Harpiprion caerulescens* Vieil). Pl.: maçaricos-reais, "A ordem dos pernaltas é representada pela avestruz, o joão-grande, o socó-boi, o socozinho, o baguari, o *maçarico-real*..." (A.G. Lima, Rio Grande do Sul, 40ª milheiro, p. 91).



Vila de Maçambará: Escola Estadual Aníbal Benévolo

MAÇAROCA, S.f. Conjunto de fios de cabelo entrelaçados; redemoinho de pêlos; emaranhado que se forma nas crinas ou na cauda dos animais. "Já é demais: as coisas se pararam que nem *maçaroca* em cola de bagual..." (A. Maya, Tapera, p. 145); (fig) barafunda; destrambelho; confusão; embaralhada; enredo." E aqui começou a *maçaroca*. A pinguancha era linda e valia a pena de uma rascada. "(A. Maya, Alma Bárbara, p. 85).

MAÇAROCUDO (De *maçaroca* + *udo*), Adj. Diz-se do equino com grande bola de

cabelos entrançados, em geral na ponta da cauda. "Campereando, no rigor da lida, lançando, peleando e gineteando, montava qualquer bagual aporreado ou potro de colmilhos amarelos, *maçarocado*..." (Aristides, Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 103).

MACAU, S.m. Suíno de certa raça tradicional no estado. "Certa vez o seu Anacleto deu para o Geminiano um leitão, filho de uma porca pelada com um cachão *macau*..." (Jaime Brum Carlos, A Seca da Restinga, p. 15).

MACAXEIRA-DO-AMAZONAS, S.f. Variedade de mandioca-doce bastante cultivada no estado. Tem baixo teor de ácido cianídrico e metionina. Pl.: macaxeiras-do-amazonas.

MACAXIM, S.m. Batatinha do trevo-branco.

MAC DONALD THOMPSON, Biogr. (V. D'Ávila Flores, Francisco).

MACEDO, Francisco Pereira de, Biogr. (1806-1888) - Ruralista rio-pardense, Barão e Visconde do Cerro Formoso.

MACEDO JUNIOR, José Joaquim Cândido de, Biogr. (1842- 1860) - Jornalista e escritor porto-alegrense. Produção esparsa.

MACEDONIA FRANCO E SOUZA, Leonardo, Biogr. (1872-1947) - Advogado, jurista, magistrado e escritor natural de Cachoeira do Sul. Bacharelou-se na capital paulista em 1891. Membro efetivo do IHG/RS. Assinatura habitual: Leonardo Macedonia.

MACEDONIA SOARES, João Solon, Biogr. (1892-1971) - Bacharel em Direito, magistrado, professor, escritor e jurista cachoeirense. Rubrica usual: Solon Macedonia Soares. Aluno do professor Inácio Montanha. Exerceu a judicatura em Passo Fundo, Uruguiana e outras comarcas do interior. Obras principais: *Visão Panorâmica de Pelotas - Suas Possibilidades Econômicas e Sociais*, Pelotas, A Universal, 1936; *Valorização da Terra e do Homem Rio-Grandense*, P. Alegre, Liv. Comercial, 1936; *Rio Pardo-A Tranqueira Invicta no Coração do Rio Grande*, P. Alegre, Globo, 1944; *Santo Antonio da Patrulha - o Bastião do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Tip. do Centro, 1944; *Lajeado - Centro de Irradiação da Colonização Germânica no Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Globo, 1944 e *Estudo Histórico-Social sobre o Município de Carazinho*, Carazinho, Empresa Gráfica Carazinhense, 1949.

MACEGA¹ (Do lat. *massa* e este do gr. *masso*, amassar, pisar, através do esp. *maclega*), S.f. Designação comum a várias plantas monocotiledôneas, da ordem das Glumifloras, existentes no estado. "Que é feito desses quebra-largados? Dizem que se extraviaram do rincãozinho da Assembléia, como filhotes de quero-quero, se sumindo na *macega*." (Maneco Russo, Cartas ao primo Chico, A Reforma, P. Alegre, 06.04.1873). "Tinham de dormir de freio na *macega* por muito tempo..." (A. Maya, Tapera, p. 135). "O vento ondeou a bruma, sacudindo as

macegas." (V. Pires, Querência, p. 101). "O piquete de lanceiros enveredou pelas *macegas*." (Duncan, Paisagem Xucra, p. 38). "Lagartos corriam por entre *macegas* e caraguatás." (Érico, Incidente em Antares, 13ª ed., p. 228). "O auto cortava campo, amassando as *macegas*, acordando bichos, trepando cerros..." (Cyro, A Dama do Saladeiro, p. 95).

Como avestruz na *macega*,
Nas ruas fico vivo enredado,
Sem querer gambeteando
Para um e pra outro lado!

Manduca, A Saia-Balão, Tribuna
do Povo, Jaguarão,
julho de 1860

A parteira me deu tombo
Nas *macegas* da campina,
Fui crescendo são de lombo
No apoio da brasina...

Pantaleão, Coletânea Gauchesca, p. 49

Alumiar a cola na macega: morrer. *Fincar o pé na macega*: fugir; escapar; raspar-se, escapular. "A Rosária *fincou o pé na macega*." (Echenique, Fagulhas do Mato, Isqueiro, p. 103). *Fogo de macega*: entusiasmo passageiro ou de pouca duração. *Fogo na macega*: panfleto de Ramiro Coimbra Gonçalves, Rio, Editora Terra Flumense, 1934.

MACEGA,² Hidrogr. Riacho tributário do arroio Maratá, pela margem direita.

MACEGA-BRABA, S.f. Bot. Planta da família das gramíneas. Caule com nós salientes. Flores insignificantes, hermafroditas. "Essa mal é *macega-braba*, só a fogo..." (Severina, Visão do Pampa, p. 158). Pl.: *macega-brabas*.

MACEGA-DO-BANHADO, S.f. Bot. Planta da família das gramíneas. Pl.: *macega-do-banhado*.

MACEGA-ESTALADEIRA, S.f. Bot. Planta nativa, alta, cespitosa, da família das gramíneas. Colmos grossos. Bainhas alongadas, recobertas de pelos sedosos. Ligula membranácea. Lâminas da base estreitas (Eryanthus angustifolius Nees.). "A colheita desses ranchos, ordinariamente, é feita com o capim conhecido por santa-fé ou, com freqüência, com outro chamado *macega-estaladeira*..." (Florianio Maya D'Ávila, Terra e Gente de Alcides Mayo, p. 41).

MACEGAL (De *macega* + *al*), S.m. Quantidade mais ou menos considerável de macegas dispostas proximamente entre si. "Os castelhanos, mui arditos, logo que esquentou o sol, tocaram fogo nos *macegais*..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 150). "Neste meio tempo o guri, parando o olhar no verdejo do *macegal*, de repente deu um grito..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 179). "E costa abaixo e costa acima, pelos banhados, tacurus, *macegal*..." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 138). *Comp.* Brabo como fogo de macegal seco em dia de vento norte.

MACEGA-MANSA, S.f. Bot. Planta da família das gramíneas. "Terminaram aos poucos com a afamada *macega-mansa*..." (Aristides, Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 130). Pl.: macegas-mansas.

MACEGÃO¹, S.m. Bot. Planta nativa, cespitosa, da família das gramíneas. Colmos de grandes dimensões, rígidos e cortantes. Rizoma curto, tuberoso. Lâminas escabrosas. Floresce de novembro a janeiro e prefere os lugares úmidos, alagadiços. (*Paspalum haumanis* Parodi). "E aqueles três homens se precipitaram a toda brida sobre a patrulha emboscada no *macegão*..." (Aquino, Gaúchos, pp. 31-32). "As avestruzes punham enormes ninhadas entre os *macegões* do banhado..." (Mozart, Pastoral Missioneira, p.91).

MACEGÃO², Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha). // Escola Municipal de 1ª Grau Inc. Nossa Senhora de Mont. Serrat.

MACEGA-VERMELHA, S.f. Bot. Planta da família das gramíneas. Colmos avermelhados. Bainhas glabras. Lâminas escabrosas. Inflorescência em panículas oblongas. Forma touceiras densas, compactas. Floresce de novembro a março. Bastante disseminada nas Missões e no Planalto Médio. Pl.: macegas-vermelhas.

MACEGOSO (ô) (De *macega* + *oso*), Adj. Abundante em macegas; em que há essas ervas; maceguento. "Luzente, serena, ao luar, a lagoa parecia dormir na várzea adormecida, entre os baixos barrancos *macegosos*..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 29).

MACEGUENTO (De *macega* + *ento*), Adj. (V. Macegoso).

MACELA (De *maçã* + *ela*), S.f. Bot. Erva da família das compostas. Capítulos amarelos. Folhas aromáticas. Tem várias indicações

medicamentosas. "A tão popular *macele*, a nossa camomila, tem propriedades tônicas..." (Mariantem, Medicina Campeira e Povoeira, p. 72).

MACETA¹ (ê) (Do esp. plat. *maceta*), S.f. Parte do corpo humano, na extremidade do braço; mão. "Decorridos uns instantes, para não perder a quentura das *macetas*, seu Jacinto pregou um grito..." (Cyro, Estrada Nova, p. 85).

E o chimarrão macanudo
Vai entrando pelo sangue,
Vai melhorando as *macetas*,
Curando as juntas doridas
Como água arisca da sanga
Sobre loncas ressequidas!

Aureliano, Romances de Estância
e Querência, p. 18

Esquentar as macetas: irritar-se.

MACETA² (ê), Adj. 2 gêns. Diz-se do animal com tumefação ou excrescência na região dos boletos e, portanto, com dificuldade de locomoção. "O Paula eu acredito: matungo velho e *maceta*, não agüenta uma pechada." (Maneco Russo, Cartas ao Primo Chico, A Reforma, P. Alegre, 06.04.1873). "Que culpasse o caalo da embroma. Estava *maceta*..." (Callage, Rincão, 2ª, ed. p. 81). "Sempre me sobra carreira pra meter o encontro num matungo *maceta*." (Alencastre, Azares das Revoluções, p. 26). "Um dos filhos cabresteou então da mangueira um zaino *maceta*, aguateiro..." (V. Pires, Querência, p. 187).

Qual se muda num instante
A lagarta em borboleta,
Tornou-se o velho *maceta*
Um ginetão chibante!

Múcio, Poesias, 1ª Vol., p. 359

Eu tenho um pingo tostado
que, *maceta*, estropiado,
nem repecha dum rincão...

Oliveira, Rastro de um
Charrua, p. 35

Qual ovado, qual *maceta*,
Despaletado e estreleiro,
Assim que me dê de rédea
Verás um bagual folheiro!

Adag. Pelo andar se conhece o maceta.

MACETE¹ (ê) (Flexão dim. de *maço*), S.m. Espécie de garrote para amaciar couros crus. "A necessidade é coisa dura, mas sem *macete* não se sova garrão pra maneia." (Severo, Visão do Pampa, p. 207).

MACETE² (ê), S.m. Pedaco de madeira grossa, com furos centrais, empregado em serviços de castração.

MACETEAR¹ (De *maceta* + *ear*), V. int. Ficar maceta (o animal) e por extensão (o homem); andar como maceta. (Pres. ind.: macetelo, maceteias, maceteia, etc.). "Ele não caminha como os outros. É que, de velho, *maceteou* das pernas." (Ruschel, O Gaúcho a Pé, p. 80).

MACETEAR², V.t.d. Sovar com maceté (o couro cru).

Botas de couro de potro,
maceteado a meio pé,
nas esporas tinha fé
quando um bagual corcoveava...

Roberto Osório Junior,
Horizontes do Pago, p. 95

MACETUDO (De *maceta* + *udo*), Adj. Que tem macetas ou tumores ósseos na parte inferior dos membros. "Onde havia alguma viv'alma era china velha *macetuda*." (João Maia, Pampa, p. 34).

MACHACÁ, S.f. Balainho, contendo pequenos calhaus ou frutos secos, que os negros, nas congadas, usam amarrados aos tornozelos; o mesmo que machacaia ou massacaia.

MACHAÇO (De *macho* + *aço*, cf. o lat. *masculu*). Adj. Valentão; grande; s.m. indivíduo de extraordinária virilidade. "E o agosto lhe abriu um rombo *machaço* no rebanho e no gado. Puxa!" (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 62).

Na invernada da saudada
me ajoelho com devoção,
rendendo culto ao rincão
e àqueles tauras *machaços*
que a tiros e faconações
defenderam sua idéia
na gauchesca odisséia!

Ramirez, Disparo
de Tropa, p. 102

MACHADEIRO (De *machado* + *eiro*, cf. o lat. *marculatu*, pequeno martelo), S.m. Aquele que, nas charqueadas, se encarregava de partir com o machado os esqueletos das reses.

MACHADINHENSE, Adj. 2 gên. De Machadinho; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município.

MACHADINHO¹, Geogr. Município dos Campos de Cima da Serra. Data de criação:

16.02.1959. Área territorial: 367 Km².
Padroeira: Nossa Senhora do Rosário.
População:
1980.....8.099

4.165 eleitores em 1986. Produção de cereais, Suinocultura.

MACHADINHO², Geogr. Cidade entre o rio Pelotas e o seu afluente Forquilha, sede do município de Machadinho. Paróquia em 25.12.1943. Nome anterior: Pinhal Machadinho. População:
1980.....6.957

Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Escolas Estaduais de 1ª Grau Madre Maria Avosani, e Getúlio Dornelles Vargas, Escola Estadual de 1ª Grau Inc. Heitor José dos Santos, Sociedade Machadinhense de Assistência (SOMA), Sociedade Esportiva, Recreativa e Cultural União (SERCU), fundada em 31.12.1940, Posto Fiscal, CTG 20 de Setembro, Conselho Comunitário de Segurança Pública (CONSEPRO), fundada em 04.05.1987, Associação Comercial e Industrial - ACIM - fundada em 04.10.1988, Hospital São Francisco de Assis Ltda.



MACHADINHO³, Hidrogr. Arroio afluente do Comandaf, pela margem direita.

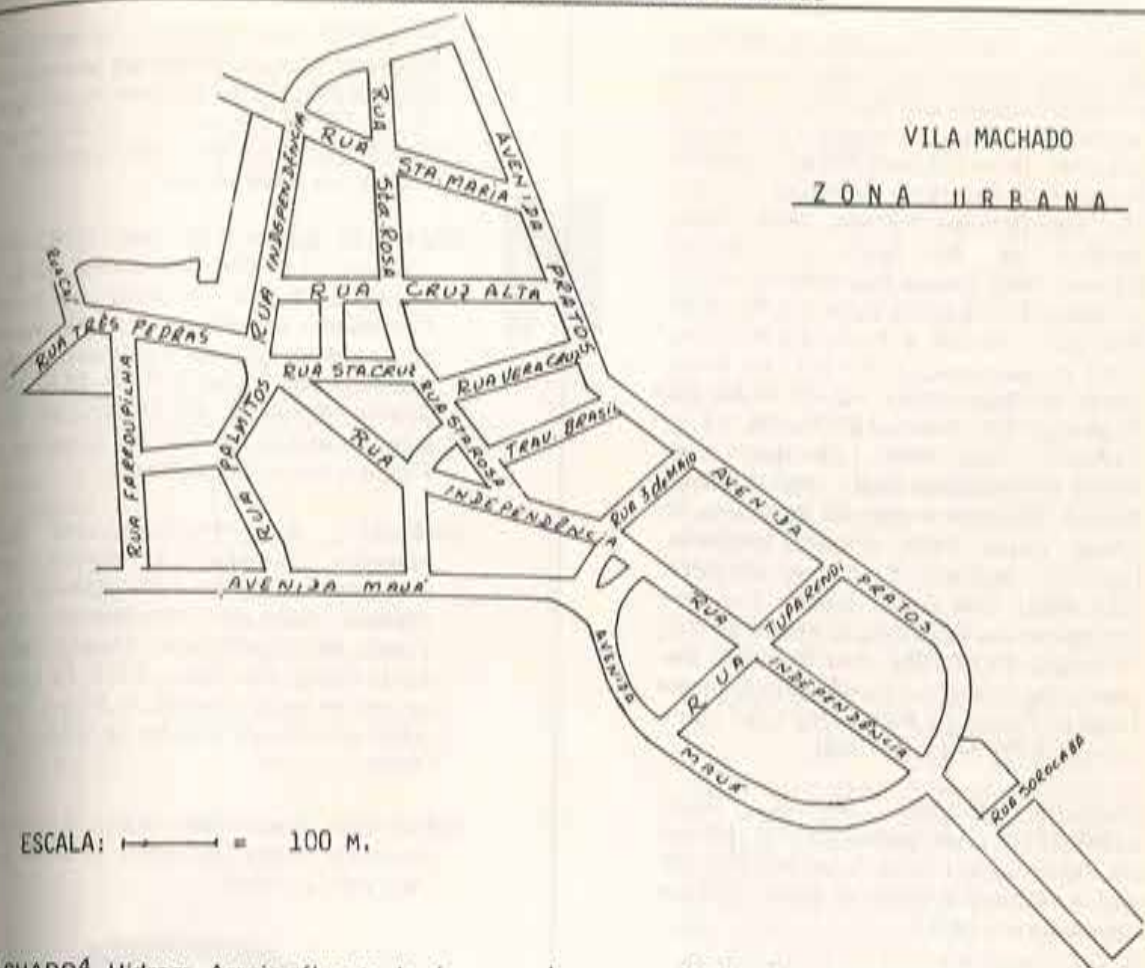


Distrito de Machado: Cooperativa Mista São Luiz Ltda. em fase inicial de implantação

MACHADO¹, Hidrogr. Córrego tributário do Uruguai, pela margem esquerda. (M. Tucunduva).

MACHADO², Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data de criação: 13.04.1960. (M. Tucunduva).
População:
1980.....3.940

MACHADO³, Geogr. Vila à margem esquerda do Chuni, sede do distrito de Machadinho Balneário Griger. Escola Evangélica Luterana na Trindade.



VILA MACHADO

ZONA URBANA

ESCALA: ——— = 100 M.

MACHADO⁴, Hidrogr. Arroio afluente do rio Piratini, pela margem direita (M. de Piratini).

MACHADO DA SILVA, Oscar, Biogr. Professor e educacionista, natural de Alegrete, nascido em 1903. Rubrica usual: Oscar Machado. Durante muitos anos dirigiu, na capital, o Instituto Porto Alegre (IPA). Autor de *O Ensino Secundário no Rio Grande do Sul*, in Rio Grande do Sul - Imagem da Terra Gaúcha, P. Alegre, Editora Cosmos, 1942.

MACHADO DE BITTENCOURT, Carlos, Biogr. (1840-1897) - Militar, natural de Porto Alegre. Galgou todos os postos até o marechalato. Grande figura do Exército Brasileiro, de cujo Serviço de Intendência é o patrono. Governador do Estado em substituição ao Dr. Francisco da Silva Tavares. Ministro da Guerra no governo de Prudente de Moraes.

MACHADO DOS SANTOS, Adalberto, Biogr. (1870-1958) - Professor, jornalista e escritor santanense. Autor de *A Revolução Farroupilha*, poema histórico, P. Alegre, 1935.

MACHADO, Dyonélio Tubino, Biogr.

(1895-1985) Médico, jornalista e escritor natural de Quarai. Assinatura usual: Dyonélio Machado. Pseudônimos: B. Felipe e Bjovulf. Na capital, em 16.05.1922, com De Souza Junior e Teófilo Borges de Barros, fundou *O Farrapo*. Com o primeiro dirigiu também o vespertino *Ação Social* (1936).



Colaborador de vários jornais e periódicos porto-alegrenses, entre os quais *A Federação*, a *Máscara*, a *Kosmos*, *A Informação* e a *Tribuna Ilustrada*. Colaborador também da *Ilustração Pelotense*. Obras principais: *Política Contemporânea - Três Aspectos*, P. Alegre, Globo, 1923; *Um Pobre Homem*,

contos, ib., 1927; *Uma Definição Biológica do Crime*, ensaio, ib., 1933; *Os Ratos*, romance laureado em 1935 com o Prêmio Machado de Assis, P. Alegre, Cia. Editora Nacional, 1935; *O Louco do Catí*, romance, P. Alegre, Globo, 1942; *Desolação*, id., Rio, Liv. José Olympio Editora, 1944; *Passos Perdidos*, id., São Paulo, Liv. Martins Editora, 1946; *Deuses Econômicos*, romance-ensaio, Rio, Editora Leitura S.A., 1966; *Prodígios*, romance, S. Paulo, Ed. Moderna, 1980; *Endiabrados*, id., S. Paulo, Ed. Ática, 1980; *Sol Subterrâneo*, id., S. Paulo, Ed. Moderna, 1981; *Ele Vem do Fundão*, id., S. Paulo, Ed. Ática, 1982 e *Nuanças*, id., S. Paulo, Ed. Moderna Ltda., 1982. **Bibliogr.** Moysés Vellinho, Letras da Província, P. Alegre, Globo, 1944; Antonio Hohlfeldt, Dyonélio Machado, P. Alegre, IEL/MEC Ed., 1987; Cida Golín, Doutor Dyonélio dos Romances Psicológicos, Diário do Sul, P. Alegre, 23.07.1987. *Rua Dyonélio Machado*: via pública no Loteamento Ipanema Imperial Parque de Porto Alegre (lei municipal nº 5784 de 13.10.1986).

MACHADO, Eugênio Silveira, Biogr. (1899-1953) - Advogado e escritor pelotense. Publicou dois livros de versos: *Primuláceas e Versos Que Falam de Amor*, o último aparecido em 1937.



João Carlos Machado

MACHADO, João Carlos, Biogr. Advogado, jornalista e político natural de Santiago, nascido em 1890. Estudou em Pelotas, bacharelando-se no Rio em 1913. Com Astrogildo Rodrigues redigiu o *Sul-Jornal* de Porto Alegre, onde também dirigiu *A Federação*. Um dos fundadores de *O Dia* de Pelotas e do *O Nacional* do Rio. Secretário do Interior. Deputado estadual e federal. Colaborador da *A Opinião Pública* de Pelotas e de diversos jornais cariocas, entre

os quais *O País*, *O Correio da Noite* e *A Imprensa*. Publicou diversos discursos e conferências.// Casado com Dona Clélia, filha de Carlos Laquentinie, descendia, pelo tronco paterno, de João Machado da Silveira, herói farroupilha.

MACHADO, João da Silva, Biogr. (1782-1875) - Ruralista e político taquariense, Barão de Antonina. Figura destacada do Partido Conservador nas províncias de São Paulo e do Paraná, da qual foi o primeiro senador escolhido por D. Pedro II em 13.07.1854. Grande dignitário da Ordem de Rosa. Membro efetivo do IHG/Br. Sogro do Dr. Fidêncio Nepomuceno Prates.

MACHADO, José Hipólito Flores, Biogr. Professor, jornalista e escritor santa-mariense, nascido em 1896. Rubrica usual Hipólito Machado. Pseudônimo: Ipepo Kieda. Obras principais: *Flagelos Sociais*, Santa Maria, Tip. Costa, 1926; *Os Ladres do Val de Buia*, romance, P. Alegre, Globo, 1933 e *Além. Muito além da Vida*, id., 1969.

MACHADO, Maria Clara, Biogr. Escritora e jornalista. Autora de *Teatro Infantil*, Rio de Janeiro, Agir Editora, 1957.



Oscar Machado

MACHADO, Oscar, Biogr. (1903-1984) Educador e político alegretense, com títulos de Pedagogia, Filosofia e Psicologia. Membro do Conselho Nacional. Professor da UFRGS. Retirado.

Instituto Porto Alegre (IPA), Presidente do Instituto de Previdência do Estado, Diretor-superintendente da CORSAN, Secretário da Administração no governo Synval Guazzelli. Autor de importantes trabalhos sobre

Educação.

MACHADO, Otília, Biogr. Escritora e jornalista. Colaboradora do mensário bageense *O Gaúcho*, em 1899.

N

NÃO-ME-TOQUE¹, Geogr. Município do Planalto Médio. Data de criação: 18.12.1954. Área territorial: 418 km². Padroeiro: Cristo Rei.

População:

1960.....	9.831
1970.....	10.969
1980.....	12.774
1985.....	14.660

7.944 eleitores em 1986. Lavouras de feijão, soja e milho. Produção leiteira com excelentes plantéis de ventres holandeses. População de origem predominantemente alemã. Parque da Lagoa na RS/142.



Cidade de Não-Me-Toque: Igreja Matriz

NÃO-ME-TOQUE², Geogr. Cidade a 555 metros de altitude, sede do município de Não-Me-Toque. Curato em 16.05.1914. Paróquia em 27.02.1919. Nomes anteriores: Colônia Alto Jacuí, Invernada Grande e Campo Real.

População:

1960.....	8.109
1970.....	9.384
1980.....	11.739

Comarca de 1ª Entrância. Colégio Comunitário São Francisco Solano – Escola de 2º Grau. Clube União, fundado em 11.03.1917. Igreja Adventista do Sétimo Dia. Rádio Ceres. Clube de Mães Lar da Amizade. Biblioteca Pública Municipal, criada em 19.04.1960. Núcleo de Voluntariado da LBA. Associação de pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Comunidade Evangélica. 117ª. Zona Eleitoral. CTG Galpão Amigo, fundado em 15.03.1973. Sindicato Rural. Associação Comercial e Industrial, (ACINT), organizada em 05.04.1982. Hospital de Caridade. Associação de Professores, fundada em 21.06.1986. Cooperativa Tritícola Mista Alto Jacuí Ltda. Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Cooperativa de Crédito Rural Alto Jacuí Ltda. Liga de Coros do Alto Jacuí (LICAJA), fundada em 29.12.1986. Eventos significativos: *Kerb* (1º domingo de fevereiro); Festa de Cristo Rei (novembro) e Festa do Chope (1ª semana de dezembro). *Não-Me-Toque-Carazinho*: rodovia federal - RS/44 - com 24 Km.// Trazida pelos imigrantes alemães Friedrich Wilhelm e Joseph Lindemann, procedentes de Dusseldorf, que em 1896 organizaram em Não-Me-Toque o primeiro grupo de crentes, a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Rio Grande só começou a desenvolver-se nos lustros iniciais deste século, em que foi altamente profícua a militância religiosa do professor Manoel Kúmpel e do pastor H.F. Graf.

NÃO-ME-TOQUE³, S.m. Bot. (V. Espinho-de-santo-antonio). Pl.: não-me-toques.

NÃO-ME-TOQUENSE, Adj. 2 gên. De Não-Me-Toque; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município.





Pastor H.F. Graf



Não-Me-Toque: localização geográfica

RÁDIO CERES

1450KZ



Cidade de Não-Me-Toque: Clube União fundado em 11.03.1917.

NÃO OLHAR PÊLO NEM MARCA, Loc. verb. Não temer concorrente para carreira; (por ext.) não temer rival ou competidor.

NÃO PERDER FRESTA, Loc. verb. Não perder oportunidade; não perder vasa. "O Compadre não perde fresta!" (Severo, Vãão do Pampa, p. 208).

NÃO PERDER VASA, Loc. verb. (V. Não perder fresta). "Zeferino, lá dentro, acocorado a um canto, fumando um crioulo, não perdia vasa..." (Callage, Terra Gaúcha, 2ª ed., p. 86). "Os alarifes não perdem vasa!" (Herlein, A Volta do Gaúcho Fausto Aguirre, p. 62).

NÃO RESERVAR PARADA, Loc. verb. (V. Parada).

NÃO ROÇAR PÊLO, Loc. verb. Correr (o semelhante) sem ser alcançado jamais por seu competidor.

NÃO SABIA, Hidrogr. Ribeirão que desemboca no Carreiro, pela margem esquerda.

NÃO SENTIR O RABICHO, Loc. verb. (V. Rabicho).

NÃO SER FIVELA EM BERZEBUM, Loc. verb. Não ser covarde em rixas e tumultos.

NÃO TER MEL NEM PORONGO, Loc. verb. Não ter dinheiro nem emprego.

NÃO SOLTAR MASCADA, Loc. verb. Não dizer nada sobre algum negócio; mostrar-se discreto ou reservado; manter-se calado (sobre certo assunto pessoal); guardar segredo.

NÃO-TE-ESQUEÇAS-DE-MIM, S. 2 núm. Bot. Planta da família das borragináceas. Folhas alternas. Flores actinomorfas. Fruto drupáceo (*Myosotis alpestris* Schm.). "De primavera e de estio, tudo aquilo era um tapete de relva esmeraldina, matizada de botões-de-ouro e de azuis não-te-esqueças-de-mim." (Paulino Azurenha, Semanário de Leo Pardo, p. 18).

NÃO TER ALCE, Loc. verb. (V. Alce).

NÃO TER COMPOSTURA, Loc. verb. (V. Compostura).

NAO TER CANCHA CERTA, Loc. verb. (V. Cancha).

NÃO TER NADA COM O ANGU, Loc. verb. Não estar envolvido em determinado incidente.

NÃO TER SERVENTIA, Loc. verb. Não servir para nada (coisa ou pessoa).

NÃO TIRAR FARINHA, Loc. verb. Não obter vantagem, proveito ou benefício. "Quem encontra a boitatá *não tira farinha* assim no mais..." (Osório, Fogo Morto, p. 269). "Comigo ele *não tira farinha*..." (Alencastre, Azares das Revoluções, p. 45).

NÃO VALER DOIS CARAMINGUÁS, Loc. verb. (V. Caraminguá).

NÃO VALER UM CARACOL, Loc. verb. (V. Não valer um sabugo). "O pobre rapaz anda escangalhado, abatido, *não vale um caracol*." (Érico, Olhai os Lírios do Campo, 44ª ed., p. 226).

NÃO VALER UM CHANCHÃO, Loc. verb. (V. Não valer um sabugo).

NÃO VALER UM SABUGO, Loc. verb. Não ter préstimo ou serventia (coisa ou pessoa); o mesmo que não valer um caracol e não valer um chanchão.

NAPEVA, Adj. 2 gên. Diz-se do gado ou do galináceo de pernas curtas.

NAPOLEÃO, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Caiçara).

NARCEJA¹ (ê), S.f. Ornitol. (V. Agachadeira). "No fundo uma divisão de sarrafos, povoada de saracuras, quero-queros *narcejas*..." (Aquila, Folhas Caídas, p. 37).

NARCEJA² (ê), S. 2 gên. Pessoa lerda, lenta nos movimentos, excessivamente pacata ou moleirona. "Não sou *narceja*, peludo!" (Darcy, Coxilhas, p. 151).

NARCISO (Do esp. *narciso*, que deu também o it. *narcisso* e o al. *narzisse*), S.m. Bot. Planta da família das amarilidáceas. Folhas longas e estreitas. Flores grandes, alvas, perfumadas, solitárias, consideradas antiespasmódicas, sob a forma de chá ou xarope. Ovário infero (*Narcissus pseudonarcissus* L.).

NARIZ-DE-FOLHA, S. 2 gên. Pessoa faladora, maledicente, indiscreta. Pl.: narizes-de-folha.

NARIZ DE TUCANO, Expr. Nariz comprido e deselegante.



NASCEDOR (ô) (De *nascer* + *dor*, cf. o lat. *nascere*), S.m. Forma popular de Nascimento. "Não, seu, eu digo o *nascedor*..." (Severina, Visão do Pampa, p. 131).

NASCENTE¹, Do lat. *nascente*, Hidrogr. Arroio tributário do Basílio, pela margem direita.

NASCENTE², Geogr. Povoado servido pelo ramal ferroviário Rio Grande-Cacequi (M. de Pinheiro Machado).

NASCIDO (Part. de *nascer*), S.m. Leicão; furúnculo; inflamação de origem estafilocócica. "Eu lhes garanto que ficaria com o lombo cheio de *nascidos*..." (Piá do Farrapo, 2.ª ed., p. 175).

NASCIMENTO, Hidrogr. Arroio afluente do São Rafael, pela margem esquerda.

NASCIMENTO, Alexandre Cassiano do, Biogr. (1856-1912) - Advogado e político pelotense. Deputado federal (1895-1909). Ministro das Relações Exteriores. Titular interino das pastas da Fazenda e da Justiça. Senador.

NASCIMENTO FERNANDES, Amália Viana do, Biogr. (1855-1911) - Escritora pelotense e alegreense. Irmã de João Damasceno Viana. Colaboradora do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisboa), em que publicou diversos trabalhos, sobretudo poemas.

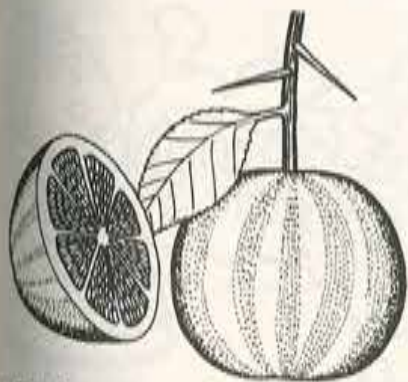
NASCIMENTO, Heloisa Assumpção, Biogr. Professora e escritora pelotense, nascida em 1917. Pseudônimo: Flor de Liz. Obras principais: *História das Mil Ilusões*, P. Alegre, Globo, 1937; *Fuma Encantada*, narrativa, P. Alegre, Gráfica Editora Maria, 1955; *Na Praça da Matriz*, P. Alegre, Globo, 1964 e *Haragano*, romance, São Paulo, Clube do Livro, 1967.

NASCIMENTO, Manoel Lourenço do, Biogr. (1811-1893) - Político pelotense. Farroupilha convicto, serviu nas forças do General David Canabarro. Juiz de Paz e vereador em Pelotas. Deputado provincial em várias legislaturas. Participou da Campanha de 1864 contra os *biancos* e da Guerra do Paraguai. Propagandista da República e abolicionista. Orador notável. **Bibliogr.** Aquiles Porto Alegre, *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*, P. Alegre. I lv. Selbach. 1916

NASCIMENTO RAMOS, Luiz de, Biogr. Fotógrafo amador, mais conhecido popularmente por Lunara, que viveu em Porto Alegre entre os anos de 1864 e 1937, demonstrando invulgar senso artístico e rara capacidade técnica. Documentou com a câmara os aspectos humanos, sociais e paisagísticos mais salientes do seu tempo. Foi descoberto pela fotógrafa Eneida Serrano e alvo de elucidativa exposição promovida de 24 de outubro a cinco de dezembro de 1980 por várias instituições oficiais. Segundo artigo de Artur Pinto da Rocha, publicado pela *Gazeta do Comércio* de Porto Alegre em 25.03.1903. Lunara via o seu mundo circunjacente com "perfeição inexcédível de arte".

NASCITURUS, Biogr. (V. Vargas, Leonel de).

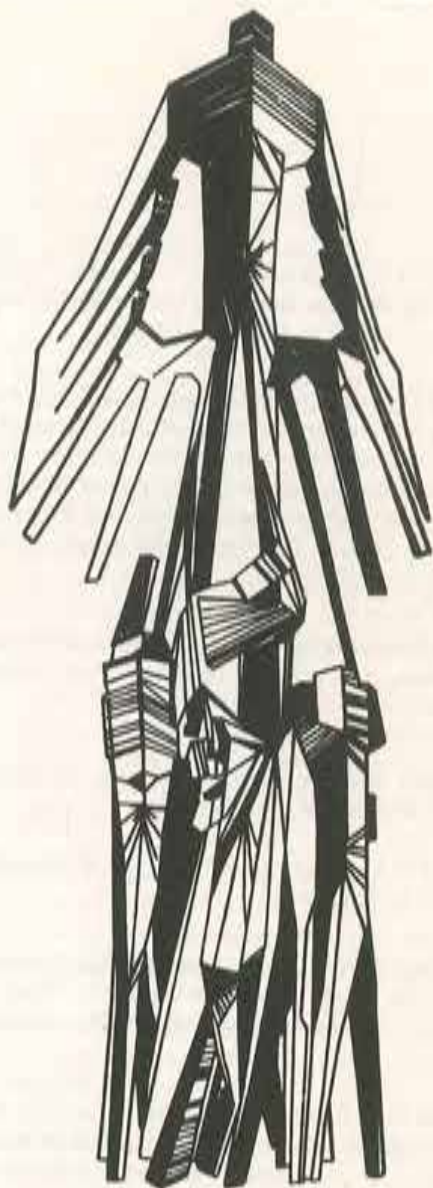
NATA-DOCE, S.f. Espécie de creme, preparado com a parte gorda do leite. Pl.: natas-doces.



NATAL1 (Do lat. *natale*), S.f. Variedade de laranja cultivada principalmente nos municípios de Taquari e Montenegro. Amadurece de agosto em diante.

NATAL2, S.m. Variedade de pêssgo de polpa creme-clara, mamilo pouco desenvolvido, gosto médio levemente amargo e caroço aderido.

NA TERRA VIRGEM, Liter. Versos de Alceu Wamosy, Alegrete, Tip. da Gazeta de Alegrete, 1915.



PREFEITURA MUNICIPAL DE
PORTO ALEGRE - SECRETARIA DO
GOVERNO MUNICIPAL
EMPRESA PORTOALEGRENSE DE TURISMO

EPOTUR

GALERIA AÇORIANOS
Travessa do Carmo, 84



Alceu Wamosy segundo um retrato de 1922 - desenho de Jacinto Moraes

O

OASE — Sigla da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas, fundada em 05.09.1987 na cidade de Vista Gaúcha, sob a presidência de Cenira Eberhardt.

OGARANTIM, Potam. Rio afluente do Guarita, pela margem direita, também chamado Fortaleza. "Duas bacias hidrográficas formam o município de Erval Seco: ao Norte o rio *Ogarantim* conhecido como rio Fortaleza..." (Sylvio Giocondo Dall'Agnol, Erval Seco... no Capricho, p. 56).

OJERIZA, Hidrogr. Arroio afluente do rio da Glória, pela margem direita (M. de Carazinho).

OLAVO VIANA, Geogr. Povoado na região das Missões (M. de São Borja).

OLARIA¹, Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de Triunfo).

OLARIA², Geogr. Localidade no Planalto Médio (M. Não-Me-Toque).// Escola Municipal de 1º Grau Inc. Alfredo Brockmann

OLARIA³, Geogr. Localidade no distrito de Itacolomi (M. de Gravataí).// Escola Municipal de 1º Grau Inc. João Francisco Alves.

OLARIA DAUDT, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Sapucaia do Sul).

OLARIA CHARRUA, Geogr. Lugar no Planalto Médio (M. de Cruz Alta).

OLARIA DO KERN, Geogr. Lugar no Planalto Médio (M. de Ernestina).

OLARIA GOMES, Geogr. Lugar no Planalto Médio (M. de Carazinho).

OLARIAS, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Lajeado).// Escola Municipal de 1º Grau Inc. Pedro Scherer.

OLHA A COBRA, Expr. (V. Anu-de-cadena). "Caminho da roça... Rodar... *Olha a cobra!*" (Fontoura, Nas Coxilhas, p. 77).

OLHA O FOGO, Expr. (V. Anu-de-cadena).

OLHA O FUSO DESANDANDO, Expr. (Anu-de-cadena).

OLHEIRA DE SOL, Expr. Ação torte do sol em seguida a tempo chuvoso ou céu encoberto. "De quando em vez abria uma *olheira de sol*, amormaçando e excitando o mosquedo." (Severo, Visão do Pampa, p. 32). "O tenente, satisfeito, olhava o pingo à sogá e gozava a *olheira de sol*." (Antônio, Mensagem a Poucos, p. 242).

OLHEIRO, (De *olh (o) + eiro*, cf. a raiz *olhe*). S.m. Buraco ou toca de formigas.

OLHETE(ê), De *olh (o) + ete*, S.m. Ictio. Peixe teleosteo da família dos carangídeos. Dorso oliváceo. Abdome branco. Comum no Litoral. (*Seriola carolinensis* Hoin).

OLHO (ô). (Do lat. *oculu*), S.m. Germe de milho para o fabrico do fubá-mimoso.

OLHO-BRANCO, S.m. Doença ocular dos bovinos, caracterizada pela inflamação da conjuntiva e da córnea, que se torna opaca. Produz lacrimejamentos e espasmos palpebrais. Pl.: olhos-brancos.



OLHO-DE-BOI¹, S.m. Atoleiro de forma circular, coberto de capim. "No momento em que as nossas forças se dispunham ao ataque, o cavalo do Dr. Veiga Cabral atolou num *olho-de-boi* até a barriga." (Flores da Cunha, A Campanha de 1923, p. 61). "Ali à frente, um pedaço do banhado cheio de *olho-de-boi*..." (Mário Simões Lindeiro, p. 26).

Perto dum *olho-de-boi*
Lá no fundo do potreiro
Fui encontrar o terneiro...

Braum, Potreiro de Guaxos,
2ª ed., p. 111

Pl.: olhos-de-boi.

OLHO-DE-BOI², S.m. Variedade de rocha calcária, relativamente homogênea, comum no município de Rio Pardo. Pl.: olhos-de-boi.

OLHO-DE-BOI³, S.m. Pequena esfera de pedra utilizada no jogo de gude. Pl.: olhos-de-boi.

OLHO-DE-BOI-BRANCO, S.m. Designação vulgar da magnesita, mineral trigonal abundante no estado. Pl.: olhos-de-boi-branco.

OLHO-DE-BONECA, S.f. Bot. Cipó da família das sapindáceas. Flores miúdas, alvas. Folíolos dentado-serreados. Cápsulas trivalvares (*Paullinia elegans* Camb.). Pl.: olhos-de-boneca.

OLHO-DE-CHAVE, S.m. Espécie de sinal usado nos ovinos. Pl.: olhos-de-chave.

OLHO-DE-LOMBO, S.m. A parte mais carnosa no dorso dos suínos gordos. Pl.: olhos-de-lombo.

OLHO-DE-PERDIZ, S.m. Calosidade que se forma nos cascos dos eqüinos. "Que era um bicho muito lindo, era. Cabeça seca, encontros largos, *olhos-de-perdiz*..." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 24). Pl.: olhos-de-perdiz.

OLHO-DE-POMBA, S.f. Bot. Planta da família das leguminosas. Folíolos grandes. Sementes vermelhas. Pl.: olhos-de-pomba.

OLHO-DE-PORCO, Adj. Diz-se do olho branco de certos animais cavaleares. Pl.: olhos-de-porco.

OLHO DE PORCO, Expr. Diz-se do eqüino que tem os órgãos da visão anormalmente pequenos ou atrofiados.

Todo domador suspeita
Do cavalo *olho de porco*
mais mesquinho que o torto...

Edilberto Teixeira, Dicionário
Gaúcho do Cavalo, p. 100

OLHO-DE-RÃ, S.m. Doença do feijão-soja, produzida por fungos, que atacam especialmente as folhas. Pl.: olhos-de-rã.

OLHO DE SECAR AÇUDE, Expr. Indivíduo de mau-olhado.

OLHO-DE-TIGRE, S.m. Variedade amarelo-avermelhada de ágata, abundante no estado, especialmente nos municípios de Soledade e Lajeado. Pl.: olhos-de-tigre.

OLHO DE VIRÁ, Expr. Olho doce, suave e tímido.

OLHO-FUNDO, S.m. Nome vulgar da *Elgenheimer*, batata de origem holandesa, cultivada na Encosta Inferior do Nordeste. Pl.: olhos-fundos.

OLHO-GROSSO, S.m. Mau-olhado; jetatura; resultado mórbido que o olhar de certas pessoas produz noutras, segundo a superstição popular. "Cuidado com o *olho-grosso* do Serapio Costa!" (Lessa, *O Boi das Aspas de Ouro*, p. 160). Pl.: olhos-grossos.

OLHOS-D'ÁGUA¹, Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de Santo Ângelo) *Combate dos Olhos d'Água*: combate ocorrido em 27.10.1923 entre as forças de Honório Lemes e Flores da Cunha.

OLHOS-D'ÁGUA², Geogr. Lugar no distrito de Joca Tavares à margem direita do riacho Grande. Nome anterior: Encruzilhada (M. de Bagé) "Na altura dos *Olhos-d'Água*, na vinda, topamos com uma tropa de carretas..." (Piá do Sul, *Farrapo*, 2ª ed., p. 140). *Olhos-d'Água - Inhanduí*: estrada estadual, com 46 Km.

OLHOS-D'ÁGUA³, Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de Catuípe).

OLHOS-D'ÁGUA⁴, Geogr. Povoação no distrito de Cedro Marcado (M. de Tenente Portela).// Escola Municipal de 1º Grau Inc. Iucumã.

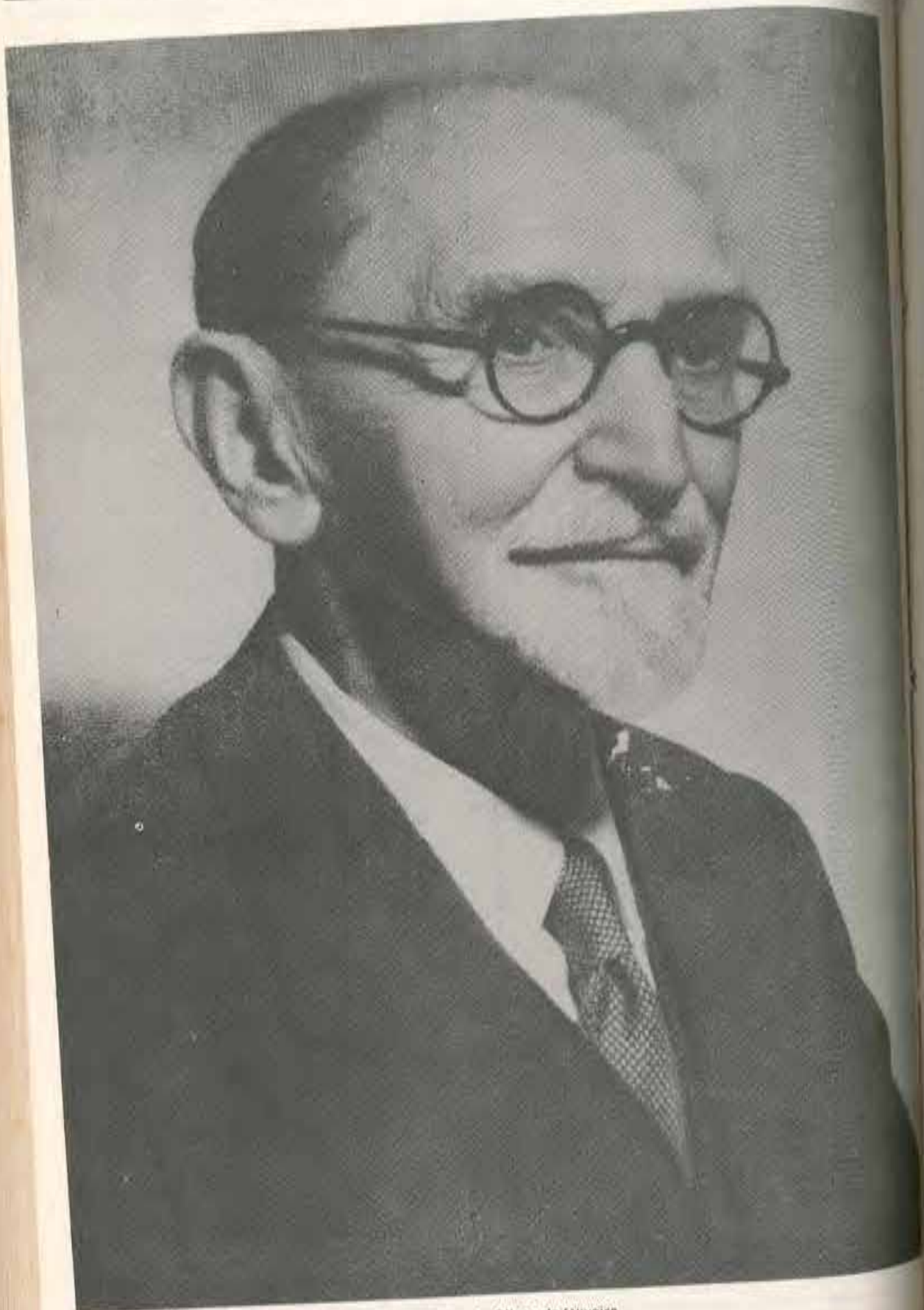
OLHOS-D'ÁGUA⁵, Geogr. Localidade na região da Campanha (M. de Rosário do Sul).

OLHOS-D'ÁGUA⁶, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha).// Escola Municipal de 1.º Grau Inc. Cristo Rei.

OLHOS-D'ÁGUA⁷, Geogr. Lugar no distrito de Azevedo Sodré (M. de São Gabriel).

OLÍMPIO NUNES, Geogr. Localidade no distrito de Rio Branco (M. de Nova Prata).

OLIMPO¹ (Do gr. *Olympos*, através do lat. *Olympu*), Geogr. Distrito na Encosta do Sudeste (M. de Arroio Grande).



Olimpio Olinto de Oliveira



Olimpo: Escola Estadual

OLIMPO², Geogr. Vila à margem direita do rio Piratini, servida pelo ramal ferroviário Cacequi-Rio Grande, sede do distrito de Olimpo. Nome anterior: Parafso.

OLINTO, Geogr. Povoado nos Campos de Cima da Serra, junto às vertentes do arroio Quebra Dente (M. de Lagoa Vermelha).

OLINTO DE OLIVEIRA, Olímpio, Biogr. (1865-1956) - Médico, jornalista, crítico de arte, musicista. Colaborador do Correio do Povo. Pseudônimo: Maurício Bohem. Natural de Porto Alegre foi ali infatigável animador de várias entidades culturais, entre as quais o Clube Haydín, surgido em 20.02.1897 e o Instituto Livre de Belas Artes, organizado em 22.04.1903. Membro fundador da Academia Rio-Grandense de Letras, instalada a 10.05.1902 e onde criou a cadeira nº 26, sob o patrocínio de Joaquim Caetano da Silva. Extremamente devotado à Pediatria, lecionou essa especialidade na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Obras principais: *A Proteção à Infância em Alguns Países da Europa*, Helatário, Rio, Serviço Gráf., do MES, 1940 e *A Proteção à Infância e o Departamento Nacional da Criança*, Rio, Imprensa Nacional, 1946. **Bibliogr.** Raul Moreira, *Olinto de Oliveira*, C. do Povo, P. Alegre, 26.05.1956. *Escola estadual de 1ª Grau Prof. Olinto de Oliveira*: educandário porto-alegrense, subordinado à 37ª DE.

OLIVA¹, (Do lat. *oliva*), Geogr. Distrito na Encosta Superior do Nordeste. Data da criação: 15.12.1954. Área territorial: 167,76 km² (M. de Caxias do Sul).
População:
1980.....1.321

OLIVA², Geogr. Vila com capela dedicada a Santo Expedito, sede do distrito de Oliva.// Piquete de Laçadores Faca Prateada.

OLIVEIRA, Hidrogr. Arroio formador do Saraiva (M. de Canguçu).



Alberto da Silva Oliveira

OLIVEIRA, Alberto da Silva, Biogr. Empresário porto-alegrense. Presidente da Associação Comercial de Porto Alegre. Diretor do BANRISUL. Presidente da Federação das Associações Comerciais do estado. Notável economista e financista.

OLIVEIRA, Alter Cintra de, Biogr. (1907-1976) - Advogado e jurista, natural de Caçapava do Sul, Presidente da OAB - Seção do Rio Grande do Sul durante três períodos.

OLIVEIRA, Andradina Americana de Andrade e, Biogr. (1878-1935) - Jornalista e escritora porto-alegrense. Assinatura literária: Andradina de Oliveira. Na cidade de Bagé, em 02.01.1898, fundou a revista *O Escrivão*, que circulou até 1910. Obras principais: *Preludiando*, contos (1897); *A Mulher Rio-Grandense* - 1ª Série, P. Alegre, Tip. da Liv. Americana, 1907; *A Cruz de Pérolas e Contos de Natal*, contos (1908); *O Abismo*, romance, São Paulo, Tip. Rossolito, 1936. **Bibliogr.** J.F. Velho Sobrinho, *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro*, 1ª Vol., Rio, 1937.

OLIVEIRA, Arthur de, Biogr. (1851-1882) - Professor, jornalista e escritor, natural de Porto Alegre. Pseudônimo: Bento Gonçalves. Obra principal: *A Rua do Ouvidor*, crônicas (Rio, Tip. da Luz - E. Duprat Editor, 1873). **Bibliogr.** Sacramento Blacke, *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, 1ª

vol. Rio, 1883; Jorge Jobim, Arthur de Oliveira e Anibal Teófilo, *Ilustração Brasileira*, Rio, Setembro de 1922; Aquiles Porto Alegre, *Serões de Inverno*, Tip. da liv. Selbach, 1923; Luiz Felipe Vieira Souto, Arthur de Oliveira, Rio, 1935; Antonio Constantino, Arthur de Oliveira, "o saco de espantos", *A Gazeta*, São Paulo, 09.11.1941.

OLIVEIRA BELLO¹, Luiz Alves Leite de, Biogr. (1817-1865) — Advogado, político e jornalista porto-alegrense. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1841. Deputado provincial eleito em 1845. Juiz de Comarca de Porto Alegre em 1846 e desembargador em 1858. Presidiu o Rio Grande do Sul no período 1851-1852 e a província do Rio de Janeiro no biênio 1861-1862. Deputado geral em seis mandatos. Além de relatórios, pareceres e discursos, escreveu o *Diário de uma Viagem no Interior da Província de São Pedro em 1856*, Revista do IHG/RS, P. Alegre, N^o 79, 3^a Trim., 1940.

OLIVEIRA BELLO², Luiz Alves Leite de, Biogr. (1851-1914) — Advogado, político, jornalista e escritor, natural de Porto Alegre, filho de Luiz Alves de Oliveira Bello¹. Autor do romance *Os Farrapos*, Rio, Tip. da A Reforma, 1877.

OLIVEIRA, Cândido Batista de, Biogr. (1801-1865) — Jornalista, professor de Matemática e Economia, político e diplomata porto-alegrense. Autor do excelente *Reconhecimento Topográfico da Fronteira do Império na Província de São Pedro do RGS*, Rio, Tip. Nacional, 1850.

OLIVEIRA, Felipe Daudt de, Biogr. (1891-1932) — Jornalista e escritor santamariense. Pseudônimos: Gavarni e Wanka. Assinatura literária: Felipe d'Oliveira. Poeta delicado e sensível, de tendências simbolistas, como o atestam os seus dois volumes básicos: *Vida Extinta*, Rio, Tip. da Liga Marítima Brasileira, 1911 e *Lanterna Verde*, Rio, Tip. Pimenta de Mello & Cia., 1926.

OLIVEIRA, Glória, Biogr. Aplaudida cantora. Intérprete de Marshall Berman, Gore Vidal e outros grandes autores contemporâneos.

OLIVEIRA, Heráclito Americano de, Biogr. (1840-1896) — Jornalista, poeta e teatrólogo, natural de Rio Pardo, onde fundou *O Lutador*. Pseudônimo: Noca-Rimeo.

OLIVEIRA LISBOA, Bento Luiz de, Biogr. (1836-1905) — Advogado, jurista e político



Glória Oliveira

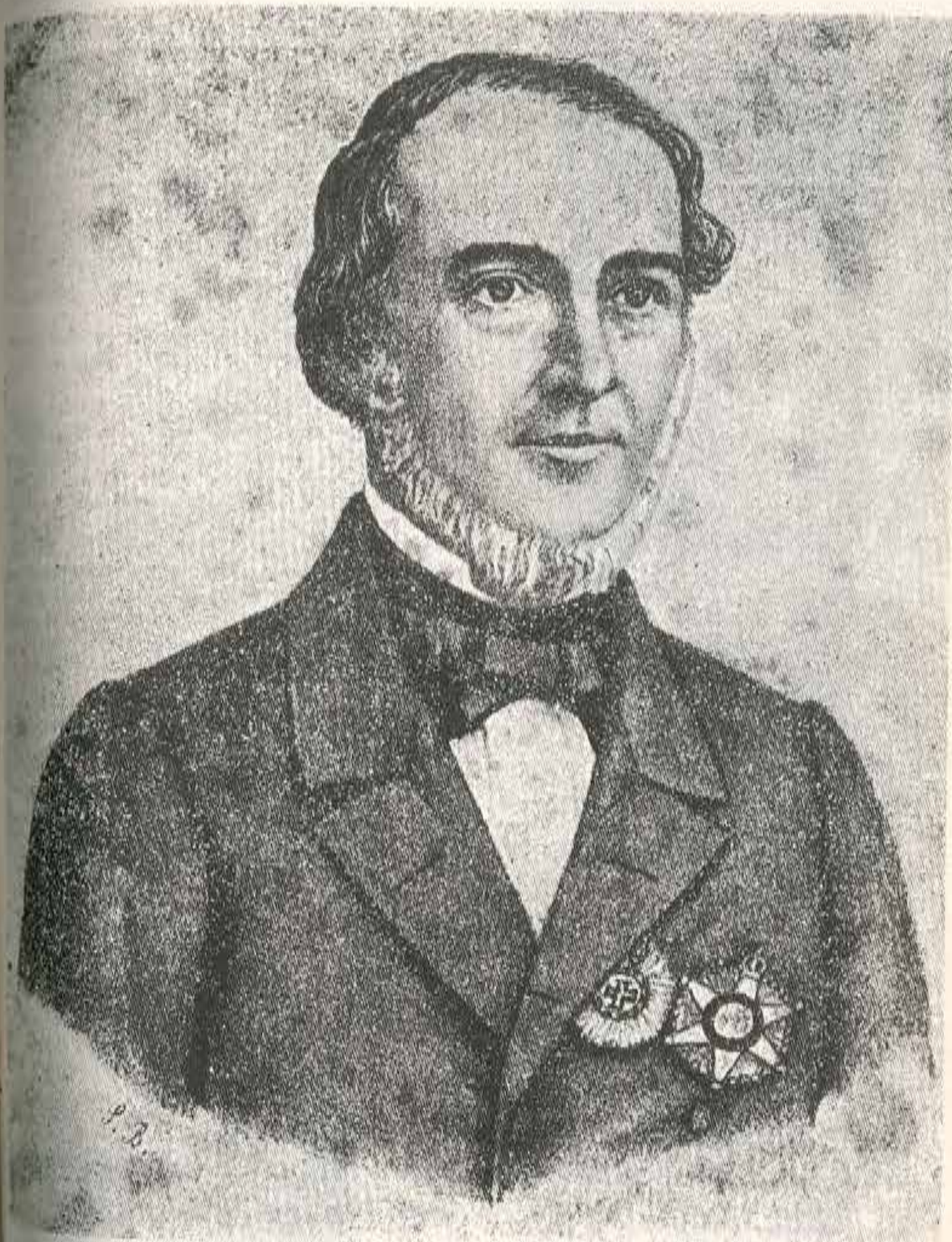
fluminense, natural do Rio de Janeiro. Governou o Rio Grande do Sul de 26 de janeiro a 25 de abril de 1887.

OLIVEIRA, Lola de, Biogr. (1907-1965) — Escritora porto-alegrense. Filha de Andriana de Oliveira. Autora de contos, versos, romances, poemas em prosa, impressões, etc. *Saudades do Pampa*, poesia, surgiu em 1936, São Paulo, Tip. Rossolito. **Bibliogr.** Pedro Villas Boas, *Notas de Bibliografia Sul-Rio-Grandense*, P. Alegre, A Nação-SEC, 1974.

OLIVEIRA, Manoel Lucas de, Biogr. Militar e ruralista, natural de Piratini, falecido em 1874. Figura proeminente da Revolução dos Farrapos, à qual serviu como Ministro da Guerra e deputado constituinte. **Biogr.** Dante Pianta, Cel. Lucas de Oliveira, *Diário de Notícias*, P. Alegre, 05.06.1962.



Manoel Lucas de Oliveira



Luiz M. Leste D. Alvarado

(1817-1865)



Cidade de Piratini: sobrado com azulejos, construído por Vicente Lucas de Oliveira entre os anos de 1829 e 1830.

OLIVEIRA, Vicente Lucas de, Biogr. Pecuárta e político, Presidente da Câmara Municipal de Piratini quando esta, em 1836, aderiu à proclamação da República Rio-Grandense.

OLIVEIRA RAMOS, Oscar de, Biogr. (1881-1962) — Engenheiro Civil, jornalista, escritor e musicista porto-alegrense. Pseudônimo: Hélio de Queirós.

PAIBENI, S.m. Grande chefe entre os caigangues.

PAICA, S.f. Rameira; prostituta. "Na garupa do meu cavalo existe lugar só para três viventes: a mala do poncho, o laço de doze braças e alguma paica..." (J.A. Pio de Almeida, C. do Povo, P. Alegre, 24.04.1977).

PAI CHIQUITO, Hidrogr. Arroio afluente do Padre Doutor, pela margem direita (M. de Pelotas).

PAI-DE-CABANHA, S.m. Touro destinado à reprodução de plantéis finos (nas cabanhas). Pl.: pais-de-cabanha.

OLIVEIRA, Thiery Quadros de, Biogr. Plantista, natural de Rosário do Sul, nascido em 1911. Desde jovem anima as noites de Porto Alegre, exibindo-se em restaurantes. Prefere as composições do gênero romântico, o qual o coloca entre os últimos seresteiros autênticos do Rio Grande do Sul.

OLIVER JAMIN, Biogr. (V. Monteiro, Dicionário).

ÔMBROS (Do lat. *umero*), S.m. pl. Nome dado às partes complementares do espaldado.

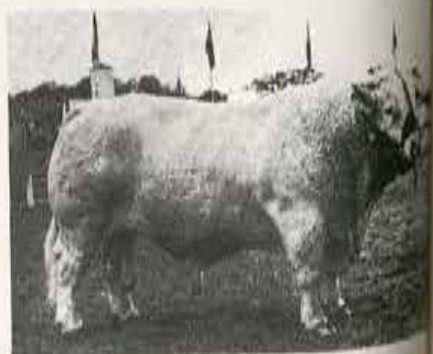
ONARI MALTA, Biogr. (V. Nunes Pereira Altamirano).

ONÇA (Do lat. *uncia*), S.f. Moeda espanhola de ouro, pesando sete e meia oitavas equivalentes, com o câmbio a par, a 32\$000 outrora corrente no Rio Grande do Sul. "Ele colocou na minha guaiaca uma onça..." (Coutinho, A Gaúcha, p. 84). "No retorno, o Laurito pendurou a guaiaca com as quinhentas onças, na forquilha desteio..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 21). "Seu Teodoro, moço robusto nos aperos por lá com prata nos aperos e onças na guaiaca." (Freitas, Gauchadas, p. 166).

Poucos dias já nos faltam,
Vamos aposta amarrar?
Tu perdes o teu zainito
Ou seis onças vais ganhar!

Diálogo entre o eleitor Juca e Chica Cabalista, O Mercantil, P. Alegre, 27.11.1853.

P



Um pai-de-cabanha charolês

PAI-DE-FOGO, S.m. (V. Guarda-fogo) pai-de-fogo, de madeira de lei, era usado para...

mo." (Manoelito, Terra Xucra, p. 83)
 Desencilhavam e se metiam galpão a dentro, onde um *pai-de-fogo* de cerne de espinilho aconchegava a lenha menor. "(He-vaclidos, Onze Braças de Campo e Algumas Sobras, p.19). Pl.: pais-de-fogo.

PAI-DE-PLANTEL, S.m. Reprodutor bem caracterizado zootecnicamente. Pl.: pais-de-plantel.

PAI JOSÉ, Hidrogr. Arroio afluyente do rio das Antas, pela margem direita (M. de Bom Jesus).

PAIM, Hidrogr. Córrego caudatário do rio das Antas, pela margem direita.

PAIM-FILHENSE, Adj. 2 gên. De Paim Filho; 2.º gên. o natural ou habitante desse município.

PAIM FILHO¹, Geogr. Município nos Campos de Cima da Serra. Data da criação: 27.12.1961. Orago: Nossa Senhora do Caravagio.

População:
 1960.....8.471
 1980.....10.642
 5.792 eleitores em 1986. Produção de cereais. Criação de aves e suínos.

PAIM FILHO², Geogr. Cidade à margem esquerda do Forquilha, sede do município de Paim Filho, Paróquia em 13.09.1933. Nomes anteriores: Sede Nova, Sede Velha, Nova Gorizia e Forquilha.

População:
 1960.....3.864
 1980.....5.363



Matriz. Praia do Inhandava com o chamado "Bosque das Guabirobas". Grêmio Estudantil João Crisóstomo, fundado em 19.06.1976. Escolas Estaduais de 1ª e 2ª Graus Frei Gentil e Prof. Júlio Chaves de Mattencourt. Escolas Estaduais de 1ª e 2ª Graus Santo Antonio, Aristides Manfredi e Rosalina Disarz. Instituto Paim-Filhense de Educação e Assistência Social ao Menor (IPEASM). CTG Coxilha da Serra. Hospital Santa Teresinha. Sociedade Caritativa e Beneficente São José. Sindicato dos Trabalhadores Rurais. CTG Réstias do Passado, fundado em 21.10.1982. Eventos significa-



Cidade de Paim Filho: Prefeitura Municipal

tivos: Festa de N. Sra. do Caravágio (último domingo de maio); Festa de São João (24 de junho) e Semana Farroupilha (setembro).



Firmino Paim Filho

PAIM FILHO, Firmino, Biogr., Advogado, ruralista e político natural de São Sebastião do Caf, nascido em 1884. Intendente de Vacaria. Secretário de Borges de Medeiros. Presidente do BANRISUL e senador. Grande chefe militar legalista na revolução de 1923. Descendente, pela linha paterna, de velho tronco açoriano e sobrinho do Coronel Avelino Paim de Souza, chefe político de grande prestígio pessoal nos Campos de Cima da Serra.

PAIM, Miguel Zelmar, Biogr. Professor e escritor, natural de Vacaria, nascido em 1936. Autor do livro *Primeiro Galope*, Caxias do Sul, Editora São Miguel, 1960.

PAINA, Hidrogr. Arroio afluyente do São João³, pela margem esquerda (M. de Santo Angelo).

PAINA-CIPÓ, S.f. Bot. Cipó lactescente da família das asclepiadáceas. Folhas lanceola-

das. Flores alvas, especiosas, ordenadas em cimeiras. Fruto em forma de folículo. Pl.: painas-cipós e painas-cipó.

PAINEIRA¹, S.f. Bot. Árvore da família das bombacáceas. Tronco grosso, provido de acúleos. Folhas digitadas. Flores róseas, de grande porte e peculiar efeito decorativo.

PAINEIRA², Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Coronel Bicaco).

PAINS, Geogr. Localidade no 19º distrito (M. de Santa Maria).// Associação Esportiva e Assistencial Pains, fundada em 27.08.1977.

PAIO (Do antr. galego *Payo*), S.m. Toleirão; palerma; o que não tem esperteza ou inteligência.

PAIOL, (Do catalão dialetal *paio!*), Hidrogr. Arroio tributário do Piraçucê, pela margem direita.

PAIOL DE TELHA, Geogr. Localidade nas nascentes do arroio Portão⁴ (M. de Passo Fundo).

PAIOL GRANDE, Hidrogr. Ribeiro contribuinte do Santo Antonio, pela margem esquerda.// Primeira denominação da atual cidade de Erechim, posteriormente chamada Boa Vista e José Bonifácio.

PAIOL NOVO¹, Hidrogr. Arroio afluente do Carreiro, pela margem direita.

PAIOL NOVO², Geogr. Povoado no distrito de Charrua, junto ao arroio Paiol Novo (M. de Tapejara).

PAIOL QUEIMADO¹, Geogr. Distrito no Planalto Médio (M. de Sertão).

PAIOL QUEIMADO², Geogr. Vila, sede do distrito de Paiol Queimado. Nome anterior: Linha Paiol Queimado.

PAIOL QUEIMADO³, Geogr. Povoação na Encosta Superior do Nordeste (M. de São Jorge).

PAIOL VELHO, Hidrogr. Arroio afluente do Araçá⁶, pela margem direita (M. de Lagoa Vermelha).

PAIOPÓ, Hidrogr. Sanga tributária do Caranguejo⁴, pela margem direita.

PAIPASSO¹, Potam. Rio de leito pedregoso e 72 km de extensão. Nasce na coxilha de Japeju e deságua, pela margem esquerda, no Ibirapuitã, do qual é um dos mais importan-

tes tributários. "Maria fôra convidada a morar com uma filha casada lá pras pontas do Paipasso." (Severo, Visão do Pampa, p. 255). "Era um pouso de carreteiros, lá pras bandas do Paipasso." (Acauan, Ronda Charrua, p. 13). "Às dez da manhã, sol aberto e céu limpo, começaram a apontar os grupos do Paipasso, do Carvão, do Garupá..." (Cyro, Campo Fora, p. 14).

– Sorte!

– Culo!

– Sorte!

– Culo!

E assim se revezavam nas jogadas

Os dois campeiros

Um deles era cria do Paipasso...

Ibarrá, Canção do Sul, p. 45.

PAIPASSO², Geogr. Lugar no 49º subdistrito (M. de Alegrete).

PAIPASSO³, Geogr. Lugar no 29º distrito (M. de Uruguaiana).

PAI QUATI, Folc. Velho relato popular corrente no município de Santa Maria, segundo o qual um negro escravo, moço bicano, deixava, alta noite, na porta das casas, artefatos de fibra-vegetal, levando em troca utensílios ou carnes deixados ao relento.

PAIQUERÊ, Hidrogr. Arroio afluente do Pelotas, pela margem esquerda (M. de Bom Jesus).

PAIRÉ, Hidrogr. Córrego tributário do Toropi, pela margem esquerda (M. de São Pedro do Sul).

PAISAGENS, Liter. Contos de Apolinário Porto Alegre, P. Alegre, Tip. da Imprensa Literária, 1875.



Apolinário Porto Alegre

PAISANADA (De *paisano* + *ada*), S.f. Bando, reunião, quantidade de paisanos; muitos paisanos; dito ou ato de paisano.

PAISANITA, S.f. Compatriça ainda jovem. "O castija era casado com uma *paisanita* linda..." (Fagundes, *Novos Causos de Galpão*, p. 98).

PAISANO (Do fr. *paysan*), S.m. Indivíduo em relação a outro do mesmo ponto do estado; conterrâneo. "O *paisano* era trabalhador e entendido nas coisas..." (S. Lopes, *Contos Gauchescos*, p. 40) "Cuidado, *paisano*, o passo está brabo que nem ariranha." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 30). "O *paisano* ficou uns momentos arrodando..." (Odilon, *Causos do João Maria*, p. 63). "Chegue-se no mais *paisano*, os cuscos não mordem..." (Dornelles, *Causos da Querência*, p. 68). "Mas aí o matungo se assustou, velhaqueou e se mandou a la cria, quase derrubando o *paisano*." (Fagundes, *Novos Causos de Galpão*, p. 9).

Dois *paisanos* que assistiam

Ao grande carreiramento

Abalaram para o laço

De ponchos soltos ao vento/

Freire, *Alma de Gaúcho*, p. 115

Querência do cusco amigo,
Nobre e guapo companheiro,
Do balcão do bolicheiro,
Da china linda e do trago,
Do *paisano* que anda vago
Sem parador nem querência...

Braun, *Galpão de Estância*, 2ª. ed., p. 77

Var.: paissano.

PAISEIRO (De *pai* + *s* + *eiro*), Adj. Diz-se do vacum ou equino não castrado; s.m. animal reprodutor. "Cavalos *paiseiros* já tinham sido todos arrebanhados..." (Piá do Sul,

Farrapo, 2ª. ed., p. 169).

Com negaças de parreheiro

Prendendo calmo o cigarro

Salta certito e bizarro

Bem no lombo do *paiseiro*.

Zeca Blau, *Trovas da Estância do Abandono*, 2ª. ed., p. 20

PAISSANDU1, Geogr. Distrito na Encosta Interior do Nordeste (M. de Teutônia).

PAISSANDU2, Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

PAIVA, Geogr. Povoado na região da Campanha (M. de Alegrete).

PAIVA, Galba de Moraes, Biogr. (1893-1938) Advogado e escritor uruguaianense.

Assinatura literária: Galba de Paiva. Pseudônimo: Duc D'Orsey. Bacharel em 1915 pela Faculdade de Direito do Rio. Orador da turma. Promotor Público em Alegrete e Bagé. Subchefe de Polícia em Sant'Ana do Livramento, Bagé e São Gabriel. Em 1932, em São Paulo, participou da Revolução Constitucionalista. Suicidou-se em 01.07.1938. Autor de *Folhas*, versos, Bagé, Casa Maciel, 1923.

PAIXÃO (Do lat. *passione*), Hidrogr. Arroio afluente do rio Caí, pela margem esquerda.

PAIXÃO CORTES, João Carlos D'Avila, Biogr. Agrônomo e folclorista, natural de Sant'Ana do Livramento, nascido em 1927. Obras principais: *Manual de Danças Gaúchas*, de parceria com Luiz Carlos Barbosa Lessa, P. Alegre, Comissão Estadual de Folclore 1956; *Festa na Querência*, P. Alegre, Tradisul Editora, 1959; *Terno de Reis*, ib., 1960; *Folclore Musical do Pampa*, ib., 1960; *Aspectos da Música e Fonografia Gaúchas*, P. Alegre, Editora Proletra, 1984 e *O Gaúcho - Danças, Trajes, Artesanato*, P. Alegre, Ed. Riocel, 1985.

PAJADA, (Do esp. plat. *payada*), S.f. Reunião artística em que se apresentam vários pajadores em competição.

PAJADOR (ô), S.m. Cantor popular de assuntos gauchescos; (por ext.) o que trova ou improvisa versos.



Sou um *pajador* como tantos
Sobrino do Chico Santos

E neto do velho Blau.
Zeca Blau, *Trovas da Estância do Abandono*, 2ª. ed., p. 11

PAJÉ (Do guar. *payé*), Hidrogr. Arroio tributário do rio Taquari, pela margem esquerda.

PAJEM (Do fr. antigo *paje*), S.m. (V. Palhaço).
Tranqueando só nos caminhos,
pra aprender andar nos trilhos,
Por *pajem* tinha um tordilho
bem manso e doce de boca.
Colmar Duarte, *Cancha Reta*, p. 34

PAJONAL (Do esp. plat. *pajonal*), S.m.
Banhado muito extenso, coberto de vegetação. "E entrou o sol; ficou nas alturas um clarão afogueado, como de incêndio num *pajonal*..." (S. Lopes, *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, p. 128). "Primeiro, lastimado, caiu o cavalo à beira do *pajonal*." (A Maya, *Tapera*, p. 90). "Andaram campeando pelos *pajonais* e matos mais pertos..." (Herlein, *Na Fronteira Gaúcha*, p. 48). "Costeamos um banhado de tiririca e santa-fé. Nisso ouvimos uma atropelada vinda do meio do *pajonal*..." (Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 24).

Eu tive um lenço pachola
que agora não tenho mais.
Lenção de cor colorada
como a flor da corticeira
crioula dos *pajonais*.
Apparício, *Viola de Canto Largo*,
3ª ed., p. 17

PALA (Do lat. *pallium*, manto, através do esp. *palio*), S.m. Peça do vestuário que o gaúcho usa sobre o casaco ou a camisa. Feita de fazenda lisa ou listrada (brim, alpaca, seda, linho, algodão, vicunha, merinó ou lã com gola de pele para o inverno), apresenta forma quadrilátera, pontas franjadas e abertura longitudinal. "Quando a gente enfiava *opala* listado, botava o chapéu com barbicacho, a bombacha..." (Maneco Russo, *Cartas ao Primo Chico, A Reforma*, P. Alegre, 06.04.1873). "Apeiou-se sorrindo, maneou o pingo, dobrou o *pala* sobre o lombinho..." (A Maya, *Alma Bárbara*, p. 132). "Numa volta que fiz, vi o Bento apoiado na beira da cancha, de *pala* estendido e guaiaca aberta..." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 26). "No galopito do zaino escarceador, vinha o viandante, de *pala* branco cobrindo a anca do pingo." (Darcy, *Coxilhas*, p. 52). "Sol bem em cima, rachando. *Palas* atirados com garbo sobre as ancas dos pingos." (Cyro, *Campo Fora*, p. 17). "Quase sempre de *pala* enfiado, lenço no pescoço, botas, rebenque na mão..." (Ramiro, *Meu Rincão*, p. 237). "Boleei a perna, dobrei os pelegos, tirei a



peiteira do cavalo, desenfie o *pala*...
(Raul, *Mala de Poncho*, p. 16).

E quando pego os apeiros
e me pilcho bem pilchado
e boto o *pala* cruzado
e o meu lenço no pescoço
palavra que escaramuço
com vontade de pelear!
Dimas, *Pampa Bravo*, p. 149

Quando só o silêncio fala
na voz da noite charrua,
na garupa trago a lua
acariciando meu *pala*.
Schultz Filho, *Galponeiras*, p. 31

No lusco-fusco do rancho
só a cordeona é quem fala.
Nem entrevero de bala
separa o macho da china
e como trança de clina
enrolei a guexa no *pala*.
José Machado Leal, *Herança e Terra*, p. 11

Abrir o pala: sair furtivamente; desaparecer (para evitar incômodo, perigo, risco, fuga); fugir; afastar-se precipitadamente. "Tive tempo de *abrir o pala* no rumo do Velhaco" (Jáder, *C. do Povo, Caderno Sábado*, 01.02.1975). "O remédio foi *o pala*, rojar-se nas macegas..." (Oleiro, *Causos do João Maria*, p. 21). *Andar com o pala em tiras*: andar mal de vida. *De rachar o pala*: de causar danos ou prejuízos irremediáveis. "Tanto um como o outro armavam jogos e com paradas de rachar *pala*." (Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 145). *Enredar os palas*: reconciliar, fazer as pazes.

PALA-BICHARÁ, S.m. Antiga vestimenta tecida artesanalmente com lã natural, palas-bicharás.

PALA DE LINHO, Expr. (V. Pala). "O

linho voejava ao vento e parecia assim de longe as asas de um gavião grandote..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 42).

PALA DE SEDA, Expr. (V. Pala). "Geminiano calçou as botas, atou o lenço vermelho no pescoço e enfiou o *pala de seda* bege." (Cyro, Gaúchos no Obelisco, p. 5).

PALA DE VICUNHA, Expr. (V. Pala). "Nemésio enfiou o *pala de vicunha*." (Jacques, Os Provisórios, p. 103).

PALADINO, Joel, Biogr. Advogado criminalista, nascido em 1932. Diplomou-se em 1961. Nome expressivo do Direito Penal no Rio Grande do Sul.

PALAMCAMA (De *palanque* + *ama*), S.f. Grande quantidade de palanques; o mesmo que palanquedo.

PALAMENTA (Do esp. *palamenta*), S.f. Conjunto de utensílios e serviços de bordo indispensáveis ao barco de pesca (no Litoral).

PALANQUE¹ (Do hindu *palké* e este do sânscrito *paluk*, cama, de que se derivou palanquim, leito portátil asiático. Ou do baixo lat. *pallanca*, cf. o lat. *palus*), S.m. Pau alto e grosso, com pescoço e cabeça, cravado no chão, em que se prendem animais para encilhamento, doma, cura de feridas, etc. "Parara-se potro, alvorotado e bravo. Bufava como bagual no *palanque*." (V. Pires, Querência, p. 128). "Parecia um *palanque* ou um moirão de cerca, de tão parado." (Acauan, Ronda Charrua, p. 41). "Nicácio amarrou o matungo ao *palanque* e entrou no cercado..." (Brasil Dubal, Fronteira Inclemente, p. 18). "À tardinha divertia-se a laçar *palanques*..." (Severo, Visão do Pampa, p. 51). "Deixava-se um cavalo à sogá com o maneador e outro no *palanque*." (Raul, Mala de Garupa, p. 36).

Aprumado na coxilha, como um bagual que se empina, te rodeava sina-sina, tuna, abrojo e paraíso... À porta, um *palanque* liso pra animalada teatina.

Ramirez. Disparo de Tropa, p. 90

Estar como bagual em *palanque*; estar nervoso, irritado. *Bufar como bagual em palanque*: demonstrar raiva, cólera, grande aborrecimento. "Parava-se potro, alvorotado e bravo. Bufava como bagual em *palanque*." (V. Pires, Querência, p. 128).

PALANQUE² Hidrogr. Arroio afluente do rio Camaquã, pela margem esquerda.

PALANQUE³, Geogr. Povoado no distrito de Mato Leitão (M. de Venâncio Aires).

PALANQUE⁴, Geogr. Lugar na Encosta do Sudeste (M. de Cristal).

PALANQUEAÇÃO (De *palanque* (ar) + *ação*), S.f. Ao de palanquear. // Var.: palanqueio.

PALANQUEADOR (ô) (De *palanquea* (r) + *dor*), S.m. Indivíduo que palanqueia.

PALANQUEAR (De *palanq* (e) + *ear*) V.t.d. Prender no palanque (o potro, etc.). Pres. do ind.: palanqueio, palanqueias, etc. "Um piá, *palanqueando* uma égua machorra que cabor-teava aos corcovos, atirou o seu grito..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 196). "Chegou e meteu a potrada na mangueira à valentona, laçou o redomão, *palanqueou*..." (Freitas, Gauchadas, p. 26).

Esse palanque de cerne cravado a pulso caboclo com quatro palmos no chão sofre o destino crioulo de *palanquear* redomão.

Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 59

É potranca pêlo-duro, gaviona, barbaridade! Não há coração, lhe juro, Que *palanqueie* a saudade!

Alfredo, Coisas do Pago, p. 64

Enfrenel potranca mala *Palanqueei* zebu madraço...

P. Pedro Luiz, O Gênio do Pampa, p. 201

PALANQUE-DE-BANHADO, S.2 gôn. Pessoa irresoluta ou vacilante, tibia, volúvel, instável, que se caracteriza pela frouxidão do caráter. Pl.: palanques-de-banhado.

PALANQUEDO (De *palanque* (e) + *edo*), (V. Palancama).

PALANQUEIO (Contr. de *palanquear* + *o*), S.m. (V. Palanqueação).

PALANQUEIRO (De *palanque* (e) + *eiro*), Adj. Diz-se do animal afeito ao palanque.

PALA-PONCHO, S.m. (V. Poncho-pala). Pl.: palas-poncho.

PALCO, SALÃO E PICADEIRO EM PORTO ALEGRE NO SÉCULO XIX — Contribuição para o estudo do processo cultural do Rio Grande do Sul, Liter. Ensaio de Athos Damasceno Ferreira, P. Alegre, Ed. Globo, 1956.



Athos Damasceno Ferreira; trabalho de João Farrion publicado pela revista porto-alegrense Kosmos em junho de 1926.

PALEAÇÃO (De *pale* (ar) + *ação*), S.f. Ato ou efeito de palear. // Forma paral.: paleio.

PALEAR (Do esp. plat. *palear*), V. int. Remover (a terra) com a pá.

PALEIO (Contr. de *palear* + *o*), S.m. (V. Paleação).

PALETA¹ (ê) (Adap. do it. *paletta*), S.f. O osso das mãos que compõem as cruzes do animal; a omoplata. "O tostado arreventou as duas *paletas* na encontrada e caiu, sacudindo a cola..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 202). "O gauchito se mexeu, alçou a charla e cerrou a perna; meteu os encontros da água sobre a *paleta* do brasino..." (Severo, Visão do Pampa, p. 13). "Este ferro tem sovado muita palha e muita *paleta*." (V. Pires, Querência, p. 140). "Chegou-se bem e reconheceu a marca da estância na *paleta* do animal," (Edy Lima, Minuano, p. 248).

E as minhas chilenas de aço
com bordados na roseta,
que da virilha à *paleta*
sabiam onde cortar!

Aureliano, Romances de Estância e Querência, p. 9

Ganhar de paleta: vencer a carreira (o parrelheiro) com o adversário mal lhe atingindo a região das espáduas. **Ganhar de paleta de meia**: atingir a linha final da pista (o cavalo) com a diferença de paleta e meia sobre o seu concorrente. "Ganhou o caalo "Requeimado" de *paleta e meia*" (Callage,

Rincão, p. 75). *Ir paleta abaixo*: ser vítima de rombo por desequilíbrio (o cavaleiro). "No segundo corcovo *me fui paleta abaixo*." (Cyro, Rodeio, p. 47). **Marcado na paleta**: mal conceituado; suspeito; digno de censura; que inspira desconfiança; de cujos defeitos se tem certeza. "Mas o Jango estava *marcado na paleta*." (V. Pires, Querência, p. 51). **Marcar na paleta**: atribuir (a alguém) a responsabilidade de; imputar falta ou crime a. **Meter a paleta**: intrometer-se; intervir indevidamente a favor de alguém ou de alguma coisa; interceder de modo inábil; mexericar; servir de alcoviteiro. **Ter marca na paleta**: ter fama por atributos muito conhecidos. **Ter marca na paleta, mas não ser tambreiro**: ter renome como pessoa pacata, mas não subserviente. **Tirar paleta**: conseguir (o parrelheiro) ultrapassar as espáduas do competidor. "Foi aquele embrulho de safda, embrulho nas duas quadras... nas cinco o colorado *tirou paleta*". (Severo, Visão do Pampa, p. 26).

PALETA² (ê), Adj. 2 gên. Diz-se da pessoa intrometida, abelhuda, metediza, indiscreta ou perturbadora

Mas quem te chamou, *paleta*?
Quem mete a colher torta
Naquilo que não le importa
Se não é tranca, é *paleta*!

M. Pereira Fortes, A Marcação, p. 81

PALETA³ (ê), S.f. Carne de 2ª. retirada da omoplata da rês. "Seu Claro ia desdobrando habilmente as mantas, as *paletas*, os quartos traseiros..." (Freitas, Gauchadas, p. 61).

PALETA⁴ (ê), S.f. Espécie de jogo de malha.

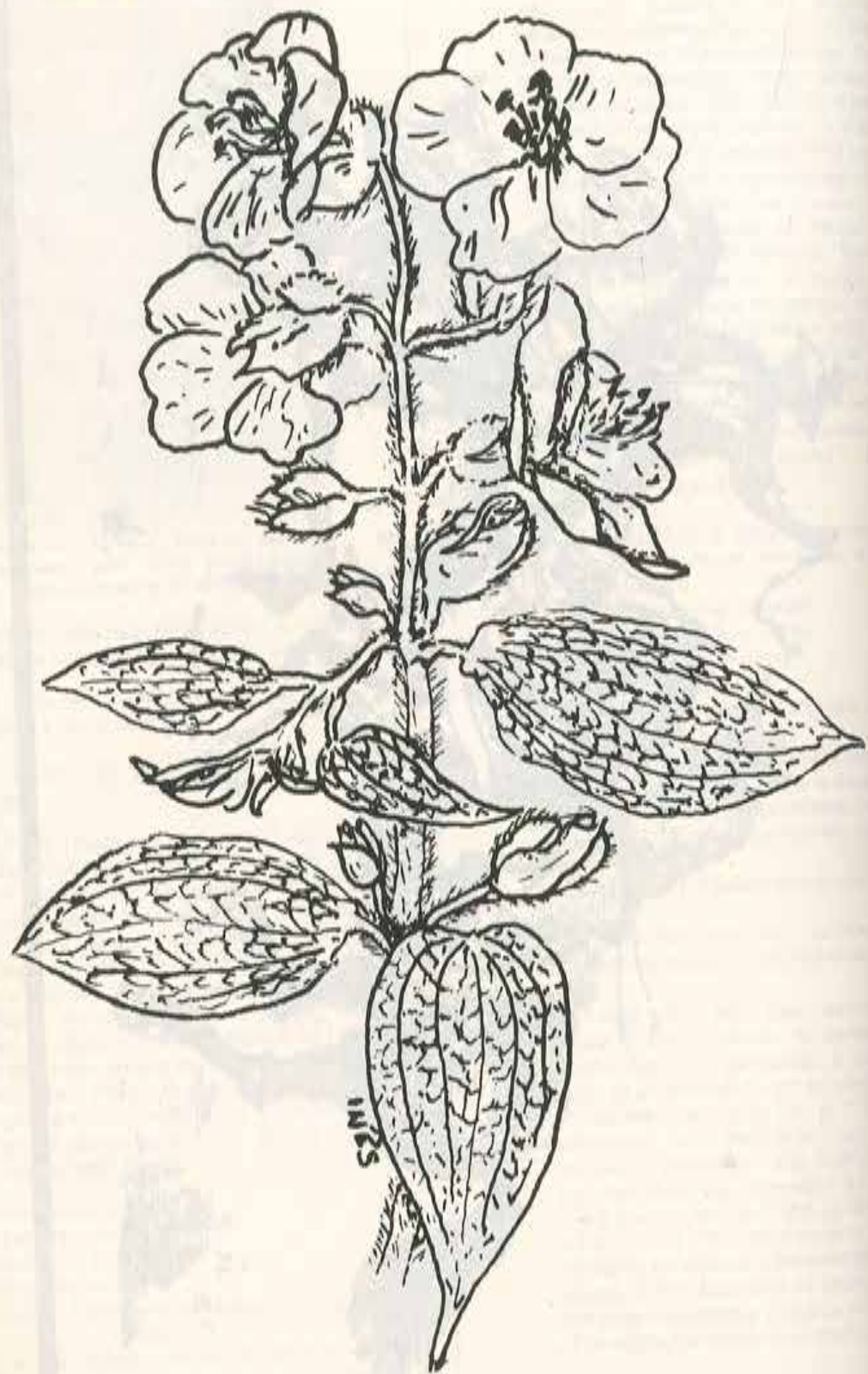
PALETAÇO (Do esp. plat. *paletazo*), S.m. Paletada particularmente violenta.

PALETADA (Do esp. plat. *paletada*), S.f. Choque com a paleta. **Às paletadas**: em empurrões. "Às *paletadas*, à pechada e mais, os governistas foram se adentrando..." (Fagundes, Destino de Tal, p. 77). **Em duas paletadas**: com facilidade; prontamente em poucas paletadas. "Em *duas paletadas* nos havíamos nos escondido na escuridão nas grotas, no chircal." (Piá do Sul, Farrão, 2ª. ed., p.64). "Boi alçado que se escondia no mato, ele descobria *em duas paletadas*..." (Lessa, O Boi das Aspas de Ouro, p. 108). **Em poucas paletadas**: o serviço estava feito. (Dornelles, Causos da Querência, p. 138).

PALETAMA (De *paleta* + *ama*), S.f. Porção de quantidade de paletas; as paletas do animal. "Que era um bicho muito lindo, era. Cabalo seco, quartaria e *paletama* como pra moço-lo..." (Severo, Visão do Pampa, pp. 24-25).



Paletando: gravura de Mário Mattos



Quaresmeira

PALETAZINHA (Flexão dim. de *paleta*), S.f.
Espécie de sinal usado nos ovinos.

PALETEADOR (δ) (De *paletear* + *dor*), Adj. e
s.m. Diz-se do, ou o que paleteia; (fig) o que
se mete em (negócio alheio) para atrapalhar
ou prejudicar.

PALETEAR¹ (De *palet(a)* + *ear*), V.t.d. Ficar
rento com a paleta (do animal). Pres. ind.:
paleteio, paleteias, etc.

O meu cavalo picaço
Que nunca levou um laçoço
Nem mesmo quando potrilho
Apartando num rodeio
Bastava tentear no freio
já paleteava o novilho.

Gavião, Querência Xucra, 2ª ed., p. 105

PALETEAR², V.t.d. Esporear (o animal) na
paleta, para fazê-lo apressar a andadura.

Sou baralho de carpeta
cachaça, tava, cordeona,
Sou a chilena chorona
Paleteando um redomão!

Juca Ruivo, Tradição, p. 27

Já te bati no focinho,
Agora te paleteio!
Se dou pra apertar a cincha
Te divido pelo meio!

PALETEAR³, V.t.d. Ir em companhia de;
seguir; ir atrás de; acompanhar indo ao lado.
"Ao demais, o tal Garibaldi principiou a
paletear a indiada." (A. Maya, Alma Bárbara,
p. 81).

PALHA-BRANCA (Do lat. *palea*, que deu
também o esp. *paja* e o it. *paglia*), S.f. Bot.
Planta da família das leguminosas. Folhas
compostas. Flores vistosas, hermafroditas.
Ovário unicarpelar. Pl.: palhas-brancas.

PALHAÇAL (De *palha* + *ç* + *al*), S.m. Local
inçado de ervas secas. "Que haverá de mais
arriscado do que laçar um touro brabo no
meio de um *palhaçal*?" (Piá do Sul, Amores
do Capitão Paulo Centeno, p. 78).

PALHAÇO (Do it. *pagliaccio*), S.m. Cavalo,
também chamado pajem e mestre, que põe à
prova ou testa o estado físico dos parelhei-
ros. "Este matungo é o *palhaço*... (Freire,
Alma de Gaúcho, p. 50). "O sol ia entrando
quando chegou num tordilho-vinagre, que
fazia de *palhaço*..." (Martins, Caminhos do
Sul, p. 45). "Fôra criado com carreiristas
profissionais, ajudando a compor parelhei-
ros, montado no *palhaço*..." (Freitas, Gau-
chadas, p. 48). "Largavam de inopino nos
floreios de falsa saída, deixando para trás os
palhaços..." (Remo R. Farina, Tato Gomez,
Herói de Palha, p. 70).

Em cada escaramuça o malacara
Tendo no lombo o Pinto campeiraço
Sempre arrancava adeante do *palhaço*...

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2ª
ed., p. 84

PALHA-DE-PENACHO, S.f. Bot. Gramínea
abundante em terrenos alagados, onde for-
mam moitas altas, com longas panículas de
flores cobertas de pêlos. Pl.: palhas-de-
penacho.

PALHANO, Hidrogr. Arroio afluente do rio
Passo Fundo, pela margem esquerda.

Q

QUARTA LÉGUA, Geogr. Localidade no
distrito de Galópolis (M. de Caxias do Sul).
// Esporte Clube São José, fundado em
11.06.1986.

QUARTA LINHA NOVA, Geogr. Localidade
no 3º distrito (M. de Santa Cruz). // Esporte
Clube Avante. Escola Municipal de 1º Grau
Inc. João Leite da Cunha, Esporte Clube
União.

QUARTA LINHA NOVA ALTA, Geogr.
Lugar no 3º distrito (M. de Santa Cruz do
Sul). // Sociedade de Damas Tradição,
fundada em 28.01.1989.

QUARTA LINHA NOVA BAIXA, Geogr.
Localidade no 3º distrito (M. de Santa Cruz
do Sul).

QUARTARIA (De *quarto* + *aria*, cf. o lat.
quartu), S.f. Os quartos do animal em geral.
"Que era um bicho muito lindo, era. Cabeça
seca, encontros largos, olhos-de-perdiz,
quartaria e paletama como pra modelo..."
(Severo, Visão do Pampa, pp. 24-25). "Viu
num relance que de fato o cavalo tordilho-
branco era um pingo: bastante cruza de
inglês, gordo, delgado, uma *quartaria* incrí-
vel..." (Antero, Mensagem a Poucos, p.
167).

QUARTA SECÇÃO, Geogr. Localidade no Alto Uruguaí (M. de Planalto).

QUARTA SECÇÃO DA BARRA, Geogr. Povoação no 1º distrito (M. de Rio Grande).

QUARTA SECÇÃO PLANALTO, Geogr. Povoado no Alto Uruguaí (M. de Iraí).

QUARTA SECÇÃO SANTA ROSA, Geogr. Lugar no Alto Uruguaí (M. de Tuparendi).

QUARTA SECÇÃO URTIGA, Geogr. Lugar nos Campos de Cima da Serra (M. de São João da Urtiga).

QUARTA SOLTA, Expr. Nome dado aos animais que nas diligências iam entre as parselhas do coice e da ponta.

QUARTEADA (De *quarta* + *uada*), S.f. Ato ou efeito de *quartear*.

QUARTEADOR¹ (δ) (De *quartear* + *dor*), S.m. Aquele que *quarteia*; *quarteiro*.

QUARTEADOR² (δ), S.m. Aquele que nas diligências, carretilhas e outros veículos auxiliava o boieiro, cavalgando à frente dos animais de tração. "O *quarteador* levantou-se de repente nos estribos, retesando os loros..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 31). "O *quarteador* subiu na tolda e desceu duas malas..." (Darcy, Coxilhas, p. 167).

O *quarteador*, peão macanudo,
Mestre no seu ofício,
Montava com garbo pitoresco
A égua mais linda da tropilha/
João Bueno, Alma do Pago, p. 21

QUARTEAR¹ (De *quarta* + *ear*), V.t.d. Usar a quarta⁴. Pres. ind.: *quarteio*, *quarteias*, etc.

Eu sou velho carreteiro
Nas carreteadas dos anos,
Repontando os desenganos,
Quarteando nos atoleiros/
Goulart, Sinuelo do Pampa, p. 38



QUARTEAR², V.t.d. Revezar; substituir alternadamente; trocar de lugar ou posição. "Tocava-lhe então *quartear* Manduca na música da acordeona." (Callage, Rincão, p. 81); v.pr. alternar; suceder; entrar (na vaga

de outrem). "Eles *quarteavam-se* na vigília mantendo aceso o fogareiro..." (Barceiro, Estância Assombrada, p. 20).

QUARTEIRÃO (De *quarteiro* + *ão*), Adj. Diz-se do animal cavalgar que tem um quarto de sangue puro. "Pimba arranjou-lhe um tordilho-negro, bom tipo, *quarteirão*..." (Antero, Mensagem a Poucos, p. 28). "Trazia de arrendamento aquela faixa de campo cheia de buracos de tuco-tuco, povoada com umas cem cabeças de gado a invernar, duas eguadas com pastores *quarteirões*..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 113).

QUARTEIRO (De *quarta* + *eiro*), S.m. *Quarteador*¹).

QUARTEL¹ (Do fr. *quartier*), S.m. Medida agrária correspondente a um alqueire de sementeira. "Planta um *quartel* de mandioca, outro de batata-doce, uma lavoura de milho-colorado..." (J.A. Pio de Almeida, O do Povo, P. Alegre, 03.07.1893).

QUARTEL², S.m. Duzentas e quarenta buas. "Acolheravam-se oito molhos para formar um *quartel*..." (Dalcin, Campo de Bugres, p. 83).

QUARTELA (De *quartel* + *ela*), S.f. Duas juntas de bois.

QUARTELADA (De *quartel* + *ada*), S.f. Amarra usada na navegação fluvial.

QUARTEL-MESTRE¹, Hidrogr. Arroio afluente do Jaguarão, pela margem esquerda.

QUARTEL-MESTRE², Geogr. Povoado no distrito de Ferreira (M. de Cachoeira do Sul).

QUARTELUDO (De *quartel* + *udo*), S.m. Diz-se do equino com defeito de aprumamento nos membros anteriores.

QUARTILHEIRO (De *quartilho* + *eiro*), S.m. Aquele que nas minas de carvão tem sob sua guarda o depósito de ferramentas.

QUARTILHA (Flexão fem. do esp. *cuartilla*), S.f. (V. *Quartilha*).

QUARTINHA (De *quarto* + *inha*), S.f. Vaso geralmente de cerâmica, para guardar água. "Rezende sentia febre. Bebia água na *quartinha* de barro..." (Jacques, Provisórios, p. 65).

E a água do moringue não pode sair
Porque também endureceu
— Só quebrando a *quartinha*!
Fornari, Trem da Serra, p. 115

QUARTINHO À GAÚCHA, Expr. Iguaria de vinho mais comum nos restaurantes de Porto Alegre.

QUARTO 1 (Do lat. *quartu*, numeral fracionário), S.m. Cada membro locomotor da rês com toda a carne, separado na matança. "Os carneadores dividiam o corpo ainda quente da novilha, separando os *quartos*..." (Manoelito, Terra Xucra, p. 124).

QUARTO 2, S.m. Medida para vinhos e outros líquidos, correspondente a cem litros.

QUARTO 3, S.m. Período, do escurecer até a meia-noite, nas rondas, também chamado primeiro quarto. "Mateava um pouco, sem apagar do cavalo e voltava à ronda, até que o quarto terminasse..." (Manoelito, Terra Xucra, p. 126).

Vá se chegando pra ronda,
Que eu acabei o meu *quarto*...)
Amaro Juvenal, Antonio Chimango,
2ª ed., p. 21

Segundo quarto: horário de trabalho noturno imediatamente posterior ao primeiro (nas rondas). "O capataz alertou e foi despertando o *segundo quarto*..." (Severo, Visão do Pampa, p. 252).

Rondando o *segundo quarto*
Companheiros! vou cantar!
Aureliano, Romances de Estância e Querência, p. 22

Tirar o quarto: vigiar (a tropa) no primeiro ou segundo período de ronda.

QUARTO À VONTADE, Expr. Quarto de hora ou quinze minutos, durante os quais os corredeiros podem de comum acordo escolher o momento da largada (nas carreiras). "Passado o *quarto à vontade*, veio o quarto obrigado." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 112).

Para dar-lhe um aperto amigo,
Encontro facilidade,
Solto parado de cepo,
Dispensio o *quarto à vontade*!
Zeca Blau, Trovas da Estância do Abandono, 2ª. ed., p.39

QUARTO DA NOITE, Expr. Cada uma das divisões do horário noturno de trabalho (em estabelecimentos industriais principalmente). "Pela estrada desfilavam devagar os turmeiros que iam render o *quarto da noite*..." (V. Pires, Querência, p. 78).

QUARTO INCHADO, Expr. (V. Manqueira).

QUARTO OBRIGADO, Expr. Quarto de hora ou quinze minutos, durante os quais somente o juiz pode determinar a saída (nas carreiras). "Passado o quarto à vontade veio o *quarto obrigado*." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 112).

O juiz aos dois ajeitava
pra largar a carreira.
Findava o *quarto obrigado*
e o povo estava calado
com os olhos na bandeira.

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 52

QUARTO TRASEIRO, Expr. Nome dado ao quarto posterior da rês, cortado pela terceira costela. "Seu Claro ia desdobrando habilmente as mantas, as paletas, os *quartos traseiros*..." (Freitas, Gauchadas, p. 61).

QUASÍMODO, Biogr. (V. Corrêa Leite, Alberto da Costa).



Quássia

QUÁSSIA, S.f. Arvoreta da família das simaroubáceas. Folhas compostas. Flores pequenas, racemosas. Madeira amarga com vários empregos medicinais (Quássia amara Lin.).

QUATEPE (Do guar. *quati* + *pé*, o caminho do quati), Hidrogr. Arroio que juntamente com o Salsal forma o Areal. Nasce na coxilha de Sant'Ana, no lugar denominado Três Vendas. "À direita o *Quatepe* e o Areal, Chacrerio." (Cyro, Paz nos Campos, p. 57). "Depois de provar do licor o rapaz elogiou a bebida e perguntou se os butiás eram do *Quatepe*..." (Heraclides, Onze Braças de Campo e Algumas Sobras, p. 44).

QUATERNA (Flexão fem. de *quaterno*, cf. o

lat. *quaternu*), S.f. Prêmio das tómbolas beneficentes que se realizam nas comunidades rurais, especialmente na região colonial italiana.

QUATIARA, S.f. Zool. Réptil ofidioso da família dos crotalídeos, dorso verde-oliváceo. Mede em média 90 cm de comprimento (*Bothrops cotiara* Gomes). "A cruzeira, a cascavel, a cobra de guizos, a *quatiara* e a coral são todas venenosas. (Júlio Lorenzoni, Memórias de um Imigrante Italiano, p. 99). "O aspirante virou uma *quatiara* com o atrevimento..." (Fagundes, Causos de Galpão, 3ª. ed., p. 76).

QUATIGUÁ-VERMELHO, S.m. Bot. Árvore da família das leguminosas.

A batanga pra queimar
Mais o *quatiguá-vermelho*
Para fazer cabo de re lho
Cotia ninguém esquece!

Balbino, O Bruno Tivico, p. 133

QUATIMUNDÉU, S.m. Zool. Quadrúpede da família dos proclonídeos, trepador, nômade e solitário. Cabeça vulpina, focinho pontudo, pelagem fulva, dentes extremamente afiados, cauda comprida com anéis escuros e claros alternados. Facilmente domesticável quando capturado ainda pequeno. (*Nasua solitaria*, Pr. Wied.).

QUATUPI¹, Geogr. Distrito na Encosta Superior do Nordeste (M. de Casca).

QUATUPI², Geogr. Vila banhada pelo arroio Barracão, sede do distrito de Quatupi. Nome anterior: São Domingos.

QUATORZEANO (De *quatorze* + *ano*, cf. o lat. *quattuordecim*), Adj. Relativo ou pertencente ao 14 de Julho de Passo Fundo; s.m. sócio, torcedor ou simpatizante dessa agremiação esportiva, fundada em 27.06.1921 e que em 10.01.1985 se transformou em Esporte Clube Passo Fundo.

QUATORZE BRAÇAS, Expr. Laço desse comprimento. "Pelo chão, espalhados, cabrestos, relhos, chicotes, quaiacas, pelegos, um *quatorze braças*..." (Fattori, Ronda Pampeana, p.25).

QUATORZE COLÔNIAS, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste, próximo à confluência dos rios Cadeia e Feitoria (M. de São José do Hortêncio).

QUATREIRADA, (De *quatreiro* + *ada*), S.f. Ação própria de *quatreiro*.

QUATREIRO (Do esp. *quatero*), S.m. Lado de gado; abigeatário. "Entreverados os presentes estavam os cinco *quatreiros*..." (Herlein, A Volta do Gaúcho Faurer Aguirre, p. 78).

Galpão é cria de ricos
para embretar as pobresas;
curral de sós e tristezas,
de canseiras e fuxicos.
É pousada de milicos,
de *quatreiros* e senhores...

Roberto Maran, Pampa e Coxilhas, p. 30

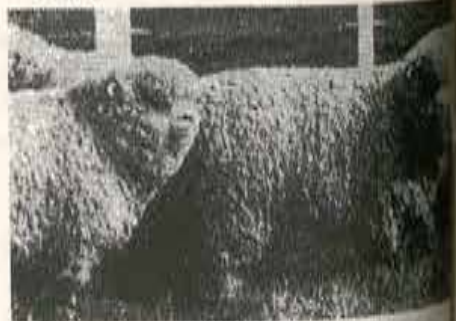
QUATRILHO, S.m. Jogo de baralho traído pelos imigrantes do norte da Itália. Em cada mão de cartas há troca de parceiros. "Muitas vezes dava-se o caso de poderem juntar-se alguns para gostosas partidas de três-sete, cinquilho, *quadrilho*, bisca e sete-e-meio." (Battistella, A História de Tapera, p. 39). "Dissemos a maioria, porque alguns ainda aproveitavam para jogar bisca, três-sete, *quadrilho*..." (Cesca, Faxinal do Sul, turno, p. 163). *O quadrilho*: romance de José Clemente Pozenato, P. Alegre, Ed. Mercado Aberto Ltda., 1985.

QUATRO BOCAS¹, Geogr. Localidade no distrito de Florida (M. de Santiago).

QUATRO BOCAS², Geogr. Povoação na região das Missões (M. de Itaquí).

QUATRO-CANTOS, S.m. pl. Antigo jogo infantil, geralmente à noite. "Hoje ninguém vê mais nas ruas a gurizada garrulona jogando a sapata, o emboque, a bola meu-boi-fugiu, os *quatro-cantos*..." (Aguilera, A Sombra das Árvores, p. 15).

QUATRO COLÔNIAS, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Casca, Bom).



QUATRO DENTES, Expr. (V. Borrego quatro dentes).

QUATRO ESTACAS, Expr. (V. Estaqueamento²). "Quatro estacas é o que tu merecias e alto do chão três palmos, alagrante..." (Laf., Recordações Gaúchas, 2ª ed., p. 65). "Eu devia mandar botá-lo nas quatro estacas..." (Othelo, Os Amores de Canabarro, p. 133).

QUATRO ESTRADAS, Geogr. Localidade na Serra do Sudeste (M. de Lavras do Sul).// Escola Municipal de 1ª Grau Inc. Diógenes Fernandes.

QUATRO-FOLHAS, S.f. pl. Bot. Planta herbácea rasteira, de propriedades medicinais, encontrada principalmente nos campos finos da Fronteira.

QUATRO GALHOS, Expr. Modalidade de nó na cauda do eqüino; o mesmo que quatro pontas.

Num toso ser bacharel,
num quatro galhos doutor, governo destas chinocas
pelas Províncias do Amor.
Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 43



Quatro Irmãos: localização geográfica

QUATRO IRMÃOS¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data da criação: 21.04.1929. Nome antelior: Fazenda Quatro Irmãos (M. de Erexim).
População:

1980.....1.604

QUATRO IRMÃOS², Geogr. Vila à margem esquerda do rio Erexim, sede do distrito de Quatro Irmãos.// CTG Querência de Quatro Irmãos. Cemitério da Revolução de 1923.



Companhia Riograndense de Telecomunicações. *Combate de Quatro Irmãos (1ª)*: combate em 25.04.1923 entre as forças revolucionárias de Felipe Nery Portinho e as governistas de Firmino de Paula. *Combate de Quatro Irmãos (2ª)*: Combate em 13.09.1923 entre as mesmas forças revolucionárias e as legalistas comandadas por Vitor Dumonceil Filho. "Bento contou, então, aos seus amigos, o *combate de Quatro Irmãos...*" (Freire, Alma de Gaúcho, p. 135). "O Gal. Portinho tomou Erexim e deu uma sumanta nos provisórios em *Quatro Irmãos...*" (Érico, O Arquipélago, 1ª Vol., 300).

QUATRO LÉGUAS¹, Geogr. Povoado na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Boqueirão do Leão).

QUATRO LÉGUAS, Hidrogr. Arroio tributário do Gorupá, pela margem direita.

QUATRO-PATAS, S.m. Animal eqüino, muar ou asinino que se pode cavalgar. "Merecida homenagem da A.C.C.C. ao nosso *quatro-patas*." (Simões Pires, Gado de Osso, p. 16).

QUATRO PONTAS, Expr. (V. Quatro galhos). "Está longe o tempo em que a essas horas estavam de cavalo encilhado, cola atada de *quatro pontas...*" (Martins, Caminhos do Sul, p. 187).

QUEBRA¹ (Contr. de *quebrar* + *a*, cf. o lat. *crepare*, estalar), Adj. 2 gên. Diz-se do animal (principalmente eqüino) de índole violenta, incontrollável; s. 2 gên. animal quebra. "Vamos, não percam tempo rapazes e deixem este *quebra* na mangueira..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 36).

Se o *quebra* corcoveador
Cavocava campo fora
De garrão limpo ou de espora
Eu jogava o mango fora
Pra florear com o tirador...

Zeca Blau, Poncho e Pala, p.26

QUEBRA² Adj. 2 gên. Que tem coragem e destemor; audaz; decidido; valoroso; temerário; atiradiço; quebra-freio; quebralhão. S. 2 gên. pessoa quebra. "Se me visse na soga do teu desprezo me tornaria de uma vez fuá, *quebra* e matreiro..." (Carta de um Guasca, O Farol, P. Alegre, 21.06.1851).

"Na opinião desse sujeito, o matungo é um *quebra* abarbarado, coiceiro e manoteador." (Maneco Russo, Cartas ao Primo Chico, A Reforma, P. Alegre, 06.04.1873). "Ele próprio se tinha na conta de chiru *quebra* no ferro..." (Callage, Rincão, 2ª. ed., p. 82). "Moço *quebra* - comentaram sorrindo os dois gaúchos..." (A. Maya, Tapera, p. 146). "Era o Salatiel Santos, fazendeiro do Garupá, gauchão largado, meio *quebra*..." (Cyro, Sombras na Correnteza, p. 185). "Além do mais, jovem Chiru, vosmecê é *quebra* guapo..." (Gomes, Caminho Santiago, p.89).

Naqueles tempos de *quebra*, nos bolichos, ao domingo, sempre floreando meu pingo todos me viram pachola, com o laço à bate-cola e virando balcão de gringo.

Schultz Filho, Galponeiras, p. 17

O Quebra: alcunha de Alexandre Luiz de Queiroz e Vasconcellos, célebre caudilho cachoeirense (1772-1833).

QUEBRA-BARRIL, Hidrogr. Riacho afluente do Silveira, pela margem direita.

QUEBRA-BICO, S.m. Prato regional gaúcho, preparado com lingüiça, ovos, cebola, tomate, pimentão, alho e farinha de mandioca. Pl.: quebra-bicos.

QUEBRA-BUNDA, S.f. (V. Mal-das-cadeiras). Pl.: quebra-bundas.

QUEBRA CACHIMBO, Hidrogr. Arroio afluente do Belau, pela margem, esquerda (M. de Iraf).

QUEBRA-CADEIRA, S.m. Variedade de feijão branco. Pl.: quebra-caadeiras.

QUEBRA CANGA, Geogr. Localidade na Depressão Central (M. de Cachoeira do Sul).

QUEBRA CANGALHA, Orogr. Cerro à margem direita do arroio Adão (M. de Gravatá).

QUEBRACHAL (De *quebracho* + *al*), S.m. Quantidade mais ou menos grande de quebrachos próximos uns dos outros.

QUEBRACHINHO¹, Hidrogr. Regato tributário do rio Negro, pela margem direita. "A guarnição de Bagé combateu no Piraizinho, Cerro, *Quebrachinho*..." (Carlos Telles, Resposta ao Folheto Pela Verdade, p. 95).// À margem esquerda desse curso d'água o Visconde Ribeiro de Magalhães fundou em 1897 a importante Charqueada Santa Teresa.

QUEBRACHINHO², Geogr. Lugar no distrito (M. de Bagé).

QUEBRACHO¹, Hidrogr. Arroio afluente do rio Negro, pela margem direita (M. de Bagé). "Portinho, que avançara até o *Quebracho*, guerrilhava." (Othelo, Os Amores de Canabarro, p. 103). "E na madrugada do dia 13 Amaral retirou-se para o arroio *Quebracho*..." (Spalding, Farrapos, 2ª. ed., p. 158).

QUEBRACHO², S.m. Bot. Árvore da família das anacardiáceas, rica em tanino. Fruto duro, provido de espessa asa terminal. "Nesse até então impenetrável e impenetrado mistério da natureza medravam o açolta-cavalo, a grapiapunha, o louro, o *quebracho*..." (Thomé, Marcelino Ramos, p. 18).

QUEBRACHO³, Geogr. Povoado à margem esquerda do Quebracho, servido pela ferrovia Cacequi-Rio Grande (M. de Bagé).

QUEBRA-COSTELA, S.m. Abraço vigoroso. Pl.: quebra-costelas.

QUEBRADA¹ (Flexão fem substantiva de *quebrado*), S.f. Declive; vale pouco profundo; anfractuosidade; volta de estrada; curva; depressão em terreno ondulado. "Tinha fero, tinha patas e *quebradas* pra matreirar..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª. ed., p. 74). "As barrentas águas desciam das coxilhas em catadupa e se perdiam nas *quebradas*..." (Coutinho, A Gaúcha, p. 140). "Acampava no mato ou nas *quebradas*. Atacava ou se defendia, cruzando as picadas, os taimbés..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 88).

Sou gaúcho campeiraço
Vivo atirando meu laço
Por *quebradas* e coxilhas...
Adail, A Voz do Pago, p. 46

Nesta pátria dos farrapos
O rincão e as *quebradas*
Têm venturas e encantos,
Pelo céu nas alvoradas!

QUEBRADA², S.f. Penúltimo movimento de rilo ou seja a evolução imediatamente anterior ao cumprimento final.

QUEBRADA DO RIO DOS SINOS, Geogr. Localidade no distrito de Cará (M. de Santo Antonio da Patrulha).// Escola Municipal de 1ª Grau Inc. Ana Flores dos Reis.

QUEBRA DENTE¹, Hidrogr. Arroio formado do rio dos Ivos. *Combate do Quebra Dente*

combate ocorrido em 25.06.1923 entre as forças revolucionárias de Emílio de Moraes e as governistas comandadas por Laureano Duarte.

QUEBRA DENTE², Geogr. Povoado no Planalto Médio (M. de Ibirapuitã).

QUEBRA DENTE³, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Braga).// Associação de Desenvolvimento Comunitário fundada em 18.08.1986.

QUEBRADO¹, (Part. de *quebrar*), Adj. Rendido; portador de hérnia crônica.

QUEBRADO², Geogr. Lugar no 19 distrito (M. de Palmeira das Missões).

QUEBRADO³, Adj. Diz-se do sufno mal terminado.

QUEBRADO⁴, S.m. Arroz partido, em pedaços classificados comercialmente em pequenos, médios e grandes.

QUEBRADO⁵, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Palmeira das Missões).

QUEBRADO DA BOCA, Expr. Animal que, por defeito de doma, sofreu fratura ou traumatismo violento nos maxilares, sendo por isso mesmo extremamente sensível à ação do freio; o mesmo que quebrado do queixo.

QUEBRADO DO QUEIXO, Expr. (V. Quebrado da boca).

QUEBRADO DOS ENCONTROS, Expr. (V. Encontros).

QUEBRADOR (ô) (De *quebrar* + *dor*), S.m. (V. Dobrador). "Veio ajudar nosso trabalho o empreiteiro dos *quebradores*." (Ruschel, *O Gaúcho a Pé*, p. 20).

QUEBRADURA (De *quebrar* + *dura*), S.f. Rendidura; hérnia crônica.

QUEBRA-FOICE, S.f. Bot. (V. Flor-do-céu). Pl.: quebra-foices.

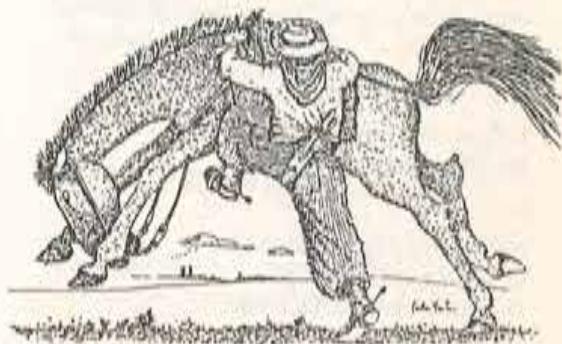
QUEBRA-FREIO¹, Adj. e s. 2 gên. (V. Quebra²). "Como te vinha dizendo, de *quebra-freio* que era, fiquei de rédea no chão..." (Piá do Sul, *Farrapo*, 2ª ed., p. 42). "Valente, pau para toda obra, mas sempre *quebra-freio*..." (Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 195).

O gaúcho é *quebra-freio*
É valentão, é buenacho.

O gaúcho quebra o cacho
Do bagual e dá rodeio...
Pery, *Coisas do meu Pago*, p. 42

Venha cá, não seja arisca,
Venha dançar no rodeio
Com este quebra-largado
Que é tido por *quebra-freio*.

Pl.: quebra-freios.



QUEBRA-FREIO: desenho de Tadeu Martins para o livro *O cavalo Gaúcho* de Carlos Castillo, P. Alegre, Grafosul, 1983.

QUEBRA-FREIO², Adj. 2 gên. Impetuoso, bravo, insubmisso, excessivamente agitado ou inquieto (o animal cavalari); s. 2 gên. eqüino quebra-freio. Pl.: quebra-freios.

QUEBRA-LARGADO¹, Adj. Diz-se do cavalari que, além de arisco e rebelde em maior ou menor grau, vive solto no campo; s.m. eqüino quebra-largado.

Não me tomem por sotreta
Que este pilungo maceta
Já foi um *quebra-largado*.

M. Pereira Fortes, *Cantares da Minha Terra*, p. 23

Pl.: quebra-largados.

QUEBRA-LARGADO², Adj. Que é muito arrojado, destemido, combativo, livre de



qualquer dependência ou sujeição; s.m. indivíduo quebra-largado. "Que é feito desses *quebra-largados*? Dizem que se extraviaram do rincãozinho da Assembléia, como filhotes de quero-queros se sumindo na macega." (Maneco Russo, A Reforma, P. Alegre, 06.04.1873). "Um dos moços, que era um *quebra-largado*, nomeado por Costinha, esse foi dos primeiros..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 129). "Tudo por causa desse *quebra-largado*, que não agüenta carona dura..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 36).

Eu sou um *quebra-largado*
No lombo do meu picaço...
Lola, Saudades do Pampa, p. 95

Não morre o guasca atrevido
O bravo filho do campo
Que no lombo do seu pingo
Quer laçando ou galopeando
É o taura, o *quebra-largado*
Senhor do pago ou rincão!
Barros, Versos Crioulos, p. 71

Sabem aqueles amigos
Que já estão mouros-prateados
Que fomos *quebra-largados*
Entre risos e perigos...
Aureliano, Romances de Estância e Quêrência, p. 77

Pl.: *quebra-largados*.

QUEBRALHÃO (De *quebrar* + *ão*, com palatalização), Adj. e s.m. (V. *Quebra*²). "Foi sempre um gaúcho *quebralhão* despilchado sempre..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 156).

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão/
Tanta gauchinha valente,
Tanto rapaz *quebralhão*!
//Flexão fem.: *quebralhona*.

QUEBRA-MACHADO, S.m. Bot. Arbusto da família das rutáceas. Folhas trifolioladas. Flores pequenas, reunidas em panículas. Fruto pentágono, coberto de tubérculos, lenhoso. Pecíolo dilatado na base. Madeira bastante dura. Pl.: *quebra-machados*.

QUEBRA MASTRO, Geogr. Ilha no rio Camaquã, na parte superior do delta.

QUEBRA-PEDRA, S.m. Bot. Planta de caule erecto, carnoso, da família das urticáceas. Flores polígamas reunidas num involúcro comum. Fruto em forma de aquênio ovóide. "Se a mulher ou os guris se atempavam recorria aos chás: sete-sangrias, pata-de-vaca, marcela, carquejinha, *quebra-*

pedra." (Apparício, Dois Mil Dias Depois, p. 56).

Quem tiver rim caborteiro
Tome em mate ou chá caseiro
Quebra-pedra ou canchalagua.
José Nelson Corrêa, Décima do João Guarã, p. 57

Pl.: *quebras-pedras*.

QUEBRA-PEDRA-BRANCO, S.m. Bot. Erva da família das euforbiáceas. Caules rasteiros. Folhas pequenas, alternas e estipuladas. Difere do *quebra-pedra-roxo* apenas na coloração das flores miúdas. Pl.: *quebra-pedras-brancos*.



Quebra-pedra-roxo.

QUEBRA-PEDRA-ROXO, S.m. Bot. (V. *Quebra-pedra-branco*). Pl.: *quebra-pedras-roxos*.

QUEBRA-PEITO, S.m. Cigarro de palha feito com fumo ordinário, muito ruim. Pl. *quebra-peitos*.

QUEBRA PERNA, Hidrogr. Córrego caudalário do rio Carreiro, pela margem direita (M. de Guaporé).

QUEBRAR¹, V.t.d. (V. *Dobrar*).

QUEBRAR², V.t.d. Causar lesão a; ofender fisicamente; contundir; produzir ferimento em; machucar. "Já sei: andaste de boleadeiras *quebrando* o gado e aplastando o caalo..." (A. Maya, Ruínas Vivas, p. 26).

Vou *quebrar* esta terneira
O Bellizário gritou
E mal saiu a porteira
Quebrado, o animal rodou/
M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 78

QUEBRAR A BITÁCULA, Loc. verb. *Quebrar o nariz*.

QUEBRAR A BOCA, Loc. verb. Tornar dócil à ação do freio o maxilar inferior do potro em fase de doma; o mesmo que quebrar o queixo.

QUEBRAR A GRIMPA, Loc. verb. (V. Grimpa).

QUEBRAR A LOMBEIRA, Loc. verb. Fazer desaparecer a preguiça.

QUEBRAR A PONTA, Loc. verb. (V. Ponta³).

QUEBRAR O CACHO, Loc. verb. (V. Cacho¹).

QUEBRAR O COCO, Loc. verb. (V. Quebrar o quengo).

QUEBRAR O CORINCHO, Loc. verb. (V. Corincho).

QUEBRAR O FREIO, Loc. verb. Libertar-se (de compromisso); desfazer-se da influência de; emancipar-se.

QUEBRAR O QUEIXO, Loc. verb. (V. Quebrar a boca). "Também o bagual não tem domaço que sirva; escusado é *quebrar-lhe o queixo*." (Chicolomã, A Reforma, P. Alegre, 03.01.1875). "Despontei, furei e transformei novinhos em bois mansos, *quebrei o queixo* de muito bagual." (Mila Cauduro, Além do Silêncio, p. 35).

Fui pelechando na estrada
Do velho torrão pampeano.
Já serrava soberano,
Cruzava de pago ao outro,
Quebrando o queixo de potro
Sem nunca ter desengano.
João da Cunha Vargas, Deixando o Pago,
p. 14

QUEBRAR O QUENGO, Loc. verb. Partir os ossos da cabeça; quebrar o coco.

QUEBRAR O RILO, Loc. verb. (V. Rilo).

QUEBRAR O SENÃO, Loc. verb. Interromper (determinado atirador) os empates sucessivos, avantajando-se ao seu competidor (no jogo do osso).

QUEBRAR-SE, V.pr. Sofrer deslocação de certos órgãos, pisadura, contusão por queda, pancada, etc., efeito ou consequência de golpes. "Com o tirão seco, ele foi arremessado longe e o tourito, que também caiu lá adiante, quase se *quebrou*..." (Freitas, Gauchadas, p. 61).

Não se atolou no banhado
e nem *quebrou-se* em barroca;
não voou em bico de corvo

e nem entrou pelo chão...
Tenebro dos Santos Moura, Querência,
p. 63

QUE ESPERANÇA, Interj. de negação. "*Que esperança!* Não acredito no caburé..." (Bello, Os Farrapos, p. 29). "*Que esperança!* Agora desencilhe, pose." (Cyro, Estrada Nova, p. 72). "Não diga uma coisa dessa, dona, *que esperança!* (Fagundes, Destino de Tal, p. 60).

Alecrim tem vinte folhas
Vinte e cinco não alcança.
Você quer deixar de mim,
Não te deixo, *que esperança!*

QUEIJADINHA (Flexão dim. de *queijada*), S.f. Doce feito de coco, ovos e açúcar refinado. "A cada dia era uma surpresa com *queijadinhas*... rapadurinhas de leite." (Ramirez, Rio dos Pássaros, p. 177).

QUEIJO-DE-ORIGONE, S.m. (V. Origone). Pl.: queijos-de-origone.

QUEIJO-DE-PORCO, S.m. Massa de carne de suíno com temperos. "Não tanto os pedacinhos de leitão assado, o *queijo-de-porco*..." (Lessa, Os Guaxos, p. 259). Pl.: queijos-de-porco.

QUEIMA (Contr. de *queimar* + *a*, cf. o lat. *cremare*), S.f. Operação que visa a destruir pelo fogo o acúmulo de vegetação seca, pastos velhos endurecidos, plantas tóxicas ou suspeitas, ervas prejudiciais, larvas e insetos daninhos. Espécie de purgação do solo e rejuvenescimento dos campos para melhor brotação do chamado verde novo e extermínio dos agentes produtores de vermes. O mesmo que queimada. "A fumaça da *queima* se dobrou ao vento e ocultou o grupo..." (Ruschei, O Gaúcho a Pé, p. 103).

QUEIMADA¹ (Flexão fem. substantivada do adj. *queimado*), Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de Uruguiana).

QUEIMADA², Hidrogr. Lagoa no Litoral (M. de São José do Norte).

QUEIMADA³ (De *queimar* + *ada*), S.f. (V. Queima). "É bagualão sem querência. Onde há *queimada* de campo e verde novo ele logo se arrincona." (Maneco Russo, A Reforma, P. Alegre, 06.04.1873). *Queimadas*: versos de Rui Cardoso Nunes, Canoas, Editora La Salle, 1957.

QUEIMA-DAS-PONTAS, S.f. Doença que ataca as lavouras de cebola, principalmente em terrenos úmidos ou pouco arejados. O

parasito causador dessa fitonose provoca manchas ou pintas escuras nas folhas e outras partes da planta.

QUEIMADO, Hidrogr. Regato que flui para o Potiribu, do qual é tributário pela margem esquerda.

QUEIMA DO CEDO, Expr. Queima que se faz nas minguanças de julho e agosto.

QUEIMA DO TARDE, Expr. Queima realizada nos meses de janeiro e fevereiro, apenas nos campos de criar.

QUEIMADOR¹ (δ), S.m. Ferrinho aquecido com cabo de madeira para crestar o açúcar usado no mate doce.

QUEIMADOR² (δ), S.m. Operário que nas olarias tem o forno a seu cargo.

QUEIMADOR-DE-CAMPO, S.m. Indivíduo gabola, mentiroso ou potoqueiro. "O índio era palrador, *queimador-de-campo*, novidadeiro..." (V. Pires, Querência, p. 158). "Foi o maior conversador e *queimador-de-campo* que o Rio Grande conheceu..." (Fagundes, Novos Causos de Galpão, p. 111). *O Queimador-de-Campo*: conto de João Maia, Pampa, p. 105. Pl.: queimadores-de-campo.

QUEIMAR, V.t.d. Marcar (o gado) com ferro incandescente. "Pela volta das quatro e pico se *queimou* o último terneiro." (Severo, Visão do Pampa, p. 19).

QUEIMAR CAMPO, Loc. verb. Dizer mentiras; apresentar como verdadeiros fatos irrealis; dar versões contrárias à realidade. "E olhe não vá pensar que eu estou *queimando campo*." (V. Pires, Querência, p. 120). "Como cabra trabusana, vai intê lá e não volta; mas pra *queimar campo* é macota". (Acauan, Ronda Charrua, p. 134). "*Queimando campo* a boche, fazendo uma lengalenga..." (Fagundes, Destino de Tal, p. 25).

QUEIROZ, Inocência Galvão de, Biogr. Jornalista e escritor porto-alegrense, nascido em 1906. Pseudônimos: Gil du Pin e Luís Gasosa. No Rio de Janeiro dirigiu a revista *O Malho*. Obras principais: *Cafva*, contos, P. Alegre, Globo, 1933 e *A Árvore que Falava*, literatura infantil, Rio, Ed. O Malho, 1946. Traduziu Enrique J. Poncella, Eduardo Zamacois, Maurice Dekobra, J. M. Vargas Villa, Victor Hugo e outros autores.

QUEIXADA (De *queixo + ada*, cf. o lat. *capseu*), S.f. Borda inferior da manta²).



BAGUAL: desenho de Tadeu Martins para o livro *O Cavalo Gaúcho* de Carlos Castillo, P. Alegre, Grafosul, 1983.

QUEIXO DURO, Adj. (V. Bocudo).

Não há laço sem presilha,
Sem ilhapa, sem argola;
Pra o *queixo-duro* é serrilha...
Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 20

QUEIXUDO (De *queixo + udo*), Adj. (V. Bocudo). "Apreciava o companheirismo do Negro e do Piá quando saía para o campo de verdade, montado no seu petiço dourado, lho, passarinho e *queixudo*." (Cyró, Pampa nos Campos, p. 63). "Comprou, pedicou, arranhou um matungão vermelho, malacado, desses matungões ossudos, petições, *queixudos*..." (Antero, Mensagem a Poucos, p. 197).

Se alço os seis tentos no campo
Para aparar o gargalo
De um zebuzito gavião
Fica *queixudo* o cavalo!
Aureliano, Romances de Estância e Querência, p. 51

Daqui a um mês eu já destapo
esse pilungo clinudo.
Tão dizendo que ele é guapo
e eu digo que é só *queixudo*!
Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 41

QUE NEM, Conj. Usada, via de regra, em orações subordinadas adverbiais comparativas. "Apeie-se e largue o flete, que o fandango está aceso que *nem* fogo nas macegas..." (Callage, Terra Gaúcha, 24, p. 56). "Cuidado, paisano, o passo do brabo que *nem* ariranha..." (Acauan, Romances de Estância e Querência, p. 30).

PLANTA SILVESTRE

Vargas Neto

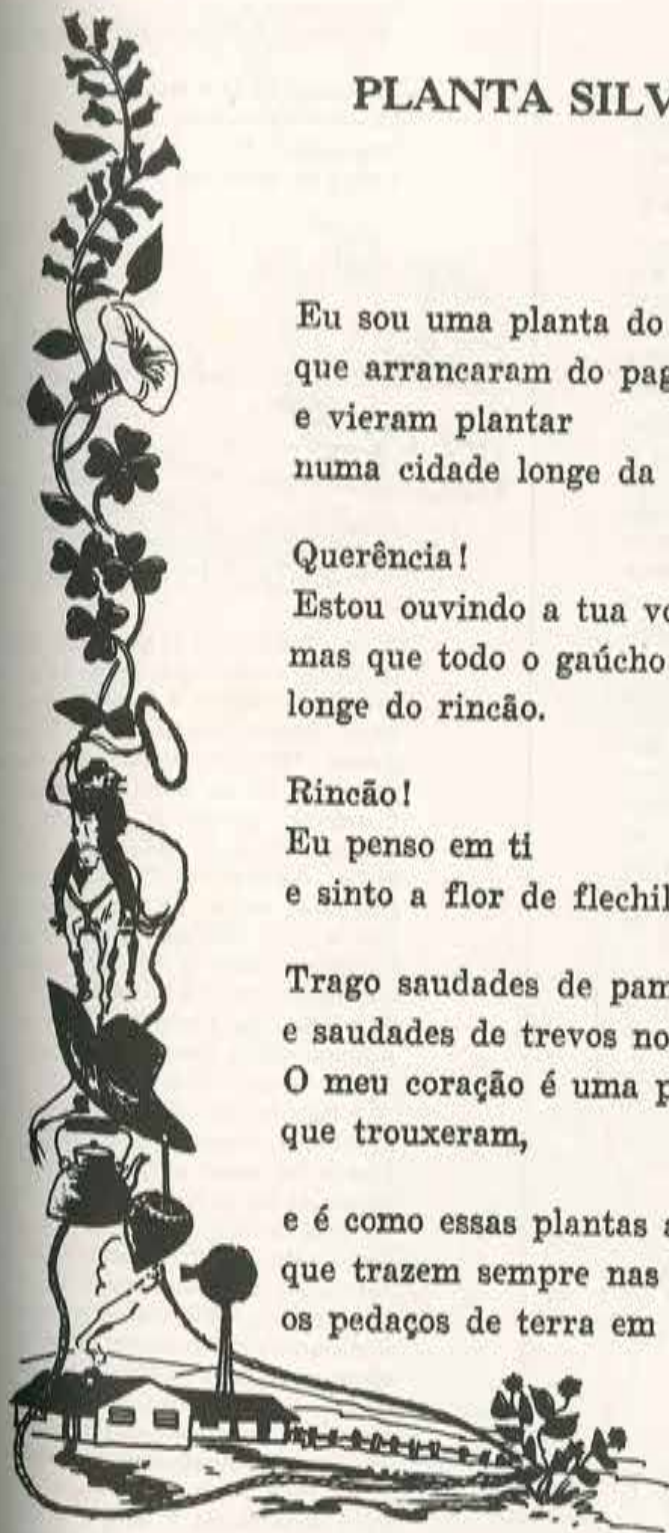
Eu sou uma planta do campo,
que arrancaram do pago,
e vieram plantar
numa cidade longe da querência.

Querência!
Estou ouvindo a tua voz que não fala,
mas que todo o gaúcho sente
longe do rincão.

Rincão!
Eu penso em ti
e sinto a flor de flechilha nos cabelos.

Trago saudades de pampeiros nos ouvidos
e saudades de trevos nos meus pés!
O meu coração é uma planta silvestre,
que trouxeram,

e é como essas plantas arrancadas,
que trazem sempre nas raízes
os pedaços de terra em que nasceram.



QÜERA, Adj. e. 2 gën. (V. Cuera¹).

Chapéus quebrados na testa,
lenços de sede esvoaçando,
as esporas tilintando
no ágil pisar dos *qüeras*.

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 32

QUERÊNCIA¹ (Vocabulo filiado à família glossica do verbo *querer*, estimar, gostar), S.f. Terra da naturalidade; lugar de onde alguma coisa deriva; procedência; lugar de origem de um animal; lugar de estada habitual; domicílio; habitação; cidade, vila ou povoação natal. "O tambeiro bebe água, quando tem sede, em todas as fontes que encontra no caminho; porém nenhuma das agudadas é comparável àquela da *querência*." (Chicolomã, A Reforma, P. Alegre, 09.08.1874). "Não queres deixar mais a *querência*? (Apolinário, O Vaqueano, p. 77). "Era dono da tropilha de zainos mais lindos daquela *querência*." (Acauan, Ronda Charrua, p. 36). "Indiozinho de confiança aquele! Ia certo e vivo no rumo da *querência*." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 22). "Nesses tempos atrevidos, de arremessos audazes e insaciáveis, era moço, fachudaço, sem *querência*..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 27). "E o alazão trotou contente, guardando o cheiro da *querência*." (Duncan, Paisagem Xucra, p. 40). "Um dia senti saudade da *querência* e já cansado das andanças retornou aos pagos." (Ibarra, Canção do Sul, p. 52). "Nesta *querência*, parece, os mosquitos são brabos." (Herlein, Baú de Mascate, p. 17).

Parece que a minha bela
Por lá senti a motuca/
Deixou a *querência* velha,
Ficou perdida, meu Juca!

Mais triste que um reiúno
Nessa hora me senti!
Tinha a menina mais bojo
Que o cerro do Batovi/
Manduca, A Sala-Balão, Tribuna do Povo,
Jaguarão, Julho de 1860

Eu era um pingo matreiro
Sem *querência* e sem rodeio,
Mas dei contigo e achei logo
Minha *querência* em teu seio.
M. Pereira Fortes, Cantares da Minha Terra,
p. 68

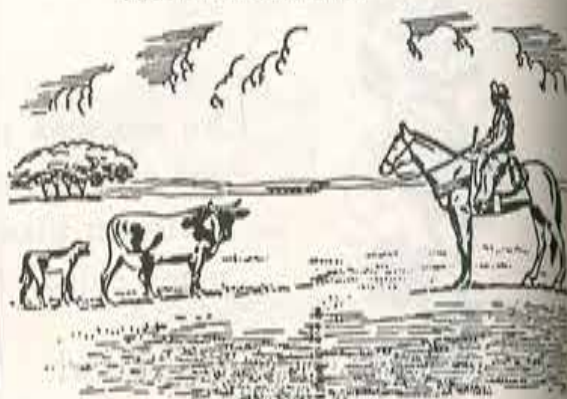
Na estância havia um turuno
Brasino, xucro, matreiro
Que não havia tropelro
Que o levasse ao matadouro.
Tinha a imponência do touro
Esse filho da *querência*.
Gavião, Querência Xucra, 2ª ed., p. 25

Reconhecendo a *querência*

Meu cavalo relinçou,
Com visível impaciência
Pedi rédeas e galopou.

Adalberto, A Revolução Farrroupilha, p. 8

No bamburral da tristeza
Passo o dia a suspirar,
Da *querência* tão distante
Tudo é noite sem luar!



Adag.: Touro fora da *querência* leva cornada até de vaca magra; longe da *querência*, cuidado e tenência. A *Querência*: poesias de Anita Ramos Gonzales, P. Alegre, Liv. Sulina, 1954. *Entardecer na Querência*: poema de Dimas Costa, Tarca, p. 59. *Na Querência*: poema de Evandro Ribeiro, Flores Murchas, p. 141; poema de Homero Prates, Ao Sol dos Pagos, p. 47. *Na Querência*: estudo de Mário Lima Beck, P. Alegre, Liv. Selbach, 1935. *Postais da Querência*: poemas de Laci Osório, com ilustrações de Mário Matos, P. Alegre, Pampa Editora, 1958. *Querência*: contos de Antonio Vieira Pires, com vocabulário, P. Alegre, Globo, 1925; burlata em 2 atos de Luiz Pery Borges, com música de Claudino de Oliveira, encenada pela primeira vez no Teatro Politeama de Rio Grande (1924); poema de Jayme Caetano Braun, Galpão de Estância, p. 77; versos de Tenebro dos Santos Moura, com vocabulário, capa e ilustrações de Otelo Ribeiro Passo Fundo, Ed. Berthier, 1985; mensário regionalista e tradicionalista, o primeiro no gênero, surgido em setembro de 1949 na cidade de Porto Alegre, por iniciativa de Antonio Carlos Machado; *Querência do Gal. Abreu*: CTG na cidade de Rosário do Sul, fundado em 16.06.1968. *Querência Xucra*: versos de Cyro Alves Gavião, P. Alegre, Gráfica CITA, 1966. *Querência de São Francisco de Assis*: C.T.G. fundado em 26.10.1976. *Vozes da Querência*: estudo de Antonio Carlos Machado, P. Alegre, Globo, 1949.

QUERÊNCIA², Geogr. Lugar no distrito de Bonito (M. de Camaquã).

Referência

Revista Regional

N.º 1
ANO I

●
SETEMBRO
DE
1949

●
PORTO ALEGRE
R. G. S.

5

CRUZEIROS



QUERENCIANO (De *querência* + *ano*), Adj.
Relativo ou pertencente à *querência*.

QUERENDÃO (Do esp. plat. *querendón*),
Adj. Amoroso; cheio de agradros; afetuoso;
alegre; catita; afável; s.m. indivíduo que-
rendão. "Gaúcho *querendão* e puava, popu-
lar nas canchas, nos fandangos e nas vendas,
passara por uma radical mudança.." (A.
Maya, Tapera, p. 11). "Caboclo apessoado e
querendão, tudo fizeram por ele a comadre
e as filhas." (Callage, Quero-Quero, p. 14).
"Pardo *querendão*, já andava encambichado
pela chinoca..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª,
ed., p. 61). Conto de João Fontoura,
Umbu, 2ª Série, p. 95.// Flexão fem.:
querendona. E na garupa, mui refestelada,
trazia uma chirua com ar de *querendona*..."
(S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 28). "Eu
tinha comigo uma china linda, gorducha e
querendona." (Alencastre, Azares das Revo-
luções, p. 24). "A chininha, faceira com a
vinda do noivo, não sabia o que fazer para se
tornar mais *querendona* e milongueira..."
(Cyro, Paz nos Campos, p. 27).

A lua é china dengosa
Faceira e mui *querendona*
Que busca todas as noites
O choro duma cordeona...
Gavião, Querência Xucra, 2ª. ed., p. 138

QUERENDAR, V. int. Mostrar-se *querendão*
ou *querendona*.

QUERIDO (Part. de *querer*, cf. o lat. *querere*),
Adj. Gracioso; mimoso; que tem a proprie-
dade de atrair ou inspirar simpatia; digno de
estima e apreço.

QUERINO, Hidrogr. Arroio afluente da Chi-
quinha, pela margem direita (M. de Iraí).

QUERO-MANA¹, (De *querer* + *mano*, flexão
fem. de *mano*), S.m. Espécie de quadrilha
antiga, acompanhada de canto, decalcada ao
que parece da Mana-Chica (ou da Mana
Joana) e da qual Ênio de Freitas e Castro
em 1942 recolheu em Bom Jesus interes-
santes reminiscências. Apresentava variada co-
reografia, salientando-se os movimentos
denominados cerra e trava (como no anu-
decadena) e passeio. Os pares soltos, mas
dependentes, dispostos em fileiras opostas,
avançavam e recuavam executando man-
obras típicas, com bate-pés. **Bibliogr.** Augus-
to Meyer, Guia do Folclore Gaúcho, Rio,
Gráfica Autora Ltda., 1951. "Tomara já me
ver numa dessas folias para rasgar na viola
um *quero-mana*, cerra e travar uma sapa-
teada..." (Chicolomã, A Reforma, P. Alegre,
03.01.1875). "O fandango entrou pela
noite adentro, com toadas de galinha-morta,



Quero-mana

do balaio, do *quero-mana*..." (Piá do Sul,
Farrapo, 2ª. ed., p. 61). "Depois o tatu, a
tirana-do-lenço, a galinha-morta, o *quero-
mana*..." (Lothar Hessel, Brava Gente, p.
11).

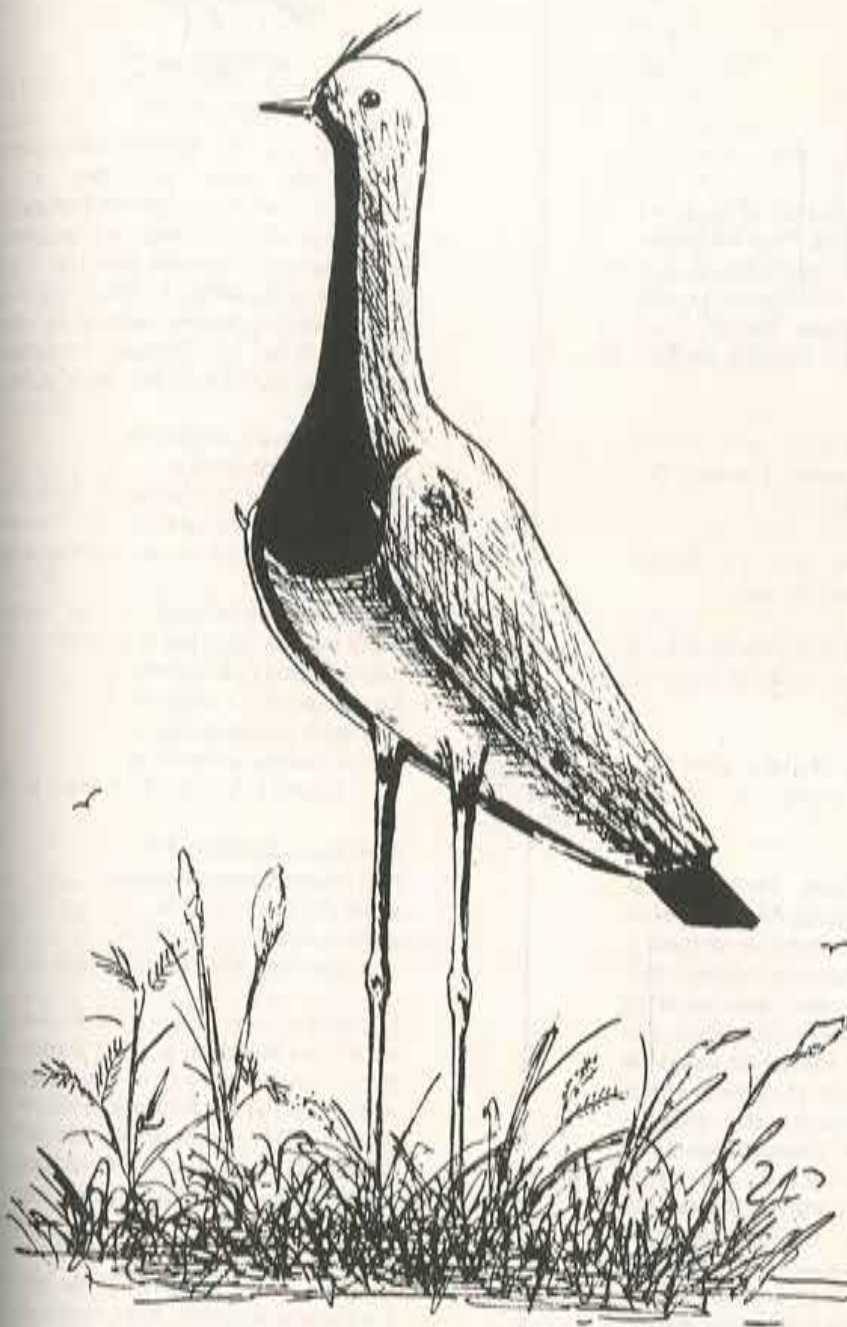
Tão bela flor *quero-mana*
As barras do dia aí vêm,
Os galos já estão cantando
E os passarinhos também!

No meu cavalo escuro
Me vou ao Cararana
A tomar mate-amargo
E dançar o *quero-mana*!

Quero-mana, quero-mana
Quero-mana estou querendo
Um pedacinho de pano
Para botar um remendo.
Pl.: *quero-manas*.

QUERO-MANA², S.m. Canto popular ligado
às danças do mesmo nome e por ele
inspirados. "Quase sempre, naquelas noites
singelas, apanhadas da chimarrita, da tirana,
do boi-barroso, do *quero-mana*, passavam
sorrissos flavos de mulher, recuerdos..."
(Callage, Terra Gaúcha, 2ª. ed., p. 31).
"Fiquei apalavrado para um *quero-mana*
suspirado com o turuna..." (João de Oliveira
ra, Pelo Passado, p. 2).

Tão bela flor digo agora,
Tão bela flor *quero-mana*!
Quando eu ando neste fado
A própria sombra me engana!



H. Hoffmann
Bona
Bage, 1973

Adeus, *quero-mana* ingrata,
Que ainda te espero ver
Abrasada de saudade
E sem ninguém te valer!

Quero-mana, quero-mana
A despedida vamos dar
Nunca vi quem se despede
Do seu amor sem chorar!
Pl.: quero-manas.

QUERO-MANA⁴, Hidrogr. Arroio afluente do Caverá, pela margem direita. Tem 80 km de curso (M. de Alegrete). "Corre pelo divisor de águas... defendendo as cabeceiras dos arroios Lajeado, *Quero-Mana*, Itapevi, Touro-Passo..." (Rezende, A Fronteira do Sul, p. 110).

QUERO-MANA-DO-MACHADO, S.m. Canto dos madeireiros da Depressão Central. Pl.: quero-manas-do-machado.

QUERO-MANA-FURTADA, S.m. (V. Sinhá-Carandá). Pl.: quero-manas-furtadas.

QUERO-MANA-GRANDE, S.m. Melodia para desafio ainda corrente na região de Vacaria. Pl.: quero-manas-grandes.

QUERO-MANINHA, S.m. Melodia para des-cantes e trovas em porfia. Pl.: quero-maninhas.

QUERO-QUERO, (Vocabulo formado por onomatopéia), S.m. Ornitol. Ave da familia dos caradriídeos, essencialmente linfícola e paludfícola, também chamada téu-téu. Coloração geral cinzento-clara, com ornatos pretos. Bico e pernas vermelhos. Esporões no encontro das asas e mecha de penas na parte posterior da cabeça. Colocados sob o travesseiro, esses ferrões contém virtudes especiais contra o sono pesado, segundo a crença popular. Voz aguda, estridente imitativa. Sempre aos pares ou em bandos os quero-queros têm hábitos curiosos. Pousam no solo, abrindo as rêmiges e antes de fechá-las completamente voltam a levantar-se. Os casais, quando andam em grupos, realizam uma espécie de marcha em fila, os machos à frente, cadenciando o passo com sons caracterfsticos. O acasalamento ocorre no ar, em pleno vôo, geralmente a grandes alturas. (*Belenopter capennensis* Gm.). "Um bando de *quero-queros* levantou vôo do banhado..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 32). "Nos descampados perdidos os *quero-queros* vigiavam..." (Ruschel, O Gaúcho a Pé, p. 98). "Um bando de *quero-queros* ergueu-se do banhado próximo." (Canto e Mello, Relíquias da Memória, 2ª ed., p. 37). "Madrugada tranqúila, apenas



Quero-quero

ferida de vez em quando pelo rumor de pontas de gado, pandilhas e *quero-queros...*" (Severo, Visão do Pampa, p. 29). "De quando em vez, os *quero-queros* denunciavam presenças insólitas." (Rodrigues, Os Degolados, p. 52). "Só o *quero-quero*, sempre guapo, sempre de patrulha, abria o bico no campo..." (Chiesa, As Vantagens do Coronel Mindeco, p. 54).

Regresso para a campanha da cidade nada espero,
prefiro à palavra estranha
o grito do *quero-quero...*

M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 45

Eu sou neto de farrapo,
Filho de chimango puro,
Sou de mescla pêlo-duro,
Sangue gaúcho e sincero!
Sou igual ao *quero-quero*
Sempre alerta na coxilha!

Goulart, Sinuelo do Pampa, p. 35

Alto voa o *quero-quero*,
mas pousa apenas na grama:
assim é o amor sincero,
sempre faz ninho na cama...

Ramirez, Disparo de Tropa, p. 129

O *Quero-Quero*: soneto de Evandro Ribeiro, Flores Murchas, p. 114; soneto de Zeca Blau, Poncho e Pala, p. 54. *Quero-Quero*: cenas crioulas de Roque Callage, P. Alegre, Globo, 1927; soneto de Manoel Vargas Neto, dedicado a Eurico Rodrigues, Tropilha Crioula, p. 25; poema de Laurindo Rodrigues, Minuano, p. 47; soneto de Francisco de Magalhães, Reminiscências do Gaúcho, p. 81 composição de Natho Heron para canto e piano, com versos de Manoel Vargas Neto; CTG fundado na cidade de Esteio em 04.10.1953; versos de Augusto Meyer, Poesias, p. 148; soneto de Roberto Osório Junior, Horizontes do Pago, p. 34.

QUERO-QUERO², Biogr. (V. Vilas-Bôas, Pedro Leite).

QUERO-QUERO³, Adj. Apelido dado para governistas ao revolucionário de 1893. "Um grosso da força pica-pau atacou o campamento *quero-quero...*" (Freitas, Gauchadas, p. 107).

QUEERUDO (De *quera* + *udo*), Adj. Decidido; que infunde medo ou temor; s.m. homem de valor, de coragem. "Puxa, compadre, o guasca é *qêerudo* mesmo!" (Remo R. Farina, *Tato Gomez, Herói de Palha*, p. 23).

QUEVEDO PRIMEIRO, Geogr. Povoado à margem de um afluente do Taruçu (M. de São Lourenço do Sul).

QUEVEDOS¹, Hidrogr. Arroio tributário do Socavão, pela margem esquerda.

QUEVEDOS², Geogr. Distrito no Planalto Médio. Data da criação: 01.08.1912. Povoados principais: Cinco Veados, São João¹ e Toropi-Mirim (M. de Júlio de Castilhos). População:
1980.....2.954

QUEVEDOS³, Geogr. Vila à margem direita do arroio Quevedos, sede do distrito do mesmo nome. Nomes anteriores: Santo Inácio dos Quevedos e Igrejinha.// Escola Estadual de 1ª Grau Inc. Dom Pedro I. Posto de Saúde.



Quevedo²: localização geográfica

QUEVEDO SEGUNDO, Geogr. Povoado na Encosta do Sudeste (M. de São Lourenço do Sul).

QUEXE, S.m. Cada um dos pedais que movimentam o tear manual caseiro.

R

RAFAEL (Do hebraico *Raphael*), S.m. Personificação da fome. "Nunca se viu ali panela cheia nem charque nos varais e a peonada da estância vivia entreverada com o *Rafael*..." (Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 174).

Tudo, tudo ele topava;
Parece que sempre andava
Às voltas c'ô *Rafael*...

Amaro Juvenal, Antonio Chimango, p. 23

RAIA¹ (Do lat. *radia*), S.f. Contramarca que se faz com ferro em brasa.

RAIA², Geogr. Localidade nos Campos de Cima da Serra (M. de Cambará do Sul).// Escola Estadual de 1ª Grau Inc. Raia.

RAIA³, S.f. Espaço em cada extremidade ou cabeceira da cancha (no jogo do osso), demarcado com risco, arame ou cordão transversal.

RAIA DA CRUZ, Geogr. Localidade no distrito de Nicolau Verqueiro (M. de Marau).

RAIA DA PEDRA, Geogr. Povoação no Planalto Médio (M. de Soledade).

RAIA DO IPÊ, Geogr. Localidade na Encosta do Sudeste (M. de Tapes).

RAIA PIRES, Geogr. Lugar no distrito de Vasconcelos (M. de Tapes).

RAIA-PREGO, S.f. Ictiol. Qualificativo de uma espécie de arraia, da família dos dasitídeos, comum nas águas marítimas do estado. Pl.: raias-pregos e raias-prego.

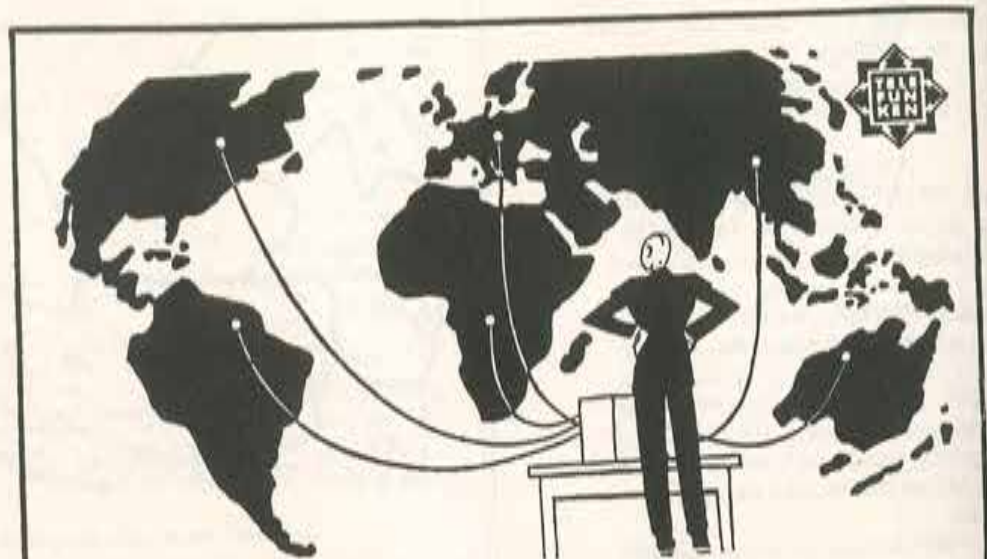
RAIAR A MARCA, Loc. verb. Contramarcas.

RAIDO (a-f), S.m. Feixe de erva-mate em estado natural amarrado com cipó ou fita de bambu.

Depois da quebra o *raido*
Atado em taquara-mansa...
Marco Pollo Giordani, *Terra de Heróis*,
p. 66

RAIMUNDO, Hidrogr. Arroio afluente do Arenal, pela margem esquerda.

RAINHA-DA-NOITE, S.f. Bot. Planta da família das cactáceas. Flores ornamentais. Fruto bacáceo (*Cereus grandiflorus* Mill.). Pl.: rainhas-da-noite.



O mundo é pequeno com um RECEPTOR DE RADIO
 „TELEFUNKEN“

De todas as ondas — Vendemos também em prestações
SIEMENS SCHUCKERT S. A. P. ALEGRE SIQUEIRA DE CAMPOS, 1198
 TELEPHONE 4100

Anúncio dos primórdios da radiofonia no Rio Grande do Sul

RAINHA DO MAR, Geogr. Localidade no Litoral, com balneário (M. de Capão da Canoa).

RAINHA-ITÁLIA, S.f. Variedade de uva cultivada na Encosta Superior do Nordeste. Pl.: rainhas-itálias.

RAINHA MAB, Biogr. (V. Amaral, Iika dos Guimarães).

RAIO GUAXO, Expr. (V. Guaxo).

La fresca! Se não me abaixo/
 Pelo alambado se apaga
 a chama do *raio guaxo!*

Ribeiro, Tronqueira de Guajuvira, p. 37

RAIVOSA (Flexão fem. de *raivoso*, cf. o lat. *rabiosus*), S.f. Entomol. Inseto himenóptero, agressivo da família dos formicídeos, também chamado formiga-de-fogo e formiga-vermelha. Mandíbulas cortantes. Picaduras dolorosas. Constrói abrigos semi-esféricos, lisos, endurecidos, que chegam a atingir 20cm de altura, com o interior perfurado por galerias de pequena extensão.

RAIZEIRA (a-f), Geogr. Localidade no 1º distrito, às margens da lagoa Itapeva (M. de Torres).// CTG Rincão do Pinus Parque, fundado em 18.05.1980.

RAJADA (Da raiz cast. *rajar*), S.f. Descompos-

tura; admoestação severa; exprobação; primenda áspera.

RALADO (Part. de *ralar*), Adj. Reduzido a pobreza; prejudicado financeiramente; que sofreu revés, perda ou transtorno grave.

RALADOR (ô) (De *ralar* + *dor*), S.m. (V. Sevidor¹).

RALAR (De *ralo* + *ar*, cf. o lat. *rallu*), V.t. Dar fim a; fazer dano a; anular; diminuir o valor de; tornar sem efeito; v. pr. sofrer qualquer mal, castigo, expiação.

RALEIO (Contr. de *ralear* + *o*), S.m. Eliminação manual da frutificação excessiva para a obtenção de melhor colheita.

RALO (Do lat. *rallu*), S.m. (V. Cestinha).

RAMA (Do esp. *rama*, cf. o lat. *ramu*, ramo), S.f. Parte da mandioca com dois ou mais brotos que se planta como semente.

RAMADA¹ (De *ramo* + *ada*), S.f. Espécie de latada para abrigar e dar sombra, feita com esteios e galhos com folhas. "No inverno é preciso ele ir pra *ramada*, com o tobião parrelheiro, para comerem jerivá." (Machado Russo, A Reforma, P. Alegre, 06.04.1977). "Tio Jordão que, em frente da *ramada*"

estaqueava um couro de ovelha, mirou de lado..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 130).
 "Embaixo das ramadas gemia a gaita e a gauchada dançava de botas, poncho e esporas..." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 111).
 "Lá estava seu Claro, mui concho, sentado na ramada..." (Freitas, Gauchadas, p. 10).
 "O viajante apeava na ramada. Entrava na venda..." (Cyro, Rodeio, p. 15).

Puxei o meu picaço pela rédea
 Levando-o para baixo da ramada,
 Desencilhei-o ali, tirei-lhe o freio
 E deixei-o à sogá em boa aguada...
 Múcio, Poesias, Vol. 19, p. 325

Ramada para o crioulo
 é o mesmo que um aconchego,
 onde o gaúcho em sossego
 nestas tardes de verão,
 cavalga a imaginação
 deitado sobre um pelego.
 Schultz Filho, Galponeiras, p. 69

Sobre um costado da raia
 ia sendo improvisada
 uma armação de ramada
 para servir de bolicho.
 Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 140

Diante dos teus aconchegos,
 prendá, eu me ajusto de peão
 e vou armando os pelegos
 na ramada da afeição...
 Ramirez, Disparo de Tropa, p. 222

Ninguém viu o que vi
 Debaixo duma ramada:
 Uma solteira chorando
 Pela vida de casada!

RAMADA², Geogr. Localidade no distrito de Santa Flora (M. de Santa Maria).

RAMADA³, Hidrogr. Arroio tributário do Quatis, pela margem esquerda (M. do Bom Jesus).

RAMADA⁴, Geogr. Distrito no Planalto Médio. Data da criação: 29.05.1966. Povoado principal: Fazenda São Jacó (M. de Ajuricaba).
 População:
 1980.....2.455

RAMADA⁵, Geogr. Vila a 350 metros de altitude, sede do distrito de Ramada. Nome anterior: Rincão da Ramada.// Escola Dom Pedro I.

RAMADA⁶, Geogr. (V. Pontão dos Buenos).



D. Pedro I



Ramada: Escola D. Pedro I

RAMADA⁷, Geogr. Localidade no 19º distrito. (M. de Palmeira das Missões).// Monumento aos Ex-Combatentes.

RAMADA DO GUEDES, Expr. Usada por eufemismo, significando termo, fim, desentlace e, em particular, desfecho trágico, morte. "Pois é... foram-se à ramada do Guedes., com um couro na cola, os trompetas!" (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 115). Vamos ter a quem mandar pra ramada do Guedes." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 46). "Caso a laseira continue, vamos todos à ramada do Guedes." (Gomes, Caminho Santiago, p. 100).

RAMADÃO (Flexão aum. de ramada), S.m. Ramada extensa.

RAMADA SÃO LOURENÇO, Geogr. Locali-

dade no distrito de Santa Flora (M. de Santa Maria).

RAMADINHA¹ (Flexão dim. de *ramada*), S.f. Ramada muito pequena.

RAMADINHA², Hidrogr. Riachão que deságua no arroio dos Quatis, pela margem esquerda (M. de Bom Jesus).

RAMAL (Do lat. *ramale*), S.m. Molho de fios torcidos.

É como um tirão de atrás
Quando se pega a carreira
Dum sovêu de três *ramais*
Atado numa tronqueira,
Vargas Neto, Tropicilha Crioula, p. 52

RAMALHADO (Part. de *ramalhar*), Adj. Que se ramalhou; enredado; emaranhado.

Paro aqui. Meu quinze braças
Enrodilho devagar
De tanto touro pialar
Ficou meio *ramalhado*.
Zeca Blau, Trovas da Estância do Abandono, 2ª. ed., p. 88

Entre trastes do passado
Algun laço *ramalhado*,
boleadeiras pelo chão,
Velhas pilchas que, sem dono,
vão rolando em abandono
pelos ganchos do galpão!
Oliveira, Rastro de um Charrua, p. 65

RAMALHAR-SE (Da raiz lat. *ramu*, que deu também o esp. e it. *ramo*), V. pr. Entrelaçar-se; embaraçar-se; enlear-se.

RAMALHETE (ê) (Flexão dim. de *ramo*), S.m. Figura das tiranas antigas.

RAMALHETE (O), Imp. Periódico literário porto-alegrense fundado em 01.05.1904 por Jorge Jobim e José Picorelli.

RAMALHETE RIO-GRANDENSE (O), Impr. Periódico de Pelotas, fundado em 13.07.1857 por Carlos Von Koseritz "para dar publicidade exclusivamente a produções originais rio-grandenses e com especialidade pelotenses".

RAMALHO (Contr. de *ramalhar + o*), S.m. Ação ou efeito de ramalhar-se. "Travessuras. *Ramalho* de laço velho." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 180).

RAMBO, Balduino Vier, Biogr. (1905-1961) — Sacerdote e professor montenegrino. Assinatura usual: P. Balduino Rambo. Ingressou

na Ordem dos Jesuítas em 1923, ordenando-se em 31.10.1936. Titular da cadeira de História Natural do Colégio Anchieta, a partir de 1937. Catedrático de Antropologia e Etnografia da UFRGS. Obras principais: *Elementos de História Natural*, (P. Alegre, Globo, 1933); *Clima, Flora e Fauna de Porto Alegre*, P. Alegre, Tip. do Centro, 1940; *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Imprensa Oficial, 1942; *A Flora Central, Antártica e Andina no Rio Grande do Sul*, Boletim Geográfico, Rio, Vol. VI, Nº 67, 1948) e *Estudo Comparativo das Leguminosas Rio-Grandenses*, Anais do Herbário Barbosa Rodrigues, Vol. V, Itajaí, 1950. Escola Estadual de 1ª Grau Inc. Padre Balduino Rambo: educandário na cidade de Nova Petrópolis, subordinado a 4ª DE.

RAMINHO¹ (Flexão dim. de *ramo*, cf. o lat. *ramu*), S.m. Tipo de biscoito.



RAMINHO² (Flexão dim. de *ramo*), S.m. Pequeno buquê de flores naturais.

RAMIREZ, Hugo Rodrigues, Biogr. Advogado, professor, jornalista e escritor, natural de Uruguiana, nascido em 1926. Licenciado em Geografia, História e Didática. Pseudônimos: Etchmendigaray, Nestor, dim, Serimar e Valdomiro Soares. Assinatura literária: Hugo Ramirez. Atividade. H. Ramirez. Obras principais: *Canção da Fronteira*, prefácio de Manoel de Ornellas, P. Alegre, Tip. de Luís Barreto, 1951; *A Civilização Rio-Grandense*, Universidade, P. Alegre, Gráf. Vitorino, 1952; *Cancioneiro das Noites do Erexim*, Liv. Modelo 1952; *Cancioneiro da Estância*, Uruguiana, Ed. Novidades, 1952; *Noite de Roda em Galpão*, regionalismo verso, P. Alegre, Gráf. Moderna, 1952.

Gauchescas, décimas e sextilhas, Uruguai-ana, Ed. Novidades, 1957 e *Disparo de Troça*, rodeio de poemas nativistas, P. Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1988.

RAMIZ GALVÃO, Geogr. Localidade na Depressão Central. Nomes anteriores: Passo do Couto e Couto (M. de Rio Pardo).// Escola Estadual de 1ª Grau Inc. Nossa Senhora Aparecida.

RAMIZ GALVÃO, Benjamin Franklin, Biogr. (1846-1938) — Médico, jornalista e escritor rio-pardense, Barão de Ramiz Galvão. Pseudônimo: Pacífico. No Rio de Janeiro, onde estudou, foi preceptor dos Príncipes Imperiais, lente de Grego no Colégio D. Pedro II, diretor da Biblioteca Nacional (1870-82), redator-secretário da *Gazeta de Notícias* (1894-99), primeiro reitor da Universidade do Brasil (1920) e membro efetivo da Academia Brasileira de Letras, a partir de 1928. Obras principais: *Vocabulário Etimológico, Ortográfico e Prosódico das Palavras derivadas do Grego*, Rio, Liv. F. Alves, 1909 e *Teatro Educativo*, Rio, Tip. do Jornal do Comércio, 1938.

RAMONA¹, (Do antr. e nome comercial *Ramona*), S.f. (V. Andolina).

RAMONA², (Da raiz fr. *ramon*) S.f. Espécie de sandália de couro cru.

RAMOS, Hidrogr. Arroio afluente do Santa Rosa, pela margem esquerda.

RAMOS, Alberto Ferreira, Biogr. (1871-1941) — Advogado, jornalista e escritor pelotense. Assinatura literária: Alberto Ramos. Pseudônimo: Marcos de Castro. Redator da *A Platéia de São Paulo* e do *Jornal do Comércio* do Rio, onde também dirigiu a Agência Havas. Obras principais: *Versos Proibidos*, Rio, Tip. do Jornal do Comércio, 1898; *Odes e Outros Poemas*; Rio, Tip. Italiana de Donato Botelli, 1899; *Ode e Santos Dumont*, Rio, Tip. Laemmert, 1903 e *O Livro dos Epigramas*, Rio, Ed. Brasileira Lux, 1924.

RAMOS, Laurindo Silveira, Biogr. (1870-1926) — Pecuarista, político e escritor santiaguense. Em 1893 fez parte da 4ª Brigada comandada por Salvador Pinheiro Machado. Em 1923 serviu como major-fiscal do 5º C.A., sob o comando de Osvaldo Aranha, sob cujas ordens serviu também em 1930. Autor de *Trovas Gaúchas*, P. Alegre, Globo, 1926.

RAMOS (Ruy Vitorino), Biogr. (1909-1962) — Advogado e político natural de Itaqui.



Ruy Ramos

Filho de Laurindo Silveira Ramos. Deputado federal, eleito em 1954. Notável orador e conferencista. *Escola Estadual de 1ª Grau Inc. Ruy Ramos*: educandário na cidade de Montenegro, subordinado à 2ª. DE.

RAMPIDEIRA, S.f. Meretriz barata, de baixa classe, inferior.

RANÇAR (De *ranço* + *ar*, cf. o lat. *rancidu*), V. int. Implicar com alguém ou alguma coisa.

RANCHADA (De *rancho* + *ada*, cf. o esp. *rancho*), S.f. Grupo de pessoas mais ou menos numeroso. "E quando a *ranchada* das donas chegou perto e viu o Chicão atolado..." (S. Lopes, *Contos Gauchescos*, p. 55). "Quando a *ranchada* saiu campo fora, o raio do mandinga correu as rosetas no mancarrão..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 116-117).

RANCHEDO (De *rancho* + *edo*), S.m. Reunião de ranchos ou edificações semelhantes de taipa, sopapo ou blocos terrosos superpostos; rancheira; rancherio.

RANCHEIRA (Flexão fem. de *rancheiro*), S.f. Música de compasso binário ou mais precisamente com o compasso da mazurca polonesa, que lhe deu origem. O primeiro tempo de cada unidade métrica é bastante

acentuado. "A mazarca foi substituída no Rio Grande do Sul por duas variantes: a *rancheira*, de possível origem culta platina e o *terol*..." (Paixão Cortes, O Gaúcho, p. 55).

Um índio bem debochado
Que tocou a noite inteira
Vaneirão, chote e *rancheira*...
João Batista de Oliveira Gomes, Ao Pé do
Fogo, p. 59

Passo de rancheira: passo dessa dança constituído de seis movimentos distintos.

RANCHEIRA-DA-SERRA, S.f. Variedade da rancheira. Pl.: rancheiras-da-serra.

RANCHEIRA-DE-CARREIRINHA, S.f. Variante da rancheira, com sapateado facultativo, em ritmo ternário, cuja principal característica é o *prestissimo* que os dançarinos executam. Pl.: rancheiras-de-carreirinha.



Rancheira

RANCHEIRAR (De *rancheira* + *ar*), V. int. Dançar rancheira.

RANCHEIRO (De *rancho* + *eiro*), Adj. Diz-se do equino que tem o vazo de parar em todos os ranchos ou moradas congêneres.

RANCHERIA (De *rancho* + *eria*), S.f. (V. Ranchedo). "E vá caponada gorda, a la farta, para o chinaredo das *rancheiras*." (Aureliano, Memórias do Coronel Falcão, p. 168).

RANCHERIO (De *rancho* + *erio*), S.m. (V. Ranchedo). "Zacaria passou a trote largo

pelo *rancherio* do passo." (Lessa, Os Guaxos, p. 228). "Na aldeia, o *rancherio* estava transformado num monte de cinzas..." (Barcelos, Estância Assombrada, p. 48). "O *rancherio* virou tapera..." (Milla Cauduro, Além do Silêncio, p. 37).

O *rancherio* da peonada,
Por perto a mangueira antiga,
Alguns umbus e figueiras
Já fazendo sombra amiga.
Fernandes Bicca, Os Bombachudos e as
Lutas do Gaúcho, p. 65

RANCHINHO¹, Hidrogr. Arroio tributário do rio das Antas, pela margem esquerda.

RANCHINHO², Geogr. Povoado a oeste da lagoa do Ponche (M. de Mostardas).

RANCHO (Do esp. *rancho*), S.m. Quantidade de víveres, para consumo doméstico, adquirida periodicamente.

RANCHO DA CACHOEIRA, Geogr. Povoado na região da Campanha (M. de Bagé).

RANCHO DE BARRO, Expr. (V. Rancho de torrão). "O *rancho de barro* coberto de capim santa-fé estava aberto." (Rodrigues, Os Degolados, p. 105).

RANCHO DE LEIVAS, Expr. (V. Rancho de torrão). *Rancho de Leivas*: versos crioulos de Gilnei Brasil Rodrigues, Pelotas, Tip. do Instituto de Menores, 1963.

RANCHO DE TAIPA, Expr. (V. Rancho de torrão). "Chegou ao *rancho de taipa* de Eusébio Rego." (Remo R. Farina, Tapir Gomez, Herói de Palha, p. 33).

RANCHO DE TORRÃO, Expr. Rancho em que pedaços de terra endurecidos ou lavados formam as paredes; rancho de barro, rancho de leivas; rancho de taipas. "Mas simples ainda, em sua técnica operacional, o *rancho de torrão*..." (Floriano Meyer, D'Ávila, Terra e Gente de Alcides Maya, p. 41). "Claro Timbaúva morava no Guarani um *rancho de torrão*, coberto de capim." (Raul, Mala de Poncho, p. 81).

Que será feito de tudo
Que deixei no meu rancho?
Do meu *rancho de torrão*
E palha de santa-fé,
Do meu zaino-pangaré
Que inda deixei redomão?
Firmino, Geração pelas Caronas, p. 80

S

SAIA (Do lat. vulgar *sagia*), S.f. Nome dado à parte lisa da massa, que esmaga a cana-de-açúcar.

SAIA-DE-BAIXO, S.f. Denominação vulgar da anágua. "Comprou botões, linha, dois metros de algodão infestado para *sala-de-baixo*..." (Martins, Caminhos do Sul, pp. 74-75). Pl.: salas-de-baixo.

SAICÁ¹ (Do guar. *icã-y-cang*, o galho seco), Hidrogr. Arroio afluente do rio Santa Maria, pela margem esquerda. Nasce na serra do Caverá e tem 35 km de curso. "Ali, do outro lado do *Saicã*, quase na costa do rio, estava o pulguedo do Anastácio." (Callage, Quero-Quero, p. 37).

SAICÁ², Geogr. Distrito na região da Campanha. Data da criação: 04.04.1917. Povoados principais: Itapevi e São Simão (M. de Cacequi). População:
1980.....1.206

SAICÁ³, Geogr. Vila servida pela ferrovia Santa Maria-Uruguiana, sede do distrito de Saicã. Nome anterior: Capela de Saicã. "Isso se dava em *Saicã*, São Gabriel, Livramento..." (Josué Guimarães, O Gato no Escuro, p. 104).

SAICÁ⁴, S.m. Ictiol. Peixe da bacia hidrográfica do rio Uruguai.

Palomita, peixe-espada, mais o salmão e o jaú, o muçum, o linguado, o *saicã* e o pacu...

Evaristo, O Gigante Missioneiro, 2ª ed., p. 27.

SAICANGA, S.m. Ictiol. Peixe teleosteo da família dos caracídeos. Coloração geral prateada. Dorso levemente oliváceo. Dentição forte. Nadadeira caudal avermelhada (*Acostorhamphus jenynii* Guent.).

SAICÁZINHO, Hidrogr. Arroio afluente do Saicã, pela margem esquerda.

SAIDA (De *sair* = + *ida*, cf. o lat. *salire*), S.f. (V. Largada). "O povo aglomerou-se para ver a *saída*." (Fontoura, Rancho Grande, 3ª Série, p. 12).

SAÍDO (Part. de *sair*), Adj. Intrometido; bisbilhoteiro; abelhudo; metedico.

SAIDOR¹ (ô) (De *sair* + *dor*), Adj. Diz-se do galo de briga provocador (principalmente com ataques rápidos). "Hoje me leva o colorado pra canchinha, me pega o cinza *saidor*..." (Jacques, Brigadianos, p. 29).

SAIDOR² (ô), S.m. Lugar na cancha reta, onde se postam os parceiros para a largada. "Outra partida, ao galopito, até o *saidor*..." (Piá do Sul, Farrapos, 2ª ed., p. 81). "Soltadores da corda no *saidor*; sentenciador no laço." (Remo R. Farina, Tato Gomez, Herói de Palha, p. 23).

SAIDOR³ (ô), Adj. Diz-se do indivíduo que sai fácil do cavalo quando este se desequilibra e tomba. "É tão laçador e pialador como seguro nos bastos? É *saidor* numa rodada ou pranchada?" (Freire, Alma de Gaúcho, p. 37).

(Nunca este ruano rodara e o valhito — um *saidor*!) também de testa se foi!

Aureliano, Romances de Estância e Quêrência, p. 26.

SAIDOR⁴ (ô), Adj. Diz-se do parceiro habituado a largar rapidamente.

Um mês se passa ligeiro quando se tem compromisso, um cavalo dá serviço pra ficar na compostura. Inda mais pra quem procura fazer mesmo um parceiro *Saidor*, manso e linheiro...

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 46.

SAINT-CLAIR, Rodolfo, Biogr. Jornalista e escritor. Diretor do *25 de Março*, órgão dos alunos do Ginásio São Pedro de Porto Alegre, onde estudou e fundou o Grêmio Literário Fagundes Varela. Colaborador de vários jornais porto-alegrenses, entre os quais o *Jornal do Comércio*, *A Federação*, o *Correio do Povo* e a *Gazetinha*, fundada em 03.05.1891 por Otaviano Manoel de Oliveira. Integrou ainda o grupo da revista *Mecenas*.

SAINT-HILAIRE, Augusto de, Biogr. (1799-1853) — Naturalista francês, natural de Orléans. Percorreu a extremidade meridional do Brasil (1820-1821) em demorado contato com a gente e a terra, do qual resultou o excelente diário intitulado *Viagem ao Rio Grande do Sul*, tradução de Leonan A. Pena, Rio, Ariel Editora Ltda., 1934.



Antonio Saint-Pastous

SAINT-PASTOUS, Antonio, Biogr. Médico e professor alegretense, nascido em 1892. Autor de *Fatores Emocionais no Processo da Educação*, P. Alegre, Globo, 1971.

SAIQUI¹, (Do guar. *icã-y-qui*, água da árvore da chuva), Hidrogr. Arroio tributário do Caf, pela margem esquerda.

SAIQUI², Geogr. Povoado no distrito da sede (M. de Canela).

SAIR (Do lat. *salire*), V. int. Desembarçar-se (o cavaleiro) do animal quando este se lança ao chão ou perde o equilíbrio acidentalmente; o mesmo que sair de em pé, sair enxuto, sair limpo e sair parado. "Pois ali, no soflagrante, abanei a perna e saí folheirito na mais..." (Lessa, *O Boi das Aspas de Ouro*, p.110).

SAIRA (Do guar. *çá-ir*, o que olha), S.f. Ornitol. Pequena ave da família dos Falconídeos. Dorso escuro. Lado ventral branco. Asas curtas (*Micrastur semitorquatus* Vieil.). "Da enorme variedade de pássaros, citaremos a calhandra, a *saira*, o azulão, o anu..." (A. G. Lima, *Rio Grande do Sul*, 409 milheiro, p. 21).

SAIR AO FACHO, Loc. verb. (V. Facho).

SAIR APAGANDO, Loc. verb. Sair em disparada; fugir à toda brida; partir apressadamente; sair frigindo; sair tinindo; sair ventando.

SAIR CHISPA, Loc. verb. Decorrer consequência grave (de determinado fato, episódio ou acontecimento), o mesmo que sair cinza, sair fogo e sair lasca. "Qualquer dos dois era taura no ferro e saía chispa..." (Darcy, *No Galpão*, 3ª ed., p. 106). "Saía cinza e saía chispa daquele entrevero..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 75).

SAIR CINZA, Loc. verb. (V. Sair chispa). "Saíu cinza e tiveram que engulir o João Paulo." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 61).

SAIR COM LUZ, Loc. verb. (V. Luz¹).

SAIR DE ATRAVESSADO, Loc. verb. Sair de através em relação ao eixo da cancha (o parceiro); (fig.) reagir de maus modos.

SAIR DE EMPÉ, Loc. verb. (V. Sair).

SAIR DE MANO, Loc. verb. Sair do jogo sem lucro ou prejuízo.

SAIR DE MARCA QUENTE, Loc. verb. (V. Marca¹).

SAIR DO BANHADO, Loc. verb. (V. Banhado).

SAIR DO CEPO, Loc. verb. Desencabular, resolver-se; perder a timidez ou o embaraço. "Ele não sai do cepo! — gritaram — Música e outro que saiba verso!" (Severo, *Visão do Pampa*, p. 206).

SAIR ENXUTO, Loc. verb. (V. Sair). "Sair porque aquela fibra, se acaso testavilhana, sabia sair enxuta dos entreveros." (D'Ávila Flores, *Pelo meu Rancho*, p. 147).

SAIR FOGO, Loc. verb. (V. Sair chispa).

SAIR FRIGINDO, Loc. verb. (V. Sair apressado).

Saiu frigindo ladeado

Cruzou a cancela de borco,
Se foi à encerra de porco!

Balbino, O Bruno Tívico, p. 147.

SAIR LASCA, Loc. verb. (V. Sair fásca).
"Saiu lasca, como não!" (Severo, Visão
do Pampa, p. 205).

SAIR LIMPO, Loc. verb. (V. Sair). "O negro
Pangaré amagou o mango entre as orelhas
do bagual e *saiu limpo*, de rédea na mão."
(Cyro, Paz nos Campos, p. 16). "A certa
distância, a égua rodou e o rapaz *saiu limpo*,
chapéu batido na testa." (Fontoura, Umbu,
2ª Série, p. 98).

SAIR PARADO, Loc. verb. (V. Sair). "Como
capataz, ainda que rode, *salo parado!*" (Piá
do Sul, Amores do Capitão Paulo Centeno,
p. 74).

SAIR SAPATEIRO, Loc. verb. (V. Sapatei-
ro²).

SAIR TININDO, Loc. verb. (V. Sair apagan-
do).

SAIR VENTANDO, Loc. verb. (V. Sair
apagando). "O mocito era abusador e mais
duma feita *saiu ventando* de certos ranchos
daqueles pagos..." (S. Lopes, Contos Gau-
chescos e Lendas do Sul, p. 123). "Quando
ouvi o griterio, atirei com tudo e *sai*
ventando..." (Cyro, Porteira Fechada, p.
50).

SALADA-DO-MAR, S.f. Ictiol. Peixe marinho,
encontrado no litoral de Torres. Pl.: sala-
das-do-mar.



SALADÃO (Do fr. *salade*), S.m. Prato com
verduras e legumes à vontade, temperados
com molho ao gosto, comum nos restaura-
ntes de Porto Alegre.

SALADEIRIL (Do esp. plat. *saladeril*), Adj. 2
gên. Relativo ou pertencente à indústria do
charque.

SALADEIRISMO (De *saladeiro* + *ismo*), S.f.
Arte e indústria do preparo do charque.

SALADEIRISTA (Do esp. plat. *saladerista*),
S.m. Proprietário ou arrendatário de sala-
deiro.

SALADEIRO¹ (Do esp. plat. *saladero*, cf. o
lat. *sal*, que deu também o it. *sale* e o al.
salz), S.m. Charqueada. "Assim como assim
já estavam no campo do *saladeiro...*" (Seve-
ro, Visão do Pampa, p. 254). "E ficou pelo
saladeiro, arredio, aninhado no seu ran-
cho..." (V. Pires, Querência, p. 73). "Nas
imediações do *saladeiro* outro sinuelo
aguardava o gado." (Echenique, Fagulhas
do meu Isqueiro, p. 138). // A terminação
vernácula *deiro* indica sempre o local em
que se exerce a ação expressa pelo verbo. *A
Dama do Saladeiro*: romance de Cyro
Martins, P. Alegre, Ed. Movimento, 1980.

SALADEIRO², Geogr. Localidade no 1º
distrito (M. de Itaquí).

SALAMANCA DO JARAU, Folc. (V. Jarau¹).

SALAMEIRO (De *salame* + *eiro*), S.m.
Aquele que nos frigoríficos tem a seu cargo
preparar e acondicionar salames.

SALAMIM, S.m. Medida de capacidade para
secos e líquidos equivalente a 2,27 litros ou
à 16ª parte do alqueire.

Eu, que não fui convidado
pra partilha do pudim,
não me tocou um *salamim*,
apenas o corredor...

Schultz Filho, Galponeiras, p. 30.

SALCEDO (ê) (Do esp. *salcedo*), S.m. Briga;
desentendimento violento; conflito; o
mesmo que *salseiro¹* e *sarilho¹*. "Trabuza-
nas, andavam armando *salcedos!*" (Echeni-
que, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 196).

Eu sou índio polvadeira
Como potro em palanque.
Quando entro num *salcedo*
Não há quem me desbanque!

SALDANHA, Ana, Biogr. (1890-1932) —
Escritora rio-pardense. Colaboradora do
jornal caxiense *O Estímulo*. Publicou *Tra-
ços Meus*, contos e pensamentos, P. Alegre,
Globo, 1927.

SALDANHA, Antonieta Lisboa, Biogr. (1893-
1944) — Professora e escritora, natural de
Rio Pardo, onde em 1915 fundou *O
Incôndito*. Sobrinha de Ana Aurora do



Antonieta Lisboa Saldanha

Amaral Lisboa. Colaboradora dos periódicos porto-alegrenses *Revista Acadêmica* (1920) e *Kodak*. Autora de *Rimas sem Metro*, poemas, com prefácio de Zeferino Brasil, P. Alegre, Liv. Selbach, 1918.

SALDANHA, Circe, Biogr. Artista plástica. Cursos de aperfeiçoamento com Castanheira, Malagoli e Roberto Grieco. Prática o figurativismo simbólico com técnicas de serigrafia, *pochoir* e *ecoline*. Já expôs com sucesso gravuras e xilogravuras.



Heitor Saldanha

SALDANHA, Heitor, Biogr. (1910-1986) — Jornalista e escritor cruz-altense. Estreou literariamente com o livro de versos *Casebre*, P. Alegre, Liv. Selbach, 1939. Os poemas de *A Outra Viagem* apareceram em 1951, P. Alegre, Editora Arte no Rio Grande. Escreveu ainda a novela *O Terreiro do João*

sem Lei, P. Alegre, Gráfica Moderna, 1953. *Núvem e Subsolo*, poesia, Rio, Editora Leitura, 1968. É de Heitor Saldanha esta pequena jóia literária:

Eu já vi uma lavadeira
cantando penas e mágoas,
que modulava seu canto
com o balanço das águas!

SALDANHA, José de, Biogr. (1758-1808) — Cosmógrafo, matemático e astrônomo lisboeta. Permaneceu alguns anos no Rio Grande do Sul quando da execução do Tratado de São Ildefonso, registrando suas viagens e impressões no documentário conhecido abreviadamente por *Diário Resumido e Histórico*, Anais da Biblioteca Nacional, Rio, Vol. LI, 1938.

SALDANHA MARINHO¹, Geogr. Município do Planalto Médio, na região do Alto Jacuí. Data da criação: 09.05.1988. Área territorial: 221 km². População estimada: 1988.....6.000

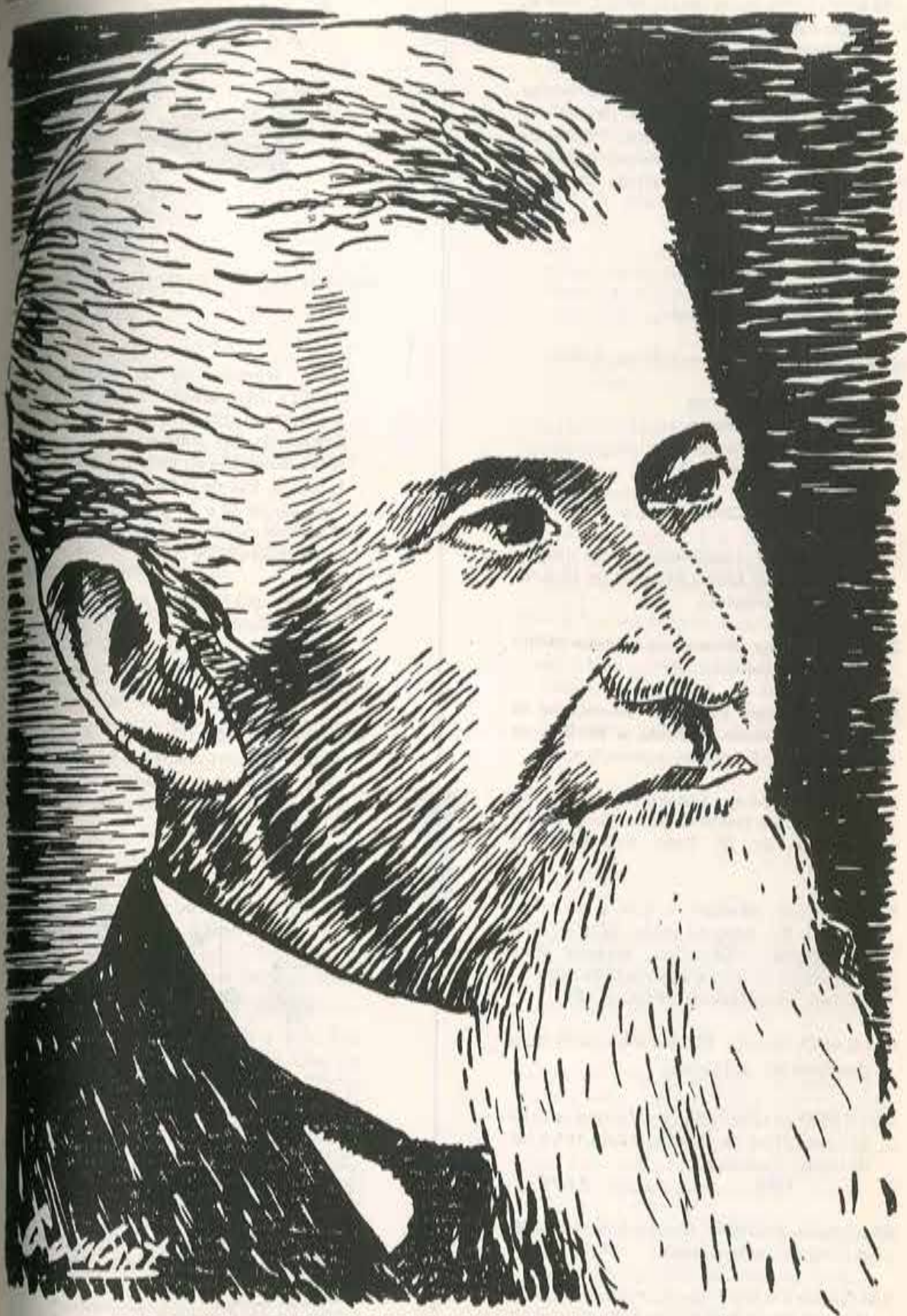
Limita-se com Santa Bárbara do Sul, Chapada, Carazinho, Colorado e Ibirubá. Começou a ser colonizado em 1899 pela firma Castro Silva & Cia.

SALDANHA MARINHO², Geogr. Cidade na serra do Jacuí, a 530 metros de altitude, sede do município de Saldanha Marinho. Nome anterior: Colônia Saldanha Marinho // Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus Alfredo Ferrari. Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

SALDANHA PONCE, Iracema, Biogr. (1904-1938) — Escritora, natural de Quaraí, onde foi colaboradora do jornal *O Cidadão*. Autora de *Últimas Baladas*, versos, livro póstumo, com prefácio de Átila Gutierrez Casses, Rio, Editora A Noite, 1942.

SALDANHA RACHE, Palmira, Biogr. Escritora, falecida no Rio de Janeiro em agosto de 1961. Co-fundadora do *Grupo das Falecidas* em Caxias do Sul.

SALDANHA, Synval, Biogr. Advogado, político e escritor, natural de São Sepé. Correspondente do *O Caçapavano* no Rio de Janeiro quando estudante. Colaborou com o *O Sepeense*. Em Porto Alegre, assessor do governo Borges de Medeiros, oficial do Registro de Imóveis, membro dos Centros Republicanos Venâncio Ayres e Otávio Rocha, o último fundado em 22.05.1926.



Joaquim Saldanha Marinho
(1822-1895)

Jurista, político e jornalista pernambucano

SALGADOR² (ô), S.m. Vaso de louça ou metal para o preparo de salmouras.

SALGO, Adj. Diz-se do eqüino de qualquer pêlo que tem os olhos gázeos e sem cílios. "Sal ponteiro no meu picaço *salgo*, pingo bueno..." (V. Pires, Querência, p. 121).

O *salgo* nasceu petiço,
Engordou, ficou maceta
E bichoco e perereca
Esse matungo sotreta!

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2ª ed., p. 152.

O Ruivo tinha um zaininho
Salgo, chimbé, petição
Que andava num estadão
Feito senhor do caminho.

Zeca Blau, Trovas da Estância do Abandono, 2ª ed., p. 74.

SALGO-DE-BEIÇO, S.m. Ictiol. Qualificativo de um espécime das águas marítimas do estado. Pl.: salgões-de-beiço.

SALINA (Do lat. *salina*), Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de Torres).

SALINAS, Geogr. Balneário no Litoral Norte com farol (M. de Cidreira). // Sociedade Amigos da Praia de Salinas (SAPS), fundada em 25.02.1984.

TAIMBÉ¹, S.m. (V. Itaimbé).

TAIMBÉ², Geogr. Localidade no distrito de Lomba Grande (M. de Novo Hamburgo).

TAIMBEZAL (De *taimbé* + *z* + *al*), S.m. Grande quantidade de taimbés uns em continuação aos outros.

TAIMBEZINHO, Orogr. (V. Aparados).

TAINHA (a-i) Do gr. através do lat. *tagenia*, S.f. Ictiol. Peixe teleosteo, percomorfo, da família dos mugilídeos. Realiza migrações periódicas, penetrando em rios e lagos para desovar. // A palavra tainha escreve-se sem acento. Não se acentuam as vogais *i* e *u* tônicas quando a sílaba seguinte começa pelo digrama *nh*. "No mês de fevereiro é abundante também no Guaíba a pesca da tainha e do bagre..." (Kleber Borges de Assis, O Rio que não é Rio, p. 70).

SALINO (Do lat. *salinu*, que deu também o esp. e o it. *salino* e o fr. *saline*), S.m. Animal vacum ou eqüino que apresenta sobre a pelagem básica pintas brancas, pretas ou vermelhas; adj. que tem a cor do. "E vai, uma terneira *salina* rompeu porteira afora." (Severo, Visão do Pampa, p. 18). "Gado fino, as caras brancas dos pampas com o lombo colorado reluzindo, bragados, *salinos*..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 283).

Um dia foi aplastado
O meu cavalo *salino*.
Desde isso ficou cansão
E do andar do meu menino.

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2ª ed., p. 152.

SALINO-MOSQUEADO, S.m. Animal salino com pigmentação espaçadamente salpicada; adj. que tem a cor do. Pl.: salinos-mosqueados.

SALINO-ROSADO, S.m. Animal salino em cujo pêlo se vêem tons róseos; adj. que tem a cor do. Pl.: salinos-rosados.

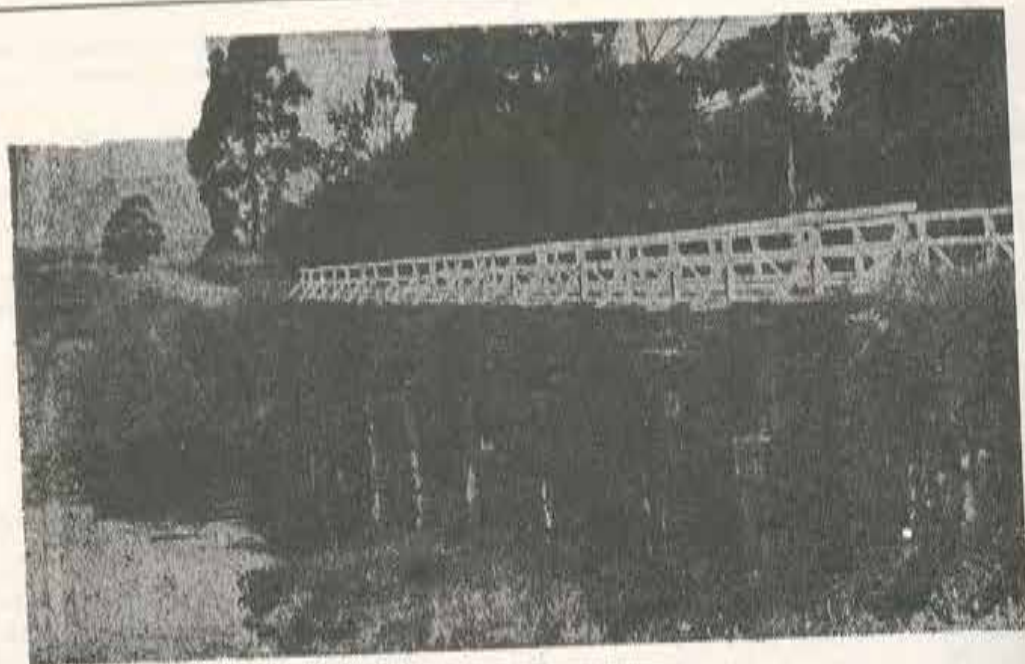
SALIS, Eurico Jacinto, Biogr. (1903-1958) — Farmacêutico, jornalista e escritor bageense. Obras principais: *História de Bagé*, P. Alegre, Globo, 1955 e *O Solo e o Homem no Rio Grande do Sul*, edição organizada, anotada e revisada por Tasso Vieira de Faria, P. Alegre, Globo, 1959.

TAINHA-FACÃO, S.f. Ictiol. Peixe da família dos mugilídeos. Tem corpo magro e fino. Entra na lagoa dos Patos, onde é pescado nos meses de abril a junho. Pl.: tainhas-facão e tainhas-facões.

TAINHAS¹, Geogr. Distrito nos Campos de Cima da Serra. Data da criação: 20.09.1907. Povoados principais: Contendas, Três Irmãos e Várzea do Cedro (M. de São Francisco de Paula). População: 1980.....1.536

TAINHAS², Geogr. Vila à margem esquerda do Tainhas, sede do distrito do mesmo nome. Data do vilamento: 31.03.1938.

TAINHAS³, Potam. Importante curso d'água, afluente do rio das Antas pela margem esquerda. // A rodovia Bom Jesus-Canela o atravessa em bela ponte de 97,40 metros.



Ponte sobre o rio Tainhas

TAINHEIRA (De *tainha* + *eira*), S.f. Rede que os pescadores usam na barra de Rio Grande para a apanha de tainhas.

TAINHOTA (a-i), S.f. Ictiol. Espécie do Litoral gaúcho, próxima da tainha verdadeira, porém menor, medindo entre 60 e 80 cm de comprimento.

TAIPA¹, (Do africano *tabia*, parede de argila), S.f. Barragem ou tabique de barro, nas lavouras de arroz, para o levantamento e represamento de água. "Trabalhei três

meses de sol a sol, metendo a mão no barro pra levantar as *taipas*..." (Ramirez, Rio dos Pássaros, p. 142).

TAIPA², S.f. Massa de terra acumulada à guisa de muro, principalmente em pequenas represas. "Às vezes fechava-se em si, como mancarrão reiúno e ficava parecendo joão-grande em *taipa* de açude..." (Fatori, Campo Solitário, p. 15). "As suas mãos eram como *taipa* bem socada de açude macota." (Echenique, Fagulhas do meu lisqueiro, p. 177). "Deitou-se de lado na



Estrada Tainhas-Itati: desenvolvimento em 7% no km 35

taipa do açude." (Rodrigues, Sombras e Sangue, p. 104).

TAIPA³, S.f. Cerca de pedras soltas com que se circunda e fecha determinados espaços. "O gado abrigava-se nos capões e nas restingas; as preás e os lagartos enguaritavam-se nas *taipas*..." (Acauan, Ronda Charua, p. 183). "Abrigou-se então no costado duma *taipa*, à sombra dum umbu." (Cyro, Porteira Fechada, p. 190).

TAIPA⁴, Geogr. Localidade na região da Campanha (M. de Rosário do Sul).

TAIPA⁵, S.f. Armadilha para a apanha de peixes, também chamada mangueira e tapagem (no Litoral).

TAIPA-DE-RONDA, S.f. Nome dado à *taipa* externa (nas lavouras de arroz). Pl.: *taipas-de-ronda*.

TAIPAL (De *taipa* + *al*), S.m. Tábuas que guarnecem a carreta.

Eixo de batanga rubra
Com meão ou cubo e pina,
Quincha às vezes com que cubra
O *taipal* e a caixa fina...

P. Pedro Luiz, O Gênio do Pampa, p. 164.

TAIPÃO, Geogr. Lugar na região das Missões (M. de Cerro Largo).

TAIPAS, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Vicente Dutra). // Esporte Clube União.

TAIPEIRO (De *taipa* + *eiro*), S.m. Operário que, nas plantações de arroz, trabalha na construção e conservação de *taipas*. "O negro Rosina estava de *taipeiro* numa lavoura..." (Martins, Caminhos do Sul, p. 203).

TAIPINHA¹, Hidrogr. Arroio tributário do Fão, pela margem direita.

TAIPINHA², Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Sobradinho).

TAIPUCA, Hidrogr. Córrego que deságua no Puitã, pela margem esquerda.

TAITA, Adj. 2 gên. Diz-se da pessoa guapa, sapaz, que tem habilidade, disposta para tudo, decidida. "Com o martel de canha ao lado, o mundo era eu e não respeitava *taita*..." (Callage, Rincão, 2ª ed., p. 108).

Desde af andam de ameia,
Cada qual sendo mais *taita*,

O Eliseu coçando a gaita,
O Martim braceando o pinho.

Balbino, A Estância de Dom Sarmiento, 2ª ed., p. 89.

Contigo na meia espalda
fui *taita* em muito fandango
nas gambeteadas do tango
do outro lado do Uruguai...

Apparfício, Viola de Canto Largo, p. 21.

TAIÚ, S.m. Variedade de feijoeiro.

TAJÃ (Qualificativo onomatopaico, oriundo do grito que emite, separado perfeitamente em duas sílabas, com / gutural), S.m. Pernalta de grande porte, cor de cinza, cauda ampla, olhar severo, pescoço branco, cabeça imponente e dois esporões nas asas. Vive aos casais, fazendo ninhos em lugares de difícil acesso. Símbolo da união conjugal. (Chauna cristata Sw.). "Mais uma puxadita, patrão. O *tajã* já está alarmando." (V. Pires, Querência, p. 162). "Nas aguadas estridulavam as inseparáveis parselhas de *tajãs*..." (Jacques, Os Provisórios, p. 105).

Roncam soturnos bugios
na copa dos tarumãs.
Nos ares cruzam *tajãs*
e os lúgubres urutaus...

Schultz Filho, Gesta de um Clarim, p. 16.

Vem escutar os *tajãs*
fazendo forte alarido.
Vem ver um rancho tingido
no painel dos picumãs.

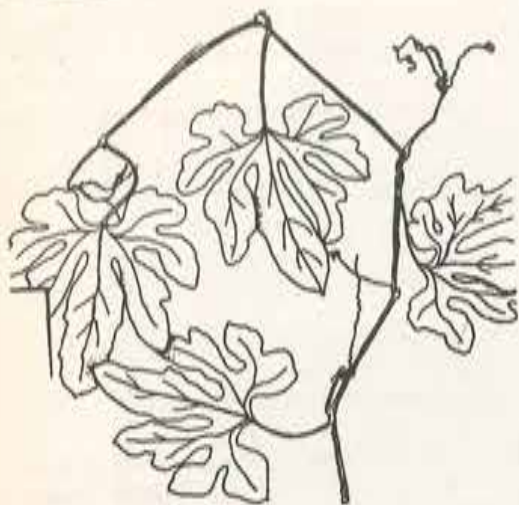
Macedo, Estância do Céu, p. 51.

Adag.: *Tajã* nas nuvens gritando, dia bom anunciando.

TAJUBA, S.f. Bot. Árvore da família das antrocarpáceas. Madeira amarelada, de notável durabilidade (Trianosperma ficifolia Mart.). "No meio da ocara, bem limpa, está um poste de *tajuba*." (Heraclito, A Índia Rio-Grandense, p. 94). "Canjerana, grapia, canela, cabriúva, *tajuba* e guajuvira era de chegar e meter o machado." (Darcy, Coxilha, p. 54). // Var.: *tajuba*.

TAJUBAL (De *tajuba* + *al*), S.m. Lugar onde crescem *tajubas*.

TAJUJÁ, S.f. Bot. Trepadeira herbácea da família das cucurbitáceas; também chamada abobrinha-do-campo. Folhas partidas em vários segmentos e associadas a gavinhas.



Tajujá

Flores amarelas, pequenas. Fruto em forma de baga com propriedades purgativas (*Cyanoponia tayuya* Cohn.).

Tajujá, sete-sangrias
Salsa-moura, angico-branco,
erva-de-santa-maria,
é só colher. Tudo é franco!

M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 66.

TALA¹ (Do lat... *talea*), S.f. (V. Açoiteira²). "Nem espora nem *tala*." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 184). "A mão esquerda tramada nas crinas. A direita no mango de *tala* larga." (Dornelles, Causos da Querência, p. 29). *Chegar na tala*: chegar sob o estímulo do reiho (o parreheiro). *Estar na tala*: estar em apuros. *Ganhar na tala*: ganhar com grande esforço.

TALA², S.f. Bot. (V. Taleira). "Após contemplar, num pé de *tala*, duas rolas de bico travado, Simplício tomou um hausto amplo..." (Severo, Visão do Pampa, p. 243). "Pra um lado um pé solito de *tala*. Devia ser município de Santiago." (Cyro, Paz nos Campos, p. 31).

TALA³, S.f. A nervura central da folha dos arbustos, especialmente das palmáceas. "A *tala* do jerivá estava se desfibrando toda..." (Freitas, Gauchadas, p. 86).

Na tua saudade me enleio
Rincão onde eu fui piá,
Criado arisco e traquina,
Boleando a espada franzina
De *tala* de jerivá...

Zeca Blau, Trovas da Estância do Abandono, 2ª ed., p. 12.

TALABARTEIRO (De *talabarto* + *eiro*, et. a raiz *tallm*), S.m. O que trabalha em artefatos de couro; seleiro; correeiro.

TALABARTERIA, (De *talabarto* + *ria*), S.f. Estabelecimento onde se fazem ou se vendem artigos de couro.

TALACO (De *tala* + *aço*), S.m. Golpe com a *tala*¹; (fig) prejuízo; contratempo sério; ocorrência adversa.

TALAGUAIA, S.f. Bot. (V. Taleira). "Ali, aos pés do cerro ladeirento, estendia-se a quinta; mais além o cercado de gravatã junto à cacimba rodeada de um capãozinho de *talaguaias* e inhame..." (Acauan, Ronda Charrua, pp. 188-189).

TALA-LARGA, S.f. Instrumento de açore com látigo reforçado. Pl.: *talas-largas*.

TALAREAR (De *tala* + *ear*), V. t.d. Fustigar (com a *tala*¹). "E voltou o velho Isidoro a cargosear, *talareando* os sinuelos da charqueada..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 139).

TALEIRA (De *tala* + *eira*), S.f. Bot. Árvore da família das nictagináceas, também chamada simplesmente *tala*, *talaguaia* e *esporão-de-galo*. Galhos espinhentos e frutinhas doces, cor de laranja (*Pisonia aculeata* Lin.). "Raivoso como um tigre acuado e bem montado, voava por aquele estreito pique, saltando barreiras, despedaçando a roupa nas japecangas e *taleiras*." (Freitas, Gauchadas, p. 167). "Para Mindoce eles eram pior que *taleira* e japecanga em trilho de mato." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 42).

Come um assado com couro
de terneira desmamada no sobreano.
E quando na despedida
Passares pela *taleira*
remarca o nome rugoso
que no seu tronco escrevi.

Ribeiro, Serigote Prateado, p. 7.

TALHA¹ (Do lat. *talea*), S.f. Quantidade de lenha, equivalente a oitenta achas ou 0,4 m³.

TALHA², S.f. Cada lote de cinquenta animais na contagem de bovinos e laníferos. "As vezes era despertado pela voz do patrão *Talha!*" (Fontoura, Nas Coxilhas, p. 64). "Uma terneira por *talha* era fornecida pelo estancieiro para o município da tropa..." (Aristides, Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 189).

Pra o guasca do meu terreiro
A lida não tem segredo,
Conta a tropa, se é tropeiro,
Deixando as *talhas* no dedol

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 30.

E os homens
seguem picada afora
juntando e catando
a refugama...
Primeiro dezoito
trinta e nove
talha!

Kleber, Última Tropeada, p. 123.

TALHAÇO, Geogr. Lugar no subdistrito de Batovi (M. de São Gabriel).

TALHADA (Flexão fem. de *talhado*, cf. *talhar + ado*), S.f. Doce feito de rapadura e farinha de mandioca.

TALHAMAR (De *talhar + mar*), S.f. Ornitol. Ave oceânica e lacustre da família dos *larídeos*. Bico amarelo. Cabeça preta. Rêmiges negras. Plumagem cinzenta no dorso e branca no ventre. Mede cerca de 40 cm de comprimento (*Phaetusa simplex chloropoda* Vieil.).

TALHAR (Do lat. vulgar *taleare*, cortar), V.t.d. Abrir a lã em riscas, separando as mechas.

TALHARIM-DE-MONDONGO, S.m. Cozido inteiro desfiado com dois garfos e refogado com temperos e tomate. Pl.: *talharins-de-mondongo*.

TALLONI JUNIOR, João Batista, Biogr. (1856-1880) — Jornalista e escritor portoalegrense. Pseudônimo: Abd-el-Kader. Colaborador do *O Fígaro* de P. Alegre, fundado em 06.10.1878.

TALO (Do gr. por via do fr. *talle*), S.m. Prejuízo; perda material; mau resultado; fracasso. "Estava atolado, quis tirar o *talo* e entreguei quatrocentos..." (Moog, Um Rio Imita o Reno, p. 28).

TALONEAR (De *tala + ear*), V.t.d. Incitar com a tala (o animal). "Deu de rédeas e *taloneou* a mula, que dobrou, rápida, a esquina..." (Jacques, Os Provisórios, p. 117). "Tenteou na rédea, chupou o beico e *taloneou* devagar o pampa..." (Antero, Mensagem a Poucos, p. 143).

TALUDÃO (Flexão aum. de *taludo*), Adj. Muito grande; s.m. jovem muito alto ou robusto. "Eta lo negro pachola! — gritou o

Candinho, um *taludão* glabro de olhos mortícos." (V. Pires, Querência, p. 130).

TALUDO (De *talo + udo*, cf. a raiz *talo*), Adj. Crescido; viçoso; desenvolvido; volumoso; corpulento. "O Laurito se criou e cresceu rijo como bagual arpista. Já *taludo*, vivia a cismar..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 16). "Boa era a marcação no outono, quando a terneira já estava *taluda*..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 115).

TAMAMBAE, S.f. Lavoura nos Sete Povos, destinada à manutenção de órfãos, enfermos e anciãos.

TAMANADU, Hidrogr. Arroio afluente do rio Passo Fundo, pela margem esquerda (M. de Sarandi).



TAMANCA, S.f. Suporte de banco na cabrita.

TAMANCO, S.m. Cada um dos mancais que, nas serrarias, ligam as madres à armação.

TAMANDARÉ, Biogr. (V. Marques Lisboa, Joaquim).

TAMANDAREZISTA, Adj. 2 gên. Diz-se da pessoa sócia ou simpatizante do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré de P. Alegre, fundado em 18.01.1903.

TAMANDUÁ¹, Hidrogr. Ribeirão tributário do Jaquirana, pela margem direita.

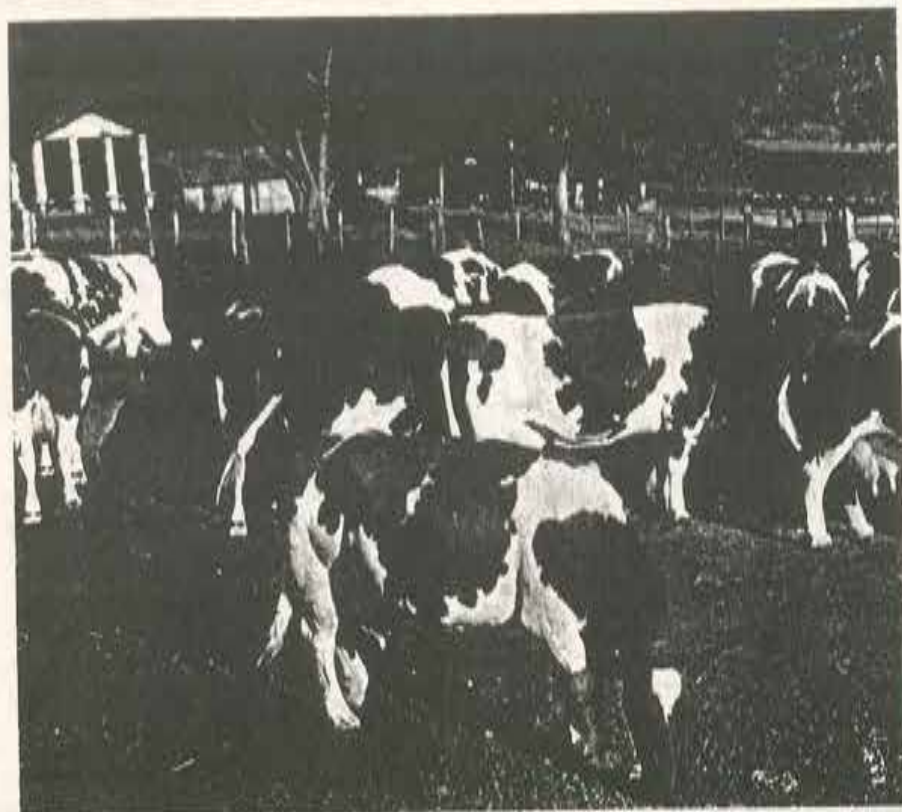
TAMANDUÁ², Geogr. Distrito na Encosta Inferior do Nordeste. Data da criação: 26.06.1961 (M. de Sobradinho). População:

1980.....1.382

TAMANDUÁ³, Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome. // Escola Estadual de 1º Grau Miguel Mergen. Casa de Saúde Tamanduá.

TAMANDUÁ⁴, Hidrogr. Arroio afluente do rio dos Touros, pela margem esquerda (M. de Bom Jesus).

TAMANDUÁ⁵, Geogr. Localidade no distrito de Marques de Souza, à margem direita do Forqueta (M. de Lajeado). // Associação Comunitária São Roque, Esporte Clube União. Clube de Mães Bom Conselho, fundado em 11.12.1976.



Vacas tambeiras

TAMANDUÁ⁶, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Aratiba).

TAMANDUÁ⁷, Hidrogr. Arroio afluente do rio Pratos, pela margem direita.

TAMANDUÁ-COLETE, S.m. Zool. Mamífero quase extinto da família dos xenartros. Parte do dorso e das virilhas de cor amarela pálida. Couro apreciado outrora para a confecção de maneias. Pl.: tamanduás-coletes.

TAMANDUAZINHO, Geogr. Povoado no Alto Uruguai (M. de Aratiba).

TAMANQUEIRO, S.m. Bot. Árvore da família das verbenáceas. Folhas grandes, oblongas, agudas. Flores e frutos inaparentes. Madeira branca, leve e macia (Aegiphila selloviana Cham.).

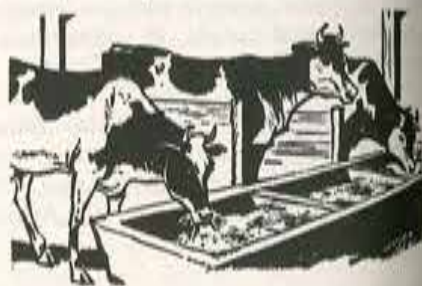
TÂMARA (Do ár. *tamrā*), Geogr. Localidade na região das Missões (M. de Itaquí).

TAMARUPARÁ, Hidrogr. Arroio afluente do Comandaf, pela margem direita. Nome anterior: Pessegueiro.

TAMBEIRÃO (Flexão aum. de *tambeiro*), Adj. Muito tambeiro. "Pego um potro criado ou novo, haragano ou *tambeirão*, sem esforço." (Aristides, Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 308). // Flexão fem. tembeirona.

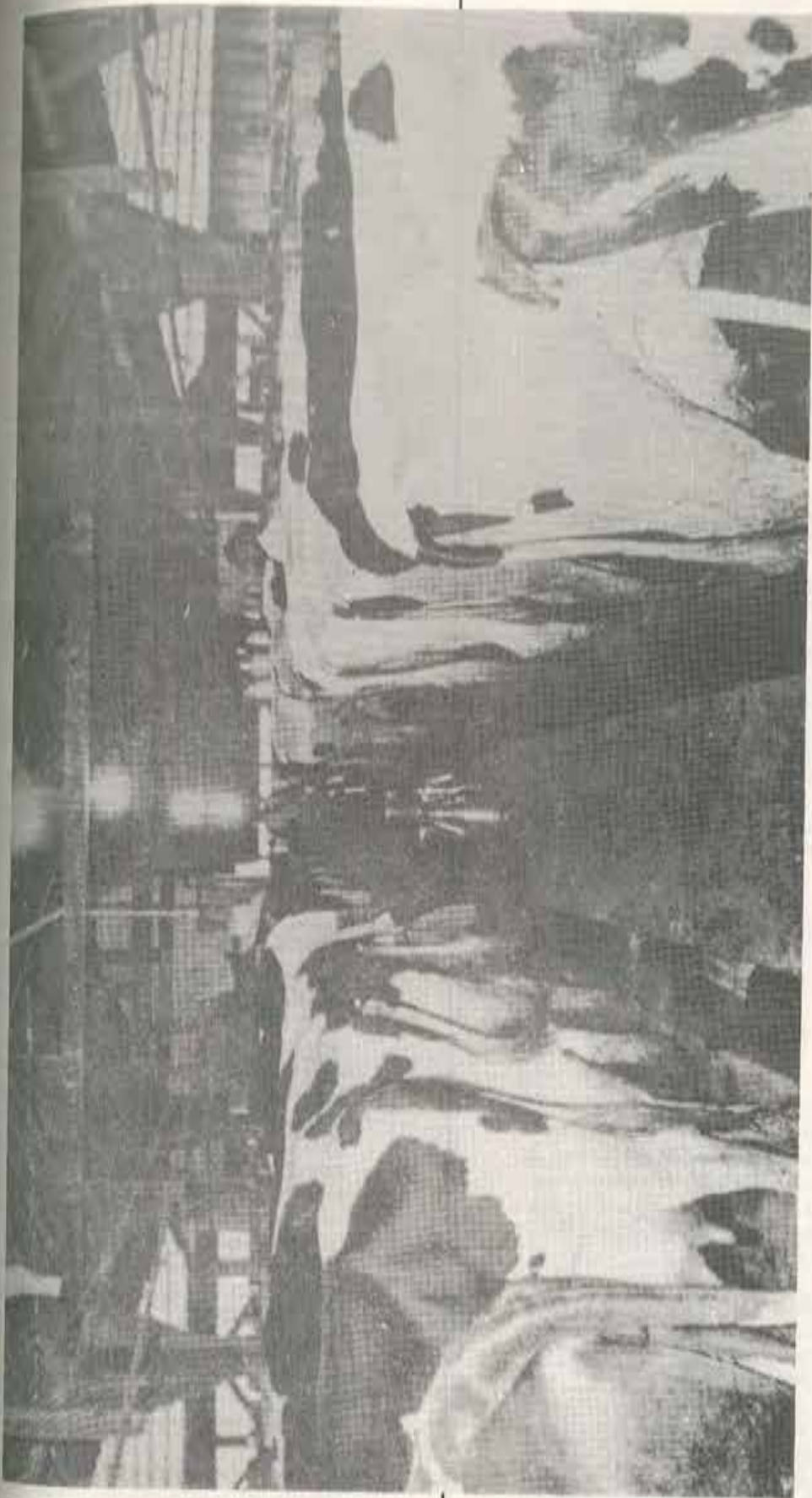
TAMBEIRADA (De *tambeiro* + *ada*), S.f. Porção de tambeiros.

TAMBEIRO (De *tambo* + *eiro*), Adj. e s.m. Diz-se do, ou animal já desembrutecido, em fase final de domesticação (opõe-se a xucro). "Era, então, de ver a luta formidá-



vel do Escolástico Madruga arremetendo de agulhada à mão contra os *tambeiros* do coice..." (Callage, Rincão, p. 59). "O velho Lessa - ele tinha pinta de *tambeiro*, mas era touro cupinado..." (S. Lopes, Contos Gaúchos, p. 72). "*Tambeiros* e vacas mansas iam indo para a frente e o rebanho parador." (Severo, Visão do Pampa, p. 182). "A tropa gordaça e parelha vinha arrimando às casas, ponteada por um sinuelo de dez *tambeiros*..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 138).

Vem tomar o chimarrão
no porongo da amizade,
Vem provar sinceridade



Tambo

num apoio de *tambeira*...

Macedo, Estância do Céu, p. 49.

Adag.: Com jeito de tambeiro há muito touro brabo. *Berrar como tambeira de primeira cria recém-apartada do terneiro*: manifestar mágoas excessivas; prantear-se; dizer entre lamúrias.

TAMBICU, S.m. Ictiol. Peixe da família dos caracáfdeos. Coloração cinza-prateada. Dois grandes dentes perfurando a maxila (*Rhaphiodon vulpinus* Agass). "Mesmo anzol, mesma linha, quase as mesmas voguinhas e *tambicus*." (Fagundes, Causos de Galpão, 3ª ed., p. 18). "Ele que antes só conhecia cascudos, lambaris e joaninhas de arroio, em poucas semanas distinguia *tambicus*, carás..." (Lothar Hessel, Brava Gente, p. 82).

TAMBÔ, S.m. Variedade de feijoeiro.

TAMBO (Do quichua *tampu*, albergue, pousa, através do esp. plat. *tambo*), s.m. Estábulo para ordenha. "São as vacas do seu Quitério, o leiteiro, que estão chegando para o *tambo*." (Vergara, Figueira Velha, p. 139). "Cuidou um *tambo* em Bagé." (Martins, Caminhos do Sul, p. 55). **Bibliogr.** De Paranhos Antunes, Gauchismos de origem quichua, C. do Povo, P. Alegre, 29.06.1956; Sílvio Júlio, Literatura, Folclore e Lingüística da Área Gauchesca no Brasil, Rio, A. Coelho Branco Filho Editor, 1962.

TAMBOATÁ, S.m. Ictiol. Peixe de pequeno porte, boca terminal e corpo revestido de duas séries de placas em cada flanco.

TAMBOR¹ (ô) (Do persa *tambur*), S.m. (V. Moenda).

TAMBOR² (ô), S.m. (V. Bacia). "Ao centro do *tambor* são atirados dois frangos novos." (Ramiro, Meu Rincão, p. 243). "Olhou o *tambor*, o caruru subia..." (Jacques, Brigadianos, p. 28). "O *tambor* do rinhedeiro era o orgulho do Miguel, (Antonio Damião, Apenas o Verde Silêncio, p. 34).

Valente galo de briga
— Guasca vestido de penas! —
Quando arrastas as chilenas
No *tambor* de um rinhedeiro
No teu ímpeto guerreiro
Vejo um gaúcho avançando
Ensangüentado, peleando,
No calor do entreveiro.

Braun, De Fogão em Fogão, p. 43.

TAMBORETÃ, Hidrogr. Arroio tributário do Sampaio, pela margem direita.

TAMBURIQUE, S.f. Bot. Árvore da família das leguminosas. Tronco grosso. Copa imensa, esgalhada. Madeira pardo-avermelhada. Fruto em forma de legume.

TAMOEIRO (De *tamão* + *eiro*), S.m. Peça torcida de couro, com botão de madeira na extremidade e quatro ramais, com a qual se prendem aos cambões a canga da quarta e a canga da ponta. "Já eram trens da carreta, como o *tamoeiro* e as conjuntas." (Severo, Visão do Pampa, p. 213).

Range a canga ao contato do *tamoeiro*,
Marcando o compasso lerdo da boiada
E ao tranco monótono e passeiro
Vai gemendo a carreta pela estrada.

Alfredo, Coisas do Pago, p. 57.

TAMPO (Var. de *tampa*, cf. o gótico *tapp*), S.m. A parte superior do balcão. "No *tampo* do mostrador sebento, alinhados os cálices de cachaça." (Jacques, Os Provisórios, p. 128).

TANA, S.f. Lugar em tronco de árvore, rocha ou na terra onde se oculta determinado animal (na Região Colonial Italiana).

TANANGÁ, Hidrogr. Arroio afluente do Nonoai, pela margem esquerda (M. de Sarandi).

TANCADA (De *tanque* + *ada*, cf. o lat. *stagnum*), S.f. Conteúdo de um tanque de salmouragem (nas charqueadas). "Ficaram os salgadores aprontando as últimas *tancadas*." (Wayne, Charqueada, p. 84).

TANCHAGEM (Metátese do lat. *plantago*), S.f. Bot. Erva vivaz, medicinal, da família das plantagináceas. Folhas radicais, ovais das. Flores branco-amareladas, reunidas em espigas (*Plantago major* L.). "Se resistia vinha o curandeiro com a vassoura intestinal, que era o óleo de ricino, acompanhado das ervas que brotavam nos quintais: a *tanchagem*, o funcho..." (Areimor, Benéficas duras e Feitiços, Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro de 1925).

TANCHAGEM-DE-ESPIGUINHA, S.f. Bot. Erva da família das plantagináceas. *Plantago tanchagens-de-espiguinha*.

TANCHAGEM-MIÛDA, S.f. Bot. Erva da família das plantagináceas. (*Plantago suris* Lam.). Pl.: *tanchagens-miúdas*.

TANÇO, Adj. Moleirão; sem pulso; frouxo; indolente.

TANCREDO, Biogr. (V. Porto Alegre, Apeles José Gomes).

TANDUJU, S.m. Ornitol. (V. Mira-céu).

TANGARÁ, S.f. Ictiol. Ave da família dos píprídeos. Plumagem azul e cabeça vermelha. Canta e dança (*Chiroxiphia caudata* Schaw). "Lá estava o bando de *tangarás*..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p.192).

TANGERINA¹ (Da raiz *Tanger*, cidade do norte da África), S.f. Fruto da tangerineira, árvore da família das rutáceas (*Citrus aurantium* L.). "Ali se encontravam a laranjeira-de-umbigo, a *tangerina*, a bergamota, o pêssego-maracotão..." (Aquiles, Paisagens Mortas, p. 144).

TANGERINA², Geogr. Localidade na Encosta inferior do Nordeste (M. de Venâncio Aires).

TANIMBU, Hidrogr. Arroio tributário do Piaí, pela margem direita (M. de Caxias do Sul).

TANGOLOMANGO, S.m. Caiporismo; azar; feitiço; evento desfavorável.

Por isso no tal Chimango
Há de dar *tangolomango*...

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2ª ed., p. 98.

E esquecia-se de tudo
Até do *tangolomango*
Que a pessoa do Chimango
Deu na Estância e em sua gente.

Prates, História de D. Chimango, p. 124.

TANGUARI (Do guar. *tayu*, veia e *guari*, torta. Ou do quichua *tangori*, garganta, esôfago), S.m. A aorta do bovino, muito apetitosa depois de cozida.

Galinha junta a ninhada
Sentindo o quiri-quiri;
Com faquita mal afiada
Não se corta o *tanguari*...

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 56.

TANGURUCHO, S.m. Conflito; luta; briga; peleja; guerra; disputa acirrada.

Inda hoje, orelhando a sota,
Ou retouçando as piguanchas
Faz disso todo o seu luxo!

Nunca faltou em *tangurucho*
Nas cabeceiras das canchas.

Zeca Blau, Trovas da Estância do Abandono, 2ª ed., p. 52.

TANQUE¹ (De *estanque*, com aferese), Geogr. Distrito nos Campos de Cima da Serra. Data de criação: 03.08.1977 (M. de São José do Ouro). População:
1980..... 541

TANQUE², Geogr: Vila, sede do distrito de Tanque.

TANQUE³, S.m. Reservatório de água corrente usado para esfriar os vapores do álcool (nos alambiques); pipa (em algumas regiões).

TAPA-COSTURA, S.m. Babado com efeitos de rendas ou cadarços que se coloca na extremidade inferior da saia.

TAPADEIRA, S.f. Grade de arrastão.

TAPADO¹, (Part. do verbo *tapar*, cf. o ár. *tabbaca*, cobrir), Adj. Diz-se do animal cavalar de um pêlo só, escuro, sem manchas ou sinais. "Não te fies em tobiano, nem bragado, nem melado; pra água tordilho; pra muito *tapado*..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 206).

TAPADO², S.m. Casaco de inverno para senhoras.

TAPAGEM (De *tapar* + *agem*, cf. o gótico *tappa*, tampa), S.f. (V. Taipa⁵).

TAPAR A LUZ, Loc. verb. (V. Luz¹).

TAPAR DA NOITE, Expr. Hora do escurecer; crepúsculo.

TAPE, S. 2 gên. Etnol. Indígena da tribo dos tapes; adj. 2 gên. relativo ou pertencente a essa tribo que, à época da catequese,



ocupava grande parte do atual território rio-grandense, dividida em cacicados como os de Tabacá, Corobai e Talubai. **Bibliogr.** José de Saldanha, Diário Resumido, Anais da Biblioteca Nacional, Rio, Vol. LI, 1938; H. von Ihering, A Civilização Pré-histórica do Brasil Meridional, Revista do Museu Paulista, S. Paulo, 1895; Aurélio Porto, História das Missões Orientais e seus Antigos Domínios, Rio, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, 1943. "O nosso povoado era novo e só habitado por *tapes* e charruas." (Heraclito, A Índia Rio-Grandense, p. 62). "Surgiu, então, a aliança da Colônia do Sacramento com o changador. Este, conjuntamente com *tapes*, charruas e minuanos, passou a repontar o gado, formando os rodeios..." (Anselmo F. Amaral, Os Campos Neutrais, p. 36).

TAPEANO (De *tape* + *ano*), Adj. Relativo ou pertencente aos *tapes*.

TAPEAR¹ (De *tapa* + *ear*, cf. a raiz *tapar*). V.t.d. Guiar o cavalo, quando montado sem freio, por meio de *tapas*. "Ia concentrado e triste e desde o Passo que atravessou a nado *tapeando* o cavalo..." (A. Maya, *Tapera*, p. 119). "A indlada era guapa e chegava logo *tapeando* os cavalos..." (Piá do Sul, *Farrapos*, 2ª ed., p. 159). "Uma hora depois o potro disparou; Bento *tapeou*..." (Freire, *Alma de Gaúcho*, p. 36).

TAPEAR², V.t.d. Revirar para cima a aba (do chapéu). "Dir-se-ia qualquer forma de lenda o gaúcho velho, assim de chapéu *tapeado*, pistola, chilenas..." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 48).

TAPEJARA¹ (Do guar. *tape*, corrupt. de *taba*, aldeia e *yara*, dono, senhor), S.m. Prático; conhecedor de caminhos; guia; homem experimentado que conhece bem certas paragens; adj. que conduz e orienta (o viajante). "A façanha do simpático oficial foi uma assentada de gaúcho... e gaúcho *tapejara!*" (Chicolomã, *A Reforma*, P. Alegre, 09.08.1874). "Meu pai era filho do índio mais cru das costas do Ibicuí e, como *tapejara*, no seu tempo, não tinha parceiros..." (A. Maya, *Alma Bárbara*, p. 81). "Atentei no vaqueano, velho e duro *tapejara*, curtido pelo minuano e pelos entreveros..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 10). "O Alexandre na frente como *tapejara* indicava ao longe pontos do campo..." (Osório, *Fogo Morto*, p. 270). "O índio era *tapejara* daquelas bibocas, nas quais sabia até onde moravam as corujas." (Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 90).

Cada um sabe o que faz,
Tudo é peonada macota,

Nascida ali na coxilha,
Tapejara e coronilha.

M. Pereira Fortes, *A Marcação*, p. 50.

Num capão de pouso certo
Morava o índio Santiago,
Pioneiro — taura vago,
Tapejara — quase peão!

Tadeu Martins, *Tarcas de Estância Antiga*, p. 48.

Tapejara: poema de Lauro Rodrigues, *Senzala Branca*, p. 115.

TAPEJARA², Potam. Rio tributário do Piracuçê, pela margem direita. Principais afluentes: Abaticaru, Boneta, Gregório e Honoratino. Nome anterior: Carreteiro.

TAPEJARA³, Geogr. Município do Planalto Médio. Data da criação: 09.08.1955. População:

1960.....	19.978
1980.....	21.140

12.669 eleitores em 1986. Topografia suavemente ondulada, com cotas altimétricas entre 600 e 700 metros, derrames basálticos e clima mesotérmico do tipo temperado. Solos predominantemente argilosos, suscetíveis à erosão. Silvicultura. Lavouras de milho, cevada, trigo e feijão-soja. Indústrias de transformação. Posto indígena de Charrua.



Cidade de Tapejara:
Igreja matriz

TAPEJARA⁴, Geogr. Cidade sobre uma colina, a 795 metros de altitude, entre cabeceiras do arroio Boneta, sede do município de Tapejara. Paróquia em 30.12.1926.



Tapera: aspectos da cidade antiga





Tapejara: localização geográfica

droeira: Nossa Senhora da Saúde. Nomes anteriores: Sede Teixeira e Teixeira. População:

1960.....	6.532
1970.....	8.335
1980.....	9.252

CTG Manoel Teixeira. Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Cooperativa Mista Charrua Ltda. 100ª Zona Eleitoral. Galpão Crioulo Fogo no chão. Escolas Estaduais de 1ª Grau Marquês de Maricá e Fernando Borba.



Escolas Estaduais de 1ª Grau Inc. General Osório e Valeriano Ughini. Clube de Diretores Lojistas. Clube Comercial. Hospital Santo Antonio. Sociedade Educacional Tapejarense.

TAPEJARENSE, Adj. 2 gên. De Tapejara; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município.

TAPENA, S.m. Ornitol. Ave falconiforme da família dos accipitrídeos. Dorsos, cauda e asas pretos. (Elanoides forficatus yetapa Vieil.).

TAPENSE, Adj. 2 gên. De tapes; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município.

TAPERA¹, S.f. Habitação inteiramente abandonada e em ruínas. Conto de Apolinário Porto Alegre, Revista da Sociedade Partenon Literário, P. Alegre, 1874; contos de Alcides Maya, Rio, Liv. Garnier, 1911; versos de Gentil Maciel, Santa Maria, Globo, 1951; *Tapera da Ilusão*, poemas de Moisés Menezes, P. Alegre, Ed. Proletra, 1985; *Tapera da Saudade*, versos de Julieta Urbano Sant'Ana, P. Alegre, Imprensa Oficial, 1959.

TAPERA², Hidrogr. Arroio afluente do Jaguarão, pela margem esquerda.



Dr. Sacrovir do Canto Lisboa
Líder emancipacionista de Tapera

U

ULACKER, Augusto Krueh, Biogr. (1847-1923) - Advogado, magistrado, jurista, jornalista e escritor cruz-altense. Em P. Alegre diretor-gerente da *A Federação* e fundador da *Revista Forense* (1893). Autor de várias obras, entre as quais *Livro do Promotor Público*, Rio, B. L. Garnier Editor, 1880 e *Juri e Jurados*, P. Alegre, Carlos Pinto Editor, 1892. Bibliogr. J. F. Velho Sobrinho, Dicionário Biobibliográfico Brasileiro, 1ª Vol., Rio, 1937.

UFPEL - Sigla da Universidade Federal de Pelotas, criada em 08.08.1969, com Conjunto Agronômico Visconde da Graça.

UFRGS - Sigla da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criada em 28.11.1934. Possui hoje 82 Departamentos e 78 Cursos de Graduação.

UFSC - Sigla da Universidade Federal de Santa Maria, criada em 14.12.1960.

UHLAND, Biogr. (V. Andrade Nenes Neto (José Joaquim de)).

UGCC - Sigla da União Gaúcha de Criadores de Canários, fundada na Capital em 23.04.1957.

ULLMANN, Emílio, Biogr. Comerciante e industrial. Na capital, em 1919, foi um dos incorporadores da Casa Bancária Jorge Pfeiffer & Cia., transformada em 1929 em Banco Pfeiffer S. A.

ULRICH, Artur Lara, Biogr. (1850-1939) - Advogado, jornalista e escritor pelotense. Na cidade natal dirigiu o *Jornal do Cemério* (1872-1878) e *A Discussão* (1885). Deputado provincial e estadual (1887-1903). Em Sant'Ana do Livramento foi diretor do *O Republicano* e fundou *O Debate* (1889-1902). Pai das poetisas Alayde e Matilde Ulrich. Autor de *Defesa do Coronel João Francisco Pereira de Souza*, Sant'Ana do Livramento, Tip. do Marechal de Ferro, 1903.

ULRICH DE OLIVEIRA, Sérgio, Biogr. Advogado e político, natural de Uruguaiana, nascido em 1873. Terminado o curso jurídico em São Paulo, retornou à cidade natal, onde foi por duas vezes vice-intendente. Deputado estadual em várias

legislaturas (1904-1920) pelo Partido Republicano, que o elegeu também deputado federal. Secretário das Obras Públicas no último governo Borges de Medeiros. Pai dos drs. José Sergio Majó de Oliveira, advogado e Augusto Tasso Majó de Oliveira, médico.



Sérgio Ulrich de Oliveira

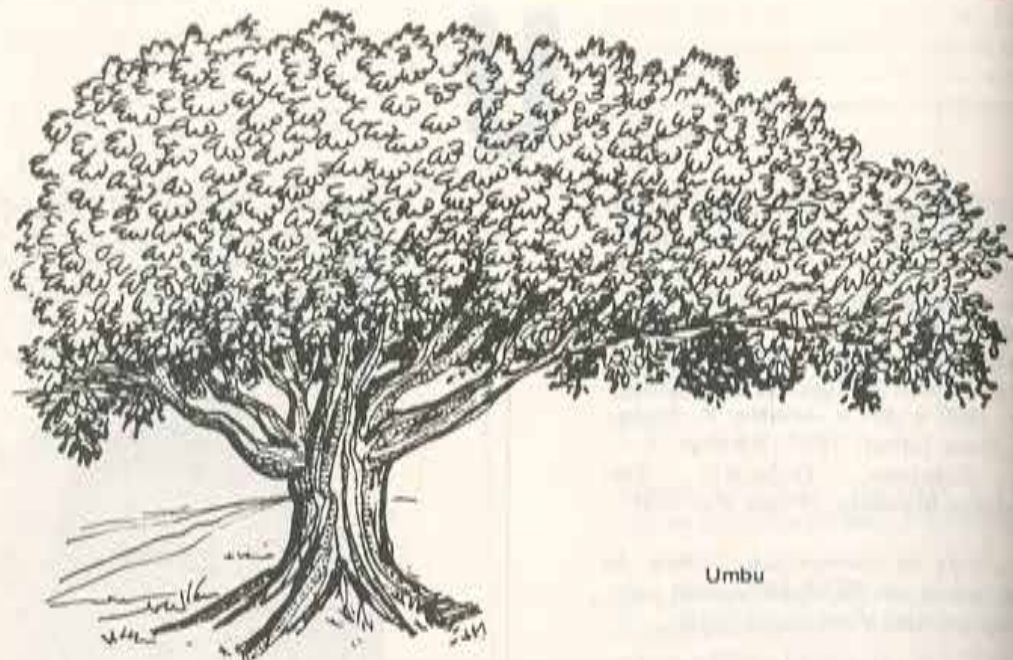
ULTIMAMENTES, Adv. No momento; na ocasião. "Ultimamente, podia ser..." (Calle, Rincão, 2ª ed., p. 36).

UM, S.m. Uma pessoa. "Choegua! Que um se rale por sua mulher, depois de casado, vá." (V. Pires, Querência, p. 129). "Vá um buscar o chinaredo, outro carnear." (Fontoura, Rancho Grande, 3ª Série, p. 34). "Lá no fio da coxilha descambou um..." (Cyro, Campo Fora, p. 21). "Apareceu um na estrada..." (Severo, Visão do Pampa, p. 191).

UMA-DE-A-PÉ, S.f. Desinteligência séria; discordância; dissensão; luta resultante de inimizade ou conflito de interesses. Pl.: umas-de-a-pé.

UMA PIVICA!, Interj. Exprime repulsa, protesto, contradita imediata, discordância. "Naqueles tempos uma rebordosa era um divertimento. Um divertimento, *uma pivica!*" (Jacques, Os Provisórios, p. 84).

UMBIGUDO, Adj. Diz-se do animal, especialmente eqüino, que apresenta saliência anormal ou rendadura no meio do ventre.



Umbu

UMBU¹, S.m. Bot. Árvore de grande porte e rusticidade da família das fitoláceas, também chamada umbuzeiro. Folhas caducas com limbo oval e base assimétrica, cuja queda começa no outono. Copa túpida. Tronco volumoso, de proporções avantajadas, ramos dirigidos em várias direções, que produzem sombreamento denso e compacto. Reproduz-se por sementes. Frutos em cachos de coloração amarela, comestível pelo gado, quando maduro. A casca fina, reticulada, purgativa e as raízes contêm apreciável quantidade de saponina. Apesar de extremamente sensível aos ventos, pode tornar-se multicentenária. Cresce espontaneamente em quase todas as formações florestais do estado, mas prefere as várzeas e lugares úmidos. Os primeiros espécimes, oriundos da província argentina de Corrientes, foram trazidos pelos jesuítas no século XVIII (Phytolacca dioica L.). "Dia brabo, calor de acender macegas. Até a sombra do *umbu* parecia descer quente dos galhos." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 67). "O calor aplastava, mas o *umbu* era um desses *umbus* criados..." (Severo, Visão do Pampa, p. 178). "Perto uma tapera grande, com mais de vinte *umbus*..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 57). "Um *umbu* frondoso montava guarda ao galpão em ruínas." (Jacques, Brigadianos, p. 66). "A madrugada dos campos do Rio Grande amanhece gritando na voz dos quero-queros. E o *umbu*, solitário, estende suas imensas raízes..." (Eleonora de Alencastro Massot, O Cantar de uma Alma, p. 46).

Saudade sem coração
Nem tapera sem *umbu!*

Piá do Sul, Gauchadas e Gauchismos, 2ª ed., p. 47.

De tudo uma dor eu trago
neste xucro peito cru:
ter feito tantos estragos
nas tenras cascas do *umbu!*

Guido Machado Moraes, Canto Pampa, p. 9.

Lenda do Umbu: Quando ouvido por Deus, que lhe perguntou "Que desejas?" assim respondeu a valiosa fitolacácea, segundo a lenda: "Quero dar sombra!" *Adag.:* Umbu velho não é fácil de derrubar. *Umbu*, contos de João Fontoura, dedicados a Leo de Affonseca Junior; 2ª Série, Rio, Tip. do Jornal do Comércio, 1920; poema de Álvaro Otávio de Alencastro, dedicado a Alcides Maya, Fantasias... e Quadros Pampaes, p. 33; versos de Augusto Meyer, Poesias, p. 24. *Umbus:* poema de Jorge Jobim, Poesias, p. 87. *Umbu Solitário:* poema de Jayme Caetano Braun, Galpão de Estância, p. 115; soneto de Roberto Odebrecht Junior, Horizontes do Pago, p. 29. *Umbu:* soneto de Homero Prates, Ao Sul dos Pagos, p. 39; poema de Cyro Galvão, Querência Xucra, p. 115).

UMBU², Geogr. Distrito na Depressão Central pertencente originariamente a São Vicente do Sul. Data da criação: 06.02.1921. Povoados principais: Chagas, Pau Fincado, Paula Gomes. Berço dos poetas Paulo

Não há raio sem clarão,
Carniça sem urubu,



Umbu³: localização geográfica

Sérgio de Gouvêa (M. de Cacequi). População: 1980.....1.749

UMBU³, Geogr. Vila à margem esquerda do arroio Umbu, sede do distrito do mesmo nome. // Sub-Unidade Sanitária.

UMBU⁴, Hidrogr. Córrego afluente do rio da Várzea, pela margem esquerda (M. de Carazinho).

UMBU⁵, Hidrogr. Arroio tributário do rio Ibicuí, pela margem esquerda (M. de São Vicente do Sul).

UMBU⁶, Hidrogr. Riacho que desemboca no rio Carreiro, pela margem esquerda.

UMBU⁷, Geogr. Lugar no 5º subdistrito (M. de Pelotas).

UMBU⁸, Geogr. Lugar na Serra do Sudeste (M. de Pinheiro Machado).

UMBU⁹, Hidrogr. Riacho formador do arroio D'El-Rei (M. de Santa Vitória do Palmar).

UMBU¹⁰, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Arroio do Meio).

UMBU¹¹, Hidrogr. Arroio afluente do Acangupá, pela margem esquerda (M. de Caçapava do Sul).

UMBUZAL (De *umbu* + *z* + *al*), S.m. Série de umbus. "Há cinamomos, angicos, laranjeiras e *umbuzais*..." (Ramirez, *Cancioneiro das Noites do Sul*, p. 54).

UMBUZEIRO, S.m. Bot. (Umbu¹).

Pro mate ou trago de pinga, na sesteada com braseiro, serve moita de restinga ou ramagem de *umbuzeiro*!

Kroeff, *O Gaúcho no Panorama Brasileiro*, p.85.

UMESPA – Sigla da União Metropolitana de Estudantes Secundários de Porto Alegre.

UNHA-DE-BOI, S.f. Bot. Planta da família das leguminosas. Folhas bilobadas. Casca adstringente. Flores de cor branca (*Bauhinia candicans* Benth.) Pl.: unhas-de-boi.

UNHA-DE-GATO, S.f. Bot. Trepadeira silvestre da família das mimosáceas, comum nas matas de galeria. As raízes constituem poderoso diurético. Floresce de novembro a janeiro. Inflorescência em capítulos esféricos amarelados (*Acacia paniculata* Willd.). Pl.: unhas-de-gato. "Nas touceiras de *unhas-de-gato*, corvos e caranchos gravavam em concerto..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 171). "Algumas corticeiras e *unhas-de-gato* arborizavam poteiros pelados." (Jacques, *Brigadianos*, p. 6). "Depois vinha um renque de *unhas-de-gato*." (Mozart, *Tempo de Piá*, p. 12). "Estando-se na plenitude de outubro, havia florada na várzea, com generosa coloração dos maricás, *unhas-de-gato*, espinilho e corticeiras." (Reverbel, *Saudações Aftosas*, p. 29).

Campereio orlas de mato
E vejo angico, branquilha,
Aroeira, *unha-de-gato*...

Fabio Silva Conceição, *Última Estância*, p. 29.

UNHA-DE-VEADO, S.f. Bot. Planta da família das solanáceas. Folhas com oito folíolos lanceolados, acuminados. Flores violáceo-pálidas, vistosas, agrupadas em cimeiras racemiformes. Fruto em forma de baga globosa, verde, com manchas brancas (*Cyphomandra fraxinella* Sendt.). Pl.: unhas-de-veado.

UNHAGATAL, S.m. Lugar onde crescem unhas-de-gato em grande quantidade. "Mas, tchê, cuidado com o *unhagatal* cerrado..." (Echenique, *C. do Povo*, Supl. Rural, P. Alegre, 11.05.1962).

UNHEIRA (De *unha* + *eira*, cf. o lat. *ungula*), S.f. (V. Basteira).

UNHEIRUDO (De *unheira* + *udo*), Adj. Que tem unheira.

UNIÃO¹ (Do lat. *unione*), Geogr. Povoado no distrito de Pinheirinho (M. de Palmitinho).

UNIÃO², Geogr. Quarto subdistrito de Boqueirão (M. de São Lourenço do Sul).

UNIÃO³, Hidrogr. Arroio afluente do rio Uruguai, pela margem esquerda.

UNIÃO GAÚCHA — Entidade regionalista pelotense, inaugurada em 20.09.1899, sob a presidência de Justiniano Simões Lopes.

UNIÃO NACIONAL — Agremiação política fundada em 08.06.1890 por republicanos dissidentes e elementos das facções monárquicas. Pregava o parlamentarismo. A 23.04.1891 passou a chamar-se Partido Republicano Federal. "Esse general aceitou conferências secretas com os membros da chamada *União Nacional*..." (Varela, Rio Grande do Sul, 1ª Vol., p. 203). "De outra parte, enfrentavam os castilhistas crescente oposição dos grupos da *União Nacional*..." (Sérgio da Costa Franco, Júlio de Castilhos e sua Época, p. 83).

UNIDO DE DIANTE, Expr. Diz-se do equino, cujo aprumo se apóia nos membros anteriores.

UNIDO DE TRÁS, Expr. Diz-se do animal cavalariço, cujo aprumo se apóia nos membros posteriores.



Grêmio Náutico União

UNIONISTA, Adj. 2 gên. Relativo ou pertencente ao Clube Náutico União de Porto Alegre; s. 2 gên. pessoa sócia ou simpatizante dessa entidade esportiva, fundada em 01.04.1906 com o nome de Ruder-Verein Freundschaft.

UNIPOL — União dos Policiais da 22ª Região Policial de Três Passos, fundada em 12.07.1986.

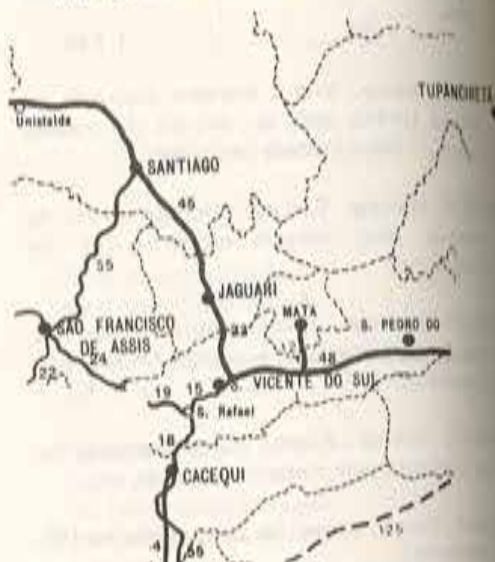
UNIPREV



UNIPREV — Sigla da União Previdenciária de Porto Alegre.



UNISINOS — Sigla da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.



Unistalda: localização geográfica

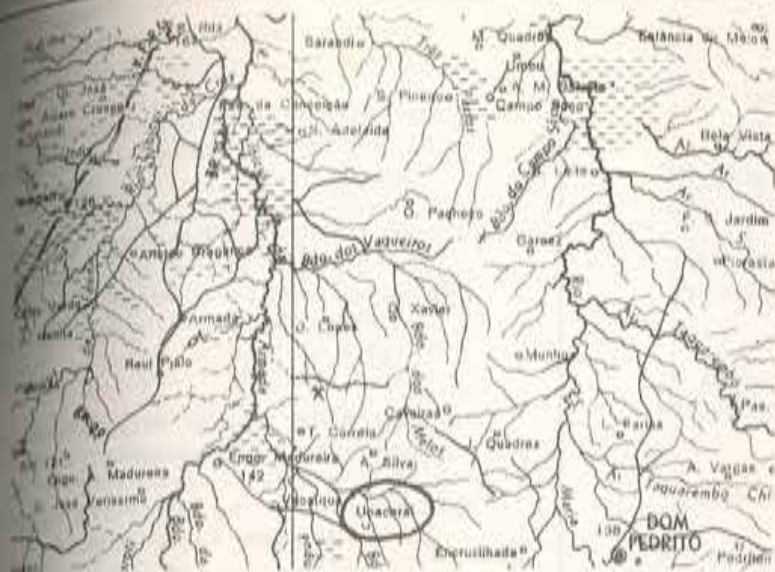
UNISTALDA¹, Geogr. Distrito na região de Missões. Data de criação: 07.04.1965 (M. de Santiago).

UNISTALDA², Geogr. Vila servida pela ferrovia Santa Maria-São Borja, sede do distrito de Unistalda. Nome anterior: Costa do Itaipava. // Escola Estadual de 1º Grau Inc. João Aquino. Sociedade Recreativa Unistaldense, fundada em 28.04.1985. Grupo Nativo Unistalda Presilha do Rio Grande, fundado em 25.02.1987. Associação Comunitária dos Moradores, fundada em 21.01.1989 sob a presidência de Rubens Xavier.



UVERGS — Sigla da União dos Vereadores do Rio Grande do Sul, fundada em Porto Alegre.

UNTO, S.m. A banha do umbigo do animal sem sal.



Upacara²: localização geográfica

UNTURA (Do lat. *unctura*), S.f. Substância feita de sebo, carvão moído e outros ingredientes, empregada no tratamento de feridas.

UPACARAI¹ (Do guar. *ypa* + *carahy* + *a*, a lagoa santa), Hidrogr. Banhado cujas cabeceiras se situam na coxilha do Haedo. Deságua no Ibicuí d'Armada, pela margem direita, após um percurso de 60 km. Corre em três galhos distintos e transborda com facilidade (M. de Sant'Ana do Livramento). "Partindo de Dom Pedrito, fomos acampar no *Upacará*, em campos de Maneco Xavier." (Flores, A Campanha de 1923, p. 110). *Barão de Upacará*: Demétrio José Xavier, hervalense, falecido em 1889.

UPACARAI², Geogr. Povoado servido pela ferrovia Bagé-Sant'Ana do Livramento (M. de Sant'Ana do Livramento).

UPACARAI³, Geogr. Localidade no 3º subdistrito (M. de Dom Pedrito).

UPAMAROTI¹ (Do guar. *ypá* + *maroty*, lagoa muito clara), Hidrogr. Banhado próximo à cidade de Sant'Ana do Livramento, onde nasce o Ibicuí d'Armada. "Ao meio dia já se sentia cansado. Vesteu no *Upamaroti*..." (Alencastre, A Vida Militar em um Romance, p. 58). // Var.: *Upamarotim*. "Dois dias depois, numa volta do *Upamarotim*, chegava o Coronel Cabeda com duzentos voluntários..." (Piá do Sul, Amores do Capitão Paulo Centeno, p. 47).

Há batalhas memorandas,
Dom Pedrito, Itaroquéim,
Rio Negro, aquém e além,
Alegrete, Inhanduí,
Upamarotim maldito...

P. Pedro Luiz, O Gênio do Pampa, p. 84.

UPAMAROTI², Geogr. Povoado no 3º subdistrito (M. de Sant'Ana do Livramento).

UPE – Sigla da União Passo-Fundense de Estudantes, fundada em 29.06.1952.

UPPA – Sigla da União Pelotense de Pensionistas e Aposentados, fundada em 04.08.1987.

UPU – Sigla da União dos Pedritenses de Uruguiana, fundada sob a presidência de Gilson Simões dos Santos, em 17.03.1987.

UQUES – Sigla da União Quaraíense de Estudantes Secundaristas, fundada em 1963 e reestruturada em 23.08.1987.

URCAÇO (Flexão aum. de *urco*), Adj. Muito *urco*. "E o zaino (um *urcaço*) nem se mexia, nem resfolegava..." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 149). "Andava tão cosquilhoso quando no *urcaço* montava..." (Simões Pires, Caraguatás, p. 24).

URCO (Flexão m. de *urca*, embarcação, cf. o fr. *hourque*), Adj. Diz-se do animal cavalhar grande e vistoso; zangão. "Ao tranco, o tordilho *urco*, animal de estimação e de confiança, de quando em vez tropicava..." (Fontoura, Rancho Grande, 3ª Série, p. 87). "Montava um gateado cabos-negros *urco*, meio estreleiro e sonador." (A. Maya, Rufnas Vivas, p. 133). "Espantado, fofoso, cabeça erguida, trocando orelha, olhando longe, era um *urco*..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 21).

URDUME, S.m. Fios dispostos para o tear (no Litoral).

URICANA¹, S.f. Bot. Pequena palmeira de estipe reto, coroadado por numerosas folhas.

Fruto em forma de drupa. Vegeta de preferência nos matos baixos e úmidos. Serve para a cobertura de casas (Geonoma Schottiana Mart.).

URICANA², Orogr. Morro no 19 distrito (M. de Montenegro).

URICANA-DE-FOLHA-LARGA, S.f. Bot. Planta da família das palmáceas. Pl.: uricanas-de-folha-larga.

URINÁRIA (Flexão fem. substantivada de *urinário*, cf. o lat. *urina*), S.f. Bot. Planta da família das leguminosas.

URRACA, S.f. Ornitol. (V. Alma-de-gato).

URSO (Do lat. *ursu*), S.m. Bolonista que converte o mais baixo ponto, em treinos e competições.

URTIGA-BRABA, S.f. Bot. Planta da família das urticáceas, também chamada urtiga-burro (*Urtica baccifera* Gaud.). Pl.: urtigas-brabas.

URTIGA-BURRO, S.f. Bot. (V. Urtiga-braba). Pl.: urtigas-burros.

URTIGA-DO-CAMPO, S.f. Bot. Erva da família das urticáceas. Pl.: urtigas-do-campo.

URTIGAS-DO-MAR, S.f. Zool. Espécie de água-viva, que se encontra no Litoral. Pl.: urtigas-do-mar.

URTIGA-DO-MATO, S.f. Bot. Erva da família das urticáceas, cujos pêlos produzem dolorosa sensação de queimadura. Folhas palmadas, grandes. Fruto capsular. Flores minutas distribuídas em cimeiras. Pl.: urtigas-do-mato. "Campiei umas *urtigas-do-mato*, daquelas de folha larga, felpudas..." (Apparício, Viagem ao Tempo do Pai, p. 85).

URTIGÃO (Flexão aum. de *urtiga*), S.m. Bot. Planta da família das urticáceas. Folhas cobertas de pêlos urticantes. Fibras têxteis muito usadas outrora pelos índios (*Urtica dioica* Lin.).

URU¹ (Do guar. *uru*, chefe), S.m. Ornitol. Ave galiforme da família dos fasianídeos, também chamada corcovado, semelhante à perdiz. Bico alto e negro com dois dentes no maxilar inferior. Cauda curta. Cabeça pardo-avermelhada, com estria amarela (*Odonophorus capueira* Spix). "Entre os galináceos o *uru*, o jacu, a jacutinga, a aracua..." (A. G. Lima, Rio Grande do Sul, 409 milheiro, p. 91). "Eram macucos, *urus*,

jacutingas, papagaios, inhambus..." (Coaco, Fachinal do Soturno, p. 137).

URU², Hidrogr. Riacho que se associa ao rio Santa Rosa, pela margem direita (M. de Tucunduva).

URUBU-CAMPEIRO, S.m. Ornitol. Ave falconiforme da família dos catartídeos. Coloração geral preta. Cabeça nua, encarnado-violácea (*Cathartes aura ruficollis* Spix). Pl.: urubus-campeiros.

URUBUCARU¹, Hidrogr. Arroio afluente do rio Ijuí, pela margem esquerda.

URUBUCARU², Geogr. Povoado na região das Missões (M. de São Miguel das Missões).

URUBUCARU³, Geogr. Localidade na região das Missões (M. de Caibaté).

URUBUCARUZINHO, Hidrogr. Córrego que desemboca no Urubucarú, pela margem esquerda.

URUBU-DE-CANELA-PRETA, S.m. Ornitol. Ave rapinadora da família dos catartídeos. Pl.: urubus-de-canela-preta.

URUBU-REI, S.m. Ornitol. Ave falconiforme da família dos catartídeos. Cabeça e pescoço nus com pintas vermelhas, amarelas e alaranjadas. Asas e cauda pretas. Lado inferior branco. Parte superior do corpo amarelo-clara, esbranquiçada. Caruncula grande na base do bico (*Sarcoramphus papa* L.). Pl.: urubus-reis.

URUÇÁ, Hidrogr. Arroio afluente do Caraça, pela margem direita (M. de Encruzilhada do Sul).

URUÇU, S.f. Entomol. Abelha silvestre da família dos meliponídeos (*Melipona nigra* Lep.).

URUCU, S.m. Bot. Arbusto da família das flacurtiáceas. Angulosas, cobertas de polpa serosa, as sementes contêm substâncias tintoriais (*Bixa orellans* Lin.).

URUCUNGADA (De *urucungo* + *ada*), S.f. Grande porção ou manada de urucungos.

URUCUNGO (Africanismo), Adj. Diz-se do cavalo ordinário; o mesmo que matungo e pilungo. s.m. animal urucungo. "Só então que enfrenava o primeiro *urucungo* e buscar o couro." (Odilon, Causos de João Maria, p. 91).



URUCUNGO: desenho de Tadeu Martins para o livro *O Cavalo Gaúcho* de Carlos Castillo (P. Alegre, Grafosul, 1983)

De tudo isso se alembrava quando se via despachado, da Estância posto de lado (Como um inútil pilungo!) como sovêu ramalhado como potro torto e troncho como caco de *urucungo!*

Aureliano, *Romances de Estância e Quebrância*, p. 41.

URUCURANA, S.f. Bot. (V. Sanguede-trago).

URUCUTAI, Hidrogr. Arroio tributário do rio Uruguai, pela margem esquerda. "No dia seguinte passamos os arroios Manoá e *Urucutai*, ambos com pontes de madeira..." (Hemetério, *As Missões Orientais e seus Antigos Domínios*, p. 312).



O rio Uruguai e a sua extensa bacia hidrográfica

URUGUAI, Potam. Rio coletor das águas da bacia ocidental do Rio Grande do Sul, que totaliza 147.320 km³ ou seja 52% da área hidrográfica do estado. Nasce no chamado Alto do Bispo, a 900 metros de altitude, com o nome de Pelotas, que conserva até a confluência do Canoas. Tem mais de 1.500 km de curso e cerca de cinquenta corredeiras no leito superior, profundamente inclinado. Navegável no trecho inferior, entre São Borja e a Barra do Quaraí, numa extensão aproximada de 250 km. Segue a direção Leste-Oeste e depois Norte-Sul até desembocar no magestoso estuário do Prata. Possui numerosas ilhas, entre as quais se destaca o grupo denominado São Xavier. Principais afluentes: Amaduaí, Butuí, Co-



O célebre estreito do rio Uruguai



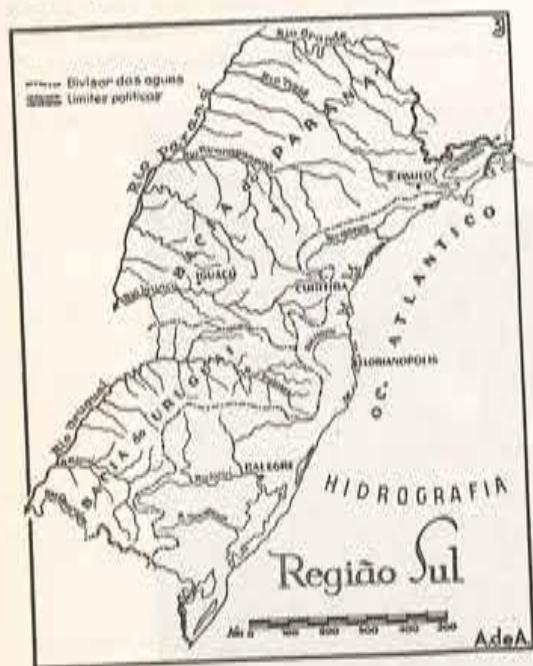
Rio Uruguai: ilhas do Chafariz (M. de Horizontina).

mandaf, Ibicuf, Ijuí, Imbaá, Manoá, Passo Fundo, Pindaf, Quaraf, Santa Rosa, Santo Cristo, Touropasso, Turvo e Urucutaf.

Bibliogr. Tupy Caldas, Geografia Histórica: rio Uruguai, Revista do IHG/RS, P. Alegre, Ano XX, 2ª Trim., 1940. "Lá embaixo o Uruguai escachoava nos lajedos." (Jacques, Os Provisórios, p. 26). "Industriou-se da viagem e resolveu passar o Uruguai à tarde mesmo." (Severo, Visão do Pampa, p. 259). "Nascera e criara-se à beira do Uruguai..." (Érico, Incidente em Antares, 13ª ed., p. 63).

Chorem coxilhas e várzeas,
No banhado as corticeiras!
Nas barrancas d'Uruguai
As suas águas ligeiras!

Gavião, Querência Xucra, p. 135.



Pioneiros às margens do Uruguai: ensaio de Frei Luiz Alberto De Boni, P. Alegre,

Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975.

URUGUAIANA¹, Oogr. Município da região da Campanha, ovinocultor por excelência, dotado de pastagens finas, muitas de origem aluvional. Data da criação: 28.05.1846. Padroeira: Santa Ana. População:

1960.....	63.713
1970.....	75.160
1980.....	91.497
1985.....	105.862

56.073 eleitores em 1986. Estação Experimental Zootécnica. Lavouras de arroz, trigo e soja. Criação de bovinos e ovinos. Fruticultura. Barragem do Sanchuri. **Bibliogr.** Ernesto Antonio Lassance Cunha, O Rio Grande do Sul, Rio, Imprensa Nacional, 1908; Henrique Martins, Geografia do Estado do Rio Grande do Sul, 5ª ed., P. Alegre, Globo, 1909; Manoel Adolfo Soares, Uruguiana — Um Século de História, P. Alegre, Globo, 1942; Fortunato Pimentel, Aspectos Gerais de Uruguiana, P. Alegre, Liv. Continente, 1942. Urbano Lago Villela, Uruguiana, Atalaia da Pátria, Canoas, Ed. La Salle,, 1971. "Trouxe cavalos de Pelotas e touros de Uruguiana..." (Martins, Caminhos do Sul, p. 28).

Sob esta luz campechana
repousa a figura arcana
de um lutador da coxilha
emponchado de flechilha
nos pagos de Uruguiana!
Ramirez, Gauchescas, p. 147.



URUGUAIANA², Geogr. Cidade sobre colinas e vales, com ruas largas de eixos retilíneos, à margem esquerda do rio Uruguai, sede do município de Uruguiana, fundada em 24.02.1843 por iniciativa de Domingos José de Almeida. Curato em 24.02.1843. Paróquia em 29.05.1846, com matriz concluída em 1874. Diocese criada em 15.08.1910. Nomes anteriores: Capão do Trigo e Santa na do Uruguai. População:

1960.....	52.173
1970.....	63.428
1980.....	80.348

Comarca de 3ª entrância. Clube Caixeiral, fundado em 01.11.1985 sob o nome de Sociedade de Beneficência União Caixeiral. Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários. Estátua do barão do Rio Branco, a primeira erigida no Brasil. Ponte Internacional ligando a cidade a Passo de los Libres. Cooperativa Regional de Lãs Vale do Uruguai Ltda..



10ª Delegacia Regional de Saúde. Cooperativa Agrícola Uruguiana Ltda. (CAUL). Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus Nossa Senhora do Horto. Hipódromo das Pedras Brancas. Sindicato Rural com Museu Histórico. Clube de Diretores Lojistas. Centro de Formação Profissional do SENAC. Faculdades de Zootecnia e Veterinária; Filosofia, Ciências e Letras; Ciências Contábeis e Administração. CTG Sinuelo do Pago. Escola Estadual de 1ª Grau Romaguera Corrêa. Associação Damas de Caridade. União Democrática Ruralista Nacional – UDR – Regional de Uruguiana, fundada em 12.07.1986. CTG Patrulha do Oeste. Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários.



União dos Pedritenses de Uruguiana (UPU), fundada em 17.03.1987 sob a presidência de Gilson Simões dos Santos. Vara da Justiça Federal, instalada em 24.09.1987. Subseção da OAB/RS. 10ª D.E. Consórcio Educacional Fronteira Oeste. Santa Casa de Caridade. Junta de Conciliação e Julgamento da 4ª Região. Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). // A cidade promove anualmente, na 1ª quinzena de dezembro, o concurso de composições e interpretações musicais regionais denominado Califórnia da Canção Nativa. "Estava era com vontade de se tocar diretamente para *Uruguiana*." (Dyonélio, O Louco do Catí, p. 263).

Eu fui passando de largo
Nas bandas de *Uruguiana*
Para não dar às morenas
O meu couro pra badana!



Cidade de Uruguiana: catedral de Santa Ana

Barão de Uruguiana: (V. Ferraz, Ângelo Muniz da Silva). *Cerco de Uruguiana*: assédio sofrido pela cidade, de 3 a 6 de abril de 1923, achando-se as forças revolucionárias sob o comando pessoal de Honório Lemes. *Uruguiana*: poema de Emílio Zahuar sobre a rendição dos paraguaios, Rio, 1865.



Domingos José de Almeida

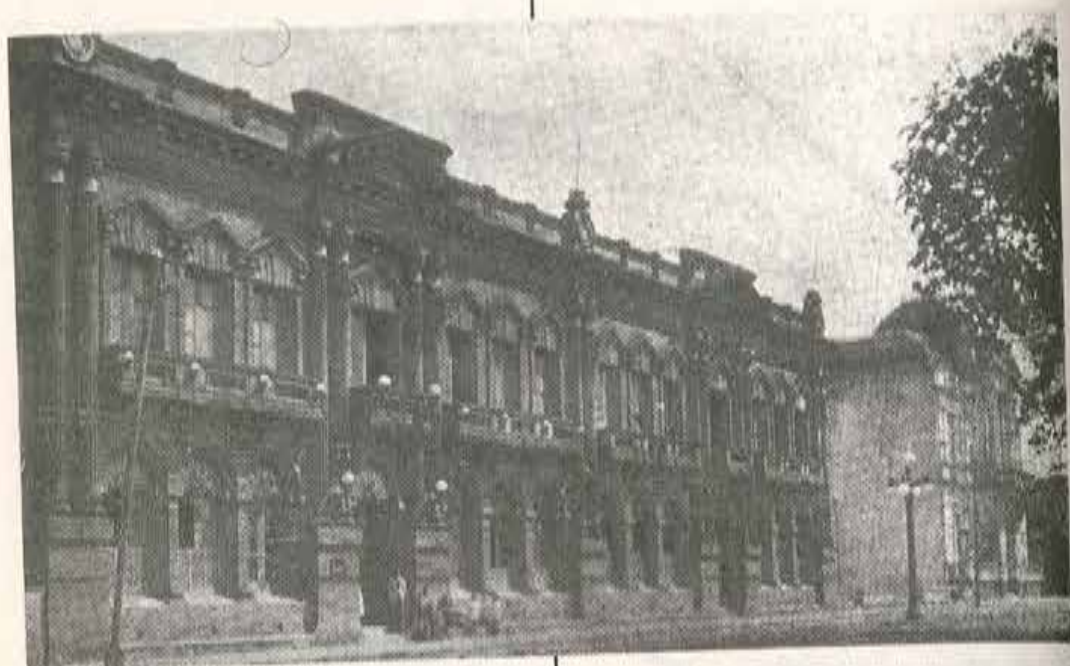


Uruguiana: localização geográfica

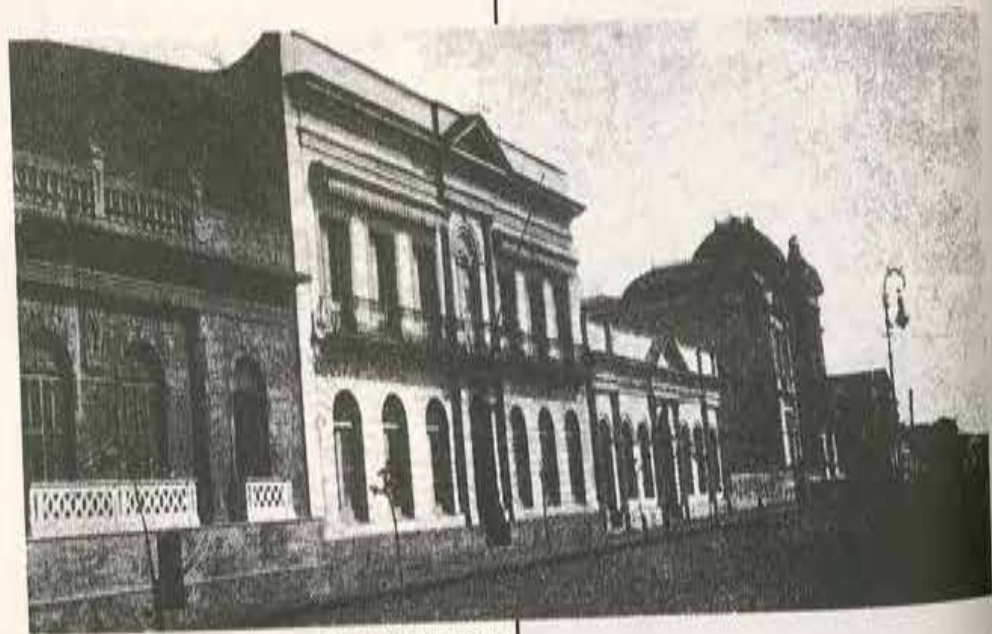


Coronel Gabriel Rodrigues Portugal, 1º intendente de Uruguiana.

Cidade de Uruguiana



Edifício da Prefeitura Municipal



Edifício construído pelo arquiteto Antonio Parga
para antiga Escola Municipal

URUGUAIANENSE, Adj. 2 gên. De Uruguaiana; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município, também chamado fronteiraista.

URUMBEBÁ (Do guar. *urũ + beba*), S.f. Bot. Espécie de tuna. "Uma venda erguia-se à margem do caminho; *urumbebas* entrelaçavam-se em touceiras..." (A. Maya, *Tapera*, p. 109). *Coçar-se em urumbeba*: procurar dificuldades ou problemas. *Adag.* Cavalinho não se coça em urumbeba.

URUPÉ, Hidrogr. Arroio tributário do Maricá, pela margem esquerda (M. de Caçapava do Sul).

URUPU, Geogr. Povoado no distrito da sede, servido pela ferrovia Santa Maria-Marcelino Ramos e à margem direita do arroio Urupu (M. de Cruz Alta).

URUPU, Hidrogr. Arroio afluente do rio Ijuzinho, pela margem direita.

URUPU-MIRIM, Hidrogr. Córrego que desemboca no Urupu, pela margem esquerda.

URUPUZINHO, Hidrogr. Riacho tributário do Urupu-Mirim, pela margem esquerda.

URUQUÁ¹, Hidrogr. Arroio afluente do Ijuí, pela margem esquerda. "Desse chamado Caaró nascia um arroio que tinha o nome de Caarocué, mas que hoje tem o de *Uruquá*..." (Hermetério, *As Missões Orientais e seus Antigos Domínios*, p. 265).

URUQUÁ², Geogr. Localidade na região das Missões (M. de Caibaté).

URUTAGO, S.m. Ornitol. (V. Urutau).

URUTAU (Do guar. *uru + taũ*, o pássaro chefe), S.m. Ornitol. Ave noturna, caprimulgiforme, da família dos nictibídeos, também chamada urutago, objeto de velho mito rio-grandense. Cabeça volumosa, larga e chata. Boca rasgada. Olhos grandes. Canto melódico, triste, que lembra o som da flauta (Nictibius griseus Gmelin.). "A voz natural, rouca, do *urutau* enche de uivos plangentes o campo..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 201).

Na céu brilha a lua cheia
Num tom taciturno e mau,
A coruja gargalheia
E canta triste o *urutau!*

Lola, *Saudades do Pampa*, p. 77.

Nunca vi prenda tão linda
nem de coração tão mau...
Por ela eu canto de noite
meus lamentos de *urutau!*

Ramirez, *Disparos de Tropa*, p. 34.

O Urutau: poema de Isolino Leal, *Água da Sanga*, p. 10. *Urutau*: poema de Manoel do Nascimento Vargas Neto, *Tropilha Crioula e Gado Xucro*, p. 119.

URUTU, S.f. Zool. (V. Cruzeiro). "Foi como se me livrassem de uma caverna de *urutus*." (Odilon, *Causos do João Maria*, p. 106). "A *urutu* (*Lachesis alternata*) vive no campo, onde freqüentemente se abriga em ocos de cupins." (Mozart, *Santo Antonio da Palmeira*, p. 49).

URUZADA (De *uru + z + ada*), S.f. Bando de urus. "Diacho de barulheira que essa *uruzada* vadia está a fazer!" (Ramirez, *Rio dos Pássaros*, p. 181).

USINA DO FORQUILHA, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Maximiliano de Almeida).

USINA DO GUARITA, Geogr. Povoação no Alto Uruguai (M. de Erval Seco). // Escola Estadual de 1º Grau Inc. Marialvo Bonacina.

USURA (Do lat. *usura*), S.f. Qualquer vantagem, liberalidade ou concessão (em carreira).

Com pouco estava de em pélo,
recebendo alguma *usura*...

Colmar Duarte, *Cancha Reta*, p. 22.

UTA!, Interj. Exprime espanto ou admiração; o mesmo que *uta*, barbaridade; e *utcha*; "Uta, índio! De noite parecia um tigre bombeando..." (A. Maya, *Alma Bárbara*, p. 82).

UTA, BARBARIDADE!, Interj. (V. Uta!) "Tudo pronto! *Uta, barbaridade!* Nunca se viu coisa igual!" (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 29).

UTCHA!, Interj. (V. Uta!) "*Utcha!* que a coisa estava se parando mais feia do que pelear de foice!" (Lessa, *O Boi das Aspas de Ouro*, p. 115).

UVÁ-BRANCO, S.m. Bot. Arbusto comum na serra Geral. Pl.: uvás-brancos.

Pra tronqueira a coronilha,
O cedro pra uma canoa,

Uvá-branco lenha boa,
Inda melhor o coentrilho!

Balbino, O Bruno Tivico, p. 136.

UVA-DE-FACHO, S.f. Bot. Árvore da família das rosáceas (Hertella hebeclada Mori.). Pl.: uvas-de-facho.

UVA-DO-MATO, S.f. Bot. (V. Abutua-da-terra). Pl.: uvas-do-mato.

UVAIA (Da raiz *uva*, cf. o lat. *uva*), S.f. Arbusto ou arvoreta da família das mirtáceas. Folhas pequenas, lanceoladas, opostas.

Flores axilares, brancas. Madeira vel melha forte. Fruto piriforme, comestível, de agradabilíssimo sabor; uvaieira (Eugenia uvalha Camp.). "Muito cipó, além de unha-de-gato, samambaias, macegões, alguma *uvaia* guaxa..." (Odilon, Causos do João Maria, p. 82).

UVAIEIRA¹, S.f. Bot. (V. Uvaia).

UVAIEIRA², Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Iraí).

UVERGS – Sigla da União dos Vereadores do Rio Grande do Sul, fundada em 23.05.1975 na cidade de Pelotas.

V

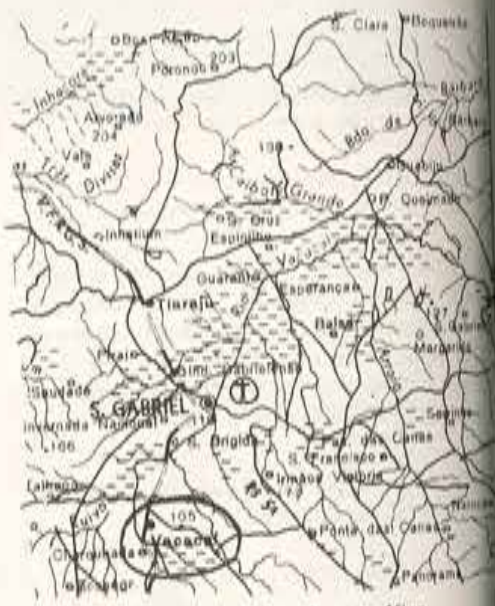
VACACAI², Geogr. Distrito na região da Campanha. Data da criação: 28.12.1838 (M. de São Gabriel). População: 1980.....2.852

VACACAI³, Geogr. Vila à margem direita do rio Vacacaf, servida pela ferrovia Bagé-Sant'Ana do Livramento, sede do distrito de Vacacaf.

VACACAI-MIRIM, Potam. Rio afluente do Jacuí, pela margem direita, outrora chamado Araricá. Nasce na serra de São Martinho. Tem belas e modernas pontes. "Tomamos pela extensa várzea chamada do Jacuí, mas que só margeia o *Vacacaf-Mirim*..." (Hemetério, As Missões Orientais e seus Antigos Domínios, p. 202). "Os demais rios são o *Vacacaf-Grande*, o *Vacacaf-Mirim* e o *Toropi*..." (Lassance, O Rio Grande do Sul, p. 168).

VACA COM TERNEIRO OU CRIA AO PÉ, Expr. Vaca com bezerro ainda não desmamado.

VACA DE CRIA, Expr. Vaca destinada à procriação. "Havia no lote duas *vacas de cria*." (Josué Guimarães, A Ferro e Fogo, p. 21).



Vacacaf: localização geográfica

Laço fino é pra terneiro,
Potrilho e *vaca de cria*...

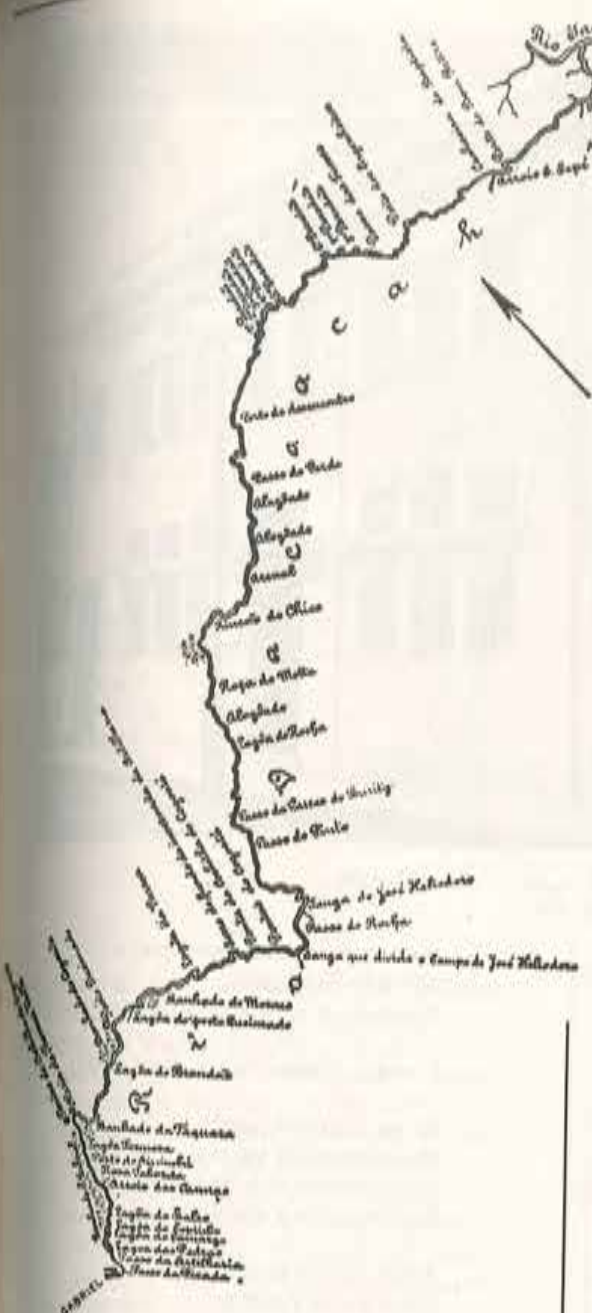
Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 45.

VACA DE INVERNAR, Expr. Vaca destinada ao engorde.

VACA DE PLANTEL, Expr. A que, pelo tipo, representa ser pura ou ter pelo menos 75% de sangue.

VACA DE VENTRE, Expr. Vaca com mais de três anos.

VACAGEM (De *vaca* + *agem*, cf. o lat. *vaca* ou do esp. plat. *vacaje*), S.f. O conjunto



sombreado negócios para uma *vacagem* de corte..." (Severo, Visão do Pampa, p. 72).

VACAQUÁ¹, Hidrogr. Arroio afluente do Upacará, pela margem esquerda. "No passo do *Vacaquá* fizeram uma sesteada." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 106).

VACAQUÁ², Geogr. Povoado no distrito da sede, servido pela ferrovia Bagé-Dom Pedrito (M. de Dom Pedrito). // Posto de Saúde.

VACAQUÁ¹, Hidrogr. Arroio tributário do Ibicuí d'Armada, pela margem esquerda. "Depois da vitória de julho, desceu a serra e se postou no *Vacaquá*..." (Varela, História da Grande Revolução, 3ª Vol., p. 488). "Lá pelo ano de 1928 fazíamos boas pescarias no rio Ibicuí, próximo à foz do *Vacaquá*..." (Raul, Mala de Poncho, p. 19). *Combate do Vacaquá*: combate ocorrido em 02.12.1843 entre as forças rebeldes de Urbano Barbosa e as legalistas de Vasco Guedes.

VACAQUÁ², Geogr. Localidade na região da Campanha (M. de Rosário do Sul). // Escola Municipal de 1ª Grau Inc. Nossa Senhora da Abadia.

VACARAÍ¹ (Hibridismo luso-guarani, de vaca + ray, terneiro), S.m. (V. Nonato). // Forma paral.: *bacará*. "Vou sangrar-te como ao *bacará* desta novilha..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 162).

VACARAÍ², Hidrogr. Arroio afluente do Velhaco, pela margem direita.

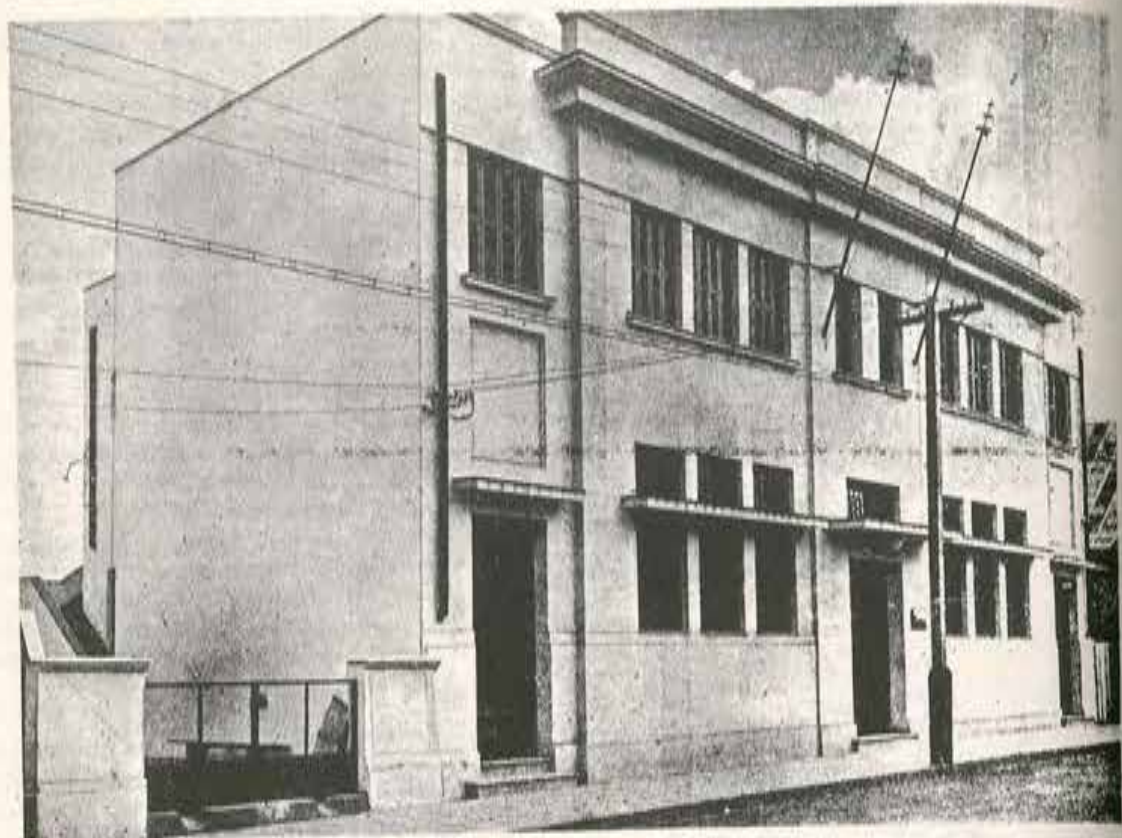
VACARIA¹ (Do lat. *vacca*. A variante *vag* deu vaquear etc. A forma *bacaria* ocorre, às vezes, do documentário do século XVIII. Como se sabe, a consoante *b* apareceu no português arcaico, em substituição ao *v*, por influência latina ou espanhola), S.f. Lugar onde os jesuítas no século XVIII conservavam para reprodução grandes manadas, especialmente de ventres. "Outros lagunistas subiam a serra e se apossavam de terras e gados das *vacarias*..." (Ferreira Filho, História Geral do Rio Grande do Sul, p. 30). "Sob o comando do cacique Cloiã, os guenoas caíram sobre os índios vaqueiros das Missões que transportavam das *vacarias* uma tropa..." (Aurélio, História das Missões Orientais do Uruguai, p. 309). "Os miguelistas têm sua *vacaria* noutros rincões." (Sérgio A. Raupp, Os Filhos do Pampa, p. 35).

VACARIA², Geogr. Município dos Campos de Cima da Serra, à margem esquerda do rio das Antas, onde existem as maiores altitu-

Mapa hidrográfico do Vacaraf, elaborado no ano de 1856/57 pelos engenheiros militares Manoel José Machado e Carlos Resin Filho.

vacas existentes numa determinada área. "Os campos do Rio Grande ainda produzem muita cavahada e *vacagem* gorda..." (V. Pires, Querência, p. 190). "Já andei pela *vacagem* gorda; a *vacagem* vai parelha." (Severo, Visão do Pampa, p. 41). "Conversaram sobre a estância, a novilhada engordava, a *vacagem* invernada estava linda..." (Martins, Casas Acolheradas, 2ª ed., p. 79).

VACAGEM DE CORTE, Expr. Os animais especialmente criados para o abate. "O velho Laurindo, cujo pensamento andava



Cidade de Vacaria: agência do BANRISUL, inaugurada em 15.12.1948.

des do estado, alcançando 1.080 metros nas cabeceiras do arroio Leão. Data da criação: 22.10.1850. Padroeira: Nossa Senhora de Oliveira. População:

1960.....	48.745
1970.....	57.097
1980.....	58.563
1985.....	60.612

36.094 eleitores 1986. Economia essencialmente agropecuária. Estação Experimental Zootécnica. **Bibliogr.** Ernesto Antonio Lassance Cunha, O Rio Grande do Sul, Rio, Imprensa Nacional, 1908; Alfredo R. da Costa, O Rio Grande do Sul, P. Alegre, Globo, 1ª Vol., 1922; José Fernandes de Oliveira, Rainha do Planalto, Caxias do Sul, Editora São Miguel, 1959. "Cavalhada grande, companheiros, se arrebanhou e domou pela Vacaria..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 193). "A minha gente era lá das bandas da Vacaria." (Anita, As Andanças do Zeca Pedro, p. 83).

Ah/ gaita quebra e baiquara
de quanta Revolução/
outra ou tu, rolando mundo,
nas Missões, no Passo Fundo,
Na Vacaria e no Aceguá.

Aureliano, Romances de Estância e Que-
rência, pp. 13-11.

Vacaria das grandes carreiradas,
dos grandes rodeios,
das coxilhas e várzeas de capim-mimoso...

Ferreira, Tapera da Saudade, p. 21.

Eu sou aquele tunante
Dos campos de Vacaria,
Quando ato a cola do pingo
Cuidado com a ventania!

Atirei um limão verde
Por cima da Vacaria,
Deu no ouro, deu na prata,
Deu na prenda que eu queria!

VACARIA³, Geogr. Cidade a 955 metros de altitude, sobre a serra do Mar, sede do município de Vacaria. Curato em 20.03.1761. Paróquia em 20.12.1768. Data da criação em 08.09.1934. Nome anterior Nossa Senhora de Oliveira da Vacaria. População:

1960.....	20.038
1970.....	28.571
1980.....	39.457

Comarca de 3ª entrância. Matriz em estilo gótico, à praça Daltro Filho. 58ª Zona Eleitoral, 23ª D.E. Escola Estadual de 2ª Grau São Francisco. Seminário Senhora de Fátima.

RÁDIO CIDADE DE VACARIA



Sociedade Esportiva, Recreativa e Assistencial União Operária, fundada em 18.02.1934. Liga Vacariense de Futebol. Cooperativa Trifécola Mista Vacariense Ltda. (COOPERVAL).



5ª Delegacia Regional de Saúde. 18ª Coordenadoria Regional de Fiscalização da Secretaria da Fazenda. 5ª Delegacia Regional Agrícola. CTG Porteira do Rio Grande. Junta de Conciliação e Julgamento da 4ª Região. 13ª Procuradoria Regional do Estado. Núcleo de Voluntariado da LBA. Subseção da OAB/RS.



Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Conselho de Entidades Assistenciais de Vacaria (CEAVA). Sociedade de Amparo a Meninos Abandonados Santa Cecília. Clube Recreativo e Cultural União da Glória. Hospital Beneficente São Pedro. Associação Pró-Ensino Superior dos Campos de Cima da Serra, com Faculdade de Letras e vários cursos. Eventos significativos: Rodeio Crioulo Internacional (janeiro); Semana Farroupilha (setembro); Semana do Município (15 a 22 de outubro). *Vacaria-Bom Jesus*: rodovia-RS 30 – com 63 km, passando por Itaimbezinho. *Vacaria-Caxias do Sul*: rodovia-BR 116 – com 108 km, passando por São Marcos.

VACARIA⁴, S.f. Lugar, onde nos séculos XVIII e XIX, reuniam-se aventureiros, brancos e índios, para o abate de animais e extração de couro, sebo, graxa e outros produtos de origem pecuária. "Chegavam das fainas das *vacarias*, facas flamengas ainda tintas do carneiro..." (Aurélio, O Tesouro do Arroio do Conde, p. 33).

VACARIANA (Flexão fem. substantivada de *vacariano*), S.f. Mazurca popular rio-grandense, transcrita por Mário de Andrade em seu *Ensaio sobre Música Brasileira*.

VACARIANO, Adj. De Vacaria; s.m. natural ou habitante desse município, também chamado *vacariense*. "Ao entregar a encomenda para o *vacariano*, este disse que deixaria a mula de refugo..." (Luiz Odilom, *Entrevero de Causos*, p. 196).

VACARIENSE, Adj. 2 gêneros. (V. *Vacariano*).

VACA SERVIDA, Expr. Vaca fecundada.

VADEAÇÃO (De *vadear* + *ação*), S.f. Ato ou efeito de vadear; transposição. "No entanto, apesar da vacância instintiva, não se arredavam desde a *vadeação* do Taquarémbo..." (A. Maya, *Tapera*, p. 107).

VADEAR (Do lat. *vadare* V.t.d. Transportar; atravessar a vau; passar de um lado para outro. "*Vadeou* o passo, subiu a trotezito uma ladeira comprida..." (Cyro, *Estrada Nova*, p. 52). "*Vadearam* um rio, vários arroios..." (Barcelos, *Estância Assombrada*, p. 84). "*Vadeou* o rio Jaguarão, acima do passo das Pedras..." (Canto e Mello, *Relíquias da Memória* 2ª ed., p. 74). "Chovia muito. *Vadeou* rios a nado. Atravessou a fronteira..." (Cyro, *Gaúchos no Obelisco*, p. 155).

VADEÁVEL (De *vadear* + *vel*), Adj. Que pode ser vadeado. "Era tempo de verão, estava baixo e portanto *vadeável*..." (Hemotério, *As Missões Orientais e seus Antigos Domínios*, p. 258).

VÁDIUS, Biogr. (V. Batista de Oliveira, Cândido).

VAGA-LUME, (De *vago* + *lume*), S.m. Nome dado ao bonde hipomóvel, sem tolda, que começou a circular em Porto Alegre em janeiro de 1873. Pl.: *vaga-lumes*.

VAGO (Do lat. *vagu*), S.m. Desmaio; delíquio.

VAGONETE (é) (Do fr. *vagonnette*), S.m. Pequeno estrado sobre rodas com o qual se transporta para o secador o arroz já descascado.

VAIVÉM¹ (De *va* + *vem*), S.m. Cabo de arame ou outro material que, preso às margens dos rios, serve para impulsionar a balsa.

VAIVÉM², S.m. Arame estendido entre dois postes altos para treinamento e preparo físico de parceiros.

VALADA MORTA, Hidrogr. Sanga afluente do Guafba, na cidade de Porto Alegre.

VAL DA SERRA¹, Geogr. Distrito no Planalto Médio (M. de Ivorá).

VAL DA SERRA², Geogr. Vila servida pela ferrovia Santa Maria-Marcelino Ramos, sede do distrito de Val da Serra.

VAL DE BUIA, Geogr. Lugar na Depressão Central (M. de Silveira Martins). *Os Ladrões do Val de Buia*: romance policial rural de Hipólito Machado, P. Alegre, Globo, 1933.

VALDEMAR BATINELLI, Geogr. Localidade no Planalto Médio (M. de David Canabarro). // Escola Municipal de 1ª Grau Inc. Santa Maria Goretti.

VALDEZ, Ernesto Cross, Biogr. Advogado e jornalista porto-alegrense, nascido em 1919. Pseudônimos: Del Vaz e Croval. Redator do *Diário de Notícias* de Porto Alegre e colaborador do *Correio do Povo* da mesma cidade. Especializado em assuntos de taquigrafia, sobre os quais escreveu valiosos ensaios.

VALDINHO REIS, Biogr. (V. Reis, Oswaldo Silveira).

VALDOMIRO SOARES LUZ, Biogr. (V. Ramirez, Hugo).

VALE (Do lat. *valle*), Hidrogr. Arroio afluente do rio Caf, pela margem direita.

VALE DA HARMONIA ALTA, Geogr. Povoação no distrito de Daltro Filho (M. de Garibaldi).

VALE DAS PALMEIRAS, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste, com grande produção de hortigranjeiros e cítricos (M. de Ivoti).

VALE DE SANTA LÚCIA, Geogr. Lugar no 1º distrito, a 5 km da sede (M. de Muçum).

VALE DE SÃO CRISTÓVÃO, Geogr. Lugar no 1º distrito (M. de Nova Brésia).

VALE DE SÃO JOSÉ, Geogr. Lugar no 1º distrito a 4 km da sede (M. de Arvorezinha).

VALE DO BURATI, Geogr. Povoação a 10 km da cidade (M. de Bento Gonçalves). // Na localidade, em 1923, foi construída a primeira usina elétrica do município, vendida à CEEE em 1954.

VALE DO HERMES, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Feliz).

VALE DO LOBO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Feliz).

VALE DO RIO CAÍ¹, Geogr. Distrito na Encosta Inferior do Nordeste. Data de criação: 07.12.1977 (M. de Nova Petrópolis). População:
1980.....1.832

VALE DO RIO CAÍ², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

VALE DO RIO DAS ANTAS, Geogr. Lugar na Encosta Superior do Nordeste (M. de Veranópolis).

VALE DO RIO TURVO, Geogr. Lugar no 1º distrito, a 4 km da cidade (M. de Campo Novo).

VALE DO SAMPAIO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Lajeado).

VALEIRO (De *valo + eiro*, cf. o lat. *vallu*). S.m. Aquele que, por empreitada ou mediante salário, abre canais de drenagem e irrigação. "Nesse lugar (por sugestão do nome) os tempos me enfrentaram; fui avestruzeiro, aramador, *valeiro*..." (Jáder Gonçalves, C. do Povo, Caderno de Sábado, P. Alegre, 01.02.1975).

VALENÇA, Hidrogr. Arroio tributário do Arenal, pela margem esquerda (M. de Santa Maria).

VALÊNCIA¹, S.f. Variedade de laranja.

VALÊNCIA² (Da raiz *valer*, cf. o lat. *valere*). S.f. Merecimento, valor, préstimo; poder; importância; influência.

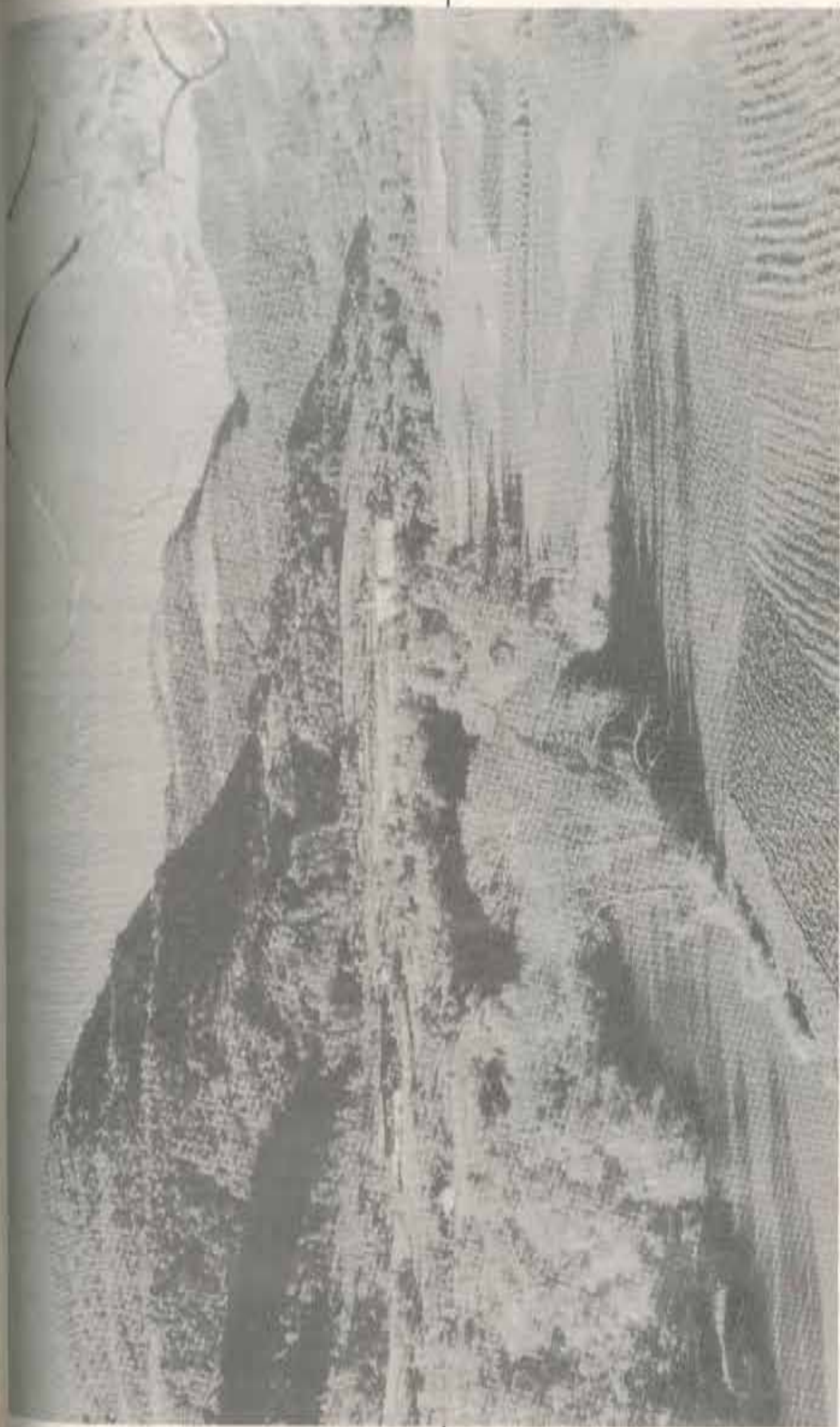
VALENTIM BERTO, Geogr. Povoado no Alto Uruguaí (M. de Barão de Cotegipe).

VALENTINENSE (De *Valentim + ensel*). Adj. 2 gêneros. De São Valentim; s. 2 gênero. natural ou habitante desse município.

VALE QUATRO, Expr. Lance no jogo de truco, Vale quatro pontos. "Se envidava com 30 os outros gritavam 32 e não dava retruco que não o despilchassem no *vale quatro*..." (Darcy, No Galpão, 3ª ed., p. 96).

- Truco essa flor!
- Retruco!
- Quero o *vale quatro*!

Ribeiro, Serigote Prateado, p. 45.



Vale do Rio Carí: vale fértil, encostas cobertas de verde e morros de atracente beleza

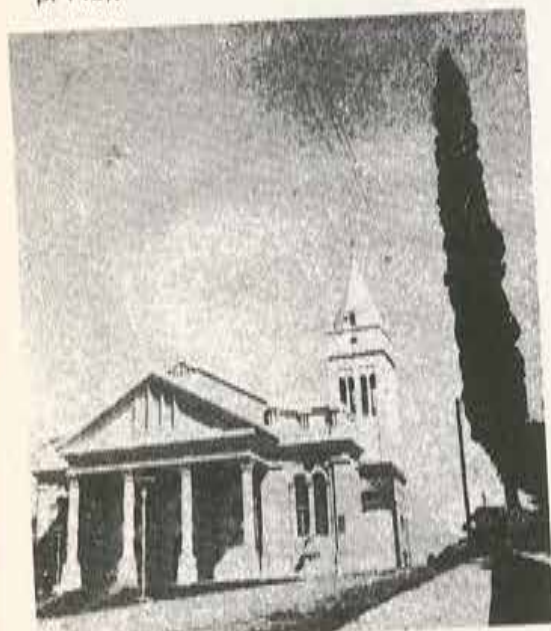
VALE REAL, Geogr. Povoado no 1º distrito, à margem direita do rio Caf (M. de Feliz). // Companhia Riograndense de Telecomunicações.



VALETÃO (Flexão aum. de *valeta*), S.m. Valeta grande para irrigação (nas lavouras de arroz). "Uns são taapeiros, açudeiros, trabalham nos *valetões*..." (Martins, Caminhos do Sul, p. 140).

VALETEIRO (De *valeta* + *airo*), S.m. Aquelle que faz valetões.

VALE VÊNETO¹, Geogr. Distrito na Depressão Central (M. de Faxinal do Soturno). // Os desbravadores do local foram imigrantes italianos oriundos de Silveira Martins (1878) // Foi em Vale Vêneto que se estabeleceram, no Rio Grande do Sul, os primeiros padres Palotinos, congregação romana fundada em 04.04.1835. "Também aqui, como em *Vale Vêneto*, a caça era abundante..." (Cesca, Faxinal do Soturno, p. 142).



Entre as preciosidades dos primeiros tempos de colonização de Vale Vêneto, além do museu, com grande acervo da época, destaca-se o sino existente na Igreja Matriz de Corpus Christi (foto), fundido em Paris, pesando 1.500 quilos e doado pela condessa Ana Stehpool

VALLE SOARES, Pery, Biogr. (1898-1941) Jornalista e escritor, natural de Porto Alegre. Nesta cidade fundou, em 05.02.1918, a *Revista Moderna* com a colaboração de Ladislau Rocha e Domingos Filho. Autor de *Névoas*, versos, P. Alegre, 1917.



Vista panorâmica de Vale Vêneto

VALE VÊNETO², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

VALE VITÓRIA, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Barão de Cotegipe).

VALFELTRINA, Geogr. Localidade na Depressão Central (M. de Silveira Martins).

VALIM, Geogr. Povoado no Litoral (M. de Mostardas). // CTG Os Mostardeiros.

VALO NOVO, Hidrogr. Arroio afluente do Sarandi, pela margem esquerda (M. de Sarandi).

VALQUÍRIA, Biogr. (V. Koseritz, Carolin von).

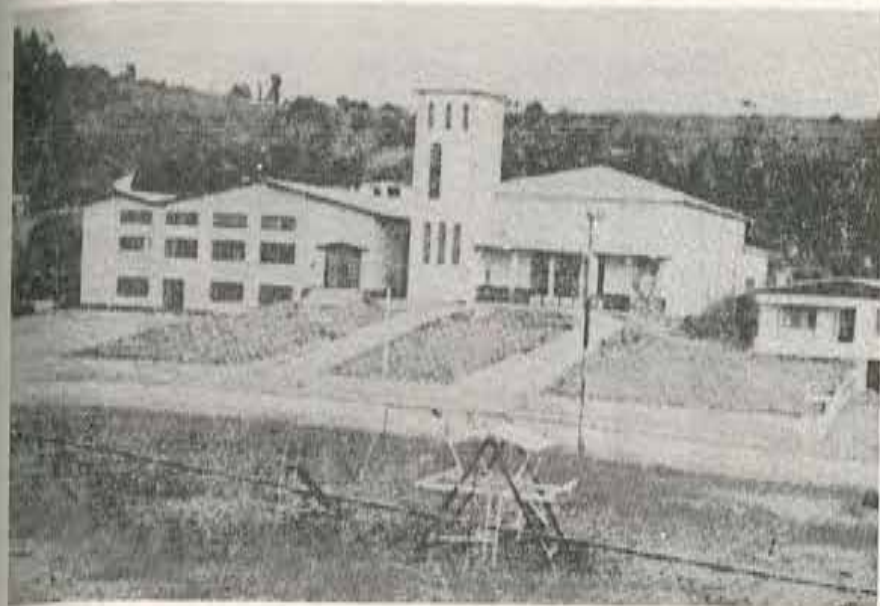
VALVERDE, Geogr. Balneário no 1º distrito, junto ao canal de São Gonçalo (M. de Pelotas).

VAL VERONÊS¹, Geogr. Povoação na Depressão Central (M. de Silveira Martins).

VAL VERONÊS², Geogr. Localidade no distrito da sede (M. de Faxinal do Soturno).

VANACOR, Ernani Bartolomeu, Biogr. jornalista e escritor, natural de Uruguai, nascido em 1905. Assinatura usual: Ernani Vanacor. Pseudônimo: Bartolomeu Ervane. Obras principais: *Fruto Maduro*, versos, P. Alegre, Tip. Gundlach, 1933; *Vitrine*, id., P. Alegre, Globo, 1936 e *Cálice Amargido*, Santa Maria, Liv. Comercial, 1940.

VANERA (Forma alternada de *habanera*); S.m. Dança em compasso de 2/4. "O que vamos bailar? — perguntou Atanásio — Uma vanera?" (Severo, *Visão do Pampa*, p. 20). "Toca uma *vanera*, Talino, a Luiza pedida." (Apparício, *Viagem ao Tempo do Pampa*, 38).



Cidade de Vanini:
Igreja matriz.

Eram marcas soluçantes,
Milongas, chotes, *vaneras*...

Ramirez, Gauchescas, p. 35.

Var.: vaneira. "Dançavam o dobrado, a marcha, a rancheira, o chote, a valsa, a *vaneira*..." (Romualdo J. Clauss, Tucunduva, p. 75).

Dançando chote e *vaneira*
Com chinaredo a la farta,
Bebendo cachaça em quarta
Se bailava a noite inteira.

Dornelles, Campos Abertos, p. 87.

VANERÃO (Flexão aum. de *vanera*), S.m.
Vanera com acordes especiais. "Ali se ficava à noite, ao pé do fogo, chimarreando, contando causos e ouvindo a cordeona do Florêncio e o violão do Justino desfilando *vanerões*, polcas e milongas." (Ramirez, Rio dos Pássaros, p. 15).

Berros de quarenta e quatro
de cada canto da sala
e a velha gaita baguala
num *vanerão* pacholento
fazendo acompanhamento
do turumbamba de bala!

Braun, Bota de Garrão, p. 47.

Quando abraço a gaita velha
abro o peito cantando,
ela se dobra e se espicha
num *vanerão* resmungando.

Eugênio Rodrigues Flores, Bolicho de
Campanha, p. 35.

// Var. vaneirão.

VANINI¹, Geogr. Município na Encosta Superior do Nordeste. Data da criação: 08.12.1987. Área territorial: 62 km². Padroeiro: São Brás. População: 1988.....4.000

Limita-se com São Domingos do Sul, Cirfaco, David Canabarro e São Jorge. Produção de fumo, soja, trigo, cevada, feijão e milho. Avicultura. Gado leiteiro e de corte.

VANINI², Geogr. Cidade à margem esquerda do arroio São Domingos, sede do município de Vanini // Festa de São Brás. Companhia Riograndense de Telecomunicações.

CRT

Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus Cônego Josué Bardin. Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Associação de Desenvolvimento Comunitário, fundada em 16.01.1989.

VANIQUE, Flaviano de Mattos, Biogr. (1898-1977) — Oficial do Exército, reformado como general de Brigada, natural de Bagé. Durante quatro anos foi ajudante de ordens do presidente Getúlio Vargas e posteriormente Chefe da Casa Militar.

VANTAJISTA (De *vantagem* + *ista*, cf. o fr. *avantage*), Adj. 2 gên. Diz-se da pessoa interesseira, que atende só as próprias conveniências, para usufruir ganho ou lucro. "Era falastrão, *vantajista*, mas buenacho..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 40).

VAPORITI, S.m. O fruto roxo, comestível, do vaporitizeiro ou essa própria árvore.

VAPORITIZEIRO (De *Vaporiti + z + ei-ro*), S.m. Bot. (V. Vaporiti).

VAPOR VELHO, Orogr. Morro no 1º distrito (M. de Montenegro).

VAQUEANAÇÃO (Flexão aum. de *vaqueano*), Adj. Vaqueano de excepcional valor. "O Manduca era *vaqueanaço* destes pagos todos, daqui ao Rosário..." (V. Pires, Querência, p. 160). "Valia um platal. *Vaqueanaço* em apertar capões gordos." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 13).

Porém, nas lidas campeiras,
era o homem dos arreios,
o índio bom nos rodeios,
nos apartes *vaqueanaço*...

Roberto Osório Junior, Horizontes do Pago, p. 94.

VAQUEANAGEM (De *vaqueanar + agem*), S.f. Ação ou procedimento de vaqueano; vaqueanismo.

VAQUEANAR (De *vaqueano + ar*), V. int. Exercer a profissão ou executar serviços de vaqueano; reconhecer lugares e posições; descobrir (lugares) pelo tino; guiar; orientar; encaminhar-se por algum indício; conduzir com acerto; dirigir com habilidade (animais, viajantes etc.); ajustar-se ou adaptar-se corretamente (viajando) à direção ao ponto desejado. (Pres. ind.: vaqueaneio, vaqueanelas, etc.). "Me rogou que tornasse presto para *vaqueanar* a tropa..." (Bello, Farrapos, p. 29).

VAQUEANIA (De *vaqueano + ia*), S.f. Qualidade de vaqueano; aptidão para orientar-se (viajando); facilidade em identificar paragens, sítios etc.; o mesmo que vaquia. "As vezes, apesar da *vaqueania*, se erra o atalho..." (Severo, Visão do Pampa, p. 158). "Achava-se exausto de andar. Estava gasto. E ademais para que tanta *vaqueania*?" (Cyro, Campo Fora, p. 41); (por ext.) experiência; soma ou conjunto de conhecimentos práticos; traquejo; tirocínio; mestria; saber; perícia para alguma coisa.

VAQUEANISMO (De *vaqueano + ismo*), S.m. (V. Vaqueanagem).

VAQUEANO (Provavelmente de *baquia*, designação dada ao soldado veterano da conquista do México, através do esp. plat. primitivo *baquilano*), S.m. Indivíduo que conhece bem certas paragens; aquele que está habilitado a indicar o rumo certo, a boa direção; adj. perito em determinar a posição

de um lugar; muito sabedor e experiente (em conhecimentos geográficos). "Perto do princípio do mês de janeiro, ele enviou um *vaqueano*..." (Calde e Filho, O Corsário, O Americano, Rio, 17.03.1849). "De súbito, o campeiro, estacando o cavalo, interpeleu o *vaqueano*..." (Bello, Os Farrapos, p. 149). No Areal, duas léguas e pico do povo, o *vaqueano* varou o passo das Capivaras..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 127). "Um *vaqueano* de verdade não tem medo de cerração." (V. Pires, Querência, p. 159). "Era o seu *vaqueano*, o seu chasque, o seu agente de peões." (A. Maya, Alma Bárbara, p. 65).

Embuçalou-me a tirana e, em tom de voz tirano,
Perguntou-me depois: "Perdeu-se o *vaqueano*?"

Múcio, Poesias, 1ª Vol., p. 340.

Melo cruzado com gringo,
Mas teso em riba dum pingo!
Bom campeiro e mui *vaqueano*...

Zeca Blau, Trovas da Estância do Abandono, 2ª ed., p. 44.

Saiu no rastro um *vaqueano*,
gaúcho taura e campeiro...

Schultz, Galponeiras, p. 89.

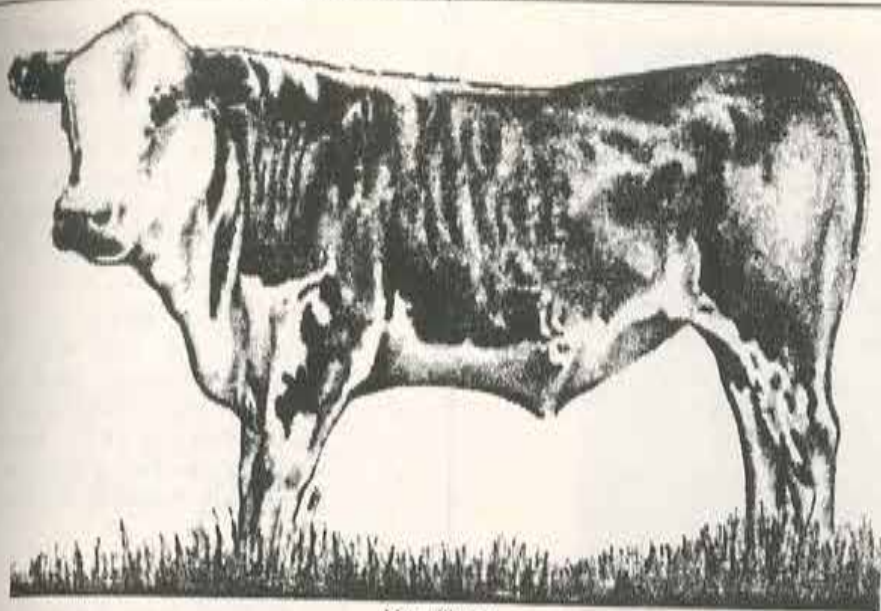
O *Vaqueano*: poema de Bernardo Taveira Junior, Provincianas, p. 17. *Vaqueano*: soneto de Francisco de Magalhães, Reminiscências de Gaúcho, p. 73; poema de Jayme Caetano Braun, Bota de Garrão, p. 39. *Vaqueanos da Tradição*: CTG fundado na cidade de Osório em 21.09.1976.

VAQUEIRA (Da *vaca + eira*), S.f. (V. Matambre). "Numa rinconada de mato cerrado... tiraram o couro pra barraca essa noite o sangrador com a língua, as *vaqueiras*..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 117).

VAQUEJAR (De *vaca + ejar*), V.t.d. Prostrar (o macho) a vaca. "Dois tourinhos pampas mais novos tinham saltado aramado e já andavam *vaquejando*..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 295).

VAQUIA (Metaplasmo de *vaqueania*), S.f. (V. Vaqueania). "Que *vaquia*, companheira, no manejo das rédeas..." (Piá do Sul, Farrapo, 2ª ed., p. 180). "Com a *vaquia* em anos, o serrano desatrelava os animais..." (Martins, Caminhos do Sul, p. 158).

Vai começar o aparte,
tirando logo um sinuelo,



Vaquilhona

de pacito com desvelo
e sem fazer tropelia,
segundo velha *vaquia*...

Roberto Osório Junior, Horizontes do
Papo, p. 106.

Adag.: Mais vale a vaquia do ginete do que a
brabeza do potro,

VASILHONA (Do esp. plat. *vaquillona*), S.f.
Vaca de um e meio a três anos; novilha
nova; vaca ainda não servida. "Fazia-se
logo; carneava-se o munfício escolhido
entre as *vaquilhonas* mais nédias..." (A.
Maua, Ruínas Vivas, p. 33). "Os soldados
carneavam uma *vaquilhona* brasina esmo-
lhada..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 201).
"Todas as manhãs sangravam-se duas ou três
vaquilhonas." (Cyro, Mensagem Errante, p.
70).

VAGUINHA (Flexão dim. de *vaca*), S.f.
Entomol. (V. Burrinho).

VARA (Voz de etimologia não identificada,
cf. o lat. *vara*), S.f. Ramo de árvore ou
arbusto roliço, de diâmetro variável, que se
coloca ao comprido, transversalmente, na
porteira para a fechar; varejão. "Tristão
esperou sentado na *vara* da porteira..."
(Montoura, Umbu, 2ª Série, p. 99). "Piá
meteu a animalada na mangueira, correu
nas *varas* e apeou na ramada." (Severo,
Viário do Pampa, p. 173).

VARA, S.f. (V. Picana). "O piá tomou da
vara e foi guiando a parelha." (Antonio
Camilo, Apenas o Verde Silêncio, p. 74).

VARA-DE-FOGUETE, S.f. Bot. Planta nativa,
tricolpa, da família das compostas. Floresce

de janeiro a fevereiro. Cresce principalmen-
te nos chamados campos sujos (*Conyza*
floribunda HBK.). Pl.: varas-de-foguete.

VARA-DE-OURO, S.f. Bot. (V. Erva-lanceta).
Pl.: varas-de-ouro.



Vara-de-ouro ou erva-lanceta

VARADO (Part. do verbo *varar*), Adj. Que
tem sede ou grande desejo de beber;
sequioso; ávido de água; faminto. "A
cavallhada atirava o freio. Vinha batida e
varada." (V. Pires, Querência, p. 121). "De
fato já estava *varado* de fome. Chegou num
rancho." (Freitas, Gauchadas, p. 122).

VARADOR (ð) (De *varar* + *dor*), S.m. Aque-
le que vara. "Era taludito e desempenado.
Varador de campo..." (Ruschel, O Gaúcho a
Pé, p. 56).

VARA DOS DANÇANTES, Expr. (V. Moçambique).

VARAL (De *vara* + *al*), S.m. Armação de madeira, apoiada sobre espeques, onde a carne era exposta ao sol (nos saladeiros). "Mantas de charque oreavam em *varais*." (A. Maya, *Rufnas Vivas*, p. 138). "Os *varais*, para a secagem das mantas, foram sendo pilhados..." (Jacques, *Os Provisórios*, p. 85). *Comp.*: Comprido como varal de charqueada.

Me achico e vejo afinal
que tem razão o ditado:
— quem nasceu pra ser carneado
sempre acaba no *varal*...

Apparfício, *Viola de Canto Largo*, p. 15.

VARAME, Hidrogr. Arroio tributário do Jacuizinho, pela margem esquerda (M. de Soledade).

VARANDA (Do sânscrito *varanda*), S.f. Sala de jantar. "Estrugiu na *varanda* nova de pau-aque a gargalhada feliz dos convivas." (Callage, *Rincão*, p. 73). "Já na *varanda* encontrou o velho a saborear o mate." (Jacques, *Brigadianos*, p. 66). "As cuias de mate doce e de chimarrão corriam de mão em mão, na *varanda* e no galpão..." (Acauan, *Ronda Charrua*, p. 134). "A *varanda* grande ficava muito clara..." (Érico, *Música ao Longe*, 8ª ed., p. 57).

VARÃO (Flexão aum. de *vara*), S.m. Caibro arredondado, sob a caixa da carreta, ao qual se prendem os eixos.

VARÃO (Var. de *barão*), S.m. O porco reprodutor.

VARAR (Do lat. *varare*), V.t.d. Transpor; passar além, através de; atravessar; transpassar; furar de lado a lado. "Um estirãozinho, patrício: em *varando* a mata topamos a coxilha." (Bello, *Os Farrapos*, p. 28). "A cavalhada ainda dá e sendo preciso *vara-se* a picada do Garrucho..." (A. Maya, *Tapera*, p. 112). "*Varando* o passo, deixaram a estrada e cortaram pelo campo até a porteira..." (Darcy, *No Galpão*, 3ª ed., p. 83). "Cruzou montes e canhadas, subiu coxilhas, desceu encosta, *varou* arroios..." (Herlein, *Na Fronteira Gaúcha*, p. 21).

A fumaça é coisa fina
Vara parede dobrada/
Quem tem janela de vidro
Não pode atirar pedrada!

VAREADO (Da raiz *varear*, medir às varas), Adj. Diz-se do cavalo treinado para correr.

VAREADOR (ô) (De *varear* + *dor*), S.m. Indivíduo que submete a exercícios físicos (o parreheiro). "Verificava cada ração de alfafa que o *vareador* cortava..." (Martina Caminhos do Sul, p. 45). "Cria de Tupanci retã, primo dos Motta, de Giruá, desde garlidando com cavalos-começando por *vareador*..." (Apparfício, *Rapa de Tacho* 2, p. 55).

VAREAR, V.t.d. Ensinar (o cavalo) a correr parreilhas. "De uma feita animara-se a adelgaçar o tordilho, amilhando-o, *vareando-o* com outro parreheiro..." (A. Maya, *Rufnas Vivas*, p. 141). "Madrugavam para *varear* os parreheiros e marcar o tempo..." (Echenique, *Fagulhas do meu Isqueiro*, p. 146).

VAREIO1 (Contr. de *varear* + *o*), S.m. Asto ou efeito de varear; o mesmo que varejo.

E a gritaria do povo
atordoava no *vareio*;
e era um astro o ginete
na festança do rodeio.

Guido Machado Moraes, *Canto Pampa*, p. 14.

VAREIO2, S.m. Punição que se inflige a um culpado; esgarmento; repreensão severa; surra. "Depois andava-se emparfilhado, bem armado; podia-se às vezes dar um *vareio* nos milicos..." (S. Lopes, *Contos Gauchescos*, p. 162). "Com este *vareio* — disse o Capitão Claro — não hão de querer carchear..." (Laf, *Recordações Gaúchas*, 2ª ed., p. 115).

De noite carece estar
Sempre alerta pra um *vareio*
Conta algum bando malevã.

M. Pereira Fortes, *Cantares da Minha Terra*, p. 33.

Levar um vareio: perder fragorosamente
sofrer grande derrota.

VAREJÃO1 (Flexão aum. irregular de *varear*), S.m. Ramo geralmente roliço destinado a impulsionar a balsa.

VAREJÃO2, Hidrogr. Arroio tributário do Potiburu, pela margem direita.

VAREJÃO3, Geogr. Localidade no distrito de Tupanci (M. de São José do Ouro).

VAREJÃO4, S.m. Cada um dos pedaços de madeira, geralmente grossos, sobre os quais se rolam as toras (nas serrarias).

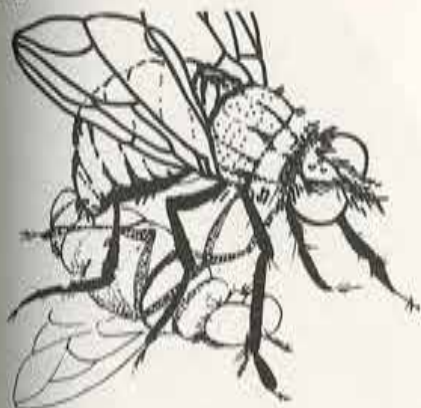
VAREJÃO⁵, S.m. (V. Vara¹). "Os varejões da porteira foram atados com sovêus." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 15). "Posta a tropa na encerra, corria os varejões da porteira..." (Manoelito, *Terra Xucra*, p. 113).

VAREJÃO⁶, S.m. Peça de madeira especialmente aparelhada para a construção de currais, tapumes e outra obras. "Na manobra de varejões a tropa recém encerrada redemoinhava impaciente..." (M. Dias, *Brumas da Minha Saudade*, 2ª ed., p.37). "Só a encerra é que era de varejões e postes bem fincados." (Laf, *Recordações Gaúchas*, 2ª ed., p. 90). "Fechavam logo um potreiro num rincão próximo, tapando o boqueirão com cercas de varejões..." (Aristides, *Fundação e Evolução das Estâncias Serranas*, p. 27).

VAREJAR, V.t.d. Pôr ovos ou larvas (a mosca varejeira).

VAREJAR-SE, V. pr. Lançar-se para fora; arremessar-se; encaminhar-se, seguindo alguma suspeita ou conjectura.

VAREJEIRA (De varejo + eira, cf. varejo, contr. de varejar + o), S.f. Entomol. Díptero peludo, com tórax esverdeado, reflexos metálicos e três listas pretas. Deposita os ovos nas feridas e cavidades naturais dos animais, produzindo chagas de difícil tratamento. "Do assado se desprendia um cheirito inticante e o rechino dava um zumbidinho de varejeira..." (Severo, *Visão do Pampa*, p. 252). "Um enxame de moscas, entre as quais zumbiam varejeiras, cobria a carne..." (Darcy, *Nas Coxilhas*, p. 152).



VAREJO (Contr. de varejar + o), S.m. (V. Vareio¹).

O tal zaininho afamado
não tinha nenhum varejo,
mas estado de sobejo!

Zeca Blau, *Trovas da Estância do Abandono*, 2ª ed., p. 76.



Alfredo Varela

VARELA DE VILARES, Alfredo Augusto, Biogr. (1864-1943) — Advogado, diplomata, político, professor, jornalista e escritor, natural de Jaguarão. Patrono da cadeira nº 18 na Academia Rio-Grandense de Letras. Assinatura usual e literária: Alfredo Varela. Diretor da *A Federação* de Porto Alegre (1890-1891) e também diretor da *Folha Nova* da mesma cidade (1892). Deputado federal (1900-1906). Obras principais: *A Constituição Rio-Grandense*, P. Alegre, Of. Graf. da A Federação, 1896; *Rio Grande do Sul-Descrição Física, Histórica e Econômica*, Pelotas, Liv. Echenique, 1897; *Direito Constitucional Brasileiro*, Rio, H. Garnier, 1899; *Revoluções Cisplatinas*, Porto, Liv. Chardon, 1915; *Rememorações-Tempos Idos e Vividos*, memórias, Rio, Tip. do Anuário do Brasil, 1920; *História da Grande Revolução*, seis volumes, P. Alegre, Globo, 1933; *A Revolução Farrroupilha*, Rio, Graf. Alm. Laemmert, 1939. **Bibliogr.** Silva Marques, *O Rio Grande do Sul e Alfredo Varela*, Almanaque do Correio do Povo, P. Alegre, 1919.

VARETA¹ (♂) (De vara + eta), S.f. Vara pequena, delgada e flexível.

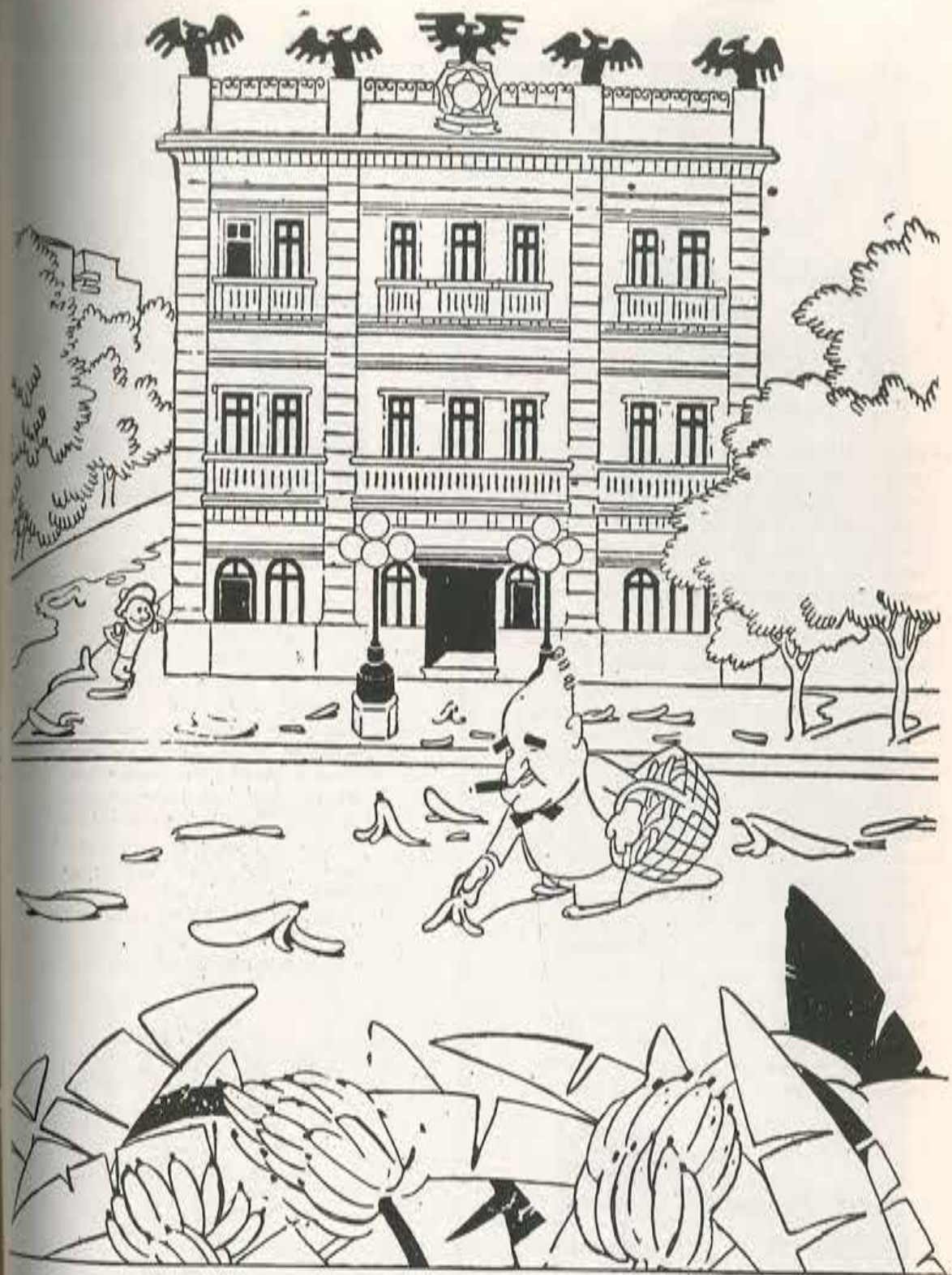
VARETA², Hidrogr. Arroio afluente do rio Santana, pela margem direita (M. de São Francisco de Paula).

VARGAS¹, Hidrogr. Arroio afluente do Camaquã, pela margem esquerda.

VARGAS², Geogr. Localidade na Serra do Sudeste (M. de Encruzilhada do Sul).



Getúlio Vargas



Nas vésperas do Estado Novo, em 1937, J. Carlos caricaturava o jogo político de Getúlio Vargas para se manter no poder, tal como se vê na gravura, com a seguinte legenda: "Para que cerca de arame farpado? Bastam as habituais cascas de bananas"



Getúlio Vargas

VARGAS, Getúlio Dornelles, Biogr. (1883-1954) — Advogado e político, natural de São Borja. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Porto Alegre em 1907. Deputado estadual em dois períodos, no interregno 1909-1923. Deputado federal (1923-1926). Ministro da Fazenda (1926-1927) e presidente do Estado (1928-1930). Chefe da revolução de 1930 e do governo provisório decorrente desse movimento armado. Presidente da República eleito (1934-1937). Criador do Estado Novo instaurado em 1937, foi deposto em 29.10.1945, elegeu-se senador no mesmo ano, reconduzido à suprema magistratura da Nação a 03.10.1950. Suicidou-se a 24.08.1954. Membro da Academia Brasileira de Letras, como sucessor de Alcântara Machado, (1941). Obras principais: *Diretrizes do Estado Nova*, Rio, Tip. do Jornal do Comércio, 1938; *As Diretrizes da Nova Política do Brasil*, Rio, José Olympio, 1942; *A Política Trabalhista no Brasil*, ib., 1950. **Bibliogr.** André Carrazoni, *Depoimentos. Da Ideologia à Ação Revolucionária*, Rio, Schmidt, 1932, Barbosa Lima Sobrinho, *A Verdade sobre a Revolução de Outubro*, S. Paulo, Gráf. Editora Unitas,



São Borja — Casa da Praça 15 de Novembro onde nasceu Getúlio Vargas



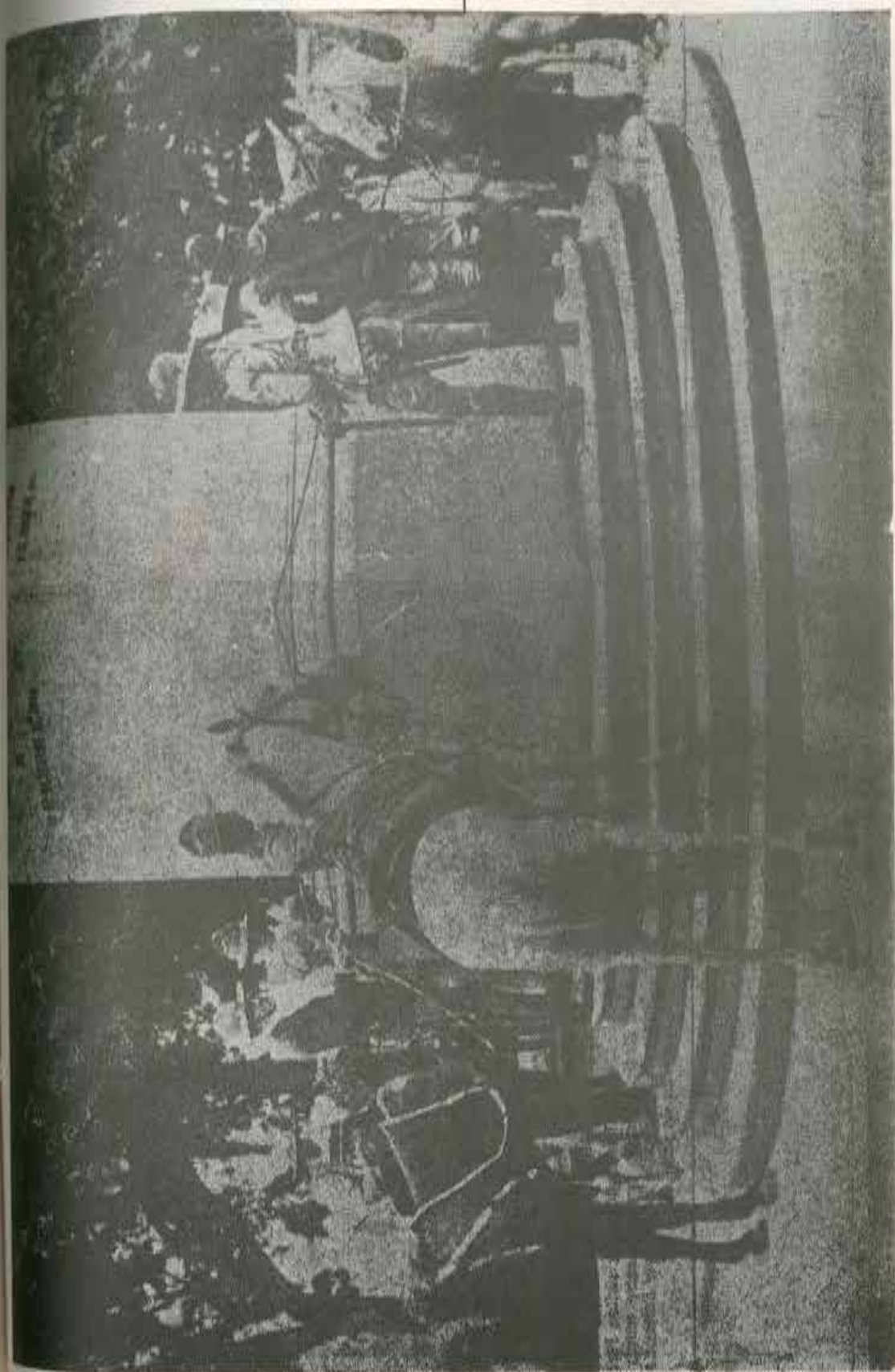
Getúlio Vargas, quando ainda exercia suas atividades políticas em Porto Alegre

1933, José Pereira da Silva, Getúlio Vargas, Rio, Editora Selma, 1934, Francisco Martins dos Santos, *O Fato Moral e o Fato Social da Década Getuliana*, Rio, Zélio Valverde Editor, 1940, Paul Frischauer, *Presidente Vargas*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1943; Alzira Vargas do Amaral Peixoto, *Getúlio Vargas, meu pai*, P. Alegre, Globo, 1960; Ivar Hartmann, *Getúlio Vargas*, P. Alegre, Editora Tchê/ — RBS, 1984; Rubens Vidal Araújo, *Os Vargas*, P. Alegre, Globo, 1985. *Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus Getúlio Vargas*: educandário na cidade de São Borja, subordinado à 20ª D.E. *Getúlio Vargas*: CTG fundado na cidade de Passo Fundo em 10.05.1960.



Hino da Revolução de 1930

O gaúcho brioso dos pampas
Que ninguém é capaz de deter
Num arranco incontido se arroja



Revolução de 1930: gaúchos amarrando caixões
no obelisco da Avenida Rio Branco (Rio)



Ex-libris de Vargas Netto

À refrega em que há de vencer,
Esquecido de si e dos seus
Resoluto ele deixa o rincão
Para impor o respeito da lei
Que trará liberdade à Nação.

Coro

Ao toque de carga
Em riste a lança
O centauro do sul
Para frente avança

Em punho a espada
Toma o fuzil
Rio Grande de pé
Pelo Brasil!

O centauro que parte do sul
Um herói desta luta será
Quebrará os grilhões do Brasil
Ou então nunca mais voltará/
Despejando entretanto o fuzil
Com um misto de orgulho e de horror
Ele manda o castigo aos que julgam
O gaúcho sem brío e valor!

Padre Nosso dos Revolucionários

Getúlio Vargas que estais no Rio Grande,
glorificada seja a vossa volta. Venha a nós a
vossa força, seja vitoriosa a vossa causa,
assim no sul como no norte. O pão nosso de
cada dia abaixai de preço. Perdoai as nossas
covardias, assim como nós perdoamos aos
legalistas, não nos deixeis cair em poder de



Getúlio Vargas aos 11 anos de idade, quando cursava a Escola de Ouro Preto.

Washington Luiz e livrai-nos do Júlio Prestes! Amém! // Onomásticos reduzidos: Vargas e Getúlio. "Como se chama? Vargas? De São Borja? Biriva, então? Já se vê!" (Cyro, Sombras na Correnteza, p. 20).

VARGAS NETTO, Manoel do Nascimento, Biogr. (1903-1977) — Advogado, jornalista e escritor, natural de São Borja. Aluno do Colégio Júlio de Castilhos. Formou-se em 1926 pela Faculdade de Direito de Porto Alegre, onde foi redator da *A Federação*. Sobrinho de Getúlio Vargas. Obras principais: *Tropilha Crioula* e *Gado Xucro*, versos regionais, ambos publicados pela Ed. Globo, o primeiro em 1925 e o segundo em 1928. **Bibliogr.** Zeferino Brasil, *Poetas Rio-Grandenses*, Anuário-Indicador do Rio Grande do Sul, P. Alegre, 7ª Série, 1926; Reynaldo Moura, *A Nossa Espiritualidade*, A Federação, P. Alegre, 01.01.1926.



VARGAS, Protásio Dornelles, Biogr. (1884-1921) — Engenheiro civil e político rio-borgense. Diplomou-se pela Escola de Engenharia de Porto Alegre em 1900 (1ª turma). Professor desse estabelecimento de ensino. Líder do P.S.D. desde a fundação da agremiação em 1945.



Vargas Neto (o terceiro da esquerda para a direita) na redação do Correio do Povo. Na foto também aparecem Paulo de Gouvêa, Nogueira Leiria, Antonio Carlos Ribeiro e Oswaldo Goldanich.



A Revolução de 30 e a imprensa carioca

MARGEM (De *várzea*, por influência das palavras terminadas em *gem*), Geogr. Posição à margem esquerda de um afluente do Jacuí (M. de Júlio de Castilhos).

MARGINHA, Geogr. Localidade no distrito de São João do Triunfo (M. de São Jerônimo).

MARGUISMO (De *Vargas + ismo*), S.m. Conjunto de princípios, sistema político, opinião, doutrina dos varguistas; getulismo.

MARGUISTA (De *Vargas + ista*), S. 2 gën.

Pessoa sectária ou simpatizante do varguismo; adj. 2 gën. relativo ou pertencente ao varguismo; getulista.

VARIANTE (Do lat. *variante*), Hidrogr. Sanga tributária do arroio Arenal, pela margem direita (M. de Santa Maria).

VARIAR (Do lat. *variare*), V. int. Delirar; sofrer perturbação temporária das faculdades mentais, causada por doença. "De uma feita, animara-se, soube, depois, que *variara* muito..." (Dyonélio, *Desolação*, p. 267). "Passou a noite *variando*, doutor — contou a mulata." (Érico, *O Retrato*, 2ª ed., p. 396).

VARIG — Sigla da Viação Aérea Rio-Grandense, iniciativa pioneira da aviação

comercial brasileira, surgida em 07.05.1927, Otto Ernest Meyer, imigrante alemão naturalizado, idealizador da empresa, para torná-la viável, logrou o apoio do governo estadual e de um grupo inicial de sócios, composto de dez acionistas: Adroaldo Mesquita da Costa, Jorge Pfeiffer, Alberto Bins, Emílio Gertum, José Bertaso, Artur e Waldemar Bromberg, Charles Fraeb, Ernesto Rotermond e Rodolfo Ahrons. Acionando, em sua fase experimental de operações, um único aparelho — o hidroavião Dornier Wal, o *Atlântico*, hoje peça de museu — a VARIG não tardou a expandir-se, a princípio sob a esclarecida administração de Otto Ernest Meyer e posteriormente sob as presidências de Ruben Berta, Erik de Carvalho, Harry Schuetz e Helio Smidt, que dirige atualmente os destinos da empresa.



Otto Ernst Meyer

Transporte DE CONFIANÇA

AVIAÇÃO

BRASIL

PARAGUAI

URUGUAI

ARGENTINA

CHILE

PERU

ECUADOR

COLOMBIA

VENEZUELA

GUAYANA FRANCESA

FRANCIA

PORTUGAL

ESPANHA

ITALIA

PAISES BAIXOS

MONTEVIDEO

VARIG

Rios

AV. BORGES DE MEDEIROS, 445 FONE, 5839



Hidroavião Dornier Wal, o *Atlântico*



Erik de Carvalho



Harry Schuetz



Charles Fraeb



Hélio Smidt

VARILHA¹ (De *vara* + *ilha*), S.f. Parte do cavalete onde se enrolam as folhas verdes do fumo (nos fornos de secagem).

VARILHA², S.f. Peça de ferro que, embutida no eixo da carreta, atravessa a massa e as rodas.

VARIOLA (Do baixo lat. *variola*), S.f. Denominação popular da antrocnose das parrucas.

VÂRZEA¹ (Do ár. *bar* (campo) + *sahra* (seara), Geogr. Povoado no 1º distrito, nordeste de Areias Gordas (M. de São João do Norte).

VÂRZEA², Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Mariano Moro).

VÂRZEA³, Geogr. Lugar no distrito de Capivarita (M. de Rio Pardo).

VÂRZEA⁴, Geogr. Localidade no Planalto

Médio (M. de Ibirubá). // Escola Estadual de 1º Grau Inc. Índio Sepéx.

VARZEA DE NOSSA SENHORA, Geogr. Lugar no 1º subdistrito (M. de Cachoeira do Sul).



Residência de Waldemar Bromberg no bairro de Ventos de Vento (1922)

VARZEA DE SÃO JOÃO, Geogr. Localidade nos Campos de Cima da Serra, a sudeste da vila de Tainhas (M. de São Francisco de Paula).

VARZEA DO AGUDO, Geogr. Lugar na Depressão Central (M. de Agudo).

VARZEA DO CAPIVARITA, Geogr. Lugar no distrito de Capivarita (M. de Rio Pardo).

VARZEA DO CEDRO, Geogr. Povoado no distrito de Tainhas entre cabeceiras do arroio Dizimeiro (M. de São Francisco de Paula).

VARZEA DO MEIO, Geogr. Lugar na Depressão Central (M. de Restinga Seca).

VARZEA DO PARECI, Geogr. Povoado ao norte da vila de Pareci Novo (M. de Montenegro).

VARZEA GRANDE¹, Geogr. Distrito na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Putinga).

VARZEA GRANDE², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

VARZEA GRANDE³, Geogr. Povoação na Encosta do Litoral (M. de Santa Vitória do Palmar).

VARZEA GRANDE⁴, Geogr. Localidade no distrito, à margem direita do arroio de Gramado (M. de Gramado).

VARZEDO (8) (De *varzea* + *edo*), Geogr. Povoado no distrito da sede (M. de Rolante).

VARZINHA DO JACARÉ, Geogr. Lugar na 1ª zona do 2º distrito (M. de Viamão).



Vasco da Gama

VASCAÍNO (De *Vasco* + *ino*), S.m. Sócio ou simpatizante do Clube de Regatas Vasco da Gama, associação esportiva porto-alegrense, fundada em 28.01.1917; adj. relativo ou pertencente a essa agremiação.

VASCO ALVES, Geogr. Povoado no 4º subdistrito, próximo às nascentes do arroio Capivari. Nome anterior: Boa Vista (M. de Alegrete).

VASCO BANDEIRA, Geogr. Localidade no distrito de Fão (M. de Lajeado). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Guarapes. Esporte Clube São José, fundado em 01.10.1976.

VASCO DE MONTARROYOS, Biogr. (V. Brasil, Zeferino Antonio de Souza).

VASCONCELOS¹, Geogr. Distrito na Encosta do Sudeste. Data da criação: 29.08.1833. Padroeira: Nossa Senhora das Dores. Povoados principais: Potreiro Grande e Raia Pires (M. de Tapes). População: 1980.....6.556

VASCONCELOS², Geogr. Vila entre o arroio João Teixeira e seu afluente Beira do Campo, sede do distrito de Vasconcelos. Data do vilamento: 31.03.1938. Nome anterior: Dores de Camaquã. // Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Juizado de Paz, Ofício Distrital, Igreja de N. Sra. das Dores.

EDIÇÃO: BERTHIER ®
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA E EDITORA P. BERTHIER
Reg. Nº 26, de 03/11/54 - C.O.E.
Rua Senador Pinheiro, 284
Telefone: (054) 313-3255 - Cx. Postal, 202
CEP: 99.100 - Passo Fundo - RS - Brasil